

“Festivais e espaços cenográficos como
moduladores da dinâmica urbana “

um
olhar
sobre
uberlândia

um

olhar
sobre
uberlândia

Universidade Federal de Uberlândia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design

**“Festivais e espaços cenográficos como
moduladores da dinâmica urbana “**

Trabalho Final de Graduação I
curso de arquitetura e urbanismo

Discente: Maria Laura Vieira
Orientadora: Elaine Cristina Maia Nascimento
Orientador (TCC/1): Luiz Carlos Di Laurentiz

Uberlândia
2023

dedicatória

aos desbravadores dos entremeios,
que as curvas da criatividade sirvam
como caminho para descoberta dos
contornos ocultos na caminhada.

agradecimentos

Já adianto, de antemão, que vou me delongar por aqui. Me considero uma pessoa extremamente sortuda em meus encontros na vida, até então, o universo vem me contemplando com pessoas que não falham em me fazer almejar ser melhor.

Antes de tudo, agradeço a minha mãe, meu álibi inabalável e minha melhor amiga. O melhor de mim vem de você, sou muito grata por nossa parceria e conexão e sei que sem seu apoio, o desenvolvimento desse trabalho seria impossível. Agradeço também ao meu pai, pela parceria, cuidado e prestatividade ao longo dos anos.

Agradeço também ao meu orientador, Professor Lu de Laurentiz pela troca nos últimos meses. O suporte, orientação e inspiração dedicados ao longo da elaboração deste trabalho foram imprescindíveis para que ele ocorresse da maneira como idealizei, obrigada por embarcar nessa comigo, me guiando com paciência e disponibilidade ímpar.

Aos meus avós, Silba Moraes, Olavo Vieira e Dirce Máximo, agradeço pelos referenciais criativos que me lapidaram ao longo dos anos e por sempre apostarem todas as fichas em mim, mesmo quando eu mesma duvido do que pode vir a ser. A visualização de potência de vocês me instiga a fazer o mesmo.

O encontro certo, no lugar certo, me entregou um dos maiores presentes que poderia vir da graduação, duas irmãs de caminhada sem as quais não consigo visualizar minha vida na UFU, Ana Laura Ribeiro e Mariana Bittar, obrigada por tanto nos últimos quatro anos. Eric Freitas, obrigada por ter sido o melhor padrinho de consideração na universidade, os caminhos não teriam sido tão claros sem você me impulsionando a continuar criando.

Ana Flávia Rocha, Gabriela Ramos e Amanda Martinelli, minhas melhores amigas, agradeço o apoio incondicional nos últimos dez anos, crescer com vocês é uma experiência muito feliz.

Hugo, Alexandre e Daniel, a amizade de vocês é um dos maiores presentes que tenho, sou muito grata pelo carinho, apoio e troca, aposto todas as minhas fichas em vocês.

Viviane Galvão e Ewerton Buso, tive uma sorte ímpar de iniciar minha vida profissional com dois dos melhores profissionais que poderiam me guiar. Encontrei direcionamento, conhecimento e disciplina, sempre cercada pela parceria, paciência, prestatividade e compreensão que vocês demonstram para comigo nos três anos em que trabalhamos juntos, vocês me inspiram a buscar ser melhor. Obrigada pelo apoio incondicional no processo de concepção desse projeto, vocês foram essenciais.

Aos meus tios Valquíria e Kleiber, e padrinhos Valéria e Miguel, agradeço pelo alicerce que me propiciam desde que nasci. Crescer sob os olhos de vocês é ter sempre um referencial positivo. Ao quinteto maravilha que eu vejo com carinho desde que vim, Mariana, Cecília, Brunão, Bruninho e Lucas, obrigada por nunca faltarem quando preciso, e por sempre me guiarem nos caminhos udi-sp-gym-ba e da vida, acho muito massa partilhar disso com vocês. E um agradecimento muito especial ao Itamar Rios, meu primo de consideração, que me abriu todas as portas necessárias para o desenvolvimento dos estudos de caso desse projeto, espero ainda poder retornar tanto.

A Professora Elaine, que me orientou durante a segunda etapa desse projeto, meu mais profundo agradecimento. Você foi uma chave extremamente necessária para a conclusão do Trabalho de Conclusão de Curso. Sou muito grata pelo apoio, disponibilidade e dedicação dos últimos meses, foi um privilégio aprender com uma profissional que admiro em totalidade.

Agradeço a todos que tiveram, direta ou indiretamente, influência no decorrer da minha graduação. Obrigada por acreditarem, sempre.



Sumário

Introdução (p.10)

Apresentação (p.11)

Capítulo 01: Contextualização Histórica (p.12)

1.1 Impacto dos movimentos culturais na cidade (p.13)

1.2 O Histórico Cultural de Uberlândia (p.14)

1.2.1 Congado (p.18)

1.2.2 Folia de Reis (p.18)

1.2.3 Festa Junina (p.19)

1.2.4 Carnaval de Rua (p.20)

1.2.5 Feiras Livres (p.22)

1.2.6 Camaru (p.23)

1.3 Festivais em Uberlândia

1.3.1 Arte na Praça (p.26)

1.3.2 Jambolada (p.29)

1.3.3 Goma cultura (p.32)

1.3.4 Mineiro Beat (p.35)

Capítulo 02: Introdução a temática (p.38)

2.1 Como se entende a Arquitetura Efêmera (p.41)

2.1.1 O Conceito de Estruturas Efêmeras (p.42)

2.1.2 A Aplicação de Estruturas Efêmeras a Espaços Cenográficos (p.43)

2.1.3 A Construção de um Espaço Cenográfico (p.44)

Capítulo 03: Os Estudos de Caso e eu (p.46)

3.1 Bienal de São Paulo - Coreografias do Impossível (p.48)

3.1.1 Comocoreografar a dança da matéria física (p.54)

3.1.2 O Pavilhão (p.56)

3.1.3 Movimento, Compactuando e Colapsando (p.59)

3.1.4 O Projeto e a Montagem (p.62)

3.2 Timbre - Se Reconhecer no Outro (p.66)

3.2.1 O Festival e a Dinâmica Urbana (p.69)

3.2.2 Quem vem de cá? Quem vem de lá? (p.70)

3.2.3 Timbre e Uberlândia, uma narrativa (p.71)

3.2.4 A Implantação (p.72)

Capítulo 04: Análise de Entorno (p.78)

4.1 Análise Bioclimática

4.2 Análise Viária

Capítulo 05: Proposta de Intervenção (p.83)

Capítulo 06: Proposta Projetual (p.88)

Capítulo 07: Considerações Finais (p.138)

Capítulo 08: Artistas (p.139)

Introdução

Muitos são os fatores que determinam a dinâmica urbana de uma cidade. Os fluxos, habitações, apropriações, memórias e valor histórico de determinado espaço são variantes que alteram a vivência de uma pessoa, ou de um grupo de pessoas em dado local.

Analisando isso, podemos compreender, também dentro da arquitetura, a relevância da apropriação de espaços públicos e eventos grupais na construção do que pode-se chamar de amabilidade urbana. Nesse contexto, traz-se enfoque para a construção de festivais como alteradores da dinâmica urbana de uma cidade.

Qual é a mágica de um festival? E qual a relação dos mesmos com a arquitetura?

Podemos pensar a arquitetura como a adaptação de determinado local para atender um plano de necessidades, do mais básico ao mais complexo sentido empírico. A partir dessa perspectiva começa-se a compreender qual a

utilização de um festival no perímetro urbano. A dinâmica criativa cultural de uma cidade um processo resultado da relação de fatores como a implantação, o poder público, as influências e tendências culturais já existentes e, acima de tudo, o usuário. Tratando-se de um coletivo, a população.

Na obra intitulada “A Produção do Espaço”, (1974) do autor Henri Lefebvre, é apresentada uma teoria sobre o espaço, que se contrapõe a uma visão produtivista, mas aborda o espaço vivido, continuamente vinculado à prática espacial, onde se desdobram as manifestações e vivências da população. A teoria traz o espaço como um produto resultado das ações experiências e interferências que ocorrem com o tempo.

Assim, alinhando essa perspectiva, o espaço torna-se modelador de experiências, afetos e desafetos.

apresentação

A questão do espaço vivido traz acoplada a lógica da regeneração da cidade através da cultura, uma vez que esses eventos coletivos e novas identidades que ressoam com o contexto local podem contribuir para o incremento da economia local, o que gera um processo de regeneração advindo dos mesmos. O fortalecimento a partir dessa modulação ajuda a construir a imagem de uma cidade performativa, amável e pronta para recepção de novos cenários e mercados. Esses fatos, coexistindo, conduzem os festivais como uma estratégia prática de direcionamento da cidade ao público, o que pode ser traduzido em serviços, mercadorias e sistemas produtivos.

Esse trabalho busca evidenciar, a partir de estudos de caso e uma perspectiva da conjuntura histórica local, as relações estabelecidas na dinâmica urbana a partir de festivais, bem como a utilização de estruturas efêmeras nos mesmos. A quem interessa uma cidade cultural, e como esta se porta em meio a cidade construída? Partindo do princípio de que um conjunto arquitetônico deve tocar, transmitir uma ideia, abraçar o usuário, como é possível encapsular essa finalidade em um espaço que abrange a pluralidade de um público geral?

contextualização histórica



1.1 Impacto dos movimentos culturais na cidade

A retórica que é construída a partir do redescobrimento da cidade com a reformulação de espaços já existentes traz a premissa de uma potencialidade que seria utópica, não fosse alcançada por essas estruturas em passos efêmeros. A temporalidade traz a limitação e capacidade do que é desejado pelo usuário em coletivo. É o que Paulo Nunes chama de redescoberta da cidade pela ativação de novos espaços urbanos.

“Imbuídas de seu inerente potencial de modulação, em um segundo nível de análise, essas novas tecnologias estão relacionadas à criação de atmosferas específicas, performances que aglutinam som e cidade (Birdsall e Drozdowski, 2017), imaginários urbanos e cenários temporários que sugerem alterações, a médio e longo prazo”.

(NUNES, 2019, p. 76)

Nesse sentido, a amabilidade urbana apresenta-se como fator de amarração entre estes tópicos: modulação urbana,

criação de atmosferas específicas, imaginários urbanos, temporização e alterações. Os festivais tornam-se construções sociais, fazendo ponte a partir da reelaboração de dinâmicas que flutuam entre diferentes discursos, retóricas e intermediários culturais.

Seguindo a teoria de Lefebvre, em outra obra, intitulada “O Direito à Cidade” há a abordagem da cidade através do direito que os cidadãos possuem à vida urbana.

Isso ocorre através da demonstração do processo ao qual as cidades foram e são acometidas desde a industrialização, quando o organismo urbano passou a ser visto como mercadoria, para agregar maior valorização de troca, e não de uso. Esse processo inatural exclui as frações que dirigem um contexto urbano, levando a um pensamento distantemente relacionado às questões sociais urbanas, que não são meramente questões de espacialidade e planejamento, mas sim sobre os sujeitos ativos na cidade, e a concepção da habitação das espacialidades como exercício de cidadania.

O autor nos leva a ponderar sobre uma cidade facilitadora de encontros, visitada e habitada. Um respiro urbano que propicia confronto e reconhecimento mutuamente, trazendo possibilidade de que seja explorada, compreendida, escrita, percebida e vivenciada em todas as suas facetas. São preenchidos os vetores de indeterminação que se portam como lacunas na experiência urbana na imprevisibilidade da vida. O projeto arquitetônico, nesse caso, se coloca como uma forma de amparo.

Para tanto, é necessário analisar o histórico cultural da cidade. Partimos de uma visão macro (a cidade) para micro (o festival) para realizar essa leitura. A cidade de Uberlândia, localizada no estado de Minas Gerais, Brasil, possui um histórico cultural plural e diversificado. A cena cultural da cidade desponta a algumas décadas, contando com eventos pontuais que foram imprescindíveis para a fomentação da cena local. Conhecida por sediar diversos festivais culturais

que abrangem música, cinema, literatura e diversas outras performances artísticas, os festivais desempenham um papel de protagonismo na promoção cultural e no envolvimento da comunidade através da dinâmica urbana, o que molda a cidade de diversas maneiras.

1.2 O Histórico Cultural de Uberlândia

Na complexidade dos fios que tecem a tapeçaria cultural de Uberlândia, compreendem-se diversos tipos de manifestações. Antes de entrar nas especificidades imbuídas no organismo dos Festivais, analisa-se a identidade da cidade, o que vem sendo criado ao longo das últimas décadas para identificar os moradores, e como a cidade vem recebendo essas manifestações.

Nesse sentido, o patrimônio imaterial cultural da cidade torna-se veículo de continuidade, memória e pertencimento. Respaldação pela Constituição Federal, que estipula a responsabilidade do Estado, em

colaboração com a sociedade, na preservação dos elementos culturais que representam os diversos grupos que compõem a sociedade brasileira, o patrimônio imaterial é transmitido de uma geração para outra, constantemente re-imaginado pelas comunidades e grupos, influenciado pelo seu ambiente, interação com a natureza e história, gerando um senso de identidade e continuidade.

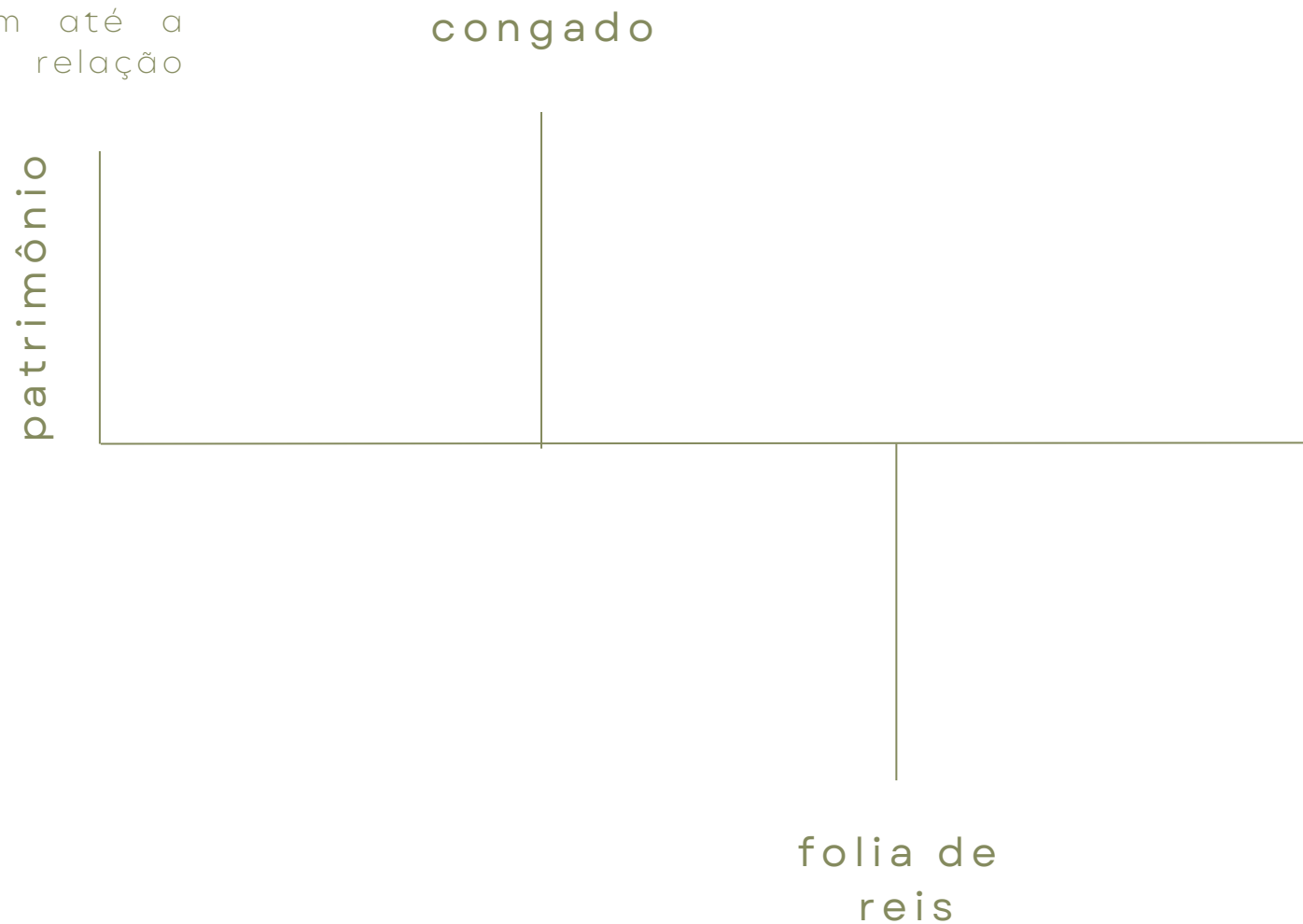
Isso desempenha um papel significativo na promoção do respeito à diversidade cultural e na expressão da criatividade humana. É impossível falar sobre patrimônio cultural da cidade sem visitar os diversos componentes imateriais que se dão na cidade.

Jan Gehl traz enfoque na obra “Cidade Para Pessoas” na característica que julga ser a mais importante na cidade: sua dimensão humana, os encontros possibilitados nos espaços de convivência e as relações cotidianas que se inserem nesses territórios como forma de estruturação.

Essas dinâmicas estão diretamente relacionadas às soluções de revitalização do espaço urbano, bem como a valorização dos espaços públicos.

A intensidade de pessoas que circulam determinado espaço auxiliam na composição do cenário local a partir do compartilhamento, inclusão e incorporação de características singulares em um coletivo. Além disso, o autor também traz a questão da identidade que é desenvolvida a partir dos vínculos estabelecidos nos espaços da cidade, através de elementos de referência que se colocam como parte construtiva no cotidiano das pessoas, uma vez que quanto mais diversificada a cidade, mais humana ela se torna (Gehl, 1936). O autor aponta os espaços públicos como “salas de estar” ao ar livre cuja interface dimensiona a permeabilidade determinante para a vivacidade urbana.

Nesse sentido, torna-se importante avaliar as tradições que se colocam como formadoras na construção histórica de um local. A cidade de Uberlândia possui uma rica vertente cultural desenvolvida desde seus pioneiros anos, que constroem até a contemporaneidade essa relação urbano-cidadão.



festa junina

feiras livres

identidade

carnaval de
rua

camaru

1.2.1 Congado

A festa do congado, em louvor a Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, que se dá do mês de agosto até o mês de outubro, segundo Paiva (2022, p.29) se porta como forma de resistência étnico-cultural. “Pode-se dizer que existe, nos ternos de Uberlândia, uma forte preocupação com a preservação ritualística do Congado. [...] Essa preocupação faz com que a festividade sobreviva como identidade étnico-cultural, se mantendo como forma de resistência negra” (Paiva, 2022, p.31).



Fig. 01: Desfile do Congado
Fonte: Prefeitura Uberlândia

1.2.2 Folia de Reis

Trata-se de uma manifestação cultural e religiosa praticada em Uberlândia, sendo abraçada, principalmente, pelo contingente mais humilde das periferias da cidade, como em comunidades da zona rural. É uma tradição que tem perdurado ao longo dos anos graças às práticas coletivas, de ocorrência, geralmente no período entre Natal e Festa dos Reis.

Com origem portuguesa, a festividade chegou ao Brasil por volta do século XVIII, como instrumento de catequização e, posteriormente, recebendo influências indígenas e africanas, o que atribui uma enorme variedade cultural que é atribuída à regionalidade.

O desdobramento dessas influências resulta em uma das manifestações populares mais expressivas na construção do patrimônio cultural brasileiro, enaltecendo o sentimento de pertencimento da comunidade, através do convívio comum e do esforço conjunto para contribuir na preservação e divulgação da cultura.

Os elementos da identidade cultural são tecidos de forma simbólica na realização da cerimônia, é a história que se transforma em verso.



Fig. 02: Folia de Reis
Fonte: Prefeitura Uberlândia

1.2.3 Festa Junina

A cidade contempla o chamado Festival de Quadrilhas Juninas, que engloba a cultura junina quadrilheira, mantendo a tradição na modernidade. O festival iniciou-se em 2011 e se consolida a 13 anos, impulsionando a economia que se relaciona a manifestações

culturais enquanto facilita o intercâmbio das mesmas entre as diferentes regiões de Minas Gerais e de outros estados do Brasil. O festival acontece dentro da festa Junina da Ação Moradia, uma das festas mais representativas da cidade, atuando em três eixos: Música, Quadrilha e Gastronomia.

A festa de São João tem origem na celebração do solstício de verão e em elementos cristãos que, com roupas, comidas, danças e músicas típicas constroem a tradição no mês de junho, com simbolismos e comemorações que reúnem diversas comunidades dentro do perímetro urbano, construindo uma nova dinâmica e diversas explorações das pessoas em busca de trocas que impulsionam o setor cultural, o turismo, estabelecimentos do meio gastronômico, o artesanato e outras áreas de comércio e serviços.

As características da urbanização e imigração nas diferentes regiões do país possuem relação direta com a disseminação da tradição, uma vez que se trata de uma festividade absorvida da cultura portuguesa. Nesse sentido, pontua-se que as festas juninas possuem um grande impacto

cultural e religioso para o país, uma vez que a festa foi absorvendo diversos aspectos cultivados pelos brasileiros ao longo do século.



Fig. 03 e 04: Festa Junina
Fonte: Prefeitura Uberlândia

1.2.4 Carnaval de Rua

As manifestações carnavalescas da cidade de Uberlândia remontam ao período em que a cidade ainda se denominava São Pedro de Uberabinha, em 1907. Com iniciativa do Capitão Henrique de Castro, foram formados blocos que, caricatamente, saíam às ruas fazendo críticas a políticas, pessoas da sociedade ou fatos contemporâneos.



Fig. 05: Noite dos Antigos Carnavais, Uberlândia
Fonte: Prefeitura Uberlândia



Fig. 06: Cortejo Bloquinhos, Uberlândia
Fonte: Prefeitura Uberlândia

Na década de 30 houveram modificações importantes, através da popularização dos rádios, chegaram a cidade músicas tradicionais carnavalescas, impulsionando as concentrações que ocorriam na Avenida Afonso Pena, nas imediações da Praça Tubal Vilela. O desfile que ocorria em carros sem

capotas, com confetes e serpentinas se transformava em uma verdadeira farra, percorrendo a Avenida Afonso Pena, subindo a Floriano Peixoto e terminando na Praça Clarimundo Carneiro. Na década de 30 o carnaval preenchia as ruas com o mais diverso público da cidade, desde empresários, políticos, profissionais liberais, mulheres e crianças.

Foi também importante para a cultura negra na cidade. Em 1935, a Sociedade Carnavalesca Negra invade a Avenida Afonso Pena com um grande número de figurantes, cantando e dançando na avenida que era, até então, reduto exclusivo de brancos em uma sociedade racista. Esse movimento acarretou na criação de diversos grupos carnavalescos, incluindo a primeira escola de samba da cidade, Tabajara, que desfilou pela primeira vez em 1954. No início da década de 50 o carnaval de rua é oficializado, com novas tradições locais como o Rei Momo, que formulava decretos e avisos que corriam a festa trazendo vivacidade à tradição. O Carnaval Uberlandense agrega, hoje, a comunidade como um todo, abrangendo

diversos espaços públicos através de festejos ocorridos em locais importantes na cidade, como o Mercado Municipal, a Praça Clarimundo Carneiro e o Teatro Municipal. A memória ao carnaval “à moda antiga” resiste, com marchinhas tradicionais, sambas da Velha Guarda, bonecos, serpentinas e afins, juntando-se com blocos modernos, realizados para o público mais jovem nas Praças ou na esplanada do Teatro Municipal de Uberlândia, tudo sob a premissa do conceito: Diversidade para brindar a igualdade.

1.2.5 Feiras Livres

Contemplando essa pluralidade, ainda na cidade de Uberlândia a pouco, no mês de agosto de 2023, as Feiras Livres tornaram-se patrimônio imaterial.

Uberlândia conta, na atualidade, com mais de 60 feiras livres que acontecem regularmente de terça-feira a domingo. Essas feiras incluem mais de 30 edições realizadas tanto durante o dia quanto à noite, e estão espalhadas por vários bairros da cidade.



Fig. 07 e 08: Feiras Livres, Uberlândia
Fonte: Prefeitura Uberlândia

Pompílio Macedo, de 73 anos, o feirante mais antigo da cidade informa que as feiras livres tiveram início na cidade em 1964, sendo a primeira edição realizada na Avenida Cesário Alvim, no Centro. As chamadas Feiras Livres são consideradas espaços de socialização, identidade regional e articulação cultural, uma vez que as peculiaridades do ambiente podem ser formadoras para a dinâmica urbana de uma

cidade através do fortalecimento de laços e movimentos inter-bairros. Nas mesmas, observa-se uma troca característica de pessoas, produtos, informação e cultura imaterial, o fato de ser algo construído em sociedade e para a sociedade, resulta em uma forte característica identitária, além de movimentar a economia local. Além disso, podem ser consideradas articuladoras da cidade através da disseminação de tradições, construção de rotina e ocupação do espaço público, o que remonta a sensação de pertencimento. De maneira geral, compreende-se que se trata de um ambiente muito importante, sendo viabilizado como canal de comercialização, trocas culturais e dinamizador da economia local.

1.2.6 Camaru

A Camaru entra nesse estudo como um evento de caráter híbrido, uma vez que não se trata necessariamente de um festival, ou de um patrimônio imaterial específico da cidade, mas de um evento que combina lazer, negócios e iniciativa pública e privada.

Amplamente reconhecida a nível nacional como uma importante feira agropecuária, trata-se do maior evento desse gênero na região sudeste e ocorre anualmente nos meses de agosto e setembro para celebração do aniversário da cidade de Uberlândia, possuindo, inclusive, um dia de entrada franca para abrangência de um contingente maior populacional.

O Sindicato Rural de Uberlândia, organizador único do evento, colabora com produtores artísticos para realização da feira, que possui durabilidade entre 10 a 12 dias, proporcionando novas oportunidades de negócios para produtores rurais e entretenimento para os cidadãos uberlandenses e resultando em uma troca economicamente e turisticamente interessante para a cidade.

Movimentando cerca de 400 mil visitantes pelo parque ao longo desse período, havendo vários dias de feira em que os portões do parque são abertos gratuitamente a população, os visitantes podem desfrutar de experiências culturais, conhecer com riqueza de detalhes as atividades agropecuárias características da

região e participar de eventos que ocorrem dentro do complexo como pequenos cursos e concursos locais. O Camaru é um evento que contribui com a geração de aproximadamente 1500 empregos diretos, e cerca de 4000 empregos indiretos, sendo reconhecido com um forte modelador da dinâmica econômica municipal todos os anos. Setores como logística, hotelaria, alimentação, comunicação, segurança e moda são movimentados durante o período de acontecimento da exposição, e os shows com grandes nomes do cenário sertanejo não falham em atrair uma população que é majoritariamente ouvinte do gênero.



Fig. 09: Setorização Camaru
Fonte: Camaru Oficial



Fig. 10: Camaru 2022
Fonte: Notas e Prosas



Fig. 11: Camaru 2022
Fonte: Revista Soberana

1.3 Festivais em Uberlândia

Traçando um cenário histórico, podemos pensar nas primeiras celebrações que ocupavam as polis gregas, onde manifestações de grupos foram observadas em um espectro de formas e sentidos de prática. Desde então, os Festivais carregam constructos sociais em constante expansão e, consonantemente ao seus emissores e receptores, carregam cargas de significados vinculados a realidades distintas.

Seja como ferramenta de resistência, atributo de pertencimento ou manifestação, o potencial de criação de identidade cosmopolita é atrelado a estes eventos para construção de cidades contemporâneas e, para além disso, a análise do núcleo interno deste organismo passa a apresentar consonância do que, idealmente, a cidade deveria ser: um espaço democrático propício para manifestações culturais, pessoais, artísticas e fundamentais para a criação de um *echos*.

Ademais as plurais festividades que constituem a identidade da cidade de Uberlândia, a cidade também destaca-se por um longo histórico de festivais musicais e produções ao longo dos anos. A cidade constrói uma cena cultural vibrante e diversificada, que atrai residentes locais e visitantes de diferentes partes do Brasil e do mundo. Os festivais desempenham um papel crucial na promoção da cultura, na expressão artística e na melhoria da riqueza cultural da cidade.

Tratando-se de uma cidade que possui um público majoritariamente voltado ao sertanejo e pagode, existem eventos que contemplam todo esse contingente, além do público alternativo, impactando a dinâmica urbana, a economia e a qualidade de vida das pessoas envolvidas. Nesse sentido, é importante fazer um traçado histórico dos festivais que caracterizam Uberlândia ao longo dos anos, bem como seus impactos diretos na dinâmica da cidade.

1.3.1 Arte na praça

O Arte na Praça trata-se de um projeto de iniciativa cultural diversificado que se realiza pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em colaboração com a Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis e a Diretoria de Cultura, ocorrendo desde 2002. O projeto já contou com a participação de renomados nomes da cultura brasileira e é referência em diversas formas de expressão artística.

A proposta primordial é trazer vitalidade a Praça Sérgio Pacheco, localizada no centro de Uberlândia, através da criação de atividades culturais e integração do local com o público de maneira totalmente democrática, uma vez que trata-se de um festival com acesso gratuito e amplamente disponível a obras artísticas de alta qualidade, além de contemplar um público diverso em faixas etárias, desde criança a idosos, o que resulta em uma vivência social, cultural e artística una e de elementar apropriação. As linguagens artísticas são diversas, flutuando entre música, teatro de rua, dança, culturas tradicionais, artes visuais e artesanato, o projeto propicia a interação inter e



Fig. 12: Arte na Praça, 2012
Fonte: Arte na Praça Facebook



Fig. 13, 14, e 15: Artes de divulgação Arte na Praça, 2022
Fonte: Arte na Praça Instagram

transdisciplinar entre profissionais, público e artistas, promovendo uma experiência enriquecedora de maneira geral.

O festival foi idealizado para promover o compartilhamento e a acessibilidade da produção cultural erudita e popular, através do intercâmbio de artistas locais e de grandes produções em nível regional, estadual e nacional. Nesse sentido a Universidade torna plausível a premissa de retorno social, uma vez que devolve à sociedade um expoente do que está sendo produzido e quais são as novas expressões criativas, o que desempenha um papel vital na formação da vida das pessoas.

Isso é realizado a partir da disseminação de novas práticas de extensão universitária, que integram as pesquisas a mecanismos concretos, auxiliando o desenvolvimento do expoente acadêmico, da comunidade externa e além de tudo, promovendo a preservação dos saberes e práticas tradicionais regionais.



Fig. 16: Flyer Arte na Praça, 2011
Fonte: Arte na Praça Facebook

Esse intercâmbio estimula a evolução das práticas contemporâneas, incluindo oficinas, cursos, workshops, e atividades integradas às iniciativas de ensino que se tornam acessíveis à comunidade.

Nesse festival, o papel da Universidade mostra-se como vetor para o desempenho da consolidação do compromisso do poder público como promotor da cidadania cultural, garantindo o direito de todos os cidadãos a desfrutar de obras artísticas respaldadas pela democratização de acessos.

Além disso, retorna-se a premissa inicial da requalificação de espaços existentes no contexto urbano a partir de novas atividades e sentido de apropriação, uma vez que o festival Arte na Praça se concretiza a partir da diversidade do público que o frequenta, enriquecendo a experiência cada vez mais.



Fig. 17: Flyer Arte na Praça, 2011
Fonte: Arte na Praça Facebook

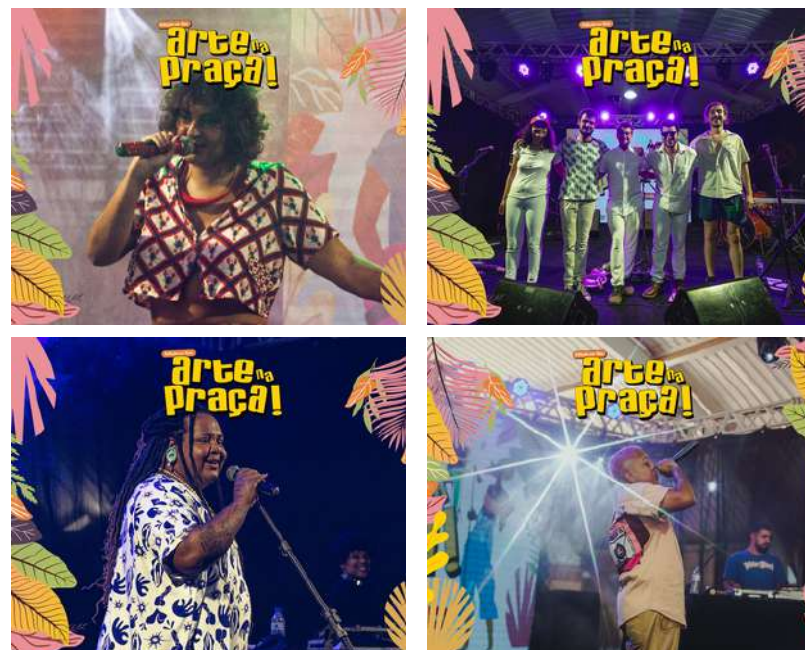


Fig.18, 19, 20 e 21: Arte na Praça, 2021
Fonte: Arte na Praça Facebook

1.3.2 jambolada

A edição pioneira do então Festival Jambolada teve início em 2005, com o apoio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Uberlândia. Com uma line up que contava com dez artistas organizados em dois dias de espetáculo e um dia denominado para debates e discussões culturais, o evento rapidamente conquistou a aclamação de críticos e especialistas da cena musical, consolidando-se então como um dos eventos mais notáveis da região sudeste.

O festival desempenhou papel fundamental na criação da ABRAFIN - Associação Brasileira de Festivais Independentes e foi ativamente envolvido nas atividades do Circuito Fora do Eixo, uma articulação de alcance nacional que visava descentralizar a produção musical por meio da promoção do intercâmbio e da troca de tecnologias culturais. Era adotado o conceito de música independente conforme definido pela ABRAFIN, o que implicava na criação de músicas autorais com divulgação orgânica a partir de apresentações ao vivo, lançamentos de álbuns e utilização de meios de comunicação alternativos, que não dependiam diretamente de grandes gravadoras. Com essa abordagem artística era plausível enfatizar a liberdade criativa em detrimento dos padrões determinados pela indústria fonográfica na época.



Fig. 22, 23, 24, 25 e 26: Festival Jambolada 2010
Fonte: Blog Oficial Jambolada

CONEXÃO vivo apresenta

JAMBOLADA

FESTIVAL DE MÚSICA INDEPENDENTE 2010

15 A 17 DE OUTUBRO

www.conexaovivo.com.br/jambolada

Programação 2010

Data: 15/10 Acrópole	Data: 16/10 Acrópole	17/10 Palco Conexão Vivo (Praça Sérgio Pacheco)
<ul style="list-style-type: none"> Otzo (PE) Emílica (SP) Autoramas (RJ) Falso Conejo (ARG) Cabrera (PB) Erika Machado (MG) Monograma (MG) Pedro Moraes (MG) Banda de Joseph Tourton Dom Capaz (MG) Manos de Resposta (MG) A170 (MG) Dessima (PE) 	<ul style="list-style-type: none"> Mistanza (RJ) Vanguart (MT) Copacabana Club (PR) Vespas Mandarinas (SP) Seu Juvenal (MG) The Folsoms (MG) Krow (MG) Gritando HC (SP) Animais na Pista (MG) The Baggios (SE) Mata Leão (MG) Bang Bang Babies (GO) Leave Me Out (MG) 	<ul style="list-style-type: none"> Porcas Borboletas (MG) convida Paulo e Arrigo Barnabé (SP) Nina Becker (RJ) Indiada Magneto (MG) Ophelia And The Tree (MG) Quarteto Dinda (PE) The Hell's Kitchen Project (MG) Camarones Orquestra Guitarrística (RN)

E MAIS FEIRA MIX, CINE JAMBOLÃO, JAMBOENCENA, ARTE NO JAMBO.

LOCAIS:
 Dias 15 e 16 - Acrópole - Rua José Rezende - 4080
 Dia 17 - Praça Sérgio Pacheco - Uberlândia - MG

PASSAPORTE:
 INTEIRA R\$ 30
 MEIA ENTRADA R\$ 15

vivo, dicul, Coca-Cola, abrofin, FOX CLUB, DUEMERS, CLUF, UNIB, Pronto executado por meio do Lei Estadual de Incentivo à Cultura

Além disso, o Jambolada movimentava a cidade de Uberlândia a partir de uma série de atividades integradas complementares, chamadas Feira Jambo Mix, Jambo Encena, Arte no Jambo e Cine Jambolão. A feira Jambo Mix trazia nomes da então nova safra de produtores e criadores da cultura urbana local, distribuídos entre os segmentos: moda, música, artes plásticas, fotografia, literatura, cinema e design. O evento visava integrar a vanguarda da produção artístico-cultural alternativa, associada ao universo underground da cidade, conferindo visibilidade e através desta, a circulação de seus produtos.

Para ampliar a transversalidade de linguagens do festival, o Jambo EnCena cuidava da criação de espaços de intervenções cênicas e corporais de artistas locais e de outras partes do país, difundindo e estimulando o intercâmbio de atores, dançarinos e artistas circenses. A programação era composta principalmente por grupos locais envolvidos com o Palco Goma - núcleo uberlandense do Palco Fora do Eixo (PFE) que coordenava a ação -, dentre eles os chamados Coletivo Teatro da Margem, a Trupe Tripé, o Núcleo Platô de

Fig. 27: Flyer Jambolada, 2010
 Fonte: Blog Rock Uberaba

performers, a Trupe Tamboril e o Grupo Teatro No-Mi, além de trazer ações e intervenções de artistas dos núcleos de Santa Maria (RS), Bauru (SP), Uberaba (MG) e Araraquara (SP) do PFE.

Ademais, o festival incluía em sua programação espaços exclusivos para integração entre música e artes visuais, com o chamado Arte no Jambo, uma forma de levar essas linguagens artísticas para um espaço onde as pessoas eram direcionadas a elevar os olhos para um local que não seja o palco, trazendo uma interação completa do espaço e da pessoa que o usufrui. Para tanto, fotografias, pinturas, desenhos e mais eram inseridos fora de um “canva”, aderidos ao espaço comum e possibilitando assim, novas formas de experimentação no meio. A sétima arte também era contemplada com o Cine Jambolão, uma mostra audiovisual que ocorria no Acrópole paralelamente aos shows do espaço JamboMix, com realização por conta do Clube de Cinema Fora do Eixo.



Fig. 28: Banda Cabruêra, 2010
Fonte: Blog Jambolada Oficial



Fig. 29: Banda Cabruêra, 2010
Fonte: Blog Jambolada Oficial



Fig. 30: Público Jambolada, 2010
Fonte: Blog Jambolada Oficial



Fig. 31: Banda Cabruêra, 2010
Fonte: Blog Jambolada Oficial



Fig. 32: Emicida | Augusta Deluca
Fonte: Blog Jambolada Oficial



Fig. 33: Vespas | Hick Duarte
Fonte: Blog Jambolada Oficial



Fig. 34 e 35: Backstage, 2010
Fonte: Canal Fora do Eixo TVFDE

1.3.3 goma cultura

O Goma Cultura em Movimento foi uma instituição dedicada a apresentações, conexões e integração de projetos e iniciativas alternativas em diversas áreas das artes. Administrado por um coletivo de artistas, produtores e agentes midiáticos que faziam parte do então Circuito Fora do Eixo, o GOMA representava um espaço para o exercício da criatividade e debate sobre a cadeia produtiva cultural, através de uma abordagem cooperativa e criativa que ia em contrapartida aos modelos pré-existentes.

O movimento reiterou a importância da cidade no cenário da música independente brasileira, inaugurado pioneiramente em 2008, quando o Coletivo Goma, sediado em Uberlândia (MG), encontrava-se no seu primeiro ano de atividades e consolidando o espaço cultural como ponto estratégico para a divulgação de música independente em todo o país, o Festival Goma contou com pelo menos três edições entre os anos de 2008 e 2010.

O Festival Goma espalhava-se entre o Espaço Goma e o Coliseu Hall, com programações que vinham de uma curadoria cujo objetivo era abranger talentos locais, selecionar novos e autênticos nomes da música brasileira, bem como artistas já estabelecidos em suas carreiras.



Fig. 36: Flyer Festival Goma, 2010
Fonte: dosol.com.br

Essa dinâmica reiterou a importância da cidade no cenário da música independente brasileira. Uberlândia era considerada uma das principais cidades na cena musical independente de Minas Gerais, unindo e recebendo artistas, produtores, jornalistas e atores que impulsionam essa vertente da música brasileira. Esse movimento propiciou uma afeição notável ao consumo de novos sons, novas linguagens em um expoente diverso de disseminadores midiáticos como blogs, podcasts e zines, além dos comunicadores tradicionais, como televisão e rádio.

A criação da previamente citada Abrafin em parceria da Associação de Casa de Shows (Casas Associadas) em nível nacional foram fatores cruciais para o notório crescimento dos eventos, reunindo cerca de 40 festivais em todas as regiões do Brasil na época. Uberlândia possuía papel de protagonismo nesse cenário, sendo referência significativa no mercado independente nacional por sediar três dos mais renomados festivais operantes dentro desse segmento: O Jambolada, o Festival GOMA e o Udi Rock Scene.

O GOMA Cultura em Movimento em pouco mais de um ano de existência conquistou o 2º lugar no Prêmio Dynamite 2008, a principal premiação da música independente brasileira na época, com a categoria “Melhor Casa de Shows Alternativos”, reiterando a popularidade da cidade sede do mesmo. A cidade apresenta articulação a cena independente na cidade, movimento demonstrado pela adesão do público e dos disseminadores do movimento que floresce em todos os cantos.

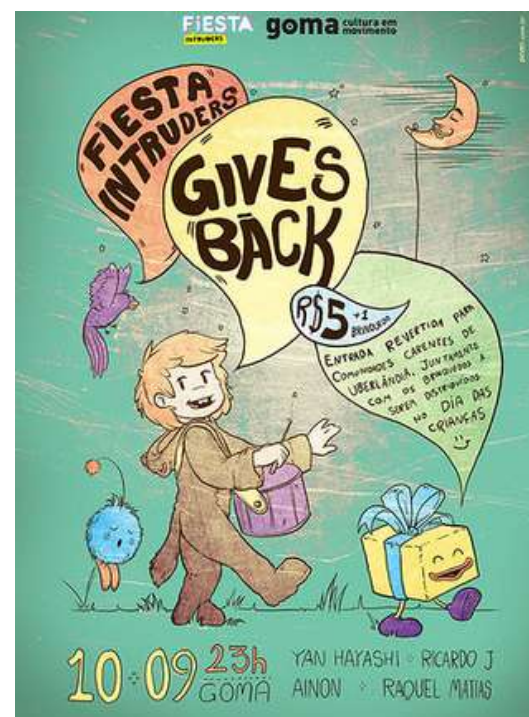


Fig. 37: Flyer Fiesta, 2010
Fonte: Blog Goma Cultura Oficial



Fig. 28, 29 e 30: Fotos Goma Groove Night,
Fonte: Blog Goma Cultura Oficial

GOMA GROOVE NIGHT
14.08.10 às 22h

FUNK BLACK **SOUL SAMBA**

COM A BANDA
CIDADÃO BLACK

DISCOTECA
MOITA MATTOS

R\$ 5,00 antes da meia noite **OU R\$7,00** na portaria

Patrocínio: **NACIONAL** Educação para sempre

Realização: **goma** FORA DO BLOCO

Filiação: **CASAS ASSOCIADAS**

Apoio: **CULTURAL.COM**

FLORIANO PEREIRO, 12
GOMANG.BLOGSPOT.COM

Fig.31: Flyer Goma Groove Night,
Fonte: Blog Goma Cultura Oficial

1.3.4 mineiro beat

Em meio à efervescência cultural de Uberlândia, desponta um evento que se tornou um verdadeiro marco na dinâmica urbana da cidade: o Festival Independente Mineiro Beat. Mais do que um simples encontro musical, esse festival se firmou como um protagonista na disseminação de cultura, conectando tradição e vanguarda em uma celebração vibrante.

Com a presença de atrações já estabelecidas, o evento se destacou por proporcionar ao público uma imersão em diferentes estilos e tendências, contribuindo para a diversidade cultural que caracteriza Uberlândia, propondo atividades, áreas de dança, palcos e uma amarração com movimentos e grupos sociais da cidade.

Este festival tornou-se um catalisador para a efervescência criativa da cena musical local. Ao abrir espaço para artistas da região, o evento não apenas valoriza o talento emergente, mas também contribui para o fortalecimento da identidade cultural de Uberlândia.



Fig. 32: Mapa Mineiro Beat 2018
Fonte: Facebook Mineiro Beat

O Mineiro Beat reverbera na dinâmica urbana de Uberlândia de maneiras múltiplas. Atraindo visitantes de outras localidades, o festival movimenta a economia local, impulsionando setores como hospedagem, alimentação e comércio.

Trata-se de um agente de transformação na dinâmica urbana promovendo diversidade cultural, abrir espaço para talentos locais e consolidar-se como um ponto de encontro para amantes da música, o Mineiro Beat deixou uma marca indelével para o desenvolvimento urbano e social nos cenários de eventos de Uberlândia.

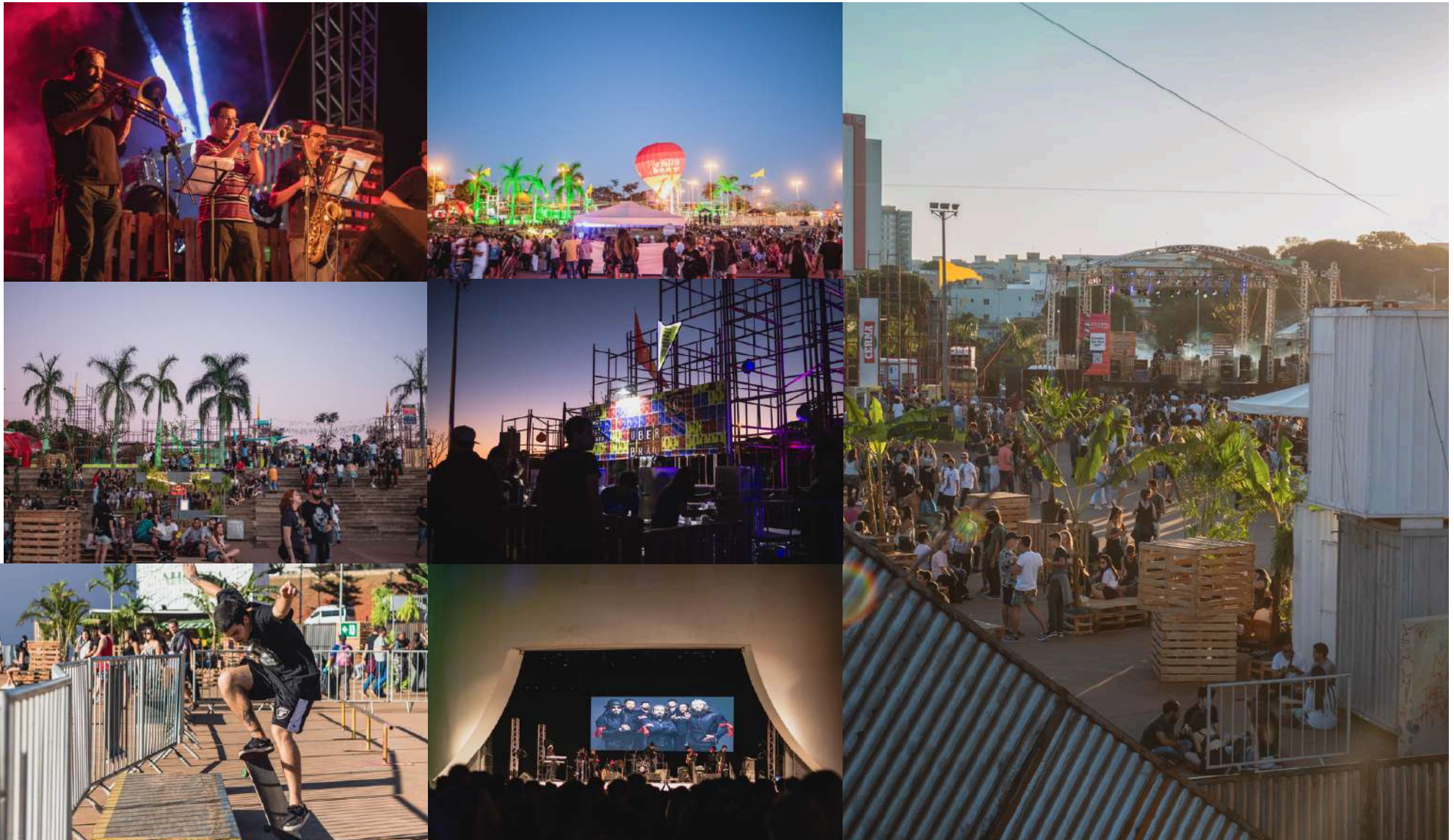


Fig. 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 39: Mineiro Beat 2018
Fonte: Facebook Mineiro Beat



Fig. 40: Mineiro Beat 2018
Fonte: Facebook Mineiro Beat

introdução à temática

02

Desde o movimento pós moderno observam-se novas maneiras de habitar e viver na cidade, as transformações nos valores culturais urbanos possuem relação com diversos fatores modelados pelas vivências da alta modernidade, o capitalismo por si só é um desses elementos protagonistas, uma vez que altera a concepção da vivência em sociedade. Nesse sentido, Koolhaas já criticava em sua obra "Cidade Genérica" a progressiva perda de identidade dos novos centros urbanos a partir do pós-moderno, onde a funcionalidade passa a ter mais valor do que a identidade. Para analisar a conceituação de uma estrutura efêmera, deve-se entender o contexto ao qual ela vai ser inserida, bem como o impacto que pode atingir em potencialidade no mesmo.

Neste cenário, a flexibilidade e a indiferença, conforme abordado por Adriana Sansão em "Intervenções Temporárias e Marcas Permanentes na Cidade Contemporânea", emergem como traços distintivos das interações sociais urbanas. Estas interações são definidas pela temporalidade limitada, pela ausência de compromisso mútuo e pelas conexões superficiais entre os indivíduos.

Esse conjunto traz a premissa de um conjunto hostil, porém, deve-se identificar entremeios os aspectos positivos da condição efêmera da contemporaneidade, uma vez que a efemeridade pode ser uma das maiores válvulas de expressão, liberdade e escape do indivíduo e do conjunto social.

A transitoriedade contemporânea pode não ser necessariamente uma característica desfavorável, uma vez que pode ser uma ferramenta reveladora de potencialidade, no sentido de que nos leva a refletir novos usos, formas e inquietações para espaços de natureza, até então, já estabelecidas e engessadas socialmente.

"A efemerização entra como um fator de contestação, embora não apelativamente, pode se tratar de um movimento contestador, mas acredito que, nesse sentido, entre mais como transformação. De que forma é possível ressignificar e intervir nos espaços de vida coletiva nos diferentes gradientes dos contextos urbanos? A partir da forma contemporânea de pensar e agir"

(SANSÃO, 2012, p.32).

Além disso, busca se compreender os fatores de indeterminação que são deixados na cidade, espaços que não são necessariamente ocupados, ou que possuem um precedente estabelecido ou planejado. Para tanto, cabe ao arquiteto a intenção de amparar projetualmente a imprevisibilidade da vida, o que pode ser modulado a partir de espaços temporários.

Deve-se analisar que não se trata de um problema lógico, uma vez que, a utilização de espaços desencadeia novas dinâmicas sociais. Uma obra arquitetônica, quer seja efêmera ou fixa, deve evocar valores humanos, experimentais e existenciais (PALLASMAA, 2013, p.111).

Apesar de ser, também, um suporte para possíveis imprevistos, é importante entender que o ato projetual é intencional e deve ser pensado durante todo o processo de construção ideológica, visando o processo além da finalidade, o programa arquitetônico é essencial e expansivo, submetido às intervenções dos próprios usuários. (DINIZ, 2016, p.80)

Jan Gehl defende em sua obra “Cidade Para Pessoas” a premissa que nada revela de maneira mais clara as qualidades funcionais e emocionais dos espaços comuns da cidade do que o oposto de uma vivência vigorosa, uma cidade sem vida (GEHL, 1936) .

Nesse sentido, entende-se a necessidade de uma participação variada na vida urbana, onde atividades sociais e lazeres possuem espaço no contexto urbano.

Há um ditado escandinavo que diz que as pessoas vão para onde o povo está, trazendo isso para uma vivência pessoal, é de se imaginar que você já tenha se encontrado se direcionando a alguma aglomeração a título de curiosidade, principalmente em ambientes ainda a serem explorados, como em viagens e locais não conhecidos. Pessoas atraem pessoas, e a criação de eventos temporários podem ser identificados como um dos principais fatores de animosidade urbana, uma vez que a concentração de um núcleo bem visitado implica em um atrativo para novos públicos, Os eventos podem ser chaves para o início de novos processos, novas formas de socialização, educação e lazer.

2.1 Como se entende a Arquitetura Efêmera

“A ideia de uma arquitetura transitória não é a de outra modalidade radicalmente distinta de arquitetura, mas de uma situação onde certas categorias de projeto e sua avaliação se transformam paulatinamente, na medida em que seu propósito explícito não é mais a perenidade”

(PAZ, 2012, p.6)

O caminho entre a concepção de uma arquitetura estável para uma móvel é cerceado por exigências essencialmente distintas. Enquanto a estabilidade é uma questão cerne para a construção de arquiteturas convencionais, no que tange arquiteturas efêmeras é justamente na coesão entre uso e desuso que mora a eficiência do projeto. Daniel Paz cita em seu artigo “O lugar evanescente: características da arquitetura efêmera no sítio” que a composição de elementos determina a independência do objeto arquitetônico em relação ao local de implantação, uma vez que este se redesenha no espaço e no tempo e constitui assim, uma nova arquitetura (PAZ, 2012, p. 49).

Esses arranjos, generalizados pelo autor, permitem composições variáveis, que se reorganizam a fim de atender diversos programas e diversos locais de implantação.

“Adotada principalmente em eventos itinerantes e caracterizada pela versatilidade e amplitude, essa arquitetura inaugurou não apenas uma libertação do lugar como também uma metodologia projetual. Pelo sistema construtivo cambiante, a arquitetura perdia o elo secular com o solo.” (CUNHA, 2017, p.49).

Essa ruptura possui papel importantíssimo para se compreender o conceito de efemeridade, a partir do desprendimento de um loco específico, desenvolve-se um sistema que se adequa a diversos sítios, cumprindo com a flexibilidade que a modernidade exige e abrindo novos horizontes de experimentação.

2.1.1 O conceito de estruturas efêmeras

Entende-se arquitetura efêmera como um aparato temporário ou estruturas que são capazes de criar situações específicas no espaço. Quando analisado com foco na ideia de transitoriedade, podemos perceber uma dualidade, já que, dentro de um determinado contexto temporal, qualquer construção é finita. (CUNHA, 2017, p. 65).

Os parâmetros de análise da arquitetura seguem as características da inserção da mesma em determinado evento, bem como seu desempenho em permanência, não mais relacionado a durabilidade, mas a funcionalidade.

Carnide (2012) defende o conceito de efemeridade na arquitetura através da presença de uma temporalidade perceptível na experiência do momento. Já Monasterio (2006) considera uma obra efêmera quando a mesma anuncia seu próprio fim, ou implica no seu desaparecimento próximo, de toda forma, a ideia central é o sentido implícito

de uma temporalidade descontinuada, cuja criação já apresenta a premissa de um desmonte inerente. Entretanto, compreende-se que o tempo é uma medida inexata, e que, na arquitetura, é de maior proveito entender o homem como medida para realidades humanas (CUNHA, 2017, p.66 e 67). Desse modo, algo é tido como transitório quando se desfaz dentro da escala de tempo humana, sendo perceptível sua finitude em dado contexto.



Fig. 41: No Burning Man, Tyler FuQua Creations
Fonte: Archdaily

2.1.2 A aplicação de estruturas efêmeras e espaços cenográficos

As inovações experimentais são efeito consequência do desenvolvimento da arquitetura efêmera, já que esta é utilizada como ferramenta representativa do expositor, (Monastario 2006) conferindo confiabilidade através da mensagem que a própria edificação passa ao público alvo.

Outros cenários devem ser considerados para além dos encadeamentos diretos, como repercussões nas artes, marketing, design e espaços cênicos, áreas cuja experiência do usuário se torna protagonista. O entrosamento produto-público revela novas linguagens que moldam as novas tipologias arquitetônicas, direcionando as atividades socioculturais que devem ser exploradas, bem como quais são as vertentes de experimentação a serem propostas.

Trazendo esse contexto pro estudo de festivais, compreende-se que esses organismos são propostos a fim de trazer vitalidade à vida urbana, e isso implica em aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos, que, como observado, devem ser explorados através da disposição de um eficiente projeto cenográfico. Essa malha de finalidades encontra-se interligada, e, a partir dessa compreensão, apresenta-se soluções pontuais para se alcançar máxima potencialidade nesses eventos.



Fig. 42: Pavilhão na Floresta, NArchitects | Iwan Baan
Fonte: Archdaily

2.1.3 A construção de um espaço cenográfico

A utilização de estruturas efêmeras em festivais traz junto consigo alguns dos principais utilitários para criações temporárias: a flexibilidade. Tratando-se de elementos que possuem uma durabilidade estabelecida, as funções se atendem a partir de premissas de otimização construtiva, economia e flexibilidade para diversos contextos e situações. Por exemplo, tratando-se de festivais o mesmo palco principal que será utilizado para determinado artista será, posteriormente utilizado para a mesma finalidade com outro artista de identidade diferente.

A adaptação é crucial em qualquer ambiente cênico, na identidade dos festivais, ela assume um papel de extrema importância. É essencial projetar levando em consideração as múltiplas reconfigurações que podem ocorrer em diversos cenários. Essa abordagem permite uma ampla experimentação com materiais, estratégias organizacionais e

conceituais, todas voltadas para a integração do público com o espaço, estabelecendo assim uma atmosfera mais unificada.

O desenvolvimento projetual desses locais pode se dar de diversas maneiras. No século XX, a estrutura modular foi um artifício organizacional muito explorado pelas abordagens sistêmicas da época na prática projetual.

Por meio dela, os arquitetos exploravam estruturas fundamentais como ferramentas para examinar a diversidade de utilizações, arranjos formais e sistemas de organização inovadores, juntamente com métodos de construção mais descentralizados, tudo com o objetivo de promover uma interação mais profunda com os usuários.

Venturi (1966) , um dos críticos da arquitetura moderna disserta sobre a importância da diversidade, da não obviedade dos espaços construídos ao longo da história, almejando articulações espaciais mais dinâmicas.

Nesse sentido, a construção desses “Espaços Ambíguos” (DINIZ, 2016, p.140-141) vem através da articulação entre cotidiano, ações, usuários, e um movimento de identificação e ruptura com a rotina já estabelecida naquele local, com potencial para novos arranjos sociais e formas imagéticas.

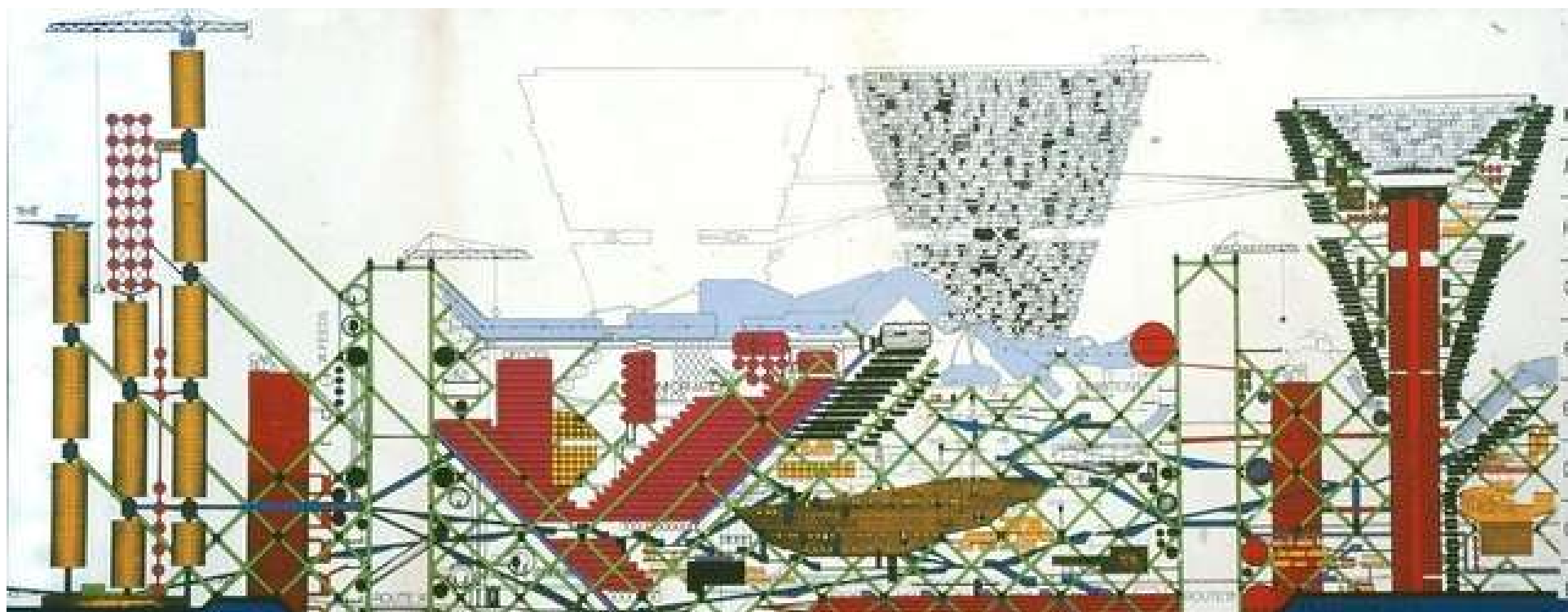


Fig. 43: Plugin City, Peter Cook
Fonte: Archdaily

os estudos de caso e eu

OS

Os estudos de caso desta monografia se deram a partir de uma sequência de circunstâncias que me levaram ao local certo, na hora certa. Consegui fazer um acompanhamento empírico dos dois objetos, com intermédio de pessoas que foram peças fundamentais para que esse projeto acontecesse. Um agradecimento especial ao Itamar Rios e Kassia Borges, do grupo MAHKU, por terem possibilitado minha vivência no processo de montagem de um dos maiores eventos artísticos do mundo, me guiando e intermediando caminhos que não achei que fossem possíveis. A arquiteta Anna Juni, do escritório Vão por sua disposição em me explicar com riqueza de detalhes as minúcias que resultaram em um dos melhores projetos expográficos que já tive o prazer de analisar. Ao engenheiro responsável do festival Timbre, Hiago Caixeta, agradeço também pela disposição de me guiar em dias de alta demanda nos entremeios das estruturas que viriam a moldar tão bem o festival, e ao produtor Lucas Cordeiro pelos relatos que me auxiliaram a compreender a dinâmica de um dos maiores festivais independentes da região.

As vivências que tive, em ambos os cenários foram ímpares e essenciais para treinar o olhar de uma aspirante a arquiteta com um brilho por construções cenográficas. A rapidez, eficiência e a construção de um pensamento com um objetivo em comum se fizeram notáveis, reforçando a premissa de que conjuntos efêmeros podem ser considerados organismos. Cada organela responsável por determinada ação é essencial ao resultado final, a progressão diária e a constância são as variáveis de excelência.

Como estudante e com olhos de pesquisadora, observei a dinâmica de cada evento tomando notas mentais do que se fazer para tirar uma ideia em potência se tornar realidade, novamente, reitero, essa é a graça da efemeridade.

bié

coreografias do impossível

na

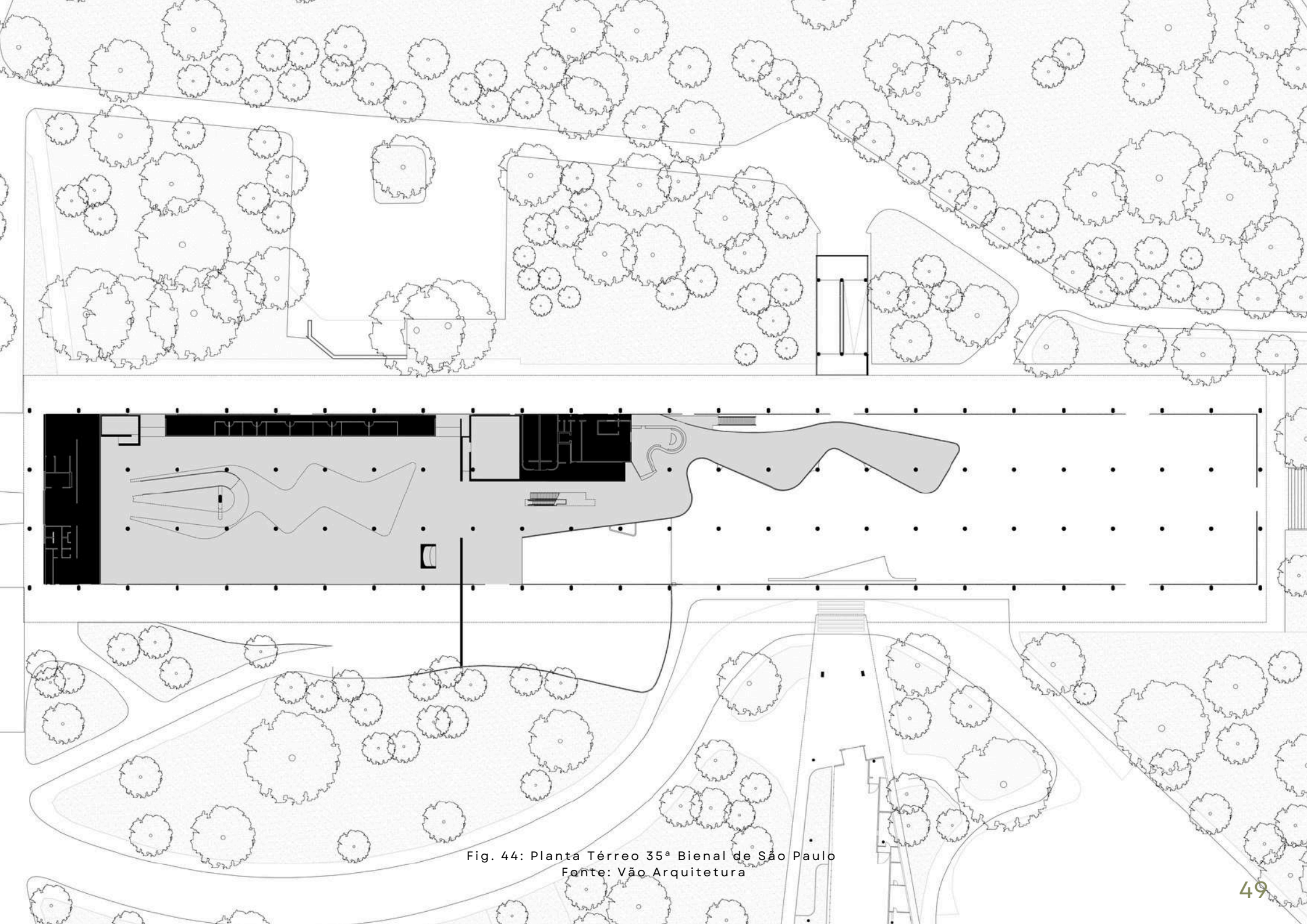


Fig. 44: Planta Térreo 35ª Bienal de São Paulo
Fonte: Vão Arquitetura

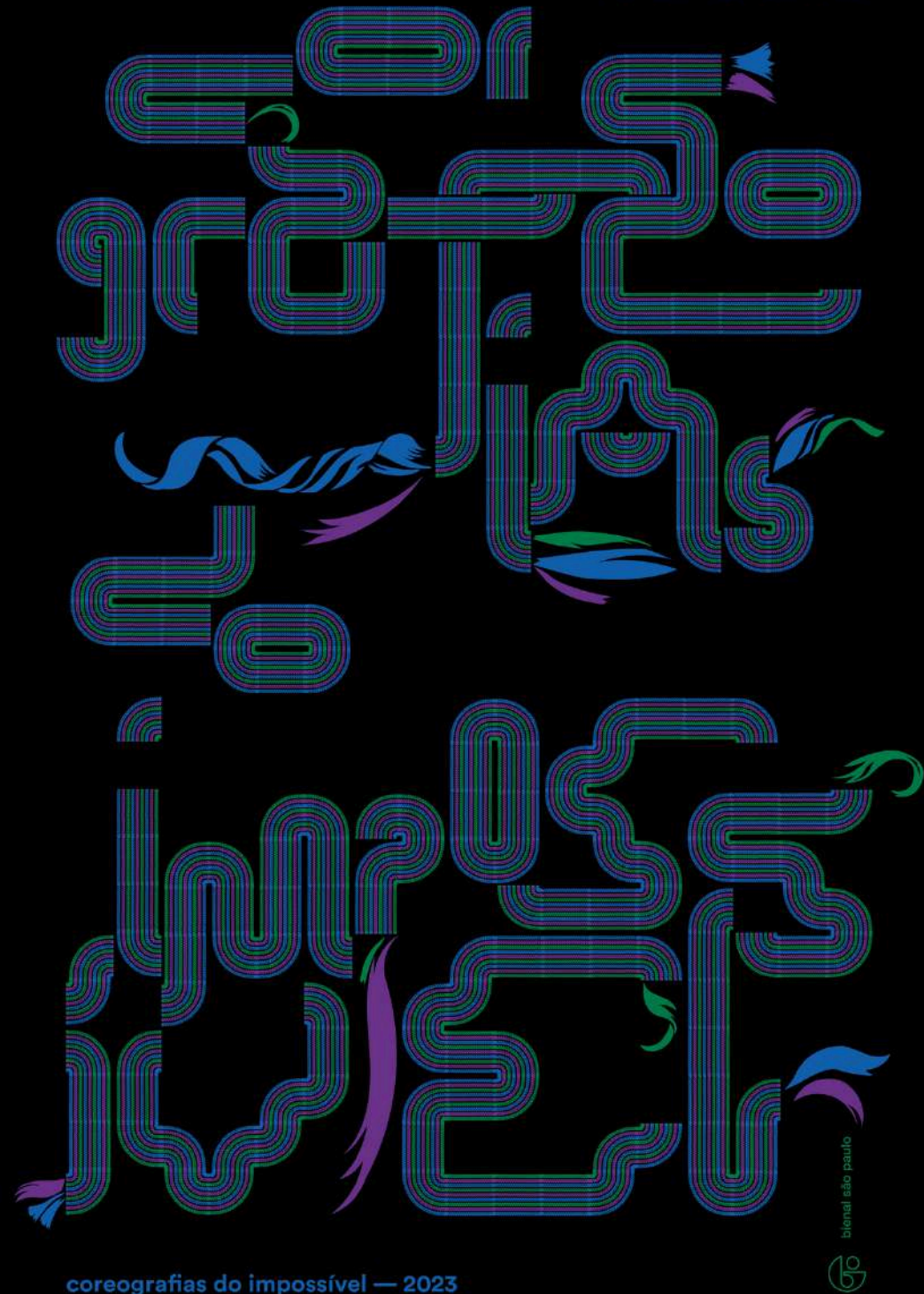


Fig. 45: Cartaz 35ª Bienal de São Paulo
Fonte: Bienal de São Paulo



Fig. 46-49: Cartazes 34ª-31ª Bienal de São Paulo (respectivamente)
 Fonte: Bienal de São Paulo



Fig. 50-53: Cartazes 30ª-27ª Bienal de São Paulo (respectivamente)
 Fonte: Bienal de São Paulo

O nome Bienal de São Paulo carrega consigo o peso de 35 anos de história, sendo hoje a segunda maior Bienal do mundo, perdendo apenas para Veneza. Além do caráter artístico, as bienais possuem uma dimensão educacional que a diferencia das demais exposições internacionais de arte contemporânea. Sua primeira edição, em 1951, trouxe pioneirismo no engajamento com diversos públicos, incluindo professores e estudantes da rede pública e privada de ensino, educadores, universidades e outros parceiros institucionais, o que segue sendo parte do trabalho da Fundação Bienal. As ações da Fundação Bienal de São Paulo se traduzem no país através de recortes expográficos que viajam por diferentes cidades através de mostras itinerantes e, à medida que a exposição é apresentada a públicos diversos, ela adquire novos significados e perspectivas, enriquecendo o cenário do debate cultural.

No dia 20 de outubro de 1951, a avenida Paulista era palco de um cenário dualista, ao passo que ocorria a festa de abertura da primeira Bienal de São Paulo com a nata da elite econômica, política e cultural do país se dava em meio de

protestos e manifestantes da parte de políticos e sindicalistas. O contexto era pontualmente marcado por importantes transformações em uma América Latina pós Segunda Guerra Mundial, que buscava novos horizontes econômicos, artísticos e intelectuais através da articulação de novas relações políticas. artísticos e intelectuais através da articulação de novas relações políticas.

Nesse contexto, a cidade de São Paulo encontrava-se livre para prosperar, acelerando sua ascensão econômico-industrial e sendo considerada a vitrine do Brasil para o mundo. A realização de uma bienal era sinônimo de alocar a cidade no nível de práticas sociais vividas pelas nações modernas, “A bienal nasce, portanto, como um produto cultural construído a partir das relações entre determinados produtores culturais, instituídos a partir de relações sociais. Essas práticas sociais envolvem a vida econômica, o cotidiano da metrópole, a formação de uma nação tipicamente moderna e a intenção de acompanhar as práticas metropolitanas internacionais” (ALVES, 2001).

O esforço geral de fornecer uma iniciação a novas correntes de arte era viabilizado pela criação da Bienal, e o sucesso e continuidade da mesma devem-se a inserção de uma cena crítica decorrente da institucionalização da vida universitária com uma nova linguagem metropolitana que vinha, cada vez mais, ganhando espaço na cidade. A Bienal de São Paulo passou por várias transformações com o decorrer das décadas, se moldando para cumprir com os objetivos civilizatórios que constituíam sua base de formação.

Trata-se, “de uma certa maneira, do longo processo de enculturação descrito por Jesús Martín-Barbero (1997), no qual um trabalho hegemônico realizado por um saber dominante atua na transformação de uma cultura popular atrelada a modos tradicionais de saber e de transmissão deste saber.” (ALVES, 2001).

Trazendo para a contemporaneidade, as Bienais seguem com um traçado de identidade muito particular, com novas poéticas e narrativas introduzidas ao público a cada edição. No ano de 2023, o moto “Coreografias do Impossível” se

desdobrou a população com um projeto expográfico inovador e uma curadoria que foi eleita a mais diversa e plural da história das Bienais. O escritório de arquitetura paulista Vão assinou a expografia, idealizando um projeto para o icônico Pavilhão da Bienal de Oscar Niemeyer.



Fig. 54: Pavilhão Ciccillo Matarazzo | Pedro Kok
Fonte: Archdaily

Era objetivo do escritório que o projeto expográfico tivesse uma conexão conceitual com o texto base da 35ª Bienal (Coreografias do Impossível), algo forte que se colocasse nesse sentido. O processo se deu inicialmente com a leitura do parque e com a pontuação e análises do externo para o interno, a fim de realizar uma conexão fluída com a dinâmica pré existente da cidade. A ideia primária era alterar a hierarquia de circulação do edifício e o desafio: como lidar com um projeto do Oscar Niemeyer?

E, além disso, como ressignificar um edifício monumental em escala, tombado em três instâncias e de alta identificação pelos habitantes de São Paulo? O objetivo (e desafio) era alterar a coreografia moderna já estabelecida, sem negar a identidade do edifício.

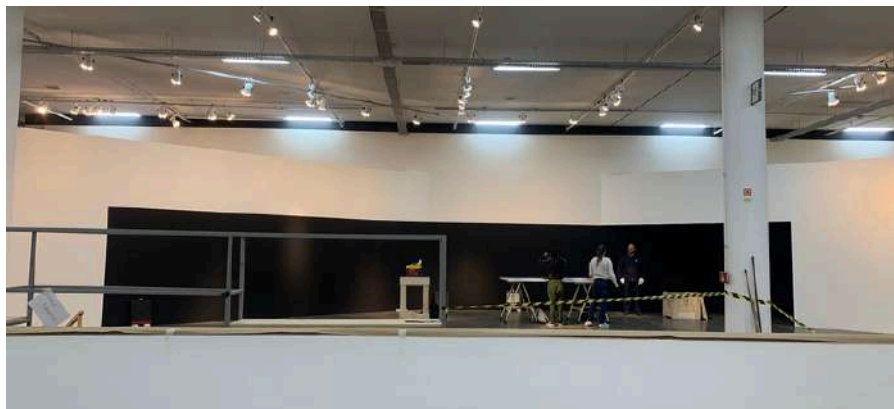


Fig. 55: Montagem Fechamento Terceiro Pavimento
Fonte: Autora

3.1.1 Como coreografar a dança da matéria física?

A solução foi a proposta de uma contradança com o edifício, a partir de um estudo do pré-existente e consequente manipulação dos elementos construtivos, o que trouxe as resoluções projetuais.

Partindo do princípio que o expoente efêmero do edifício trás consigo a temporalidade, o arquiteto geralmente parte do descolamento do mesmo. Nesse caso, a diferenciação foi anulada pela utilização de um “estranho familiar”, a partir de uma materialidade de linguagem una, que fagocita as características existentes à nova proposta.

Além da coreografia estática a qual a arquitetura usualmente é (má) concebida, tratou-se de se preocupar no desenho do percurso dos corpos no espaço, a preocupação em se causar sensações dentro da narrativa espacial é tradução do pensamento cenográfico e cria-se assim, uma maneira de se atravessar o tempo e espaço via movimentos (que criam movimentos, que criam movimentos, sequencialmente).

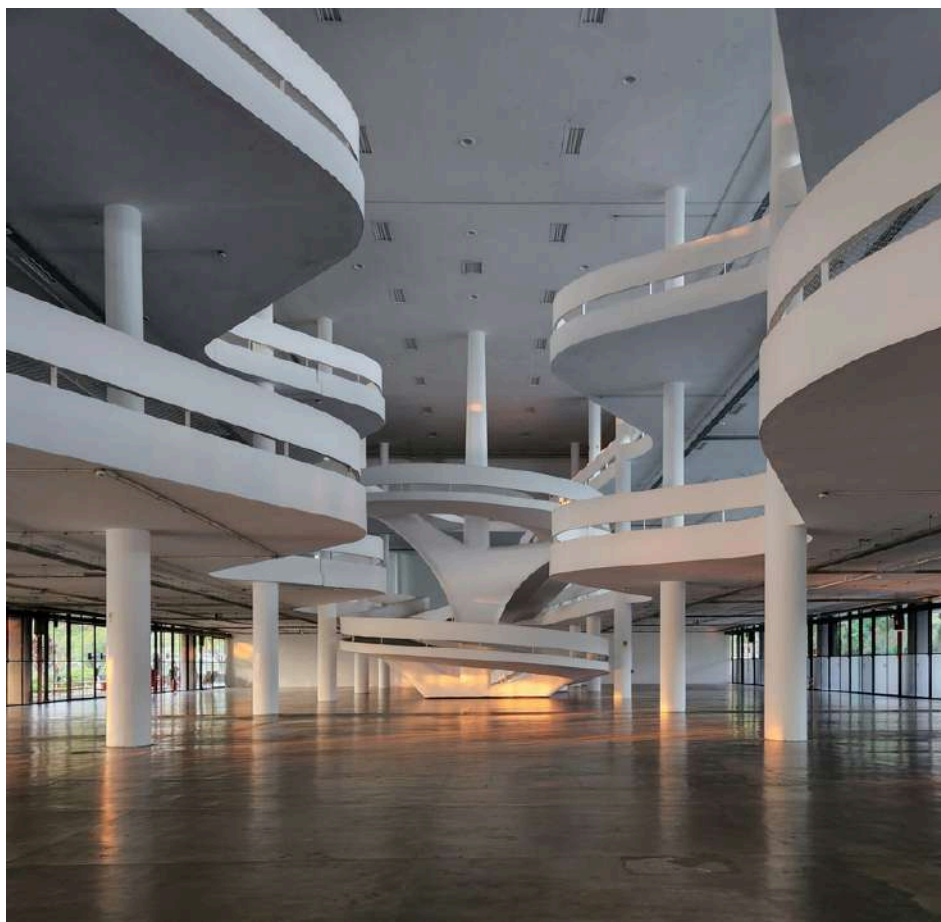


Fig. 56: Pavilhão Ciccillo Matarazzo | Familiar
Fonte: Vão Arquitetura

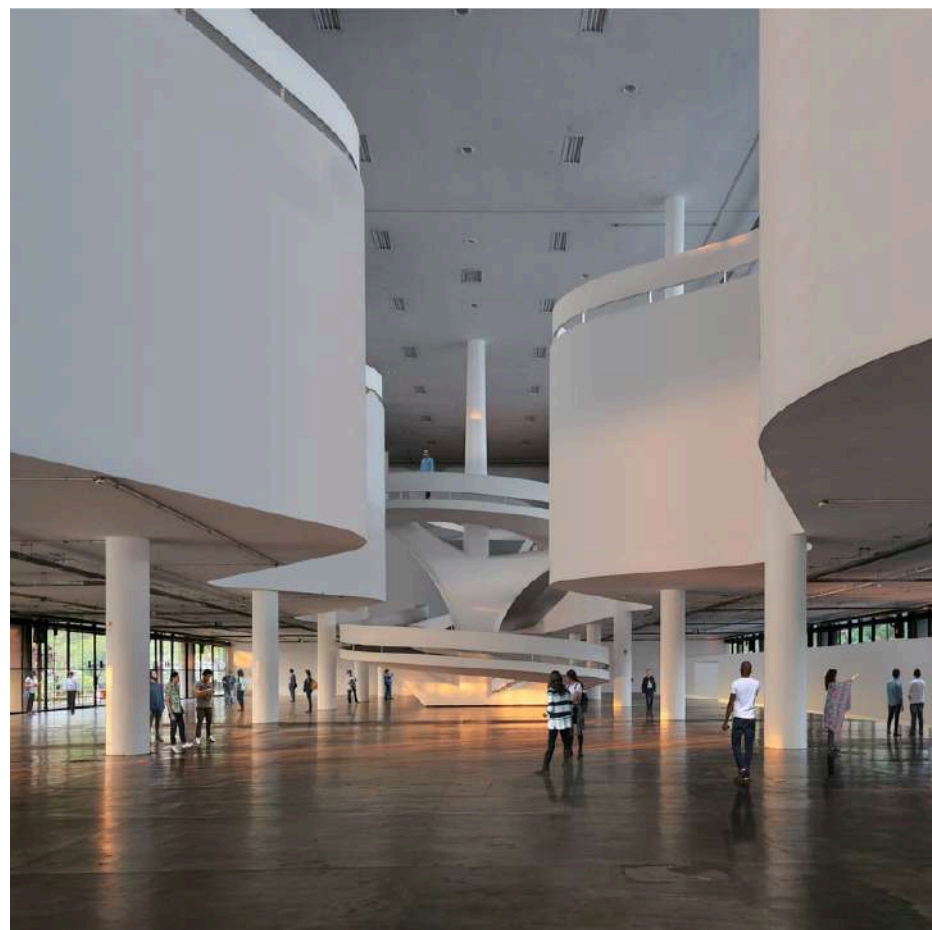


Fig. 57: Pavilhão Ciccillo Matarazzo | Estranho
Fonte: Vão Arquitetura

Mais do que a preocupação nas estruturas fixas, houve o ímpeto de pensar no desenho do percurso dos corpos no espaço, espaço esses que se identificam de forma fluida, livre, transpondo a rigidez hermética dos volumes em contraposição a liberdade criativa.

3.1.2 O Pavilhão

250x50. Em conversa com a arquiteta membro do escritório Vão, Anna Juni, brincamos que a estrutura poderia ser comparada a um navio. Na oceanografia que compõe a concepção projetual de um projeto expográfico dessa magnitude, é impossível ignorar uma verdade inabalável: Niemeyer se faz ver. A métrica e modulação do espaço implica em uma grandeza infinita, quase como elementos de resiliência do edifício, o tempo passou, mas ele se mantém.

O desenho do vão como elemento de ruptura a rigidez estrutural do pavilhão do Ibirapuera foi ressignificado, uma vez que a primeira impressão ao se entrar no espaço (seguido de certo desespero aos cidadãos mais familiarizados com o complexo) é: O vão sumiu!

Impressão essa que acarretou em diversas críticas, burburinhos e indisposições iniciais. Como assim estão descaracterizando um edifício que se faz compreender pelo rasgo central, icônico, tombado a três instâncias e carregado da identidade de um dos maiores arquitetos brasileiros já conhecidos?

Com essa premissa, retorno ao questionamento levantado no início dessa pesquisa, qual a mágica das estruturas efêmeras? O poder de transformação do que é na potencialidade do que *pode ser*.

O edifício foi inicialmente projetado para ser um pavilhão de exposições vinculado aos países através de partidos geopolíticos e, buscando romper com essa predisposição, o escritório se propôs a alterar a vivência dos espaços com dinâmica de acessos interpavimentos. O projeto expográfico rompe com essa hierarquia velada ressignificando a ordem expositiva para o telespectador, bem como os atributos, circulações e dinâmicas pré-existentes no edifício.

O fechamento do vão de Niemeyer não se dá como um fetiche isolado, mas sim a partir do conjunto de ações do projeto. Observe que o fechamento curvo que conversa na mesma linguagem do edifício, embora

posteriormente inserido, serve para conduzir os corpos para outro pavimento; a rampa externa, pouco utilizada, se torna protagonista, com um jogo de interno-externo que não seria explorado não fosse o estudo meticuloso de uma nova dinâmica de exploração, ao se ativar um recurso negligenciado, cria-se nova coreografia de percurso.

A intervenção cenográfica se encaixa tão unicamente no contexto geral que, a um estranho, parece não haver intervenção alguma. As fluidas paredes inseridas como estruturas efêmeras conversam tão bem a língua nativa de Oscar Niemeyer que houveram calorosas manifestações contrárias às intervenções propostas de maneira tão singela, uma vez que o público geral acreditava serem interferências perpétuas.

Essa é a graça das estruturas efêmeras, a egrégora imersiva que abraça o telespectador traz a premissa de uma sensação que duraria muito, mas tem data para experimentação. É a partir disso que se revela a delícia de ressignificar um espaço que traz consigo um referencial histórico de no mínimo 34 anos.

34 bienais ocorreram com linguagens diferentes, com dinâmicas diferentes, mensagens diferentes, cada qual tão única quanto a anterior.

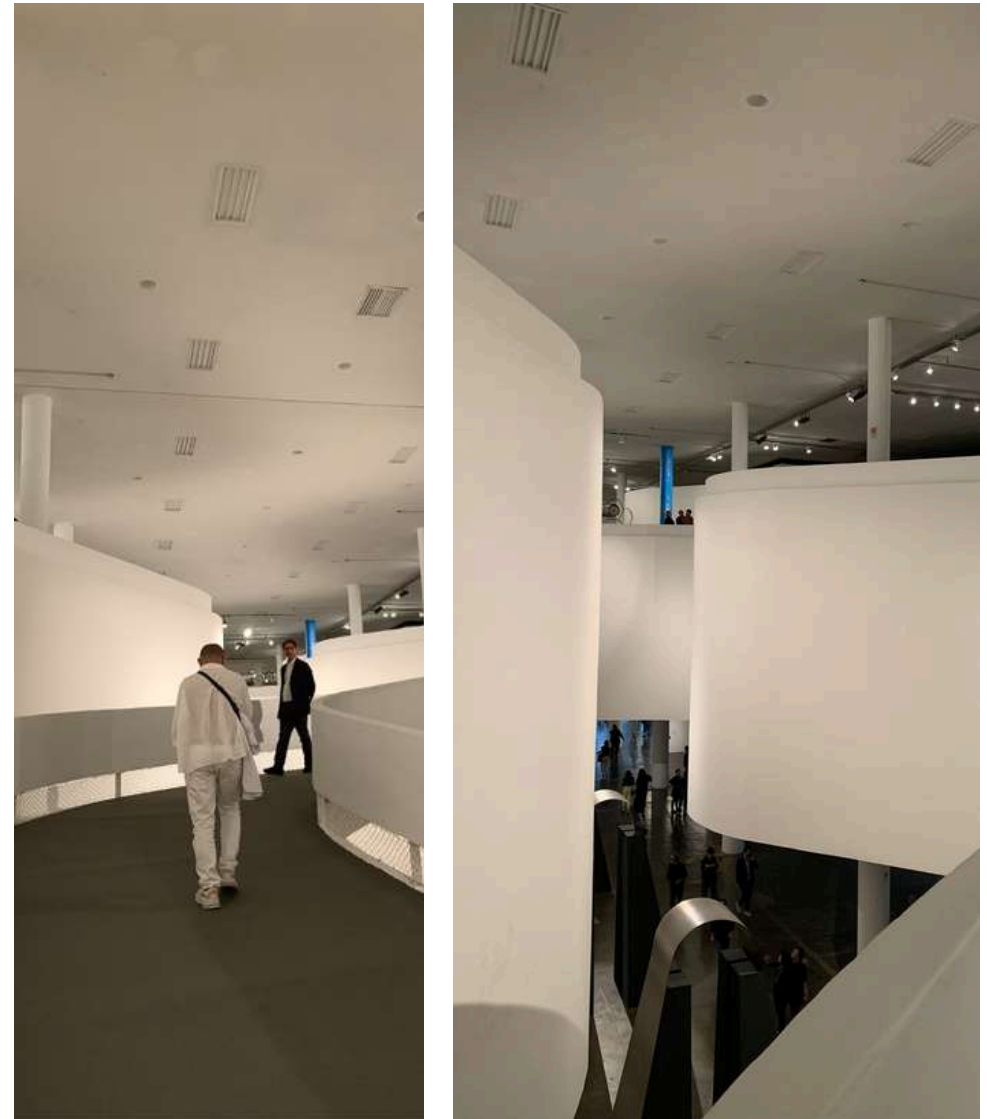


Fig. 58 e 59: Rampas e Fechamentos do Pavilhão
Fonte: Autora



Outro ponto a respeito do caráter construtivo que deve ser discutido sem pudor é que a arquitetura deve circular. A 35ª Bienal se aproveitou ao máximo das estruturas criadas na 34ª. A construção de elementos e dinâmicas sociais a partir de caráter específicos e projetos distintos deve se aproveitar de reflexões pré concebidas, uma vez que urge um processo de valorização da possibilidade de se utilizar de uma estrutura que já funciona, e inserir a partir da singularidade conceitual de cada um, uma nova forma. Esse processo traz um pertencimento, um senso de continuidade na utilização de estruturas que têm história, uso e familiaridade. A consciência cíclica do reaproveitamento deve ser incorporada nos pensamentos projetuais. O aproveitamento inteligente é extremamente necessário na criação de estruturas efêmeras para que a construção de algo temporário não tenha um impacto negativo na dinâmica urbana. É necessário discernimento e respeito para com a utilização de recursos, o custo é sempre implícito e analisar o coletivo é de extrema importância para projetos coletivos.

Fig. 60, 61 e 62: Fechamentos em MDF do Pavilhão
Fonte: Autora

3.1.3 Movimento: Compactuando e Colapsando

“Como fazer com que o edifício se traia?” foi o questionamento levantado pelo escritório Vão no processo de concepção projetual. A resposta se deu a partir de uma antítese: Compactuando e Colapsando com as referências simbólicas e repertórios estéticos, ou seja, simultaneamente implodir e acordar com as referências pré existentes. Disso, sai o desenho do corpo, um positivo-negativo que transforma o terceiro e o segundo pavimento, fagocitando o vão do edifício como um movimento de contração e expansão, “trata-se da respiração do corpo proposto”, diz a arquiteta Anna Juni.

A expografia não deve se colocar de forma impositiva, deve-se lembrar que o cenário é apenas a cápsula que segura o objeto de atenção: às obras. Nesse sentido, há um redesenho para que os objetos desse protagonismo conversem entre si, o trabalho com a curadoria é amalgamado, a compreensão da vizinhança, tão estudada e conversada dentro de círculos arquitetônicos

se coloca imprescindivelmente nessa situação, a dinâmica estabelecida deve ter sentido e conversar entre si, para que possa conversar com o visitante e cumprir o papel de imersão a qual se propõe.

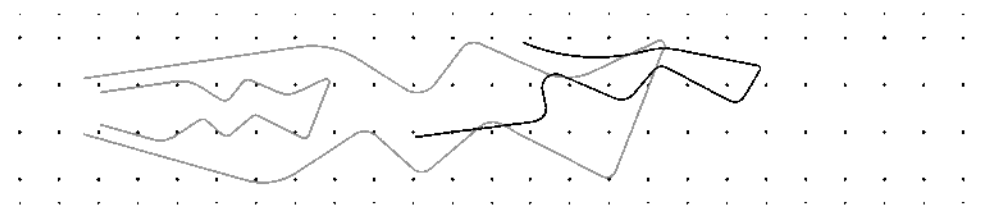


Fig. 63: Esquema Estudo Pavimentos
Fonte: Vão Arquitetura

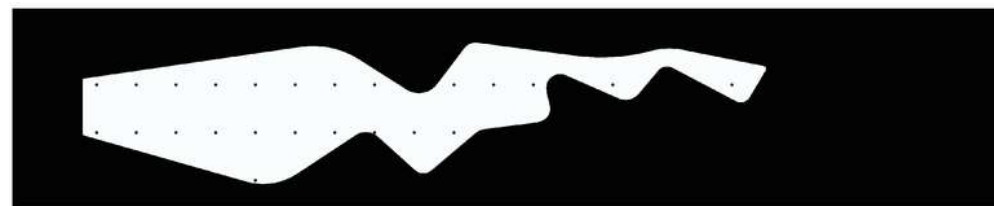


Fig. 64: Proposta Esquemática 2º Pavimento
Fonte: Vão Arquitetura

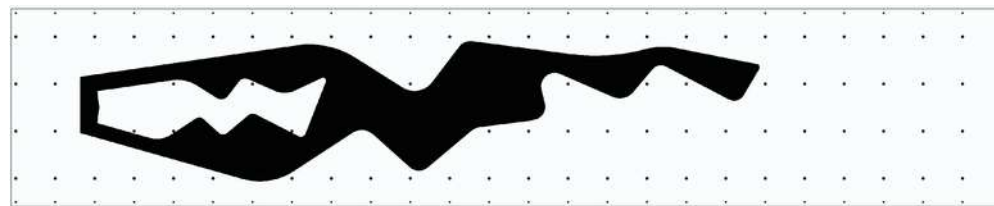


Fig. 65: Proposta Esquemática 3º Pavimento
Fonte: Vão Arquitetura

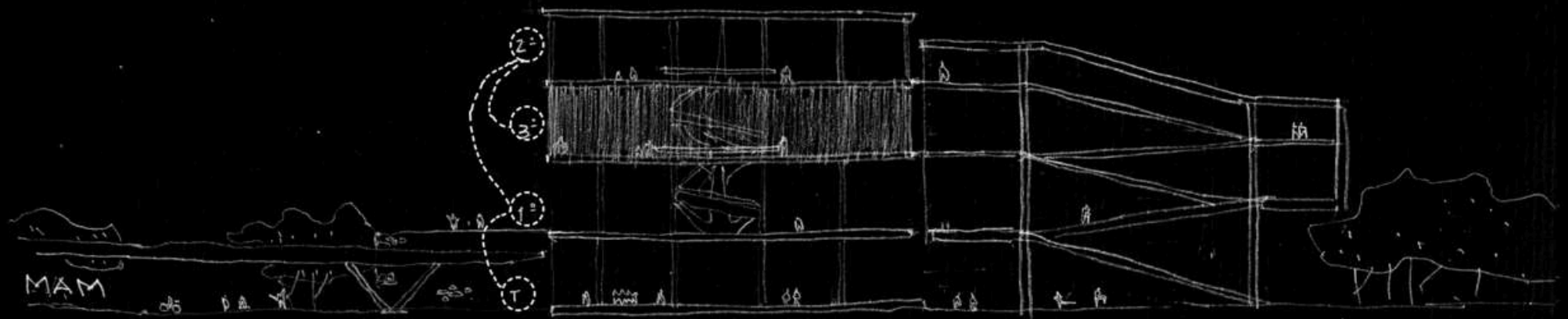


Fig. 66: Croqui Percurso de Visitação
Fonte: Vão Arquitetura

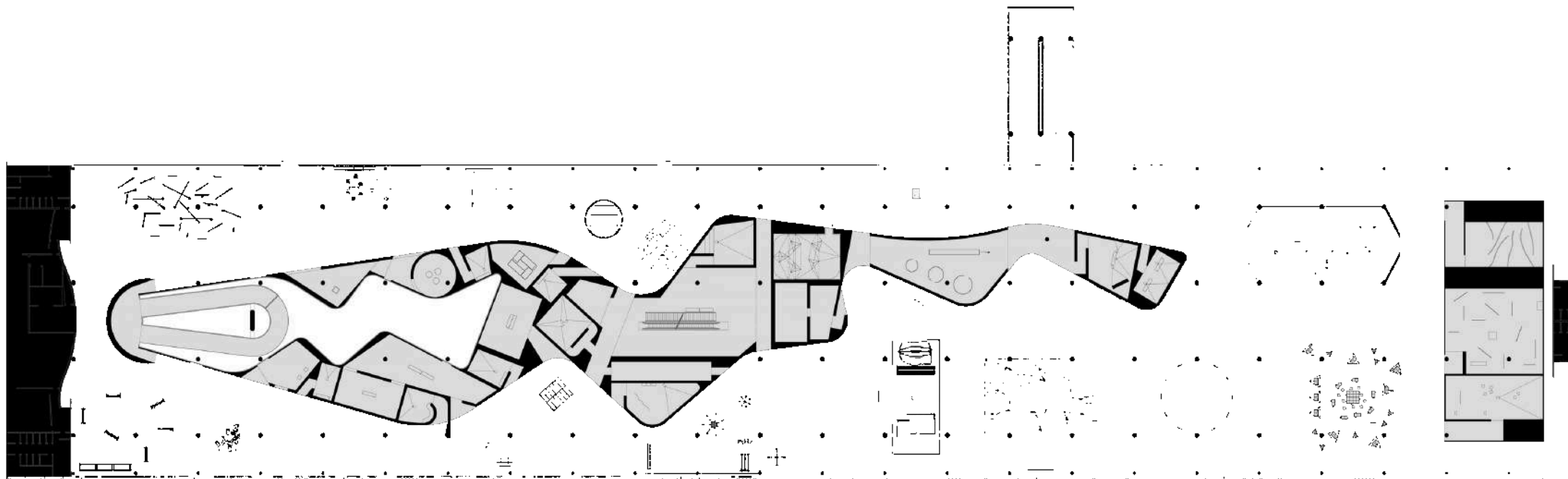


Fig. 67: Planta 2º Pavimento
Fonte: Vão Arquitetura

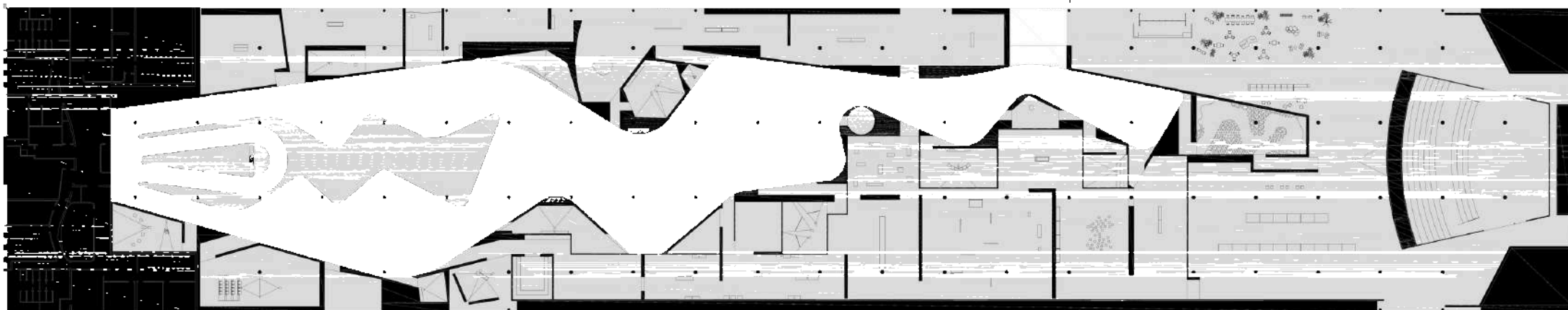


Fig. 68: Planta 3º Pavimento
Fonte: Vão Arquitetura

3.1.4 O Projeto e a Montagem

O corpo cenográfico é replicado nos segundo e terceiro andares, operando de maneira invertida. Em um andar, o núcleo desse corpo é oco, enquanto a área circundante, a periferia, é densamente preenchida por salas subdivididas. No outro andar, o corpo central é preenchido por salas individuais, e toda a extensão periférica se transforma em um amplo espaço plano.

A dinâmica de circulação também é modificada. Entre o primeiro e o segundo andar, um semi-fechamento sugere que as pessoas sigam pela rampa, conectando-se diretamente do primeiro ao terceiro pavimento. Essa abordagem promove uma variedade de trajetos, incentivando um movimento não linear, buscando quebrar com a hierarquia expositiva implícita no complexo. Você entra pelo terceiro pavimento, que possui uma clausura maior através de subespaços, e no segundo pavimento isso explode. Essa é a respiração do corpo proposto.

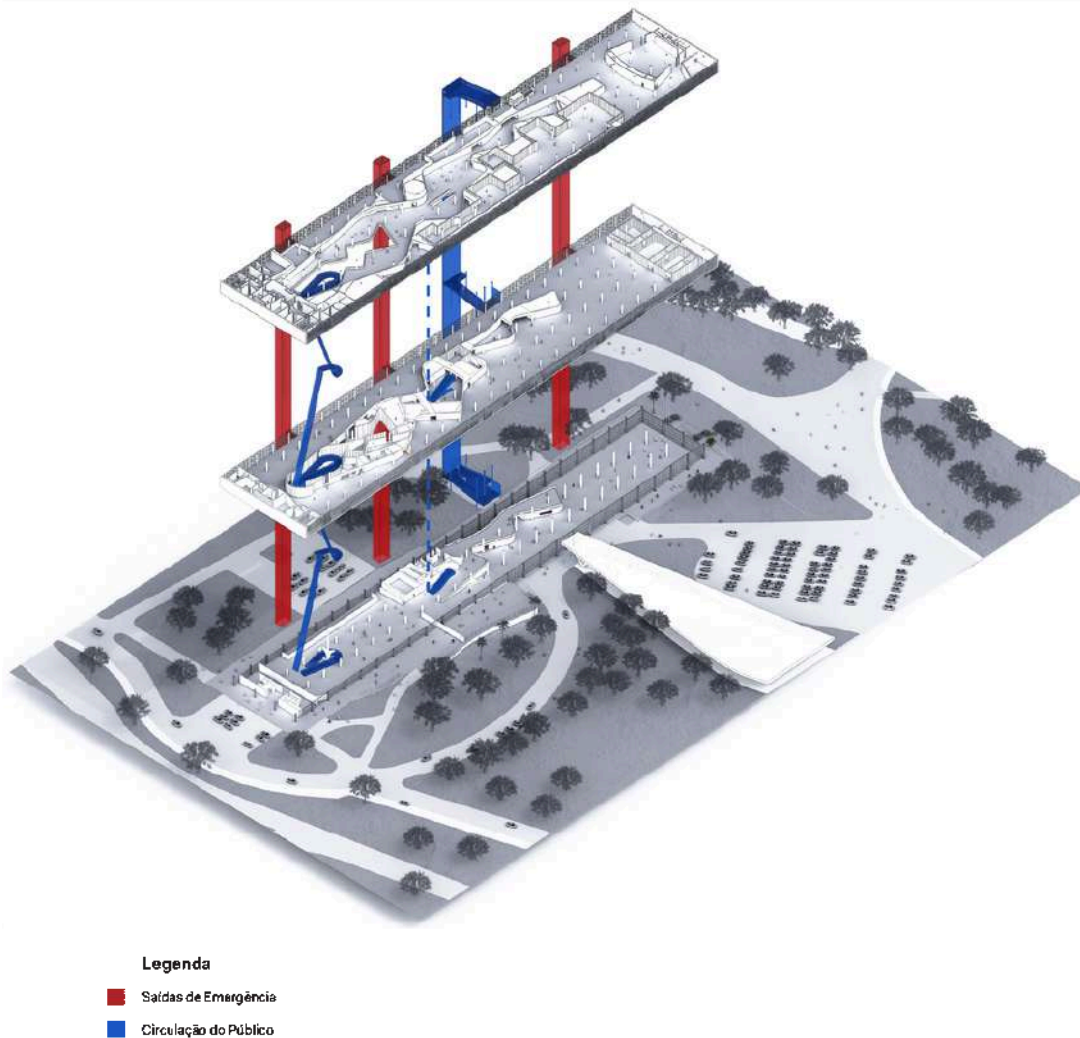


Fig. 69: Axonométrica 35ª Bienal, Coreografias do Impossível
Fonte: Vão Arquitetura

Além disso, observa-se que o primeiro pavimento é o mais aberto e permeável, justamente para fazer esse convite a população que não conhece o evento. A integração como parque vem como a intencionalidade de atrair o público, trabalhando os níveis do pavilhão e a disposição das obras com um critério do que pode ser mais atrativo.

No Processo de montagem, percebi principalmente a rapidez como o projeto é concebido. Foram três semanas de montagem, para três meses de exposição, que será desmontada em uma semana. Há um cuidado meticuloso com a introdução das novas estruturas no sentido do reaproveitamento das modulações do edifício. Montagens que são penduradas, por exemplo, se utilizam de spots já existentes de luminárias, de forma a não interferir no prédio existente. Observa-se um respeito extremo com o local e, como uma metaliguagem, o edifício se coloca como canva, personagem secundário cuja função é receber, indicar e sensivelmente direcionar os visitantes aos verdadeiros protagonistas: as obras expostas.

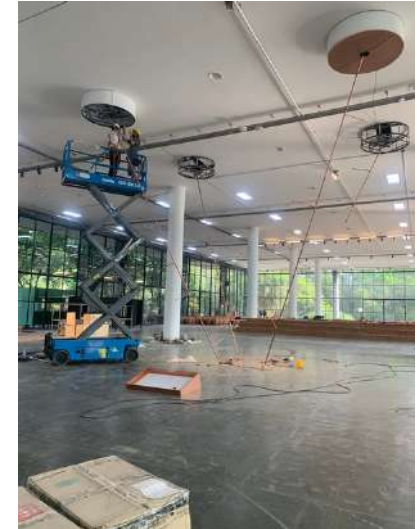
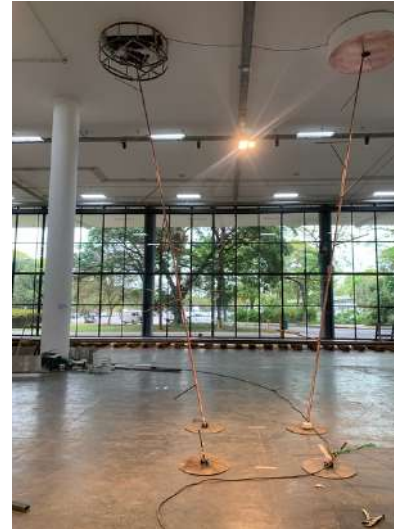


Fig. 70 e 71: Montagem suspensa
Fonte: Autora



Fig. 72 e 73: Montagem fechamentos
Fonte: Autora



Fig. 74 e 75: Montagem e Visitação
Fonte: Autora



Fig. 76 e 77: Montagem e Visitação
Fonte: Autora

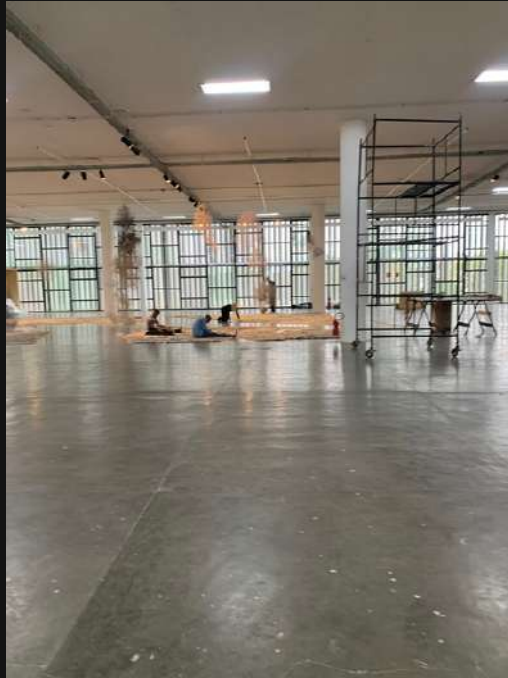


Fig. 78 e 79: Montagem Suspensa
Fonte: Autora



Fig. 80: Montagem Suspensa
Fonte: Autora



Fig. 81: Experimentação
Fonte: Autora

tinm

Se reconhecer no outro

bre

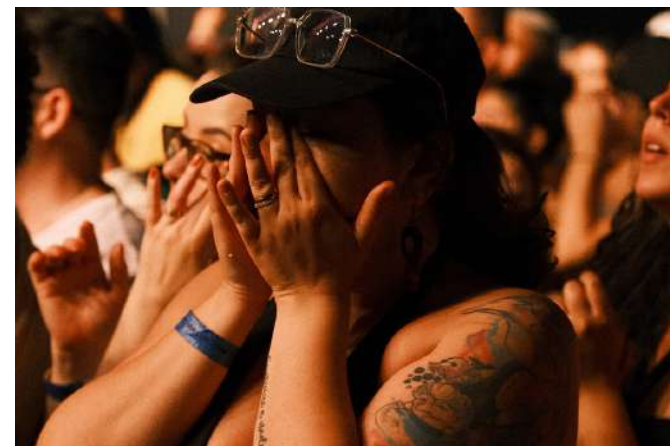


Fig. 82,83 E 84: Festival Timbre 2023
Fonte: Timbre Cultural



Fig. 85: Festival Timbre na Praça 2023
Fonte: Timbre Cultural



Fig. 86 e 87: Festival Timbre 2023
Fonte: Timbre Cultural



Fig. 88: Festival Timbre 2023
Fonte: Timbre Cultural

A décima primeira edição do festival Timbre foi embalada com a total aderência do público a um evento ocorrido a céu aberto em dias que bateram recordes de temperatura na cidade. A esplanada do Teatro Municipal de Uberlândia deu espaço a organização de um conjunto cenográfico que contemplava diversas experimentações ao público que receberia, desde a montagem dos palcos principais e secundários, até a organização de uma praça de alimentação, palcos secundários, lojas de patrocinadores e espaços de interação com o público.

Festival Timbre - Se reconhecer no outro. A comunicação e identidade do festival são pontos de partida para a criação de um conjunto que transmita os ideais que são carregados a 11 anos em um evento que se responsabiliza a carregar parte da história da cena cultural de Uberlândia. O idealizador do festival, Gabriel Caixeta, começou essa caminhada em 2012, dialogando com a identidade de festivais alternativos e independentes; “Os que mais tem nos inspirado ultimamente: Coala (SP), Rock the Mountain (RJ), Weehoo (PE) e nossas próprias edições anteriores são as que mais nos ajudam” diz Lucas

Cordeiro, um dos organizadores do projeto. As referências já apontam a predisposição a pluralidade, no que tange a espacialidade, característica importante para a criação de um organismo com abrangências a diversos cenários nacionais, o que possibilita um maior sentimento de pertencimento por parte do usuário.

3.2.1 O festival e a Dinâmica Urbana

A priori, compreende-se que um festival que movimenta cerca de 7000 pessoas em dois dias de evento possui um impacto direto na dinâmica da cidade, de acordo com Lucas Cordeiro, “O festival oferece diretamente mais de 500 pontos de trabalho, entre equipe do festival, artistas e fornecedores variados. Indiretamente estimamos mais 5 mil postos de trabalho (rede hoteleira, transporte e comércio no geral). Visivelmente a cidade se transforma e neste ano deu pra perceber até um certo trânsito incomum para a cidade a partir de sexta feira.”. Essas transformações reafirmam a predisposição analisada da cidade de Uberlândia desde a criação do Arte na Praça, em 2002, para recepção de eventos que contemplem a movimentação cultural de maneira democrática e o desejo de se manter uma cena receptiva, plural e inovadora, características referência na identidade do Timbre.

Como todo movimento de concretização de ideias, existem desafios na implementação de um festival com essa dinâmica, especificamente no contexto uberlandense, “A cultura de massa sempre foi avessa aos estilos musicais. Naturalmente, com o tempo a contracultura acaba se incorporando na cultura. Somos causa e consequência desse ciclo.” Nesse sentido, o festival se desdobra a partir de diferentes estratégias de ocupação e disseminação para transpor essas condições tradicionalmente estabelecidas; “Temos como um dos nossos propósitos a ocupação de espaços públicos. Eventos gratuitos, shows em praças e teatros para dar acesso e descentralizar a arte e cultura. Por si só já é um ato de transformação, pois são aparatos para serem usufruídos pela população.” (Lucas Cordeiro, em entrevista)

A utilização de diversas linguagens para suprimir as condições e barreiras normalmente estipuladas no usufruto de arte e lazer é uma ação que democratiza o acesso da população a essas realizações, a resignificação de espaços públicos se dá com isso também, na premissa de apropriação do que já é público, pelo público.

Embora trate-se de um evento privado, o Festival Timbre possui dias de entrada franca geralmente com atrações regionais, que busca fazer uma movimentação do círculo cultural local e abranger diferentes públicos.

3.2.2 Quem vem de cá? Quem vem de lá?

O direcionamento antropológico do Timbre parte da premissa da disponibilidade de trocas, “Para quem está aberto ao novo, aos curiosos, a quem também se vê como artista mesmo sendo público, a quem quer se expressar”, explica Lucas Cordeiro.

Observa-se a continuidade do mindset inicialmente introduzido no cenário uberlandense pelo festival Arte na Praça. Um ímpeto para novas descobertas, associações e formas de expressão. O sentido de horizontalidade que é apresentado ao público traz um pertencimento que engloba todos os componentes do sistema como um só, sem a hierarquia normalmente observada em eventos dessa natureza.

Espaços para interação do público, como o paredão de post-its, que abriam espaço para frases, relatos e pensamentos,

proposto em 2022 formavam o contexto cenográfico in loco transformando os usuários em agentes ativos e propiciando novas formas de socialização.

Além disso, observa-se um comprometimento constante da parte da produção do evento em fazê-lo plural além da teoria, promovendo pelo menos 50% de artistas mulheres e 50% de artistas mineiros, com presença obrigatória de artistas LGBTQIAP+ e pretos. “Hoje o que mais me brilha o olho é perceber que o Festival Timbre acolhe um público diferente de qualquer outro evento da região [...], que permeia ações para além de apenas assistir um show. Que envolve experiências, vivências e contribui com histórias de vida das pessoas.” (Lucas Cordeiro).

O festival também possui alto engajamento em causas sociais, possibilitando a entrada solidária condicionada a doação de um quilo de alimento não perecível, totalizando mais de 5 mil toneladas arrecadados em cada uma das últimas edições. Os alimentos coletados são distribuídos às instituições parceiras associadas ao Mesa Brasil Sesc Triângulo, programa amplamente

reconhecido na América Latina, com origem no Sesc São Paulo, em 1994, e implantação em Minas Gerais em 2003.

Essas ações conjuntas fazem com que a bolha efêmera que é visualizada a primeira instância quando se pensa em um festival privado se rompa, possibilitando com que enxerguemos o conjunto associado ao meio. Este é o principal tópico dessa pesquisa, a compreensão de que elementos inicialmente desassociados possuem potencialidade de formarem novas narrativas e transformar a vivência das pessoas nessa caminhada.

3.2.3 Timbre e Uberlândia: uma narrativa

O Festival Timbre é reconhecido por táticas urbanísticas que potencializam a qualidade de vida do entorno em que está inserido, o Teatro Municipal de Uberlândia localiza-se margeando a Avenida Rondon Pacheco, principal avenida da cidade, dentro do bairro Tibery.

Nas 11 edições já existentes, todos os anos a produção do festival propõe alterações que servem para uma melhoria do conjunto final.

As modificações projetuais ocorrem conforme os anos para contemplar o crescimento de público, necessidades observadas nos dias de festivais, questões de acessibilidade e visando sempre um melhor aproveitamento do espaço proposto. São analisadas todas as questões antagônicas que margeiam a identidade do festival, associadas às questões de funcionalidade e identidade. Um ponto importante sobre a realização do evento no teatro é que se trata de uma área pública de alta vivência pela população. Além de preservar o espaço público deve-se elaborar maneiras o menos invasivas possíveis tanto em instalação, quanto em utilização.

Considerando aspectos práticos, existem três maneiras de obter a autorização para realização de um evento dessa magnitude, a partir da realização do referido evento em um local já destinado a eventos (como o Castelli, Palácio de Cristal, Acrópole, etc, em Uberlândia), pela obtenção de um laudo (no caso em que as características do evento não exigem um projeto específico) ou é através de um projeto que inclui uma inspeção prévia para a liberação. No

caso do Timbre, é possível fazer com Laudo, o que significa que o festival não possui necessariamente uma fase arquitetônica. O “projeto” é realizado a partir do desenvolvimento de um croqui que cumpre as demandas de um programa de necessidade básico que contempla saídas de emergência, instalação de palcos, banheiros, camarim, praça de alimentação e tendas de patrocinadores, tudo isso envolto em um projeto cenográfico imersivo aos visitantes e pouco invasivos ao espaço proposto.

3.2.4 A Implantação

Um dos maiores desafios de implementação do festival são as adequações necessárias para fazê-lo no teatro. Tratamos aqui, novamente, da implementação de uma estrutura temporária em uma renomada obra do arquiteto Oscar Niemeyer. A esplanada do Teatro Municipal de Uberlândia é palco do timbre há alguns anos, e embora seja um desafio de se trabalhar, cumpre bem seu papel. Apesar de não ser um edifício tombado pelo IPHAN, o complexo conta com restrições específicas determinadas pelo escritório do arquiteto Oscar Niemeyer, autor do projeto.

Essas restrições tornam algumas alterações inviáveis mesmo a instância efêmera. Trata-se de um processo extremamente burocrático e muitas vezes não rentável, já que é cobrada uma taxa para analisar possíveis propostas de intervenção.

Essa questão torna-se relevante principalmente a título de adaptações para acessibilidade, uma vez que o festival se destaca no que tange a esse tópico e, tratando-se de um espaço com tantas restrições, ainda observa-se a necessidade de adequação para um público plural, isso envolve uma estrutura bem pensada e articulada para PCDs.



Fig. 89: Montagem Festival Timbre 2023
Fonte: Autora

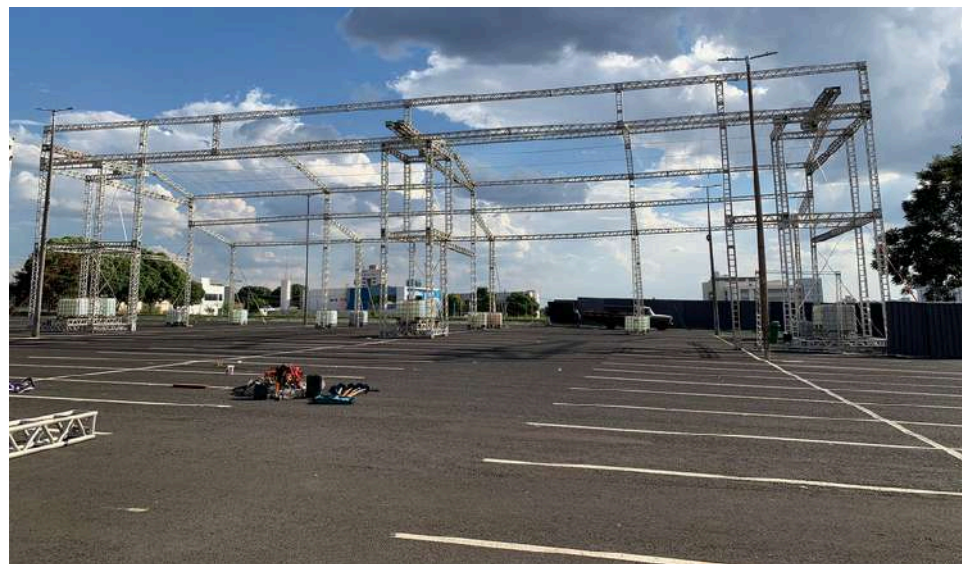


Fig. 90: Primeira Semana de Montagem Festival Timbre 2023
Fonte: Autora



Fig. 91: Última Semana de Montagem Festival Timbre 2023
Fonte: Autora



Fig. 92: Última Semana de Montagem Festival Timbre 2023
Fonte: Autora

Os produtores do festival timbre são pessoas envolvidas e realmente comprometidas socialmente com essas questões. Isso tem haver com a identidade e origem do festival, que se mantém aos 11 anos. Não trata-se de uma bandeira hasteada sem cuidado, mas um ideal cuidadosamente planejado no desenvolvimento do projeto ao longo dos anos.

Deve-se compreender que apenas cumprir a legislação não é suficiente, deve-se ter a preocupação de ir além, de compreender a experiência do usuário e novamente, protagonizar esse compromisso com o público de maneira geral. Urge um movimento de compreensão organicista dos eventos.

Deixa de ser apenas um lugar, uma atração, serviços específicos e passa a ser uma vivência, deve-se pensar na experiência do público.

Além disso, como citado previamente, a construção das estruturas propostas passam por análises que levam em consideração o entorno, as vias de chegada, a população que vive no entorno que margeia o teatro, a população que se utiliza do teatro e assim se desenvolve uma modulação entre o existente e o sugerido.

Tive o privilégio de acompanhar por cerca de duas semanas a montagem do festival, e nesse período, observei como se dão os tramites necessários para que um festival como o Timbre ocorra, principalmente o trabalho no backstage. Além das estruturas propostas para usufruto do público, também é necessário prever espaços para permanência e trabalho de toda a equipe responsável pelas performances, artistas, casa de mixagem, jogo de iluminação, disponibilização de energia e rede, dentre outros.

As alterações podem ser analisadas no decorrer dos anos, sendo a maior delas a não utilização do palco externo do Teatro, na edição de 2023. Isso se deu devido ao aumento exponencial de público, o que levou a organização do projeto a subir os dois palcos para a parte do estacionamento, que possui uma área maior que a esplanada.

Ademais, o festival sempre conta com um programa base que inclui Bares e Praça de Alimentação, tendas de patrocinadores, tendas comerciais, atrativos cenográficos e espaços para fotos, dois palcos principais e palcos secundários, geralmente atrelados a alguma marca patrocinadora.

Outra alteração de grande impacto foi quando alteraram o acesso do público, na edição de 2022 para a rua Guatemala, ação que foi revogada em 2023 devido a alta circulação de pessoas e interdição da rua que é residencial.

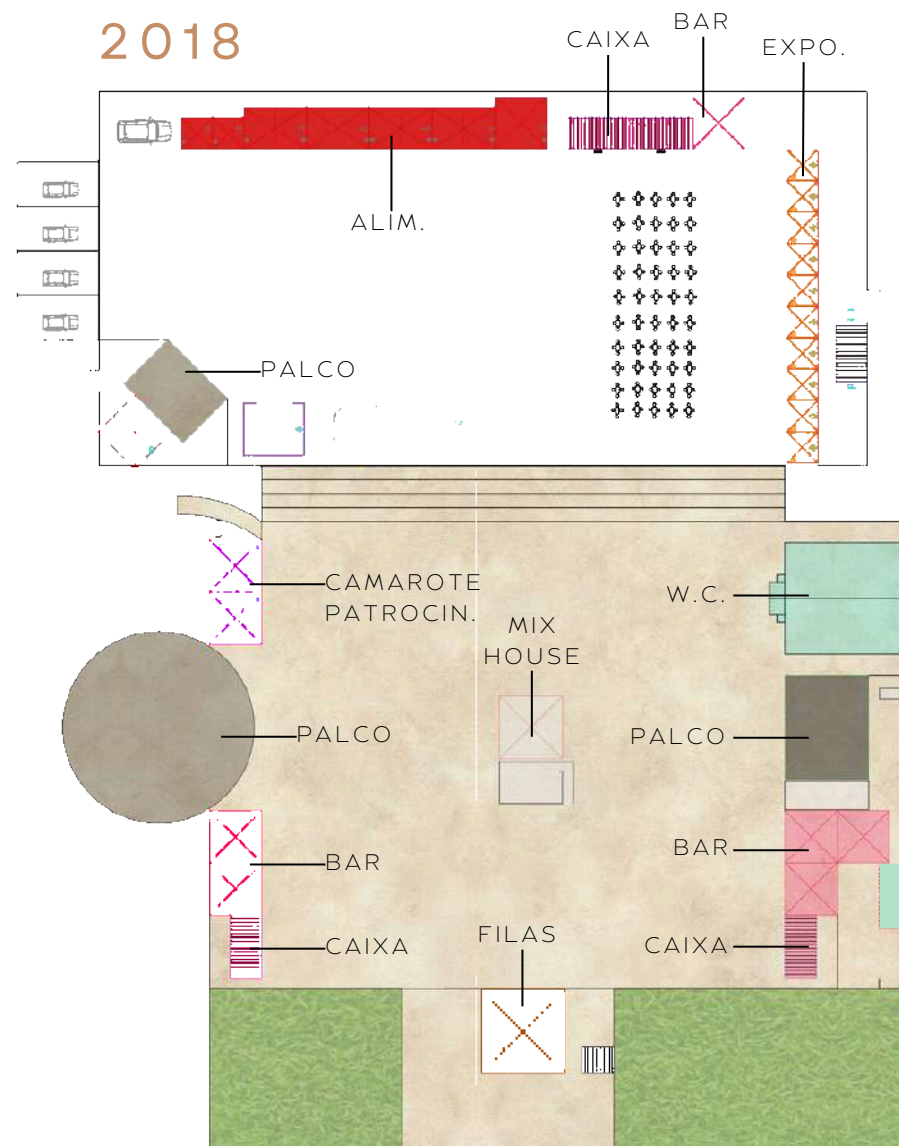


Fig. 93: Croqui Festival Timbre 2018
Fonte: Timbre Cultural, alterações da Autora

- | | |
|--|--|
| Alimentação | Bar/Caixas |
| Palco | Entrada |
| Camarim | Banheiros |
| Expositores | Área Técnica |

2019

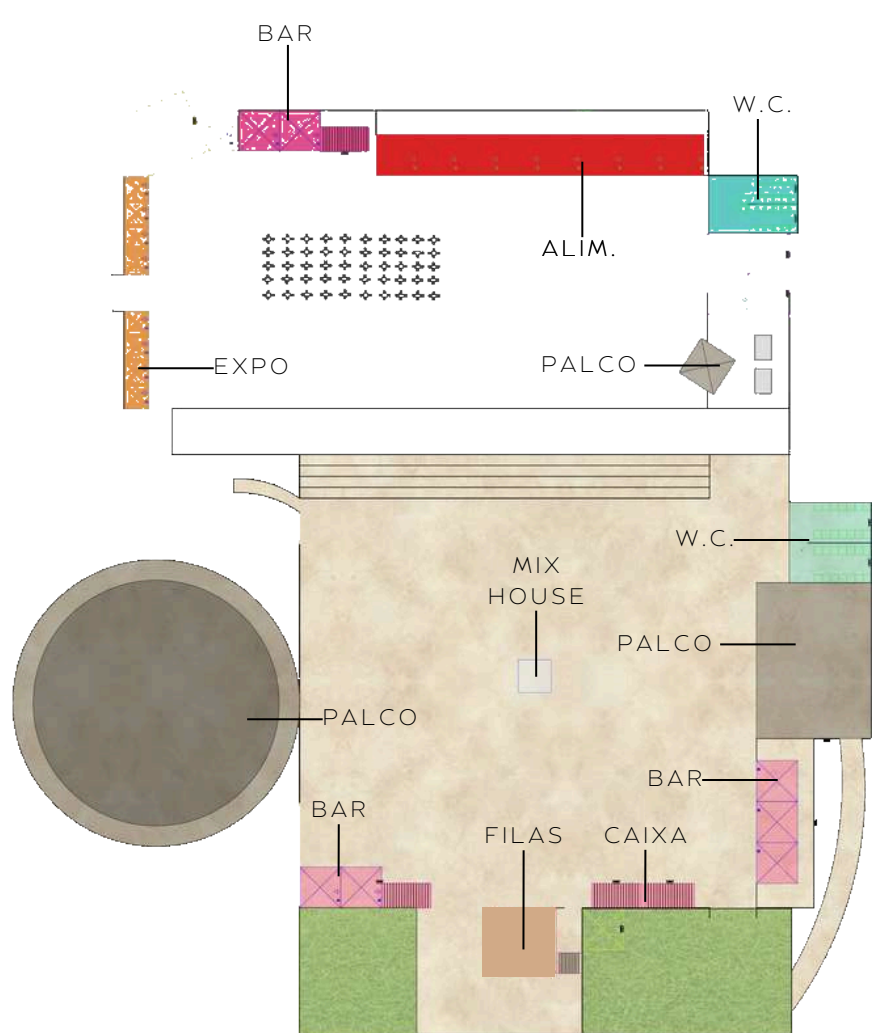


Fig. 94: Croqui Festival Timbre 2019
 Fonte: Timbre Cultural, alterações da Autora

2022

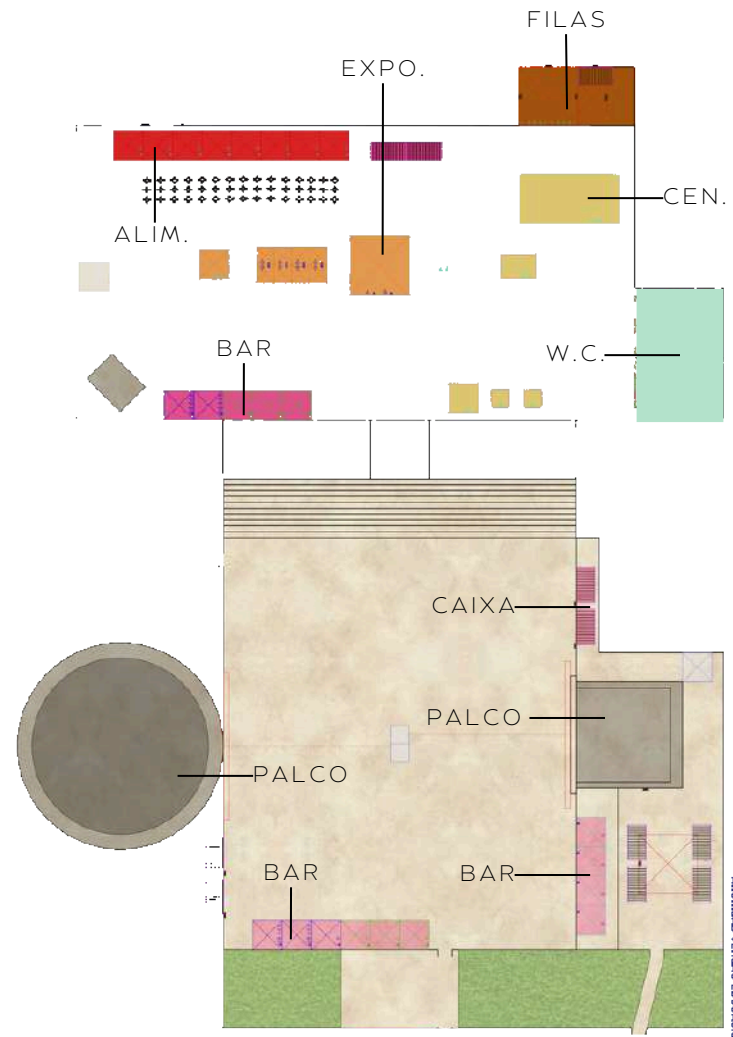


Fig. 95: Croqui Festival Timbre 2022
 Fonte: Timbre Cultural, alterações da Autora

- | | | |
|---|--|---|
| Alimentação | Bar/Caixas | Estruturas Interativas |
| Palco | Entrada | Área Técnica |
| Camarim | Banheiros | Expositores |

2023

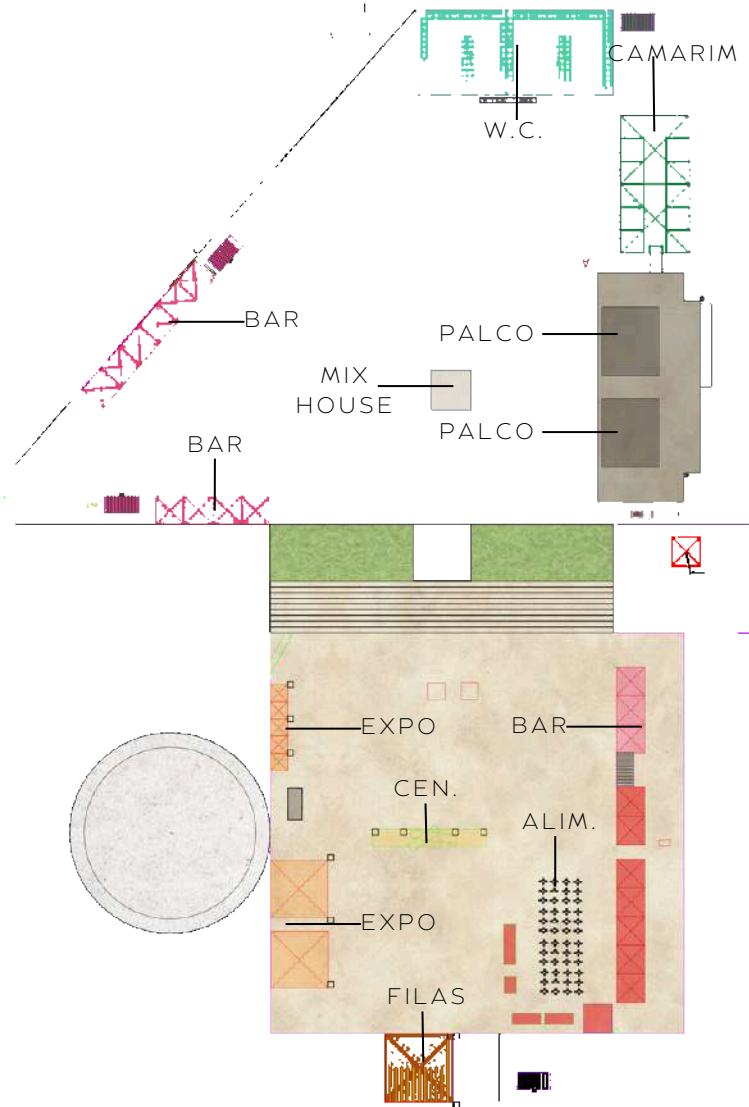


Fig. 96: Croqui Festival Timbre 2022
Fonte: Timbre Cultural, alterações da Autora

- | | | |
|--|--|--|
| ■ Alimentação | ■ Bar/Caixas | ■ Estruturas Interativas |
| ■ Palco | ■ Entrada | ■ Área Técnica |
| ■ Camarim | ■ Banheiros | ■ Expositores |



Fig. 97 e 98: Montagem/Vivência estrutura cenográfica
Fonte: Autora



Fig. 99 e 100: Montagem/Vivência estrutura cenográfica
Fonte: Autora

“O que é uma ideologia sem um espaço ao qual ela se refere, que ela descreve, do qual ela utiliza o vocabulário e as conexões, do qual ela contém o código? [...] Pode-se supor que a prática espacial, as representações do espaço e os espaços de representação intervêm diferentemente na produção do espaço: segundo suas qualidades e propriedades, segundo as sociedades (modo de produção), segundo as épocas.”

Henri Lefebvre
a produção do espaço

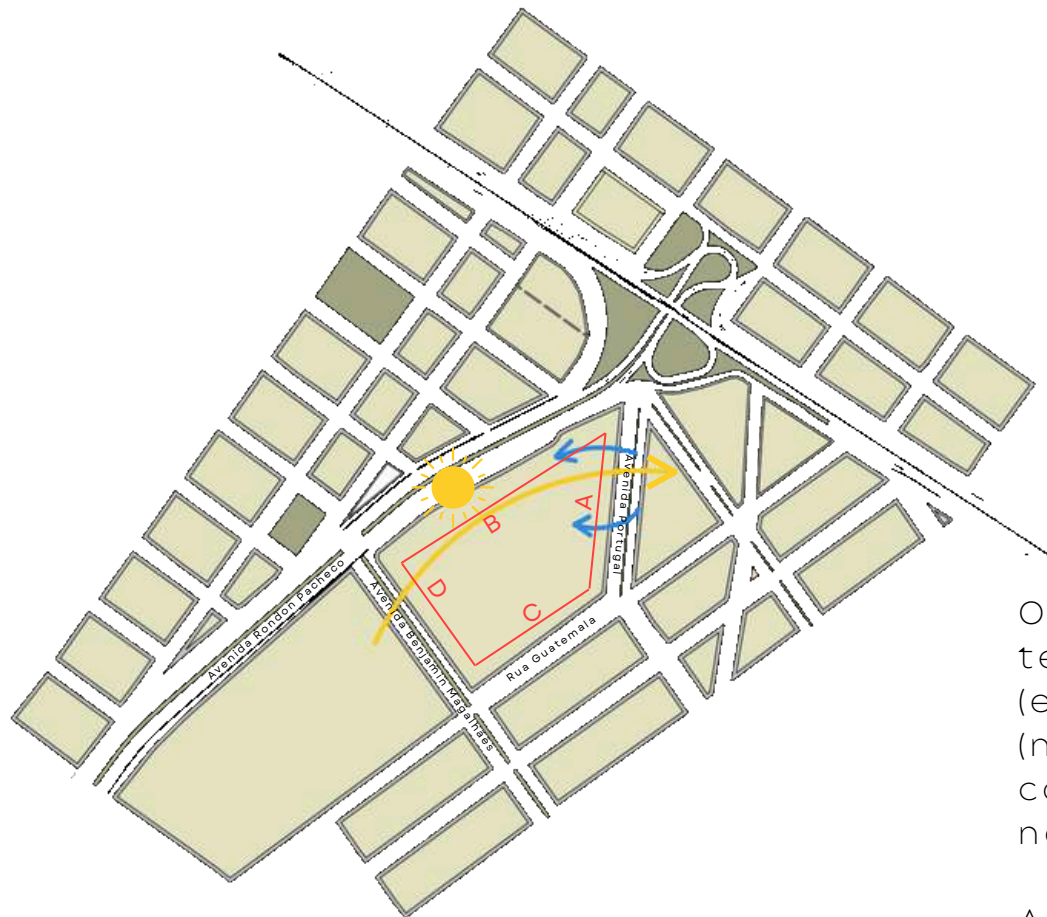
análise de entorno

04

Situação



Mapa de Situação
Fonte: Autora



4.1 Análise Bioclimática

O direcionamento de ventos em Uberlândia tende a variar entre Leste, no início do ano (entre fevereiro e novembro) e norte (novembro a janeiro). Nesse sentido, foi considerado uma predominância de ventos a nordeste para o estudo de implantação.

Além disso, o local possui abundante insolação e devido a falta de cobertura do ambiente analisado, existe uma uniforme distribuição de incidência solar ao longo do dia.

Esse estudo deve ser levado em consideração para garantir uma implantação cenográfica que seja confortável ao artista que estará performando e ao espectador.



Mapa Fatores Bioclimáticos

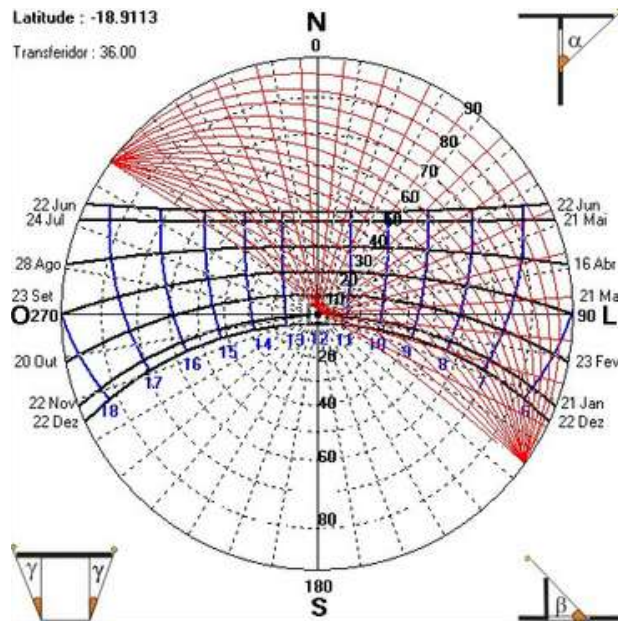
Fonte: Autora

 Sentido dos Ventos

 Percurso do Sol

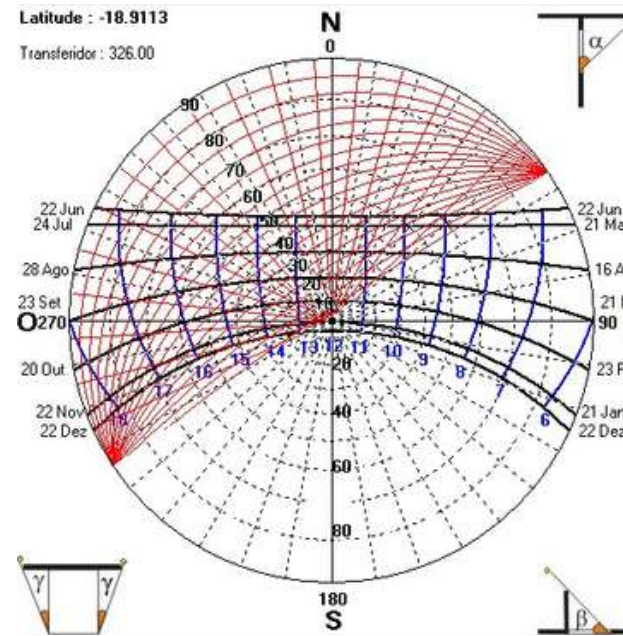
 Fachadas Análise de Insolação

FACHADA A



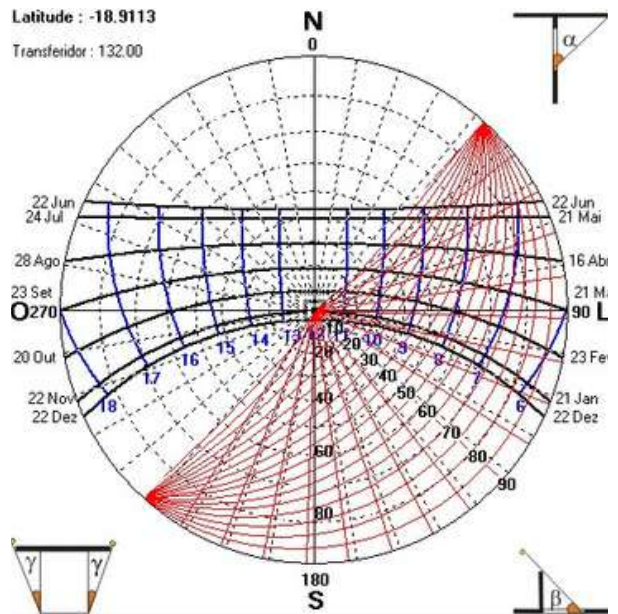
Solst. de Inverno 22 jun. (06:30h-15:30h)
Equinócios 23 Set. e 21 Mar. (06h-12:30h)
Solst. de Verão 22 Dez. (05:30h-11h)

FACHADA B



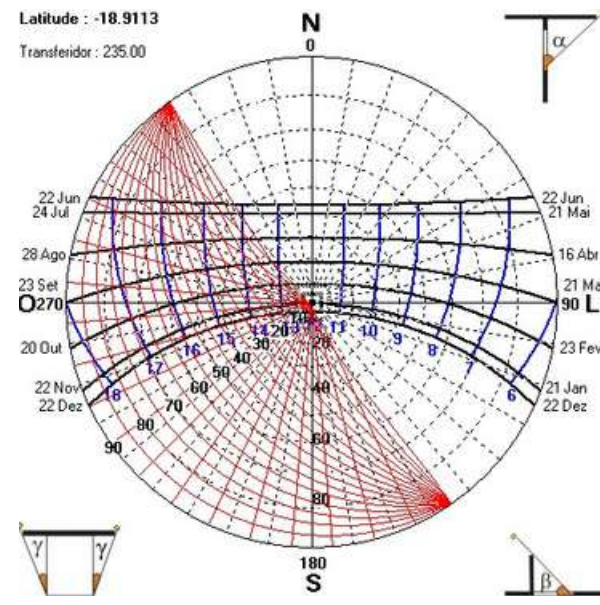
Solst. de Inverno 22 jun. (08h-17:30h)
Equinócios 23 Set. e 21 Mar. (10:30h-18h)
Solst. de Verão 22 Dez. (12:30h-18:30h)

FACHADA C



Solst. de Inverno 22 jun. (06:30h-09:30h)
Equinócios 23 Set. e 21 Mar. (06h-10:30h)
Solst. de Verão 22 Dez. (05:30h-12h)

FACHADA D



Solst. de Inverno 22 jun. (14h-17:30h)
Equinócios 23 Set. e 21 Mar. (13:30h-17:30h)
Solst. de Verão 22 Dez. (12h-18:30h)

4.2 Análise Viária

Gehl defende que algumas palavras chave para o estímulo da vida na cidade são rotas diretas, lógicas e compactas. Nesse sentido, as implantações do Timbre já fizeram diversas experimentações entre acessos, explorando as vias que margeiam o teatro e a via principal, Rondon Pacheco, para entrada e saída de público e veículos. Algumas pré-disposições foram observadas com as diferentes dinâmicas, como fluxos positivos ou negativos aos moradores do entorno imediato, bem como as primeiras impressões do público do festival. Os estudos locais são importantes para intermediar ambas vivências, garantindo a melhor experiência do evento efêmero sem uma intervenção negativa nas arquiteturas fixas locais.

Além de ser contemplado plenamente via carro, o acesso ao festival se dá também via transporte público, com pontos de desembarque de ônibus na frente do teatro e nas redondezas, garantindo, via terminais, uma interconectividade com as demais áreas da cidade. A Rondon Pacheco possui também uma faixa de ciclovia, que possui alta aderência da população. Esses elementos, associados cumprem com o princípio de democratização de acessos, uma das premissas principais do festival.



Mapa de Vias
Fonte: Autora

- Via Coletora
- Via Estrutural
- Pontos de Ônibus

ROTAS
Terminal Central
T123| T120| T 1212 | A113| I232
Terminal Novo Mundo
I266| i267 | T610

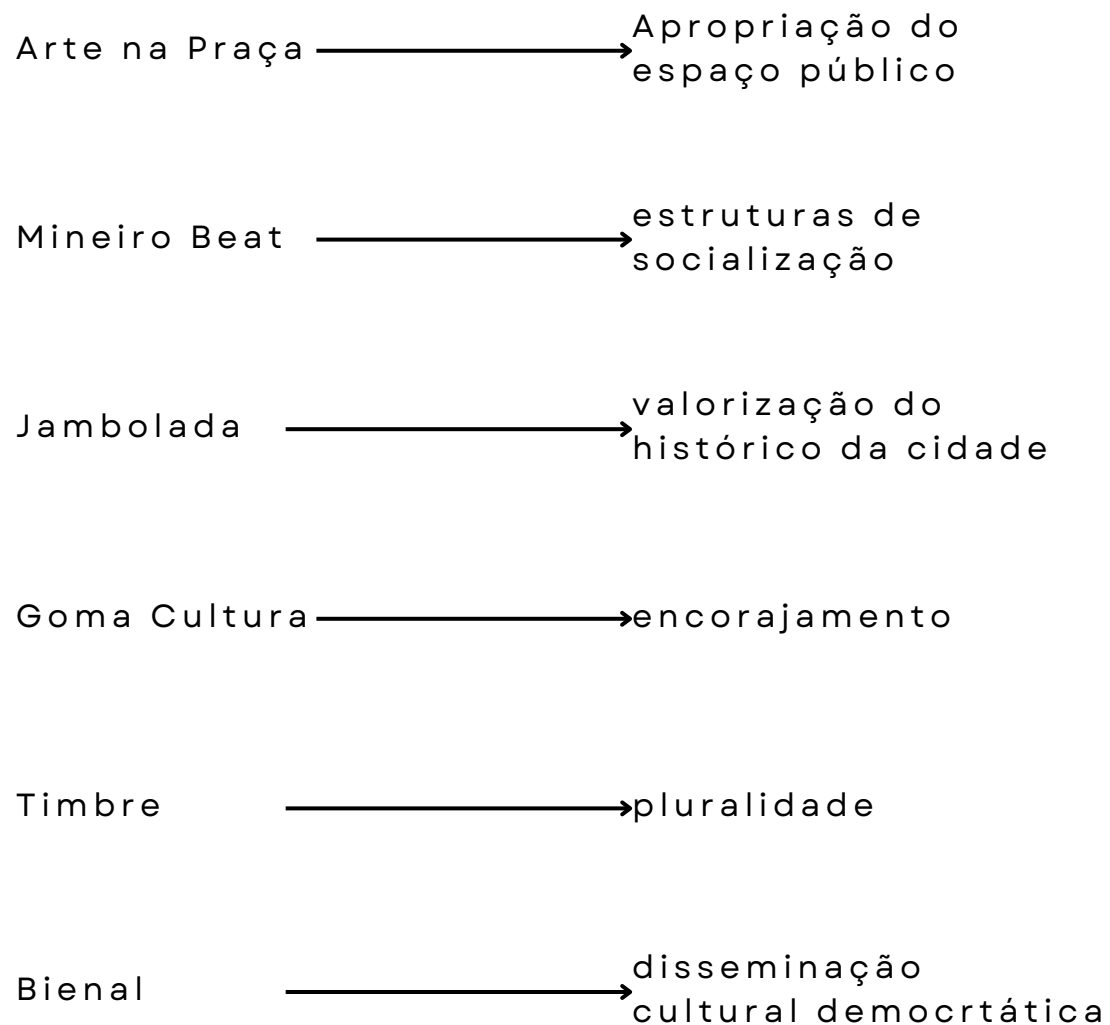
“estudos de cidades do mundo todo elucidam a importância da vida e da atividade como uma atração urbana. as pessoas reúnem-se onde as coisas acontecem e espontaneamente buscam outras pessoas.”

John Gehl
cidade para pessoas

proposta de intervenção

05

5.1 Conceitos Direcionadores



Para a proposta preliminar, faz-se uma síntese dos conceitos direcionadores dos festivais estudados, de modo a chegar em uma proposta de evento que seja bem construída e articulada com os parâmetros levantados da cidade.

A apropriação do espaço público de maneira a criar novas dinâmicas sociais, advinda do projeto Arte na Praça garante a implantação do projeto na Esplanada do Teatro, seguindo a tradição do Timbre e do Mineiro Beat. Desses festivais, também se herda um programa preliminar que contempla novas estruturas de socialização, partindo de atributos pré-existentes e com a premissa de atender um público plural.

A análise da expografia da Bienal aparece também, na valorização da disseminação cultural local, que vai ser contemplada a partir de espaços de exposição integrados a vida no festival.

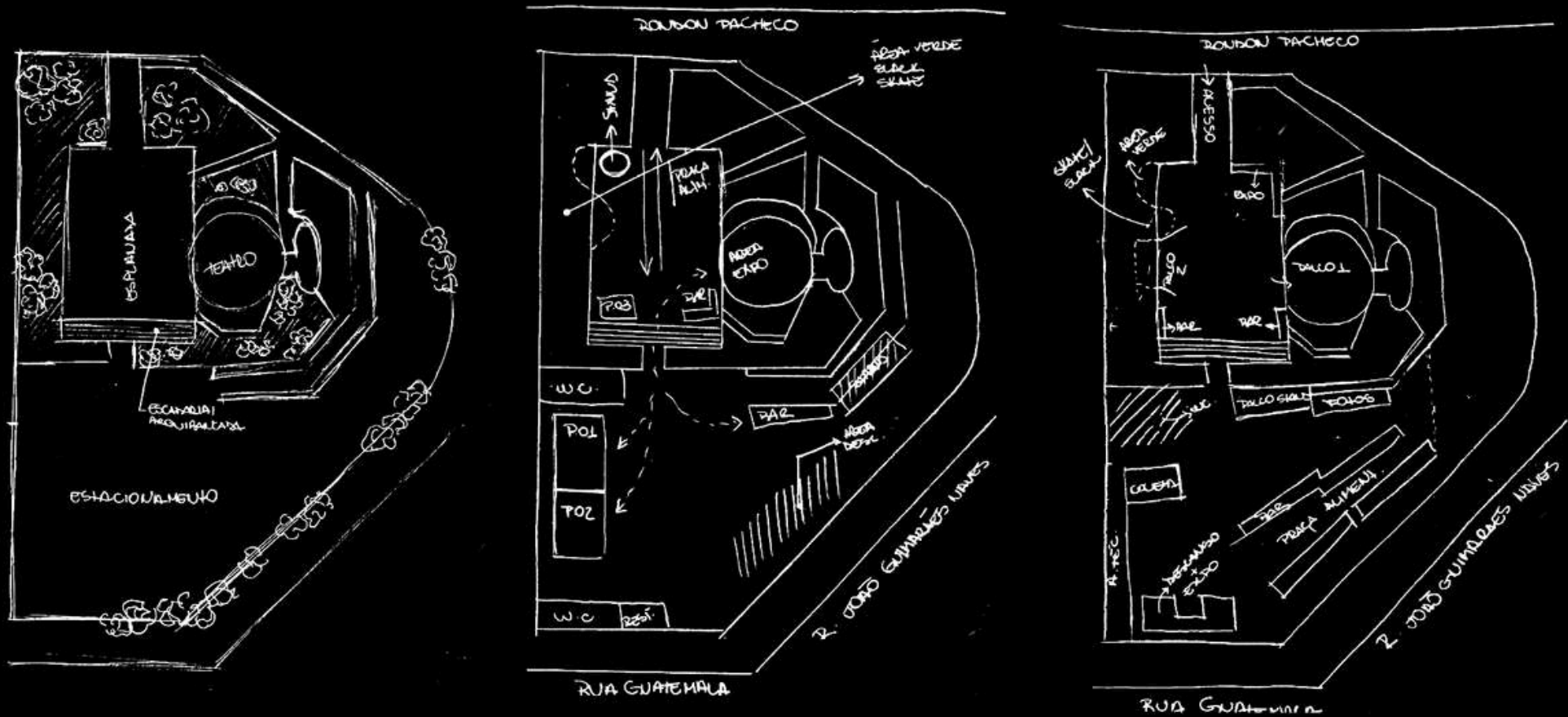


Figura 101: Estudo de formas, fluxos e disposição preliminar de programa
 Fonte: Autora

Programa Preliminar

Para tanto, o espaço da esplanada é pensado a partir de quatro dimensões: social, comercial, permormativa e atividades, que vão em conjunto conceber um novo organismo para vivências no local.

- Praça de Alimentação
- Bar
- Foodtrucks/Tendas de Alimentação
- Espaço de Exposição
- Tendas Comerciais

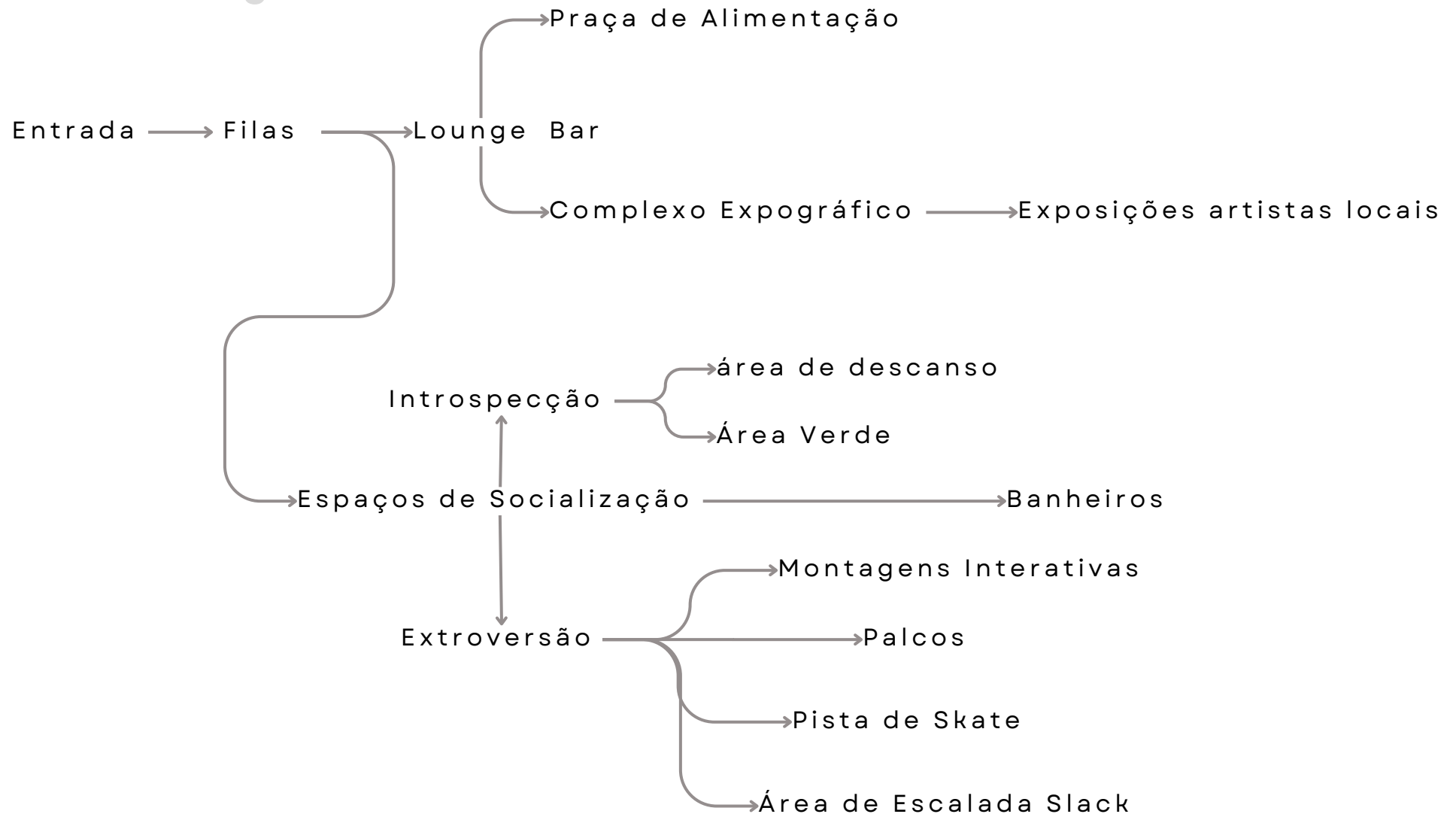
- áreas de descanso
- Área verde
- Pista de Skate/Escalada/Slackline
- Palcos
- Banheiros
- House Mix



Croqui Implantação
1:2000

A proposta do programa preliminar é resultado dos estudos e análises do histórico cultural da cidade em concomitância com a identidade do público cujo festival será direcionado. As quatro dimensões citadas se colocam como organizadoras dos níveis de interação e sociabilidade do visitante para com o espaço e com outras pessoas.

5.3 Fluxograma



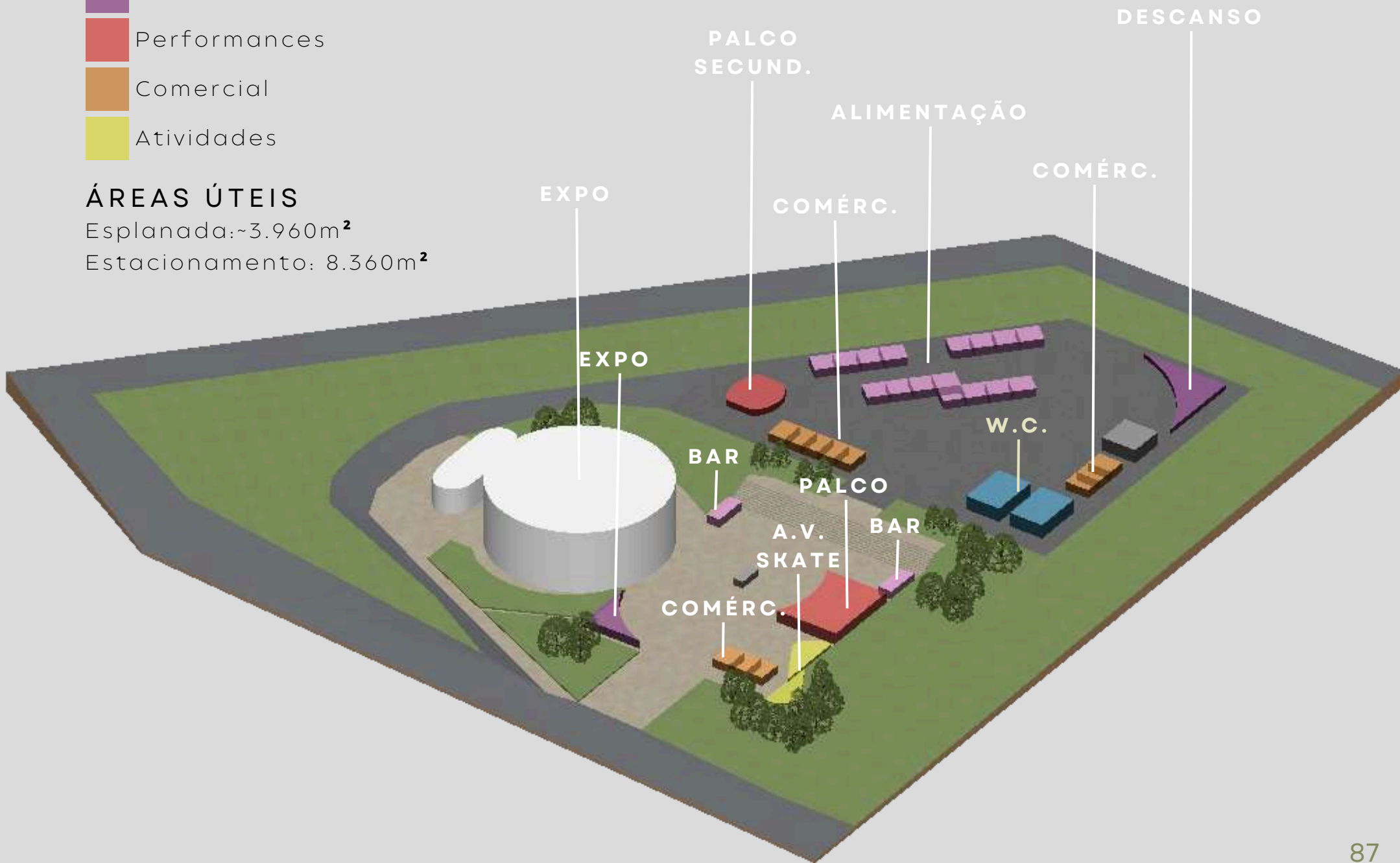
DIMENSÕES

- Social
- Performances
- Comercial
- Atividades

ÁREAS ÚTEIS

Esplanada: ~3.960m²

Estacionamento: 8.360m²



Considerações Finais

A primeira etapa do Trabalho de Conclusão de Curso se deu a partir do estudo de uma base teórica e levantamentos do histórico cultural independente da cidade. Essa leitura é imprescindível para o desenvolvimento de um projeto que se encaixe no contexto urbano, uma vez que compreende-se que esses eventos se portam como fatores de animosidade na cidade e tem potencial de impactar a vida de quem a habita.

Os estudos e análises de entorno iniciam o processo de concepção projetual no sentido de buscar a maior eficiência possível na implantação de novas estruturas que, apesar de efêmeras, nortearão toda a experiência do usuário.

Nesse sentido, os desenhos preliminares que aparecem como resultado da análise dos eventos que são já bem conhecidos na cidade de Uberlândia direcionam o que será proposto para a próxima etapa, com a

proposta do projeto final.

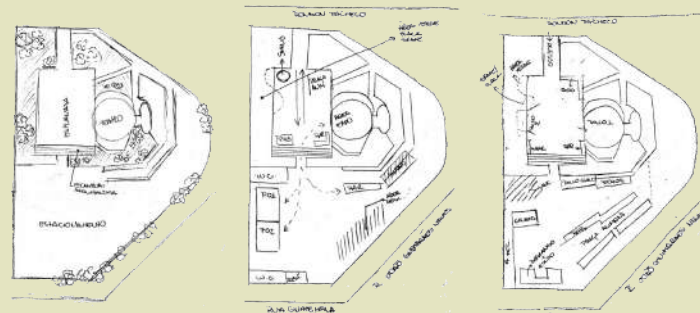
A experiência de estudar a dinâmica urbana trás um entendimento necessário para concepção de espaços públicos no sentido de observar as pré existências, as amarras e impasses que são consequência de uma vivência plena. Os estudos de caso, nesse sentido, foram de extrema importância para compreender como se dá a inserção de novas atuações do meio.

Esse método responde a pergunta apresentada no início desse trabalho (p.11), abraça-se a pluralidade de uma cidade observando com olhos atentos a quem a arquitetura proposta estará servindo, em qual contexto ela estará se colocando e respeitando o coletivo ao propor novas intervenções.

Os espaços devem ser pensados para todos.

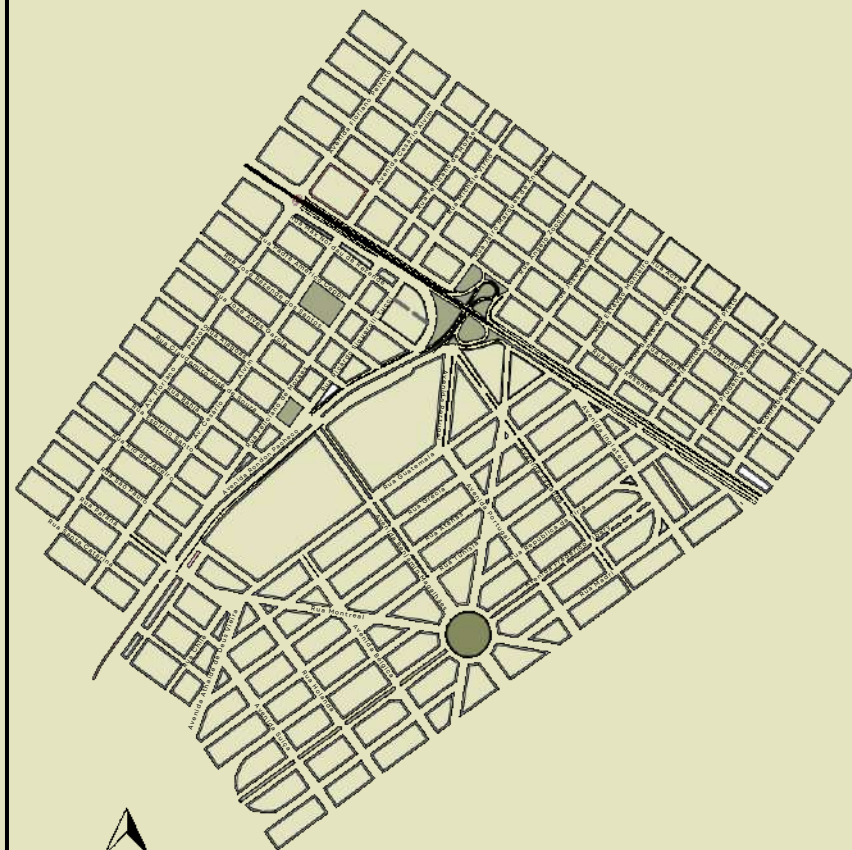


Estudos de Setorização



Contexto

A proposta do programa preliminar é resultado dos estudos e análises do histórico cultural da cidade em concomitância com a identidade do público cujo festival será direcionado. As quatro dimensões citadas se colocam como organizadoras dos níveis de interação e sociabilidade do visitante para com o espaço e com outras pessoas.

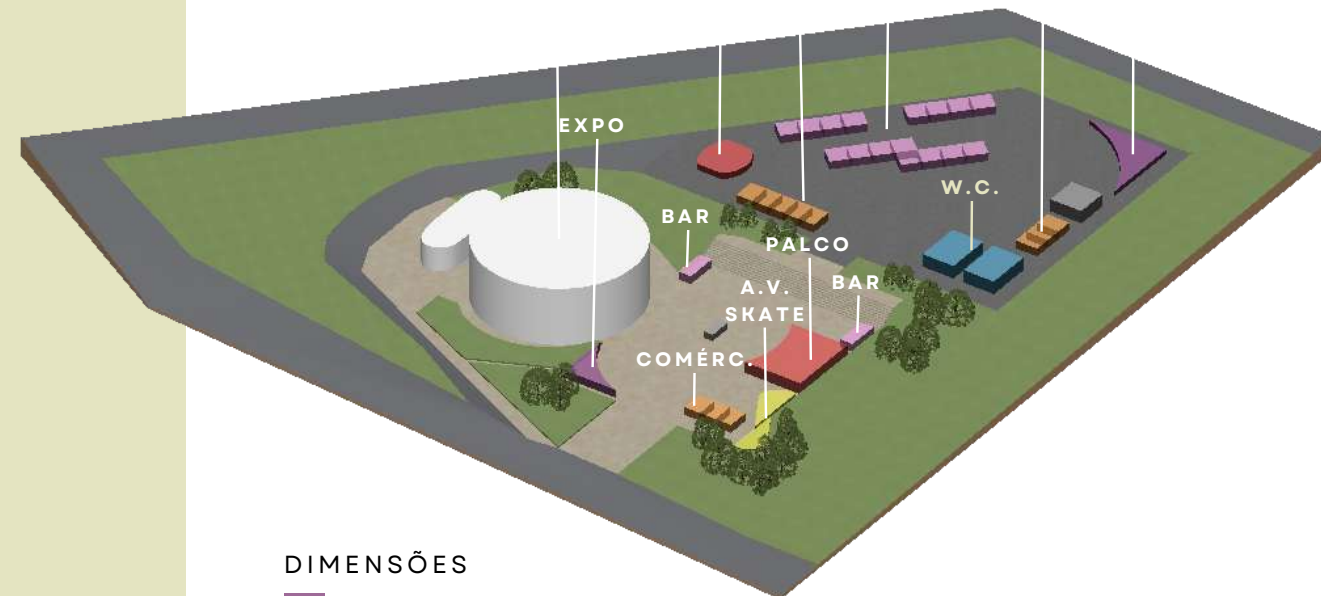
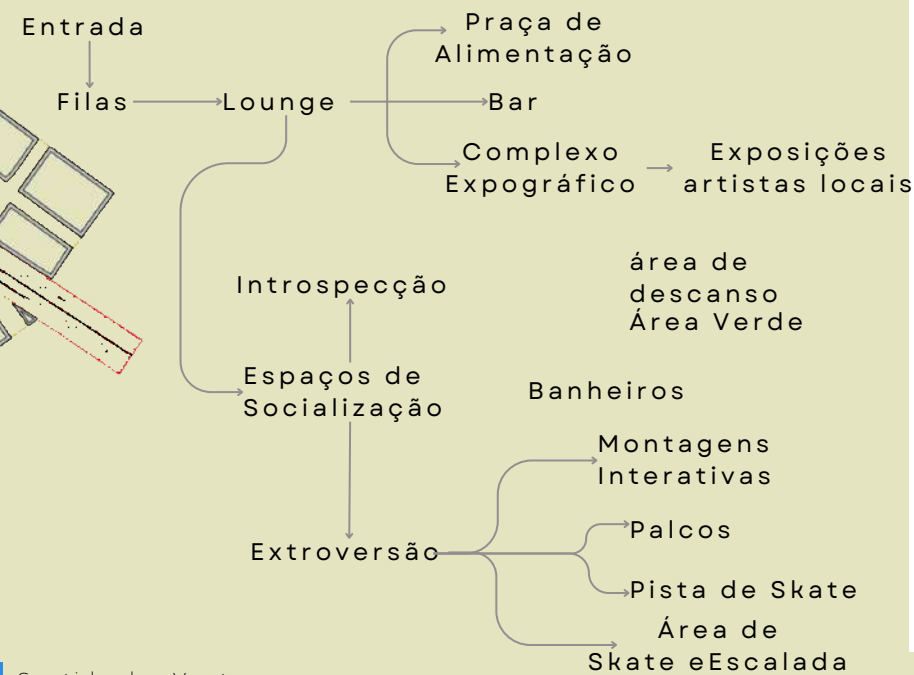


Mapa de Situação
1:20000



Mapa Síntese
1:10000

- Via Coletora
- Sentido dos Ventos
- Via Estrutural
- Pontos de Ônibus
- Percurso do Sol
- Fachadas Análise de Insolação



DIMENSÕES

- Social
- Performances
- Comercial
- Atividades

ÁREAS ÚTEIS

Esplanada: ~3.960m²
Estacionamento: 8.360m²

PROGRAMA PRELIMINAR

- Praça de Alimentação
- Bar
- Foodtrucks/Tendas de Alimentação
- Espaço de Exposição
- Tendas Comerciais
- áreas de descanso
- Área verde
- Pista de Skate/Escalada /Slackline
- Palcos
- Banheiros
- House Mix



Croqui Implantação
s/escala

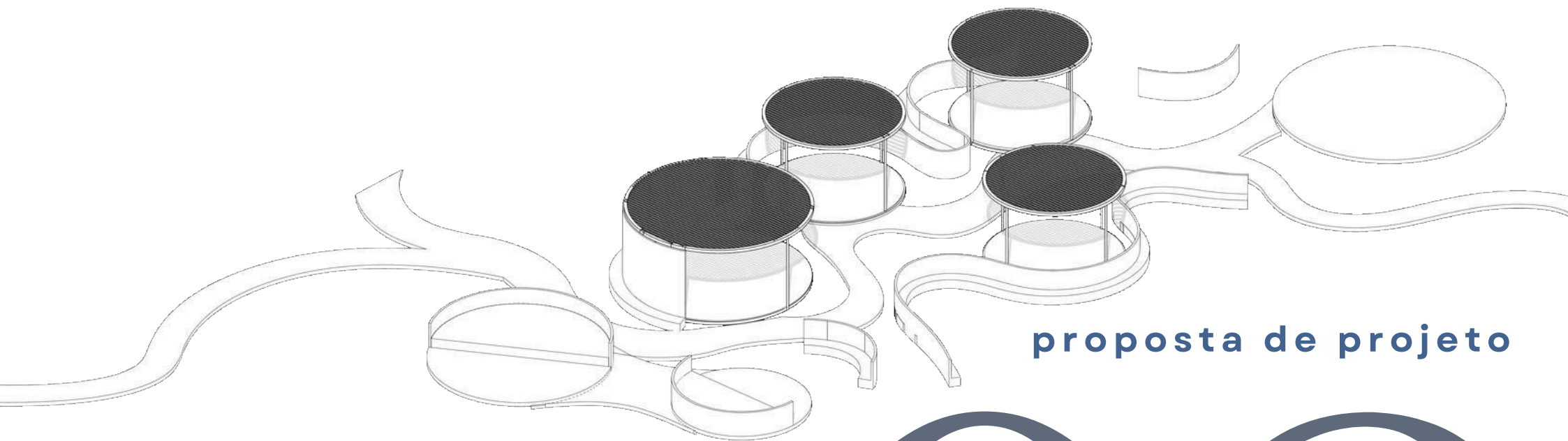
13/11

Escala Indicada
Uberlândia

ENTREGA PRELIMINAR - TCC/1

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Di Laurentiz
Orientanda: Maria Laura Vieira

ÚNI
CA



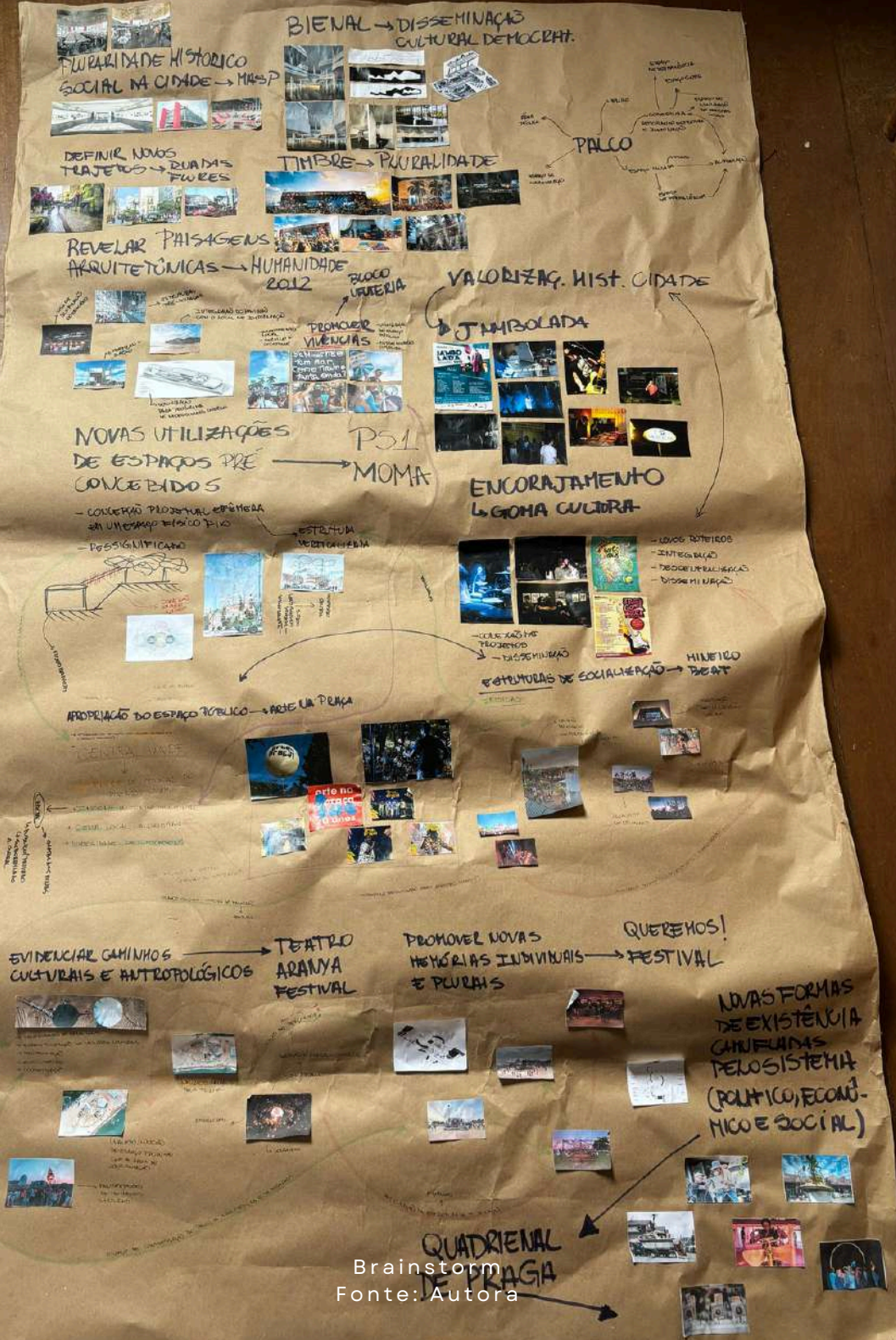
proposta de projeto



6.1 concepção

Para a segunda etapa de desenvolvimento projetual, traçou-se um percurso cujo objetivo seria traduzir os levantamentos teóricos realizados na primeira etapa da pesquisa, afim de criar um espaço que ressoasse com o contexto de Uberlândia, trazendo a memória pré-existente para o projeto.

Nesse sentido, a implantação conta com a locação de diversas estruturas efêmeras, partindo de um eixo com três protagonistas, o Pavilhão, a Rampa Central e o Palco Principal, que coexistem com as demais instalações, transportando o visitante a uma experiência completa durante o evento.



Brainstorm
 Fonte: Autora

PROCESSO CRIATIVO

A resolução formal do projeto se deu a partir de estudos referenciais de formas e locação no terreno escolhido. Para tanto, foram selecionados projetos e estudos de forma para o início de concepção.

BIENAL → DISS
CULTO

PLURALIDADE HISTÓRICA
SOCIAL NA CIDADE → MASP



BIENAL → DISS
CULTO



DEFINIR NOVOS
TRAJETOS → RUAS DAS
FLORES



TIMBRE → PLURAL



REVELAR PAISAGENS
ARQUITETÔNICAS → HUMANIDADE
2012

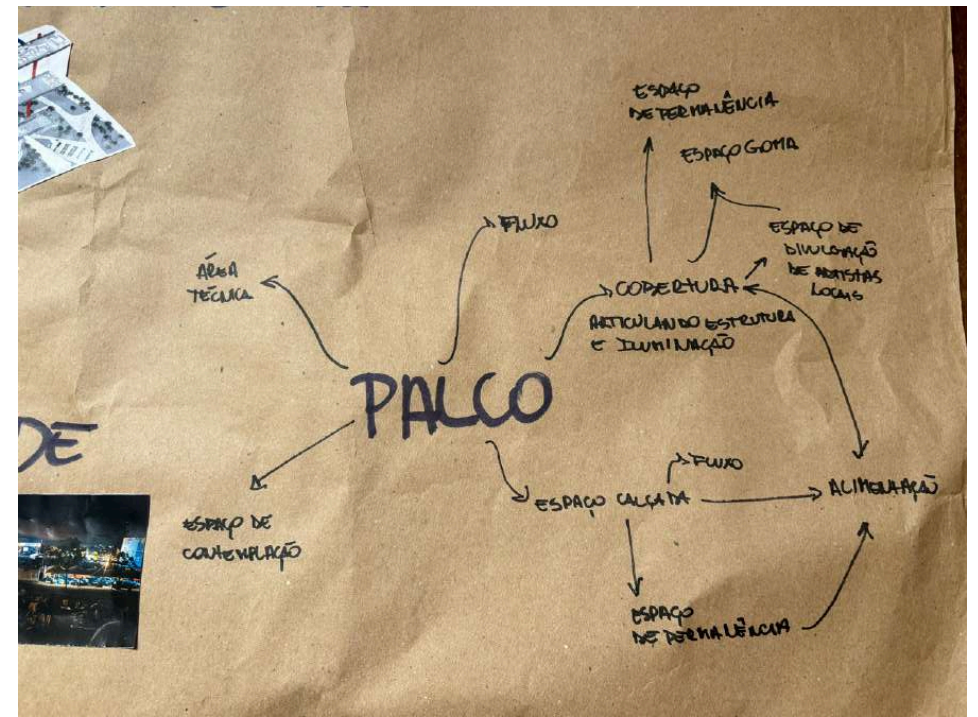


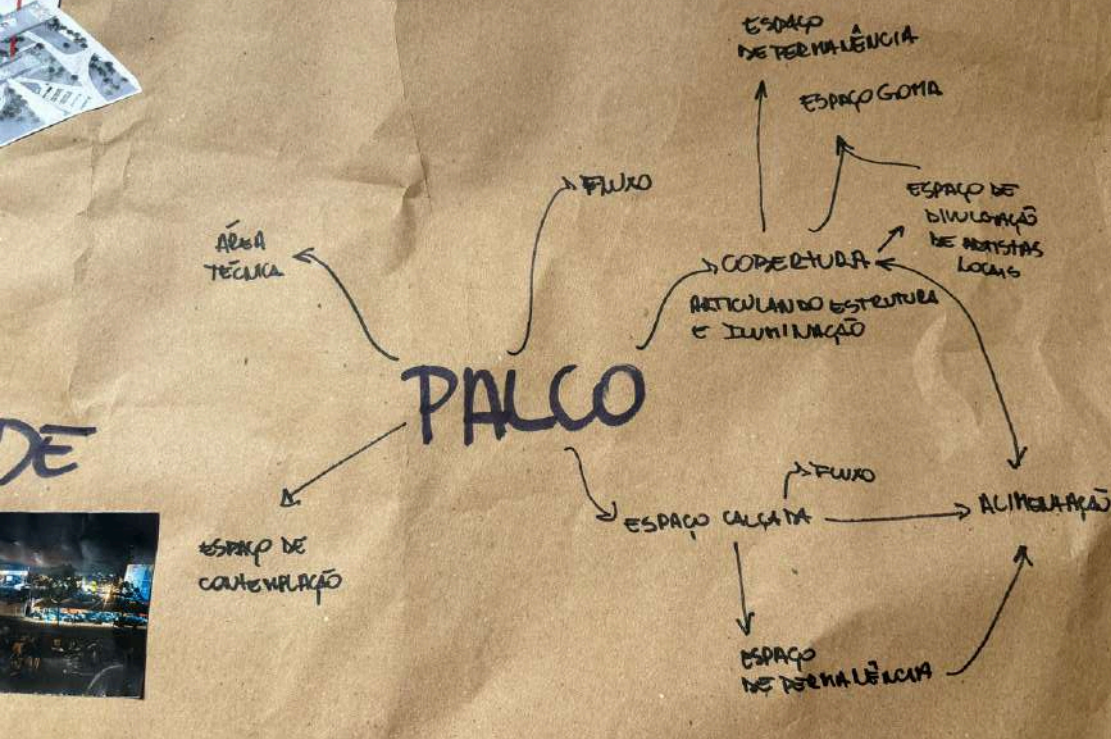
PROMOVER
VIVÊNCIAS

Se Minas não
tem Mar,
Como tiramos
tanta onda?

NOVAS UTILIZAÇÕES
DE ESPAÇOS PRÉ
CONCEBIDOS

PS1
MOMA





REVELAR PAISAGENS ARQUITETÔNICAS → HUMANIDADE 2012

BLOCO UTERIA

PROMOVER VIVÊNCIAS

VALORIZAÇÃO HIST. CIDADE

JAMBOLADA

ENCORAJAMENTO GOMA CULTURA

- NOVOS ROTEIROS
- INTEGRAÇÃO
- DESCENTRALIZAÇÃO
- DISSIMINAÇÃO

NOVAS UTILIZAÇÕES DE ESPAÇOS PRÉ CONCEBIDOS

PS1 MOMA

- CONCEPÇÃO PROJETUAL EFÊMERA EM UM ESPAÇO FÍSICO FIXO
- POSSIGNIFICANO

ESTRUTURA VERTICALIZADA

ENCORAJAMENTO GOMA CULTURA

- NOVOS ROTEIROS
- INTEGRAÇÃO
- DESCENTRALIZAÇÃO
- DISSIMINAÇÃO

ESTRUTURAS DE SOCIALIZAÇÃO → MINISTRO BEAT

CONEXÃO DE PROJETOS - DISSIMINAÇÃO

APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO → ARTE NA PRAÇA

CENTRALIDADE

ARTE NA PRAÇA 20 ANOS

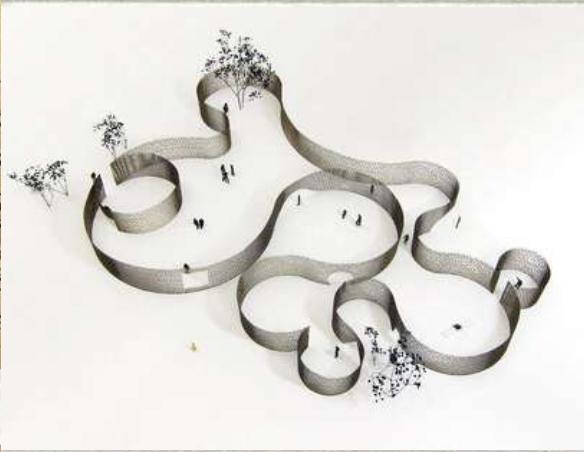
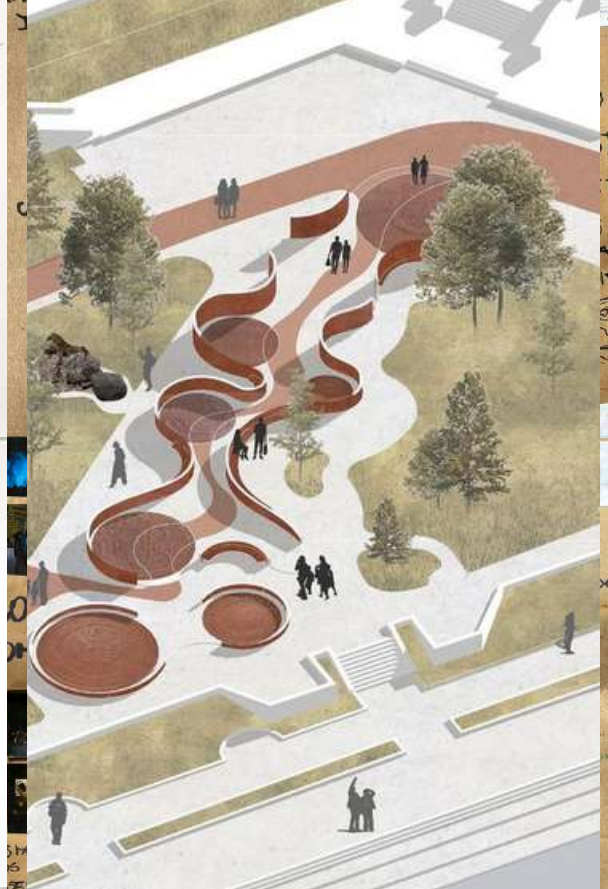
APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO → ARTE NA PRAÇA

TEATRO ARANYA FESTIVAL

PROMOVER NOVAS MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E PURAIS

QUEREMOS! FESTIVAL

NOVAS FORMAS DE EXISTÊNCIA CRIATIVAS PELOS SISTEMAS (POLÍTICO, ECONÔMICO E SOCIAL)



NOVA DE E. CONC
 - CONCEPT
 - POSSIBIL

NOVOS ROTERIOS
 INTEGRAÇÃO
 DECENTRALIZAÇÃO
 DISSEMINAÇÃO

RETO
 AT

“Temporary Pavilion in the King’s Garden”
 Fonte: Team F&B

Monethaya fabrica São Petesburgo, Rússia
 Fonte: dar architect

TEATRO ARANYA the Other Festivals
 PROMOVER NOVAS FORMAS DE EXISTÊNCIA
 QUEREMOS! FESTIVAL

APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO
 CENTRALIDADE
 EVIDENCIAR GANHOS NATURAIS E ANTROPOLÓGICOS
 TEATRO ARANYA the Other Festivals
 PROMOVER NOVAS FORMAS DE EXISTÊNCIA
 QUEREMOS! FESTIVAL
 NOVAS FORMAS DE EXISTÊNCIA
 GANHOS NATURAIS E ANTROPOLÓGICOS
 (POLÍTICO, ECONÔMICO E SOCIAL)

OBJETIVOS GERAIS

Desenvolver a proposta de um projeto cenográfico para o festival Timbre, que potencialize as dinâmicas urbanas através da valorização das ideias culturais que a cidade explora na cena local

JUSTIFICATIVA

A escolha do tema se deu a partir da necessidade de documentação e consequente propagação do histórico da cena cultural independente da cidade. Partindo do princípio que o avanço deve contemplar toda base pré-existente, compreendeu-se pertinente trazer elucidação aos festivais que modelaram essa cena na cidade de Uberlândia. Nesse sentido, estuda-se também quais os impactos positivos da propagação cultural democrática e da utilização da mesma como fator de regeneração urbana, resultando na reelaboração de dinâmicas que contemplam a população e sua relação com a cidade. Além disso, a pesquisa busca relacionar a análise das dinâmicas com um programa que contemple as necessidades de um público geral amplo e diverso, explorando as ferramentas necessárias para uma proposta cenográfica com uma espacialização facilitadora de encontros e sinônimo de um espaço habitado, visitado e explorado.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para tanto, a pesquisa desenvolve as seguintes vertentes:

- Analisar o histórico de festivais independentes na cidade desde o início dos anos 2000
- Investigar o engajamento da população para com a realização desses festivais
- Verificar os impactos diretos e indiretos da ocorrência dos eventos na cidade (análise da dinâmica urbana)
- Fazer um estudo sobre as propostas de espacialização que são utilizadas nesses eventos
- Analisar os programas que esses festivais contemplam
- Destrinchar as estruturas efêmeras utilizadas no espaço cenográfico
- Realizar uma proposta cenográfica a partir do Festival Timbre baseada no levantamento desenvolvido na pesquisa

NARRATIVA

NARRATIVA

Para o desenvolvimento do programa do festival, primeiro foi definido o que o mesmo transmitiria. Na etapa do brainstorm, levantou-se aspectos formais, narrativas e apropriações que dariam mais do que sentido, mas identidade a esse evento.

A ideia é que as propostas se justifiquem pelas vivências do indivíduo, trazendo singularidade ao coletivo. A narrativa se desdobra pela apropriação da história da cidade, com espaços idealizados a partir dos programas pré-existentes de festivais que fizeram parte da construção da cena local.

PREMISSAS DE PROJETO

Arte na Praça	→	apropriação do espaço público
Mineiro Beat	→	estruturas de socialização
Jambolada	→	valorização do histórico da cidade
Goma Cultura	→	encorajamento
Timbre	→	pluralidade
Bienal	→	disseminação cultural democrática
teatro aranya	→	evidenciar caminhos culturais e antropológicos
PS1 MOMA	→	novas utilizações de espaços pré concebidos
MASP	→	reverberar a pluralidade histórica e social da cidade
Rua das Flores	→	definir trajetos
Bloco Ufuteria	→	Promover vivências
Humanidade 2012	→	revelar paisagens arquitetônicas
Quadrienal de Praga	→	Estabelecer novas formas de existência não camufladas pelo sistema político, econômico e social já existente
Queremos!	→	Promover novas memórias individuais e plurais

PREMISSAS DE PROJETO

Arte na Praça → apropriação do espaço público → ÁREA DE DESCANSO

A inspiração do Festival Arte na Praça no projeto surge da concepção de um ambiente para relaxamento, diversão e aproveitamento do espaço público. No projeto, essa visão se materializa através de um espaço projetado com mobiliário descontraído, quiosques de bar e uma opção confortável para assistir aos shows disponíveis. Um lounge é criado, refletindo a ideia de uma praça interna para o festival.

Mineiro Beat → estruturas de socialização → ÁREA DINÂMICA

O Festival Mineiro Beat chamou a atenção ao propor atividades e meios de socialização, além das atrações, em sua organização. Assim, no projeto, sua influência se reflete na concepção de um espaço para a prática de atividades já presentes na dinâmica urbana do Teatro Municipal de Uberlândia. O mobiliário proposto busca incentivar essa prática, enquanto a distribuição de stands comerciais remete aos comércios locais que se desdobram caracteristicamente no espaço.

Goma Cultura → encorajamento → STAND GOMA CULTURA

O GOMA Cultura Livre era um espaço dedicado ao estímulo da criatividade e à discussão sobre a produção cultural, destacando-se na comunidade local pela organização de eventos e pela promoção de novos talentos. Com base nessa essência, concebeu-se um espaço que encarnasse esses princípios de forma tangível, visando impulsionar a cena artística local. Mais do que palavras, acreditava-se na importância de oferecer espaço e apoio aos artistas locais, inspirando assim a criação do espaço GOMA.

Bienal → efemeridade → PAVILHÃO INTINERANTE

O projeto expográfico parte da ideia de criar um ambiente estranhamente familiar por meio de estruturas efêmeras. Isso implica na introdução de novas formas e espaços que modificam a experiência das pessoas em um local cuja dinâmica já está estabelecida, mas mantendo uma linguagem formal que se harmoniza com o ambiente. Além disso, a proposta de um pavilhão itinerante, inspirado nas características do Teatro Municipal, resgata o sentido de efemeridade e rotatividade, sendo concebido para ser montado e desmontado em diversas localidades da cidade após o festival.

Timbre → pluralidade → OBJETO DE ESTUDO

O Festival Timbre é um marco na dinâmica cultural de Uberlândia, e por essa razão, foi selecionado como foco deste projeto. A abordagem antropológica do Timbre parte do princípio da interação e troca, a tradução disso no projeto se dá por meio de um evento com um programa diverso, atendendo às distintas necessidades e particularidades do público presente.

6.2 conceituação

O conceito do festival é o diálogo do presente e do passado como fator de impulsionamento para uma construção próspera da cena local.

A proposta de cenografia e ambientação do espaço tem como inspiração a linguagem do Teatro Municipal de Uberlândia, conhecido por sua forma circular e apropriações características. Nesse sentido, as formas exploradas no projeto propõem um diálogo com a edificação através de traços orgânicos e harmônicos, enquanto as cores se ocupam de trazer o fator de impacto e identidade do conjunto.

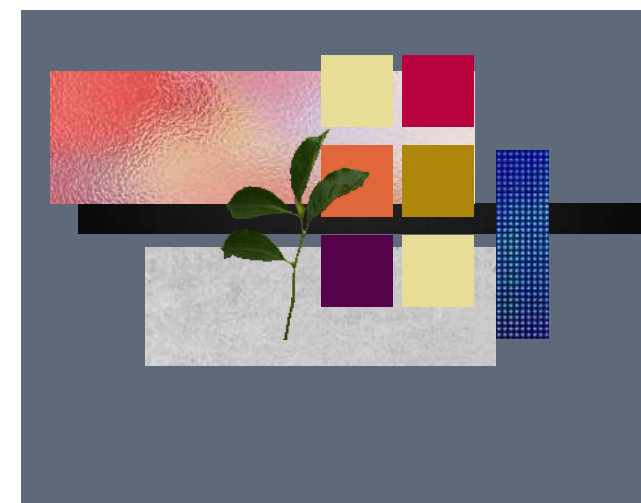
A premissa é respeitar o espaço e utilizar-se de recursos temporários que propiciem a relação de estranho familiar para os visitantes. A paleta de cores foi definida a partir da saturação das cores do Cerrado, bioma em que se localiza a cidade de Uberlândia.

A apropriação e enaltecimento da cultura local também se apresenta na curadoria de artistas da cidade que compõem as exposições e intervenções, buscando divulgar e disseminar os mesmos, impulsionando a dinâmica cultural da cidade e o alcance artístico.

FESTIVAL AL TIMBRE

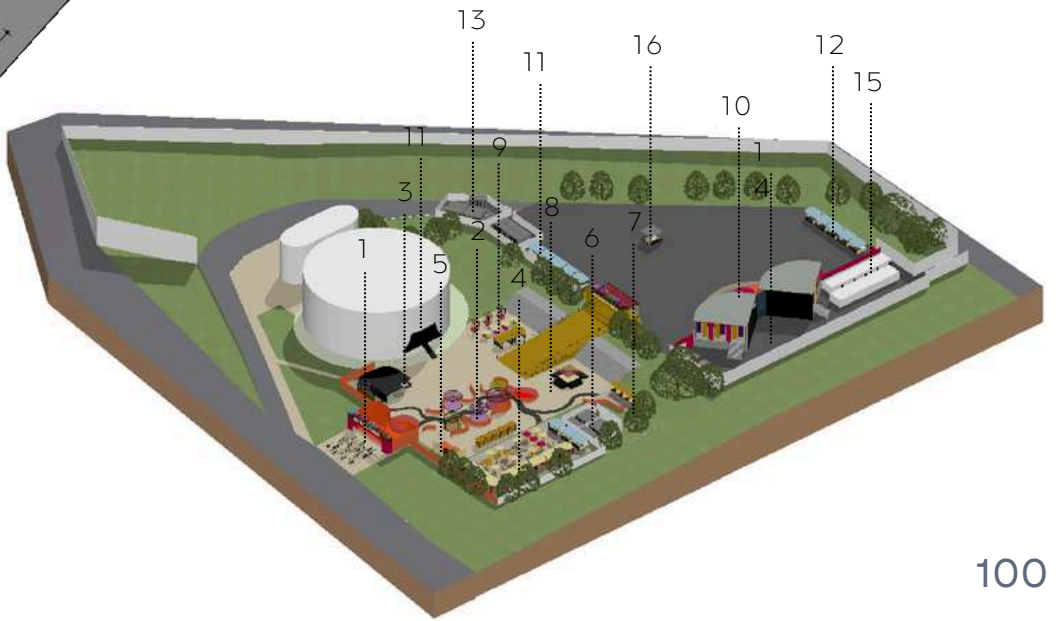
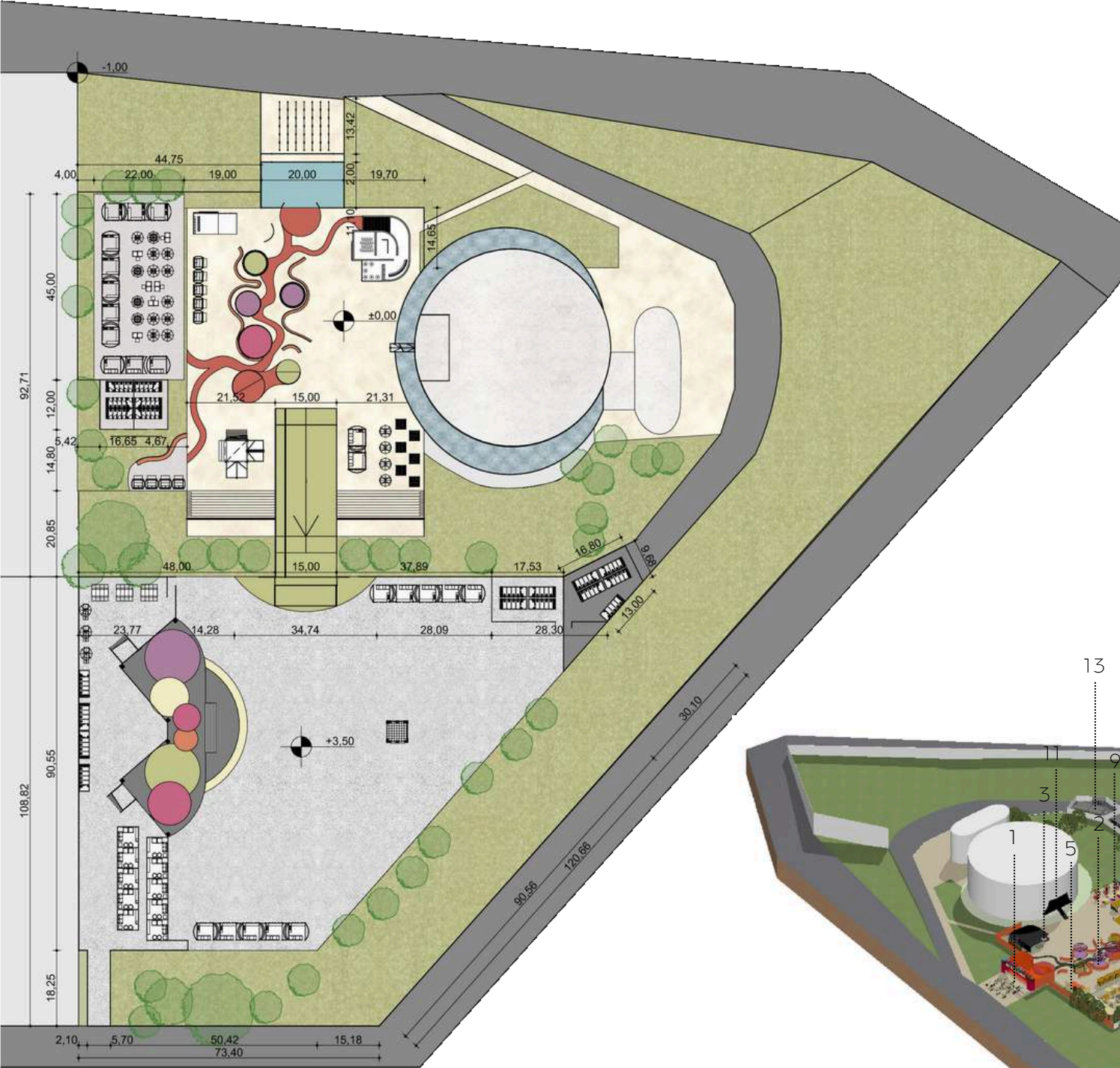


6.3 programa



Implantação

- 1 - Entrada Principal
- 2 - Pavilhão Intinerante
- 3 - Espaço Goma Cultura
- 4 - Praça de Alimentação
- 5 - Timbre Social
- 6 - Banheiros Inferiores
- 7 - Feira Livre
- 8 - Espaço Dinâmico
- 9 - Espaço de Descanso
- 10 - Palco Esplanada
- 11- Palco Teatro
- 12 - Bares
- 13 - Banheiros Superiores
- 14 - Área Técnica
- 15 - Camarins
- 16 - Casa de Mixagem



Planta de Implantação
1:1000



ENTRADAS

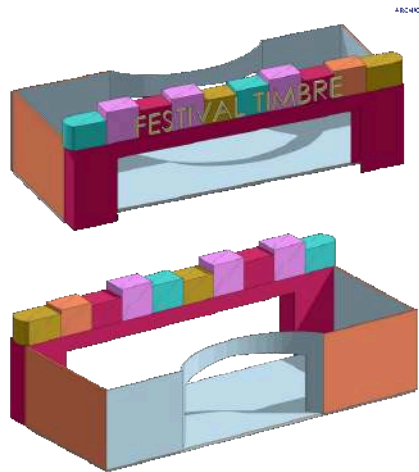


fig.101: Entrada Principal

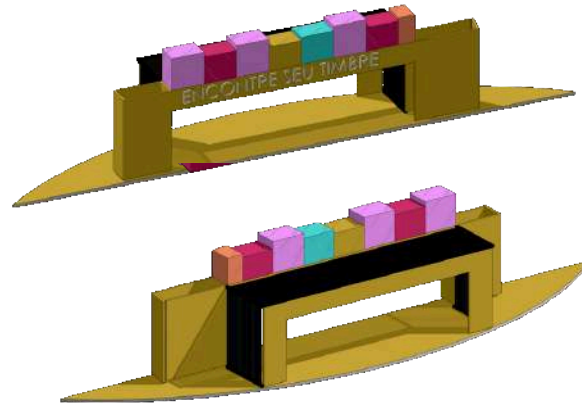
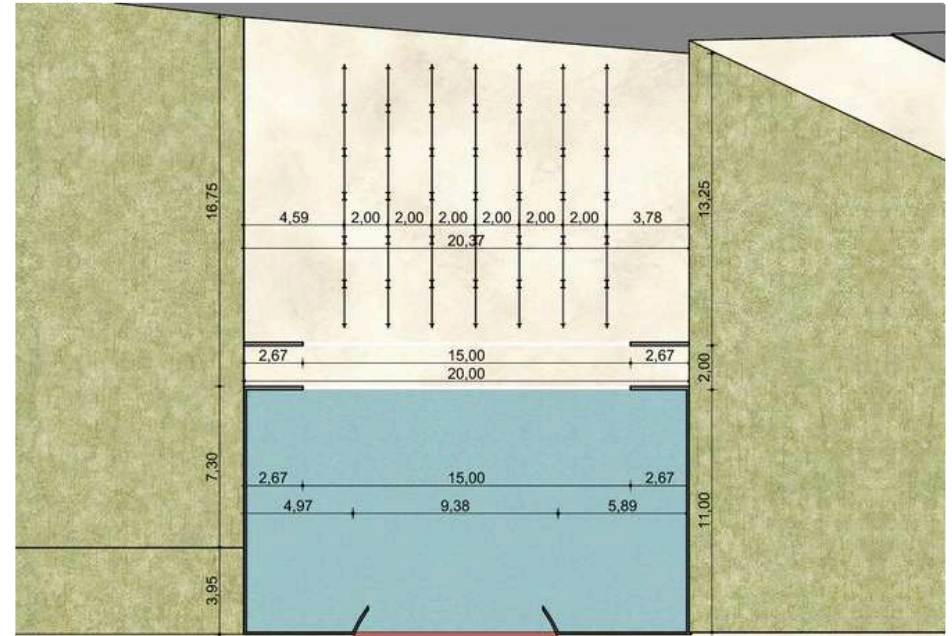
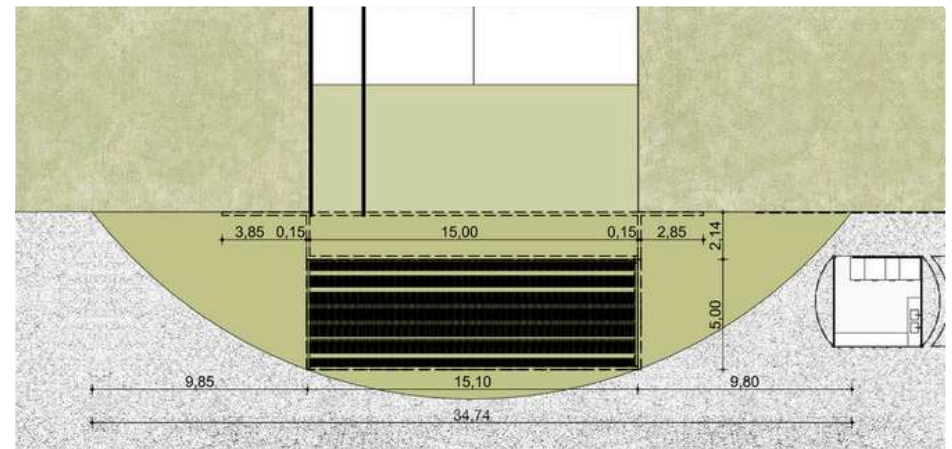


fig.102: Entrada Palco Principal

A entrada do festival e a Entrada do palco principal são estruturas em formato de pórtico, com as cores, nome e slogan do evento. A entrada principal trás a proposta de imergir o visitante em uma caixa completamente pintada, que o conduz diretamente ao pavilhão, enquanto a entrada do palco principal utiliza-se de uma cobertura de fios de PVC colorido, criando efeitos visuais conforme o posicionamento do sol durante o dia.

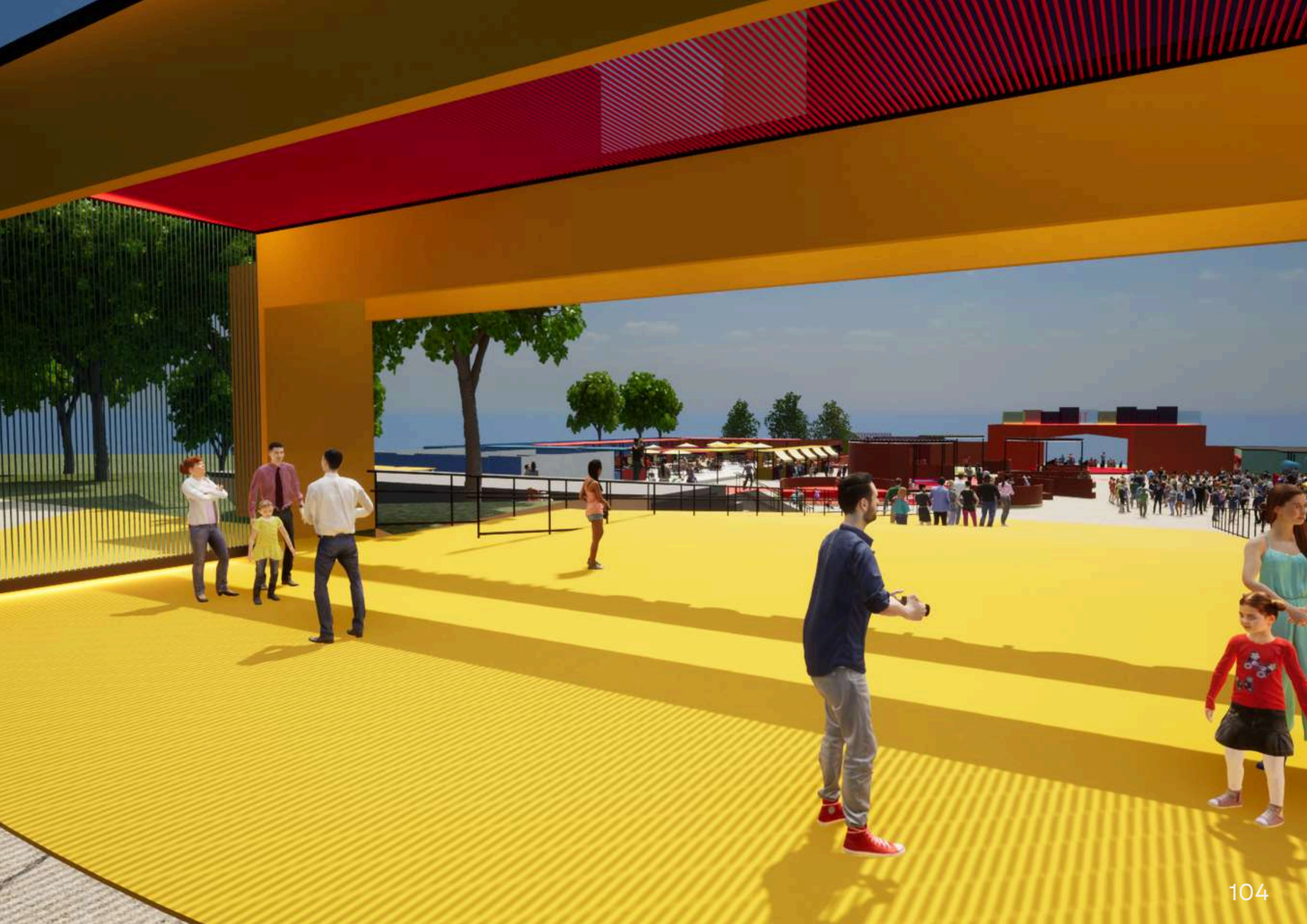


Ampliação Entrada Principal
1:250



Ampliação Entrada Palco Principal
1:250





PERS

PEO

VAS



Fig. 103: Indicação de alturas

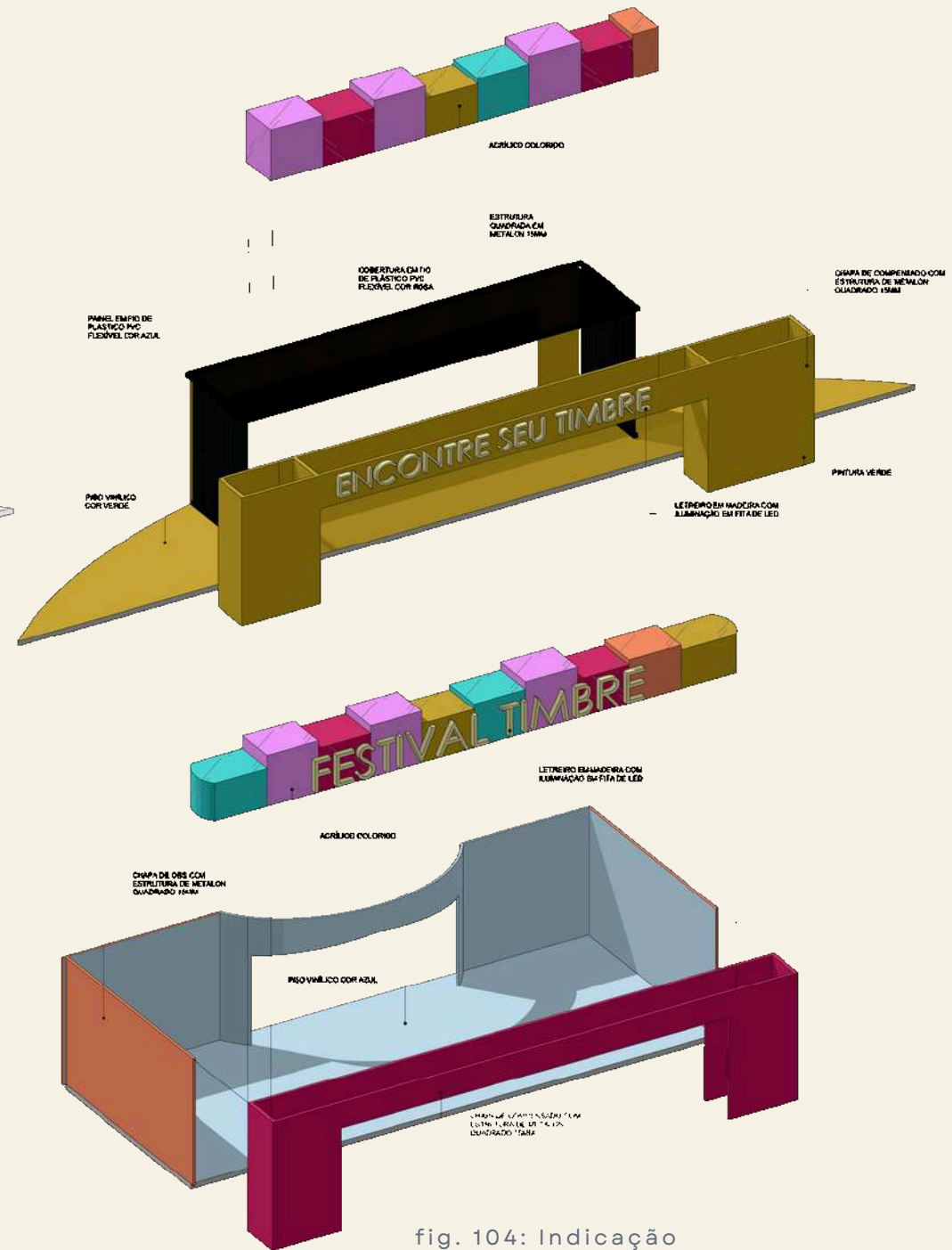


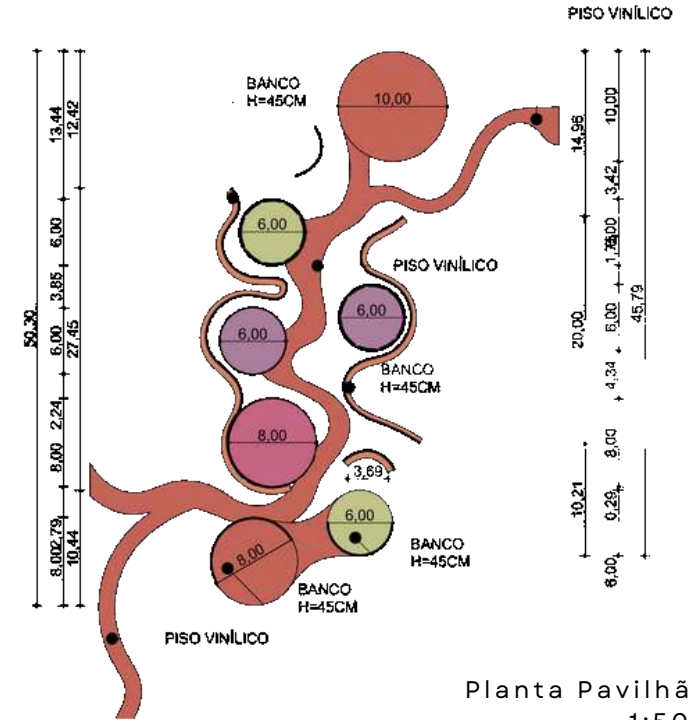
fig. 104: Indicação de Materiais

PAVILHÃO INTINERANTE

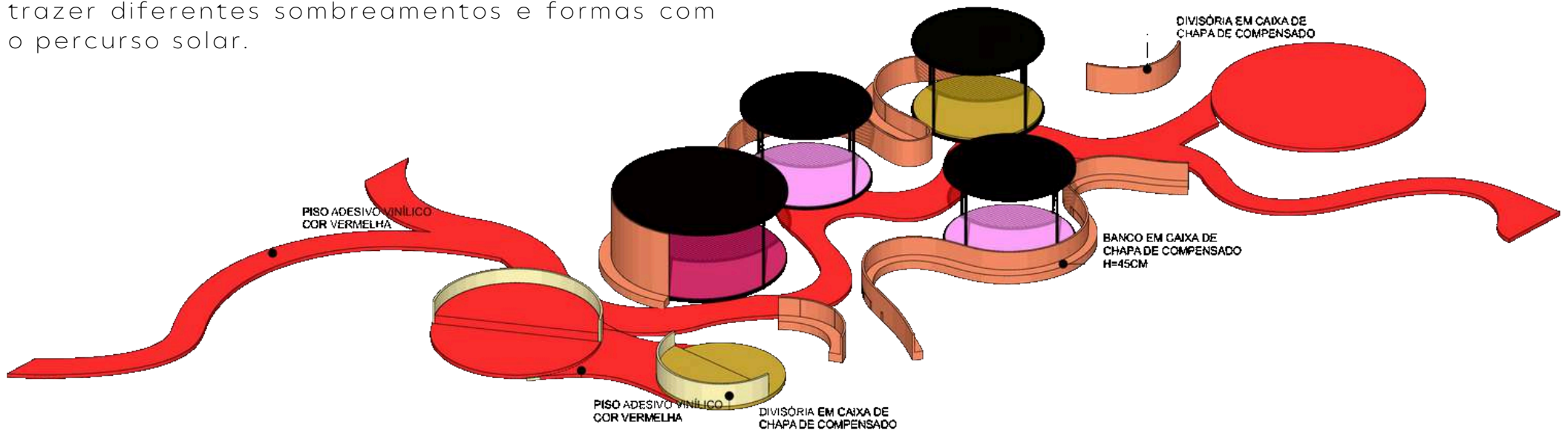
O coração do projeto cenográfico desse festival se dá pela construção de um Pavilhão que se estende por toda esplanada do teatro municipal, conduzindo o visitante desde a entrada até as diversas áreas do programa.

O mesmo foi desenvolvido a partir de sete módulos circulares de diferentes diâmetros que buscam conversar com as formas do teatro.

A materialidade foi decidida com o intuito de trazer diferentes sombreamentos e formas com o percurso solar.



Planta Pavilhão
1:500









mobiliário

além dos percursos e dos módulos principais, o pavilhão é circundado por bancos em formatos orgânicos posicionados de forma a contemplarem o palco Esplanada, os quiosques bar e funcionando também como espaços de socialização. Todo mobiliário foi desenvolvido através de chapas de compensado e estrutura em metalon.



ENCONTRE SEU TIMBRE

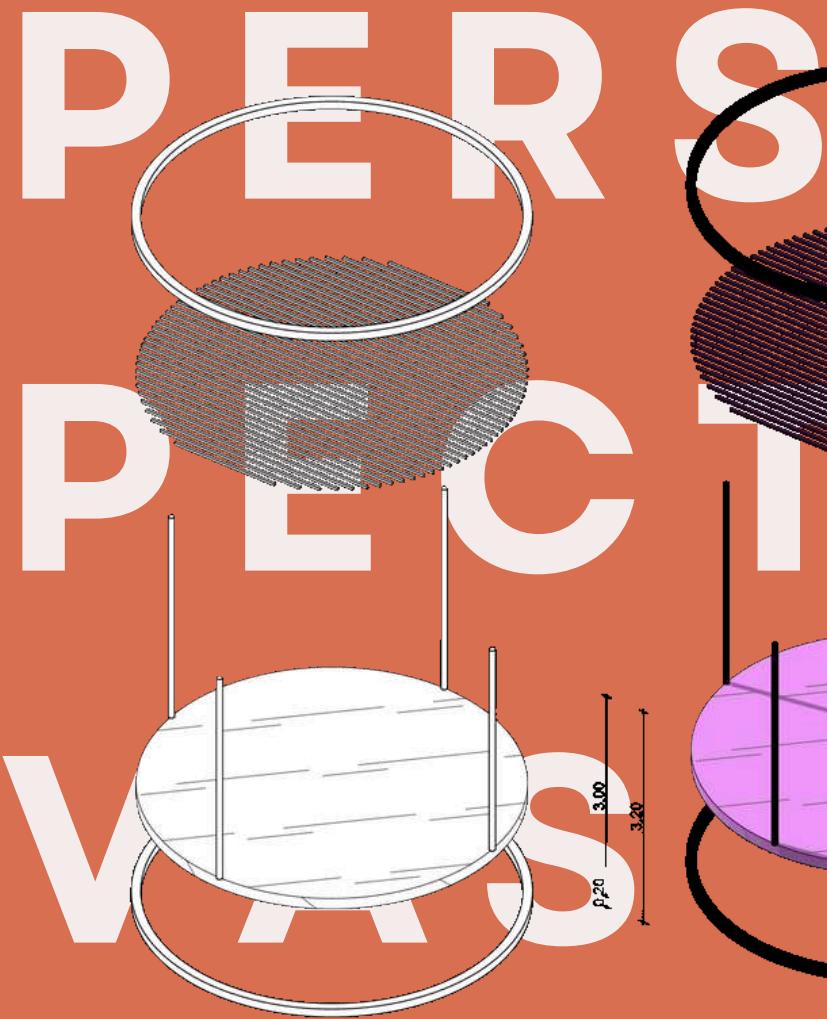
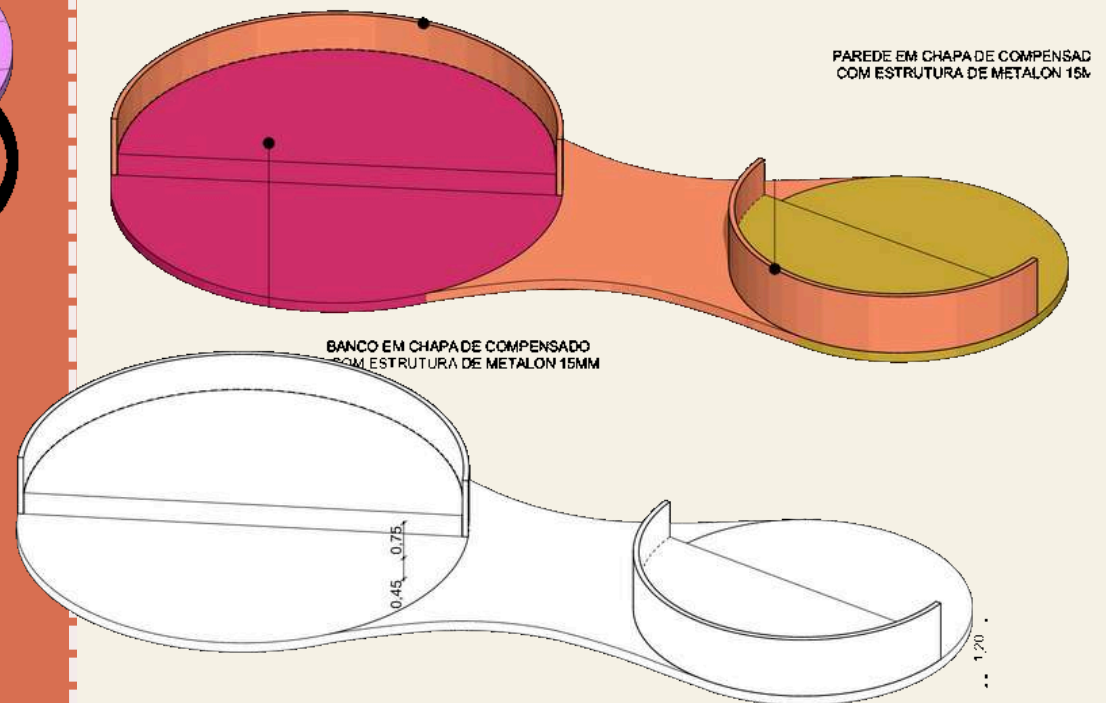


Fig.105: Detalhe estrutura
Módulo Pavilhão

ESTRUTURA EM METALON
QUADRADO 15MM

COBERTURA EM FIO PVC
COLORIDO 7MM TENSIONADO

PISO EM ACRÍLICO COLORIDO
ESTRUTURA EM METALON
QUADRADO 15MM



PAREDE EM CHAPA DE COMPENSADO
COM ESTRUTURA DE METALON 15M

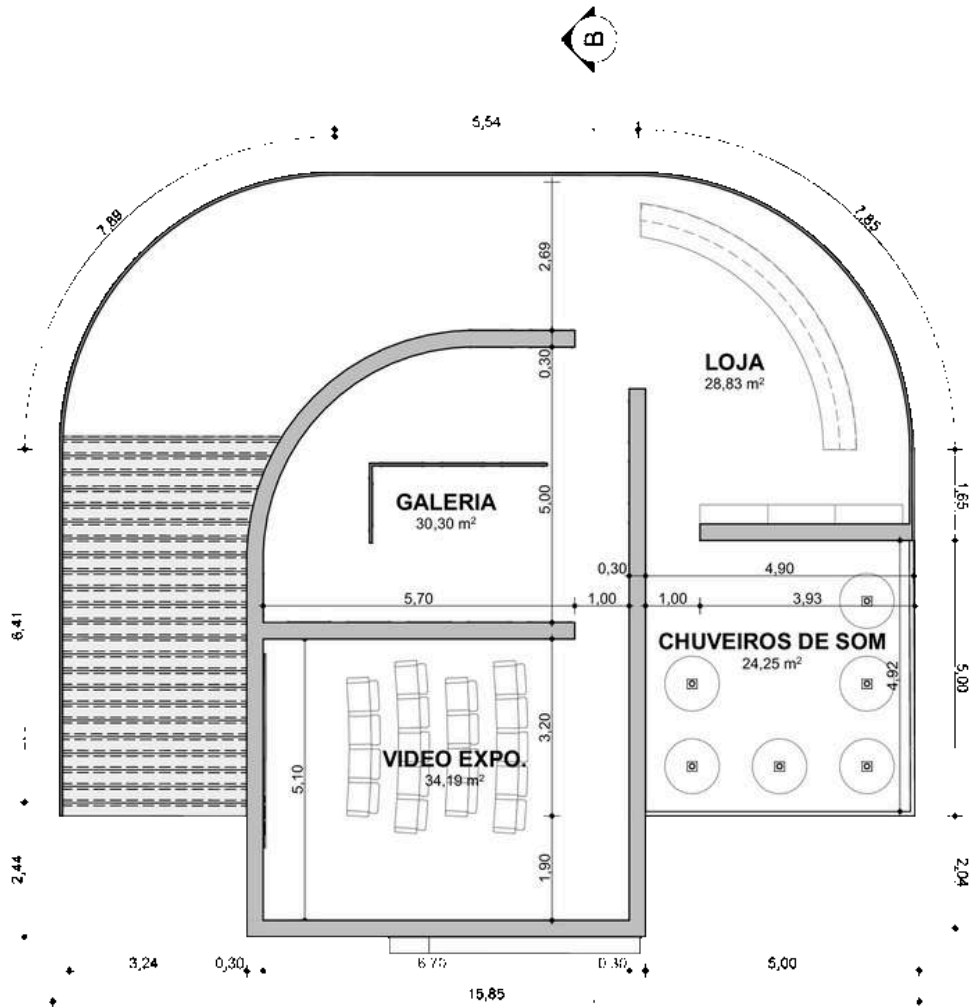
BANCO EM CHAPA DE COMPENSADO
COM ESTRUTURA DE METALON 15MM

Fig.106: Detalhe Banco
Pavilhão

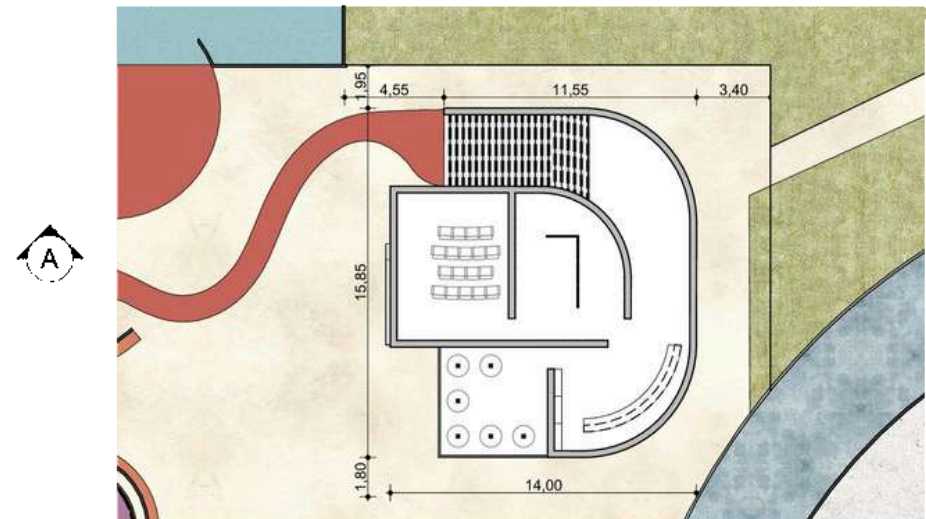
O espaço Goma trata-se de um stand manifesto, nomeado em homenagem a um antigo festival e movimento cultural da cidade de Uberlândia.

ESPAÇO GOMA CULTURA

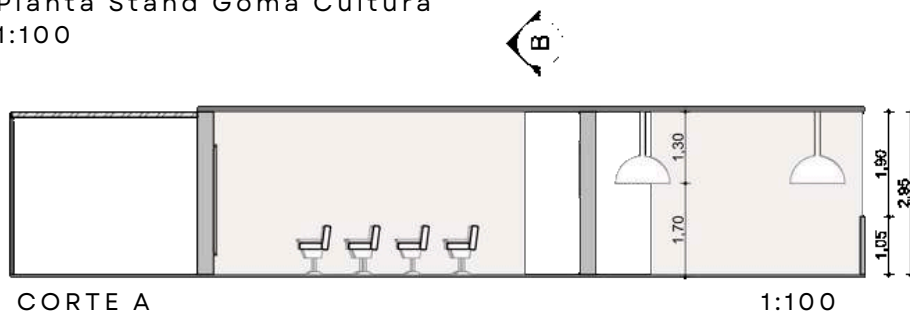
Nesse espaço encontramos uma galeria com obras de artistas locais, um espaço para video exposições que contam com registros da cena cultural nos últimos anos, e uma área externa com chuveiros de som. Além disso, o espaço também conta com uma loja que permitiria a venda e consumo de produtos dos artistas locais.



Planta Stand Goma Cultura
1:100

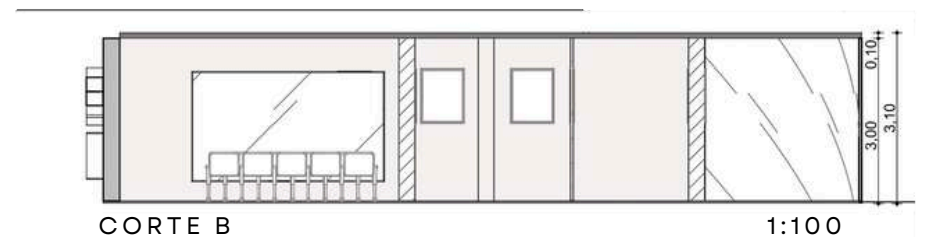


Ampliação Stand Goma Cultura
1:250



CORTE A

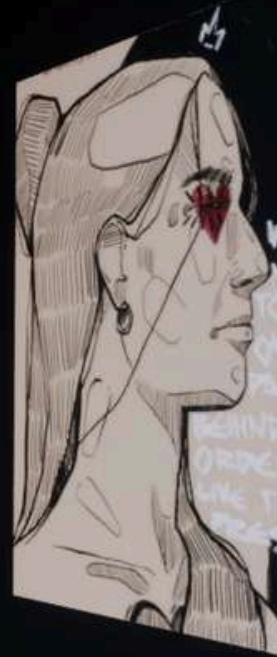
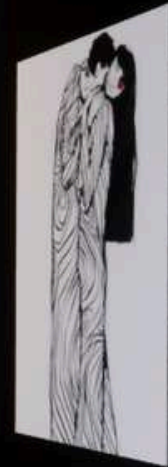
1:100

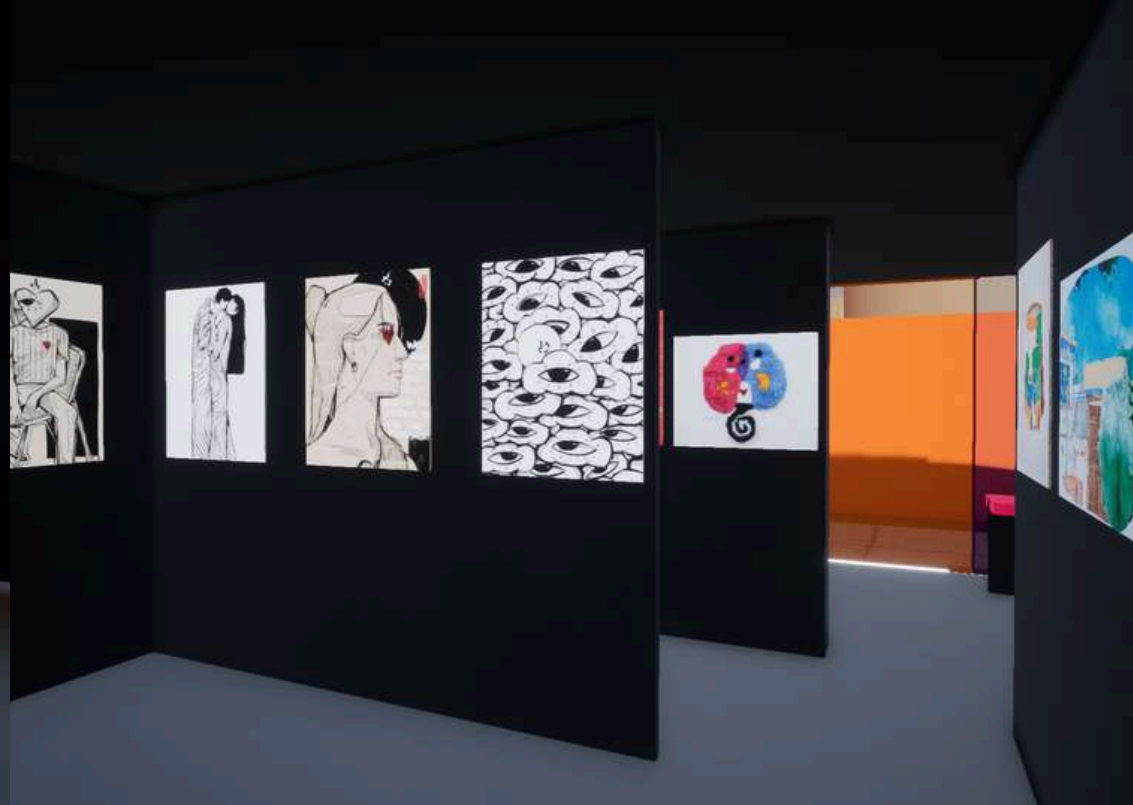


CORTE B

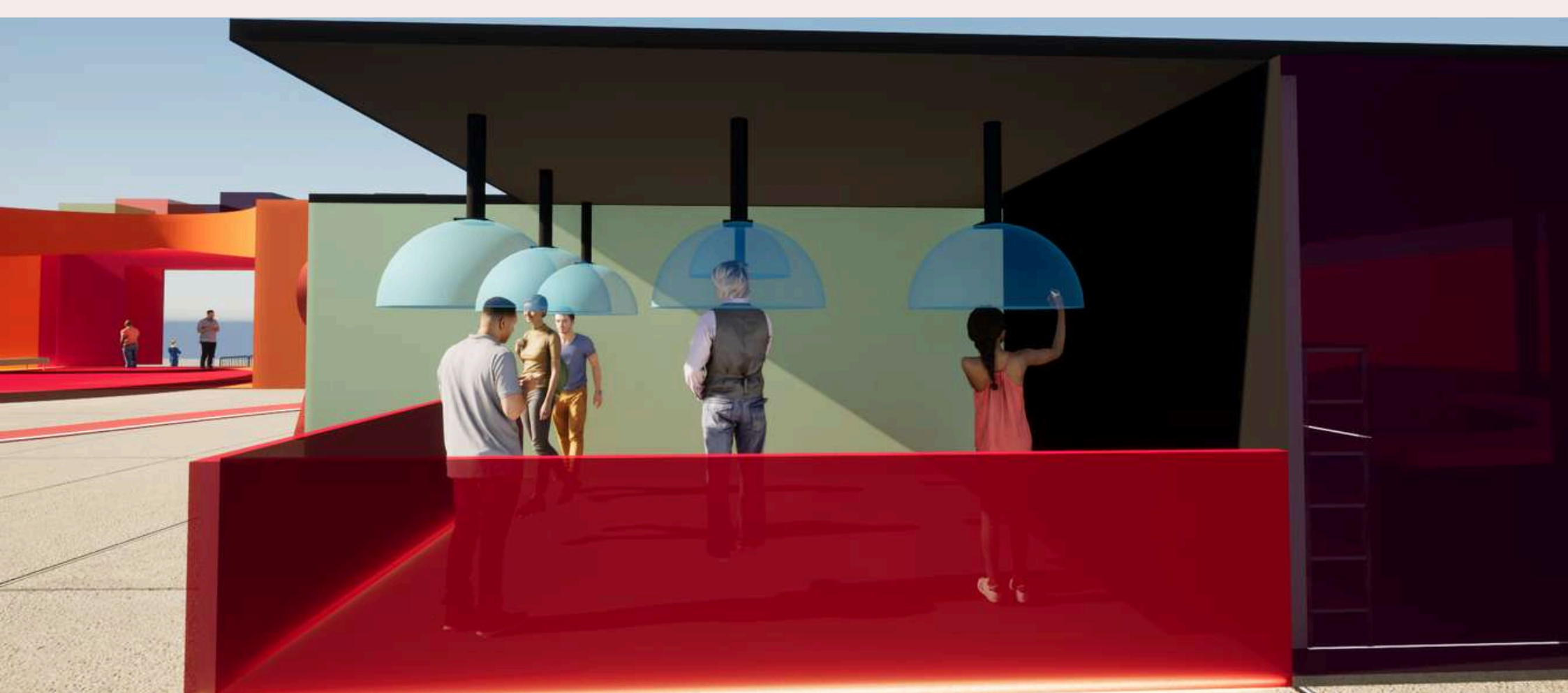
1:100

ESPAÇO GOMA









chuveiros de som

Os chuveiros de Som são artifícios cenográficos criados com o objetivo de trazer a experiência de uma exposição sonora mesmo em campo aberto. Através de uma caixa de som atrelada a uma cúpula o visitante pode escutar individualmente diferentes músicas, e especificamente nesse ambiente, músicas de artistas locais.

PERS

PECTI

VAS



Fig.107: Detalhe Chuveiro de Som

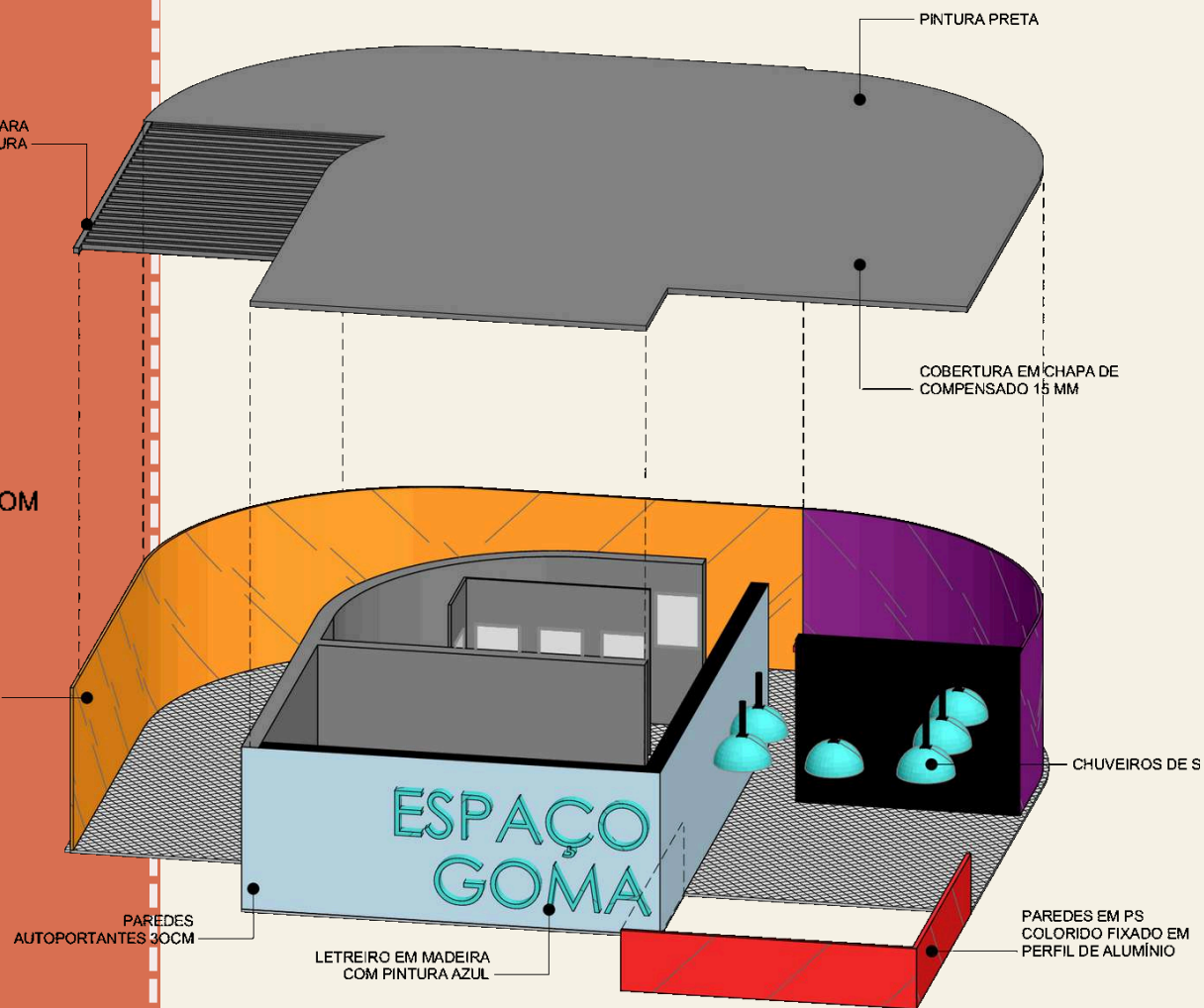
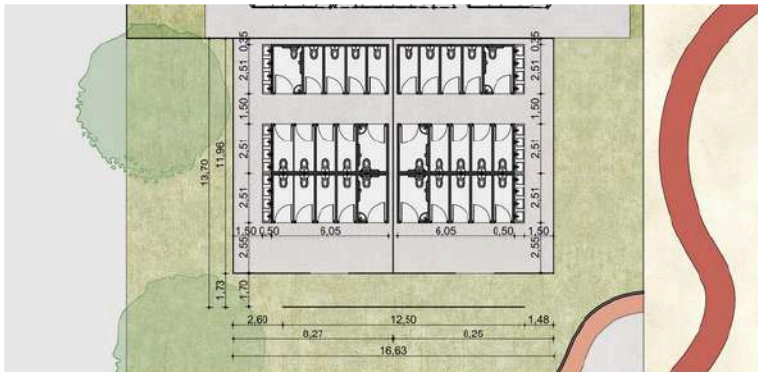
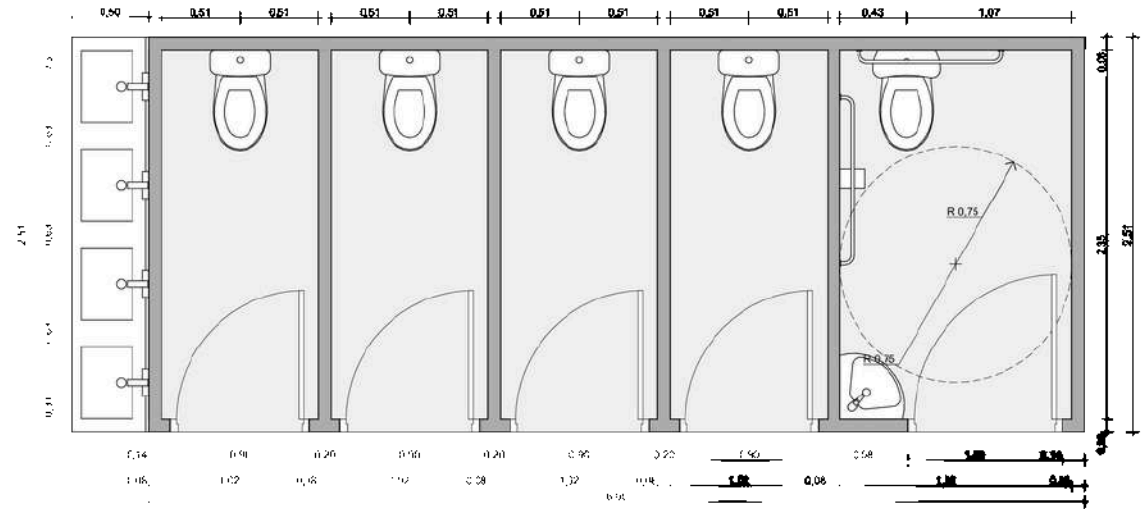


Fig.108: Indicação de Materiais

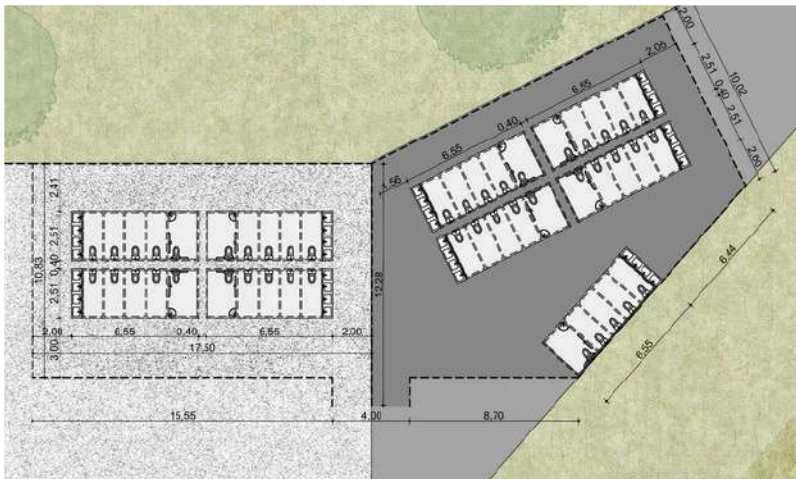
BANHEI- ROS



Ampliação Banheiros Inferiores
1:250



Planta Container Sanitários
1:100



Ampliação Banheiros Superiores
1:250

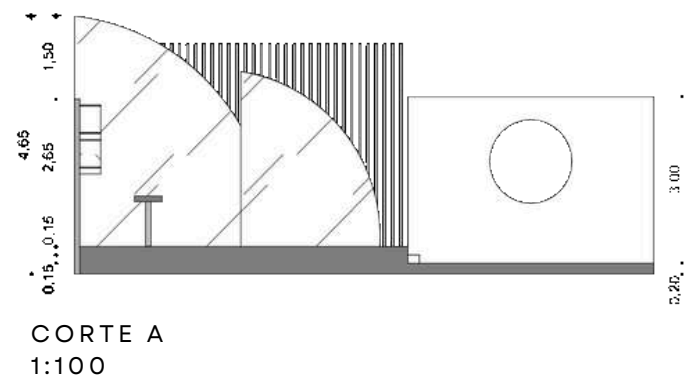
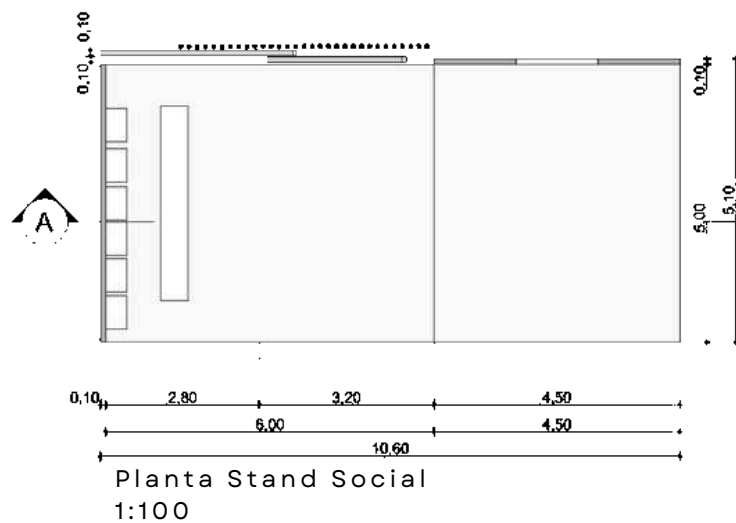
Para os banheiros, optou-se pela utilização de containers pré-moldados L60, que possibilitam a instalação de sanitários confortáveis.

Foram locados 80 banheiros, para um público estimado de 3500 pessoas por dia. Na esplanada do teatro localizam-se três containers no banheiro feminino e quatro no masculino, e na parte superior localizam-se quatro containers no banheiro masculino e cinco no feminino.



STAND TIMBRE SOCIAL

O Stand Timbre social trata-se de uma iniciativa de captação de verba para auxílio de movimentos sociais da cidade de Uberlândia.

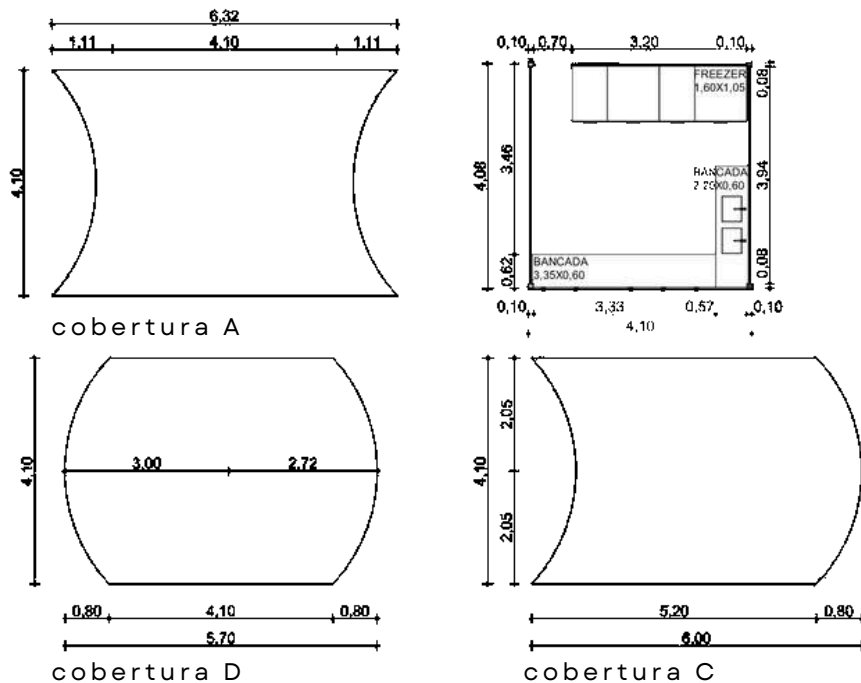


PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

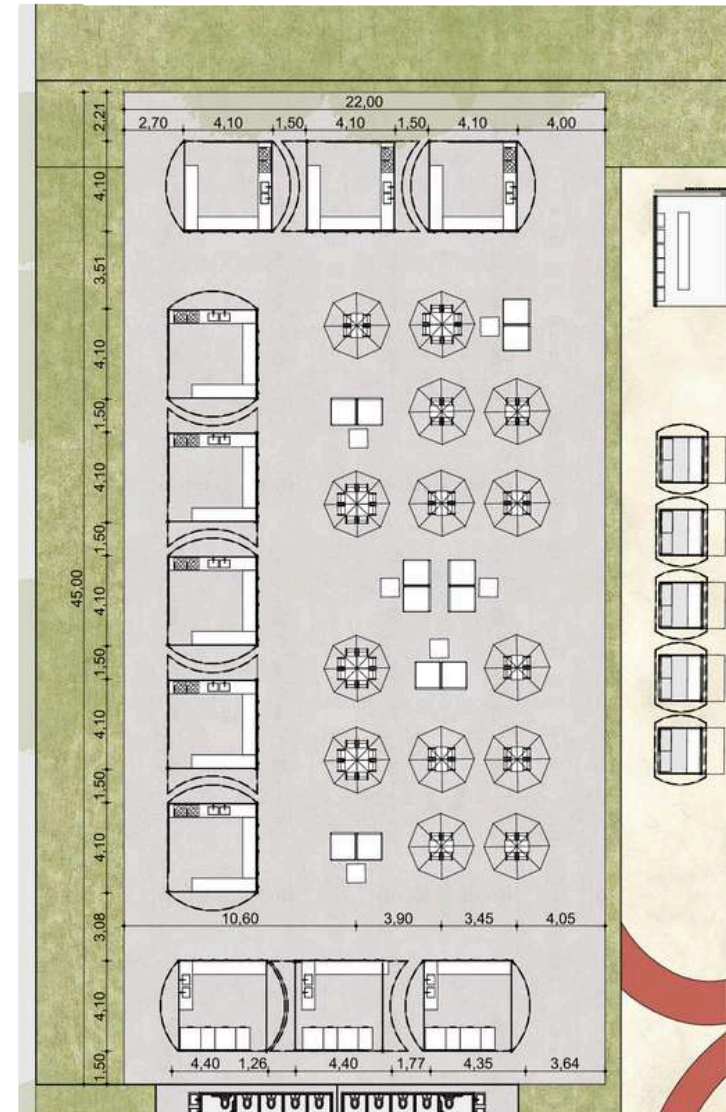
O festival conta com uma completa Praça de Alimentação, com stands padronizados prontos para receberem diversos estabelecimentos.

A diferenciação entre os mesmos se dá apenas por um jogo de coberturas que compõem cada ambiente.

Os quiosques bar possuem cobertura azul e os de alimentação possuem a cobertura rosa. Os mesmos são construídos a partir de chapas de compensado estruturados por perfis de metalon. A cobertura é uma caixa de compensado com a mesma estruturação com altura de 15cm, garantindo a possibilidade de instalações luminotécnicas.

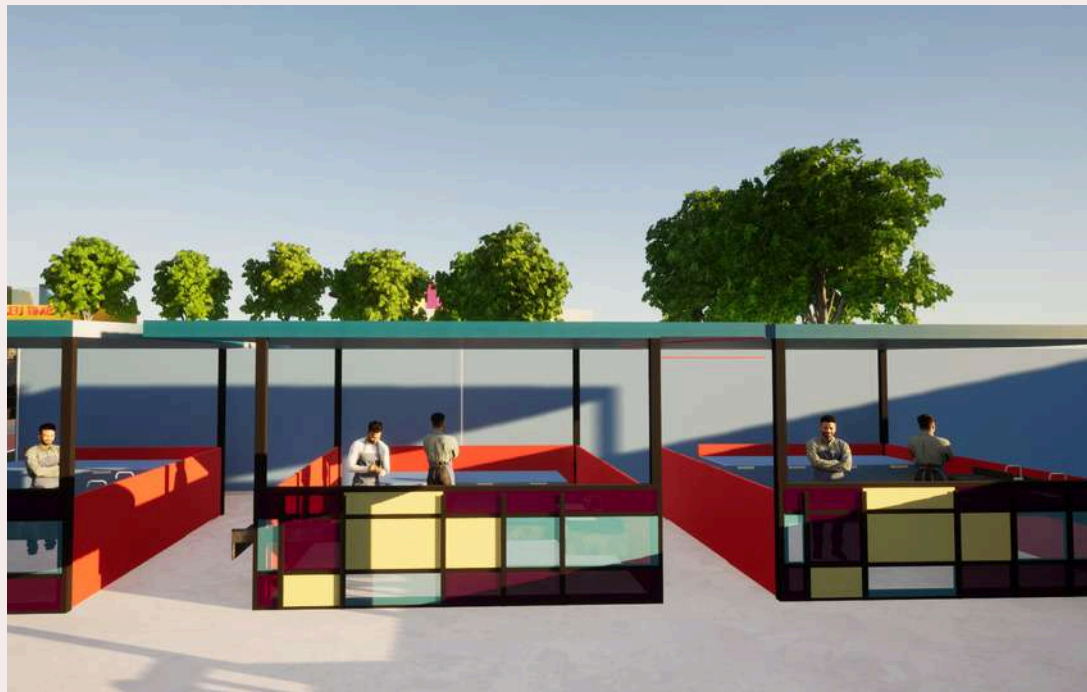


Planta Stand Alimentação/Bar
1:100









PERSPECTIVA

VAS

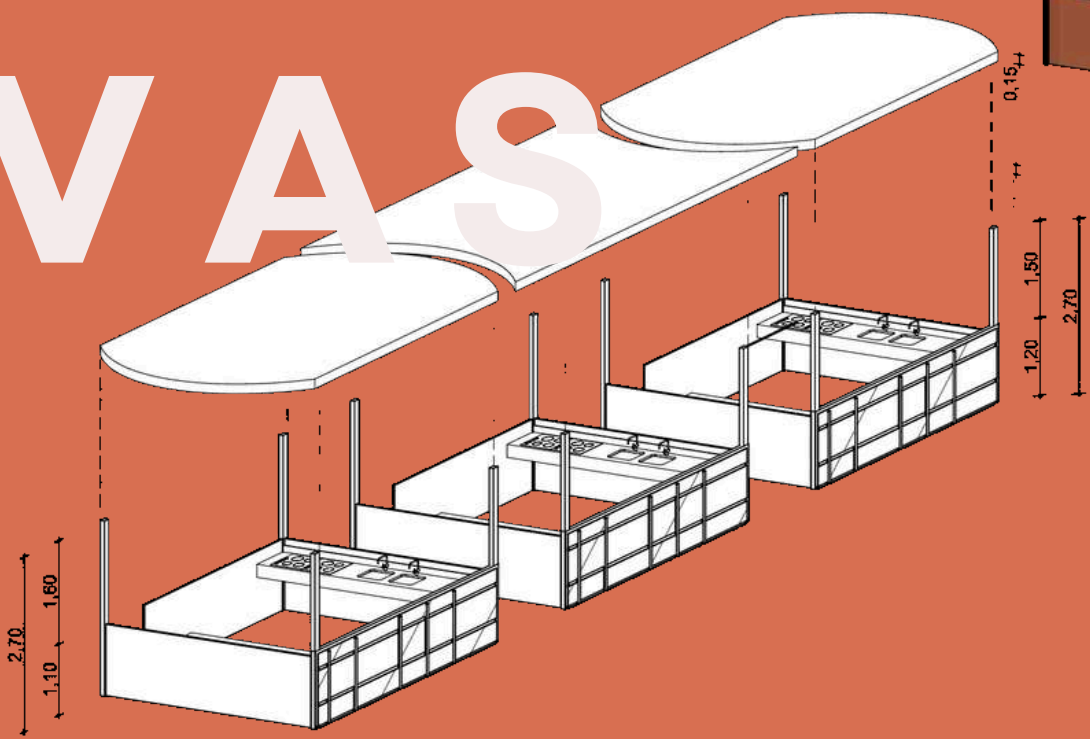


Fig. 110: Axonométrica Stand

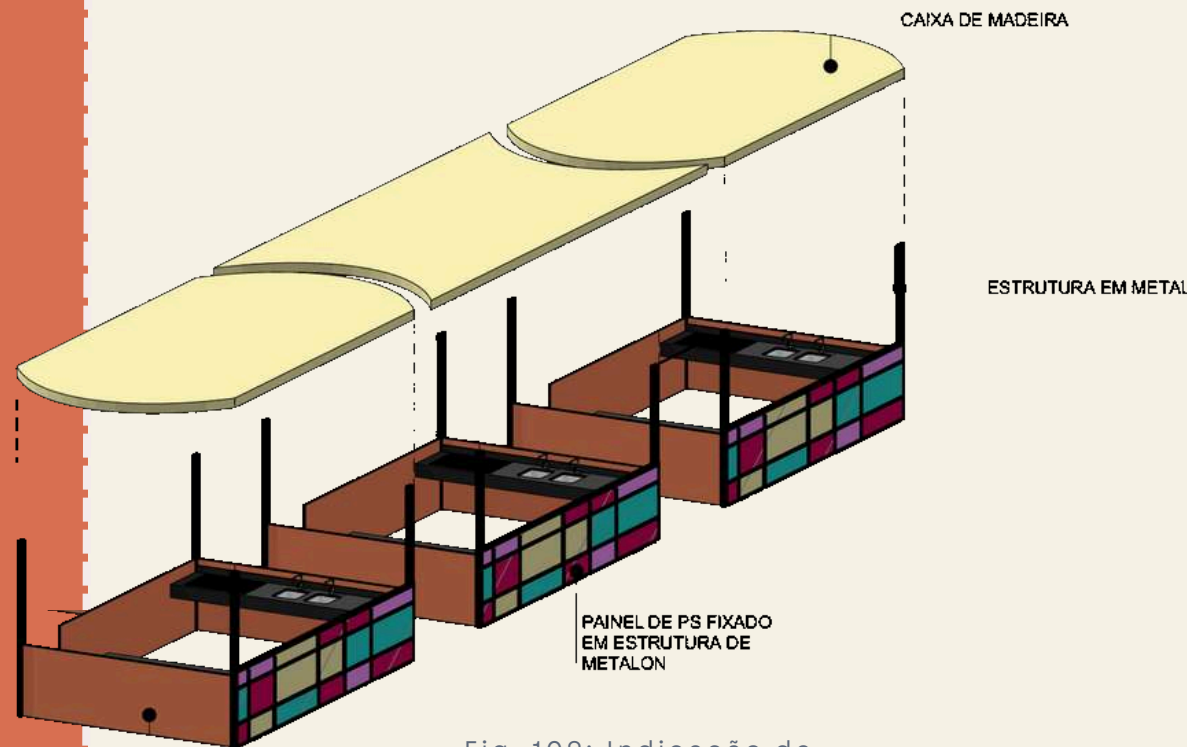
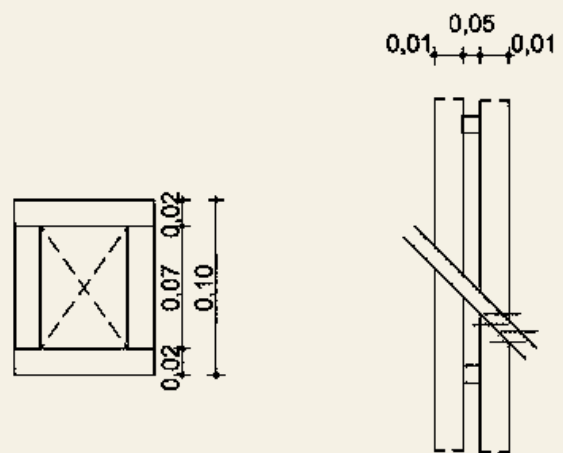


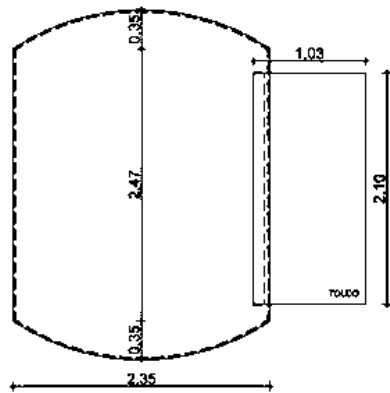
Fig. 109: Indicação de Materiais

CHAPA DE COMPENSADO

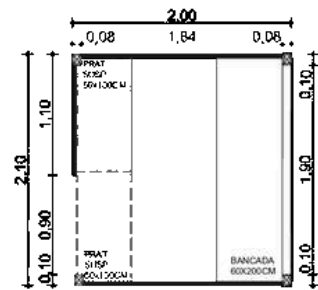


Detalhe Pilar Metalon

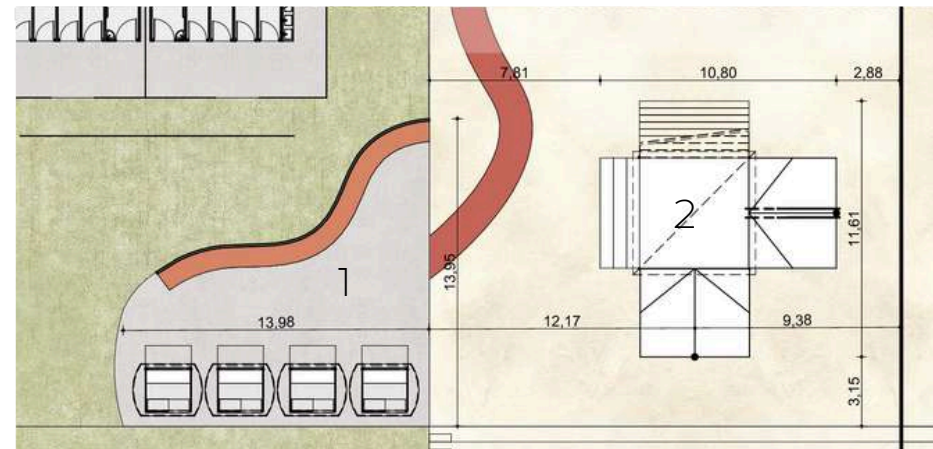
Detalhe Parede Quiosque



Planta Cobertura Stand Feira Livre
1:100



Planta Stand Feira Livre
1:100



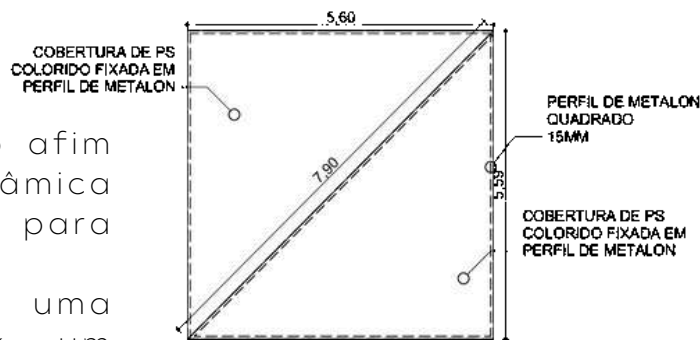
Ampliação Área Dinâmica
1:250

1 - SkatePark
2 - Feira Livre

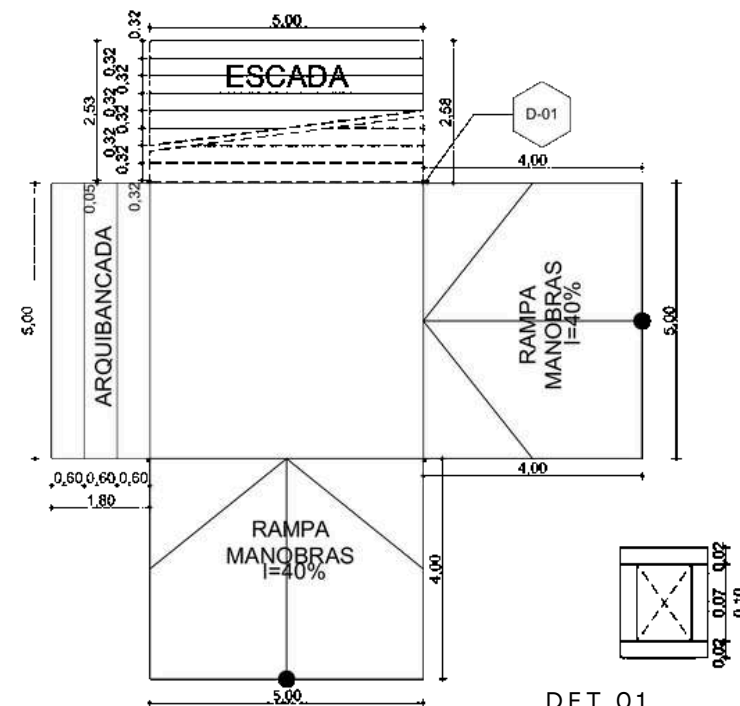
ÁREA DINÂMICA

Esse espaço foi idealizado afim de trazer um pouco da dinâmica pré-existente da esplanada para a dinâmica do festival. Dessa forma, propõe-se uma estrutura para skatepark, um espaço amplo para patinação, apropriação da arquibancada e,

ao lado, encontram-se stands para difusão de comércio local, na ideia das feiras livres características da cidade.



Planta Cobertura Skatepark
1:100



Planta Skatepark
1:100

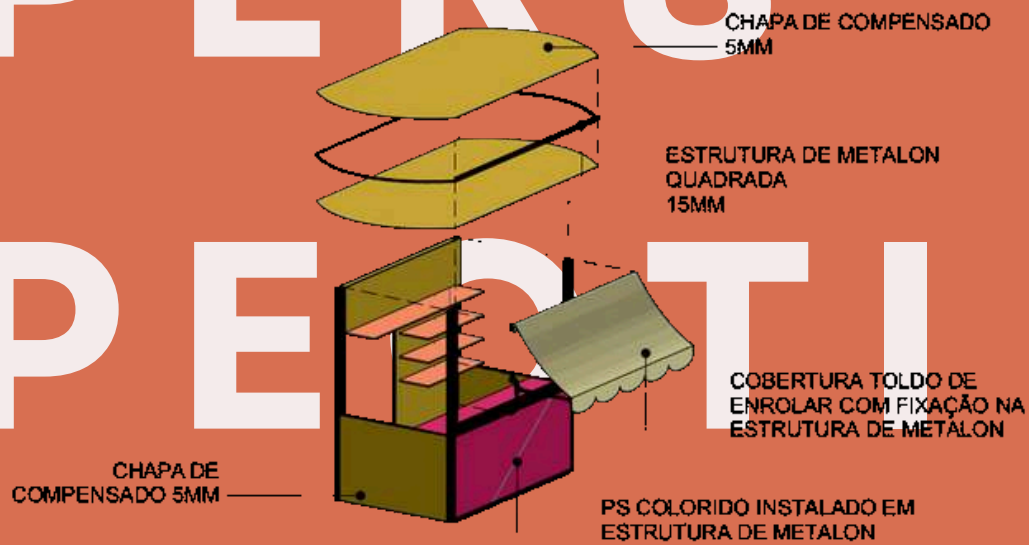
DET.01
Estrutura Metalon
1:5



histórico

A esplanada do Teatro Municipal de Uberlândia é conhecida por receber um fluxo grande de pessoas aos finais de semana para prática de slackline, skate, patins e bicicleta, o festival oferece em seu programa a possibilidade de continuar com o pré existente através da proposta de novas estruturas de apropriação.

PERIS



VAS

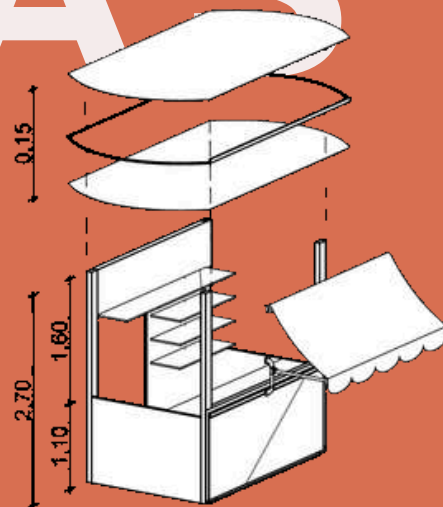


Fig. 111: Detalhe Chuveiro de Som

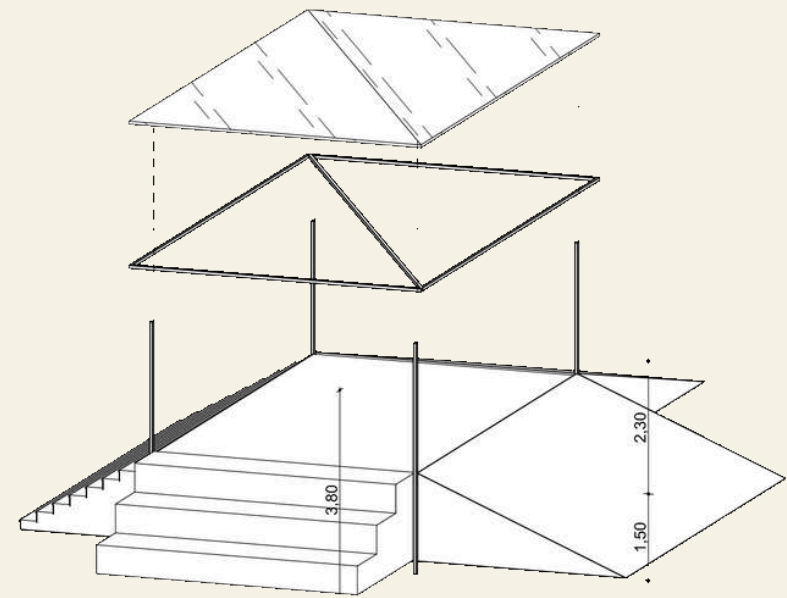
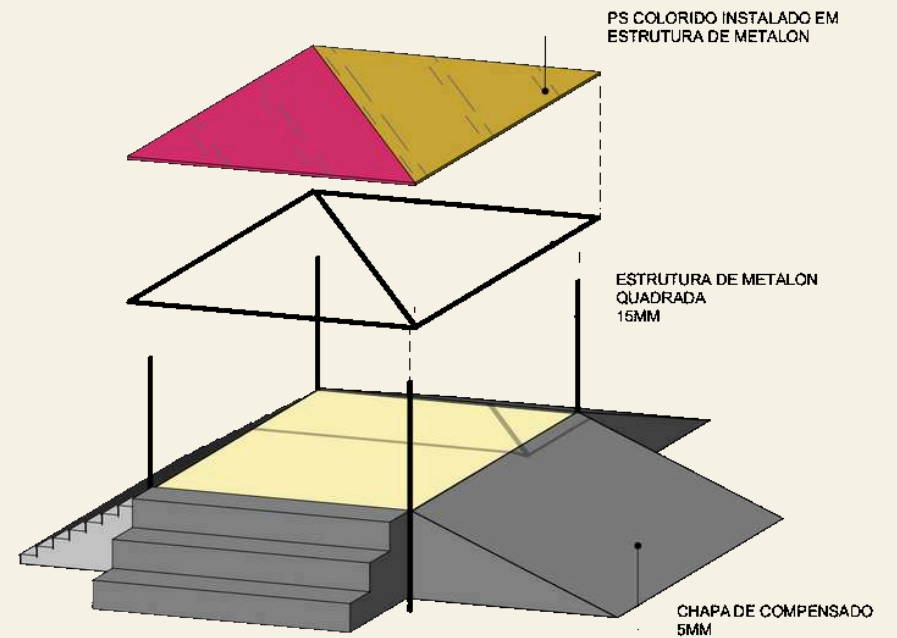
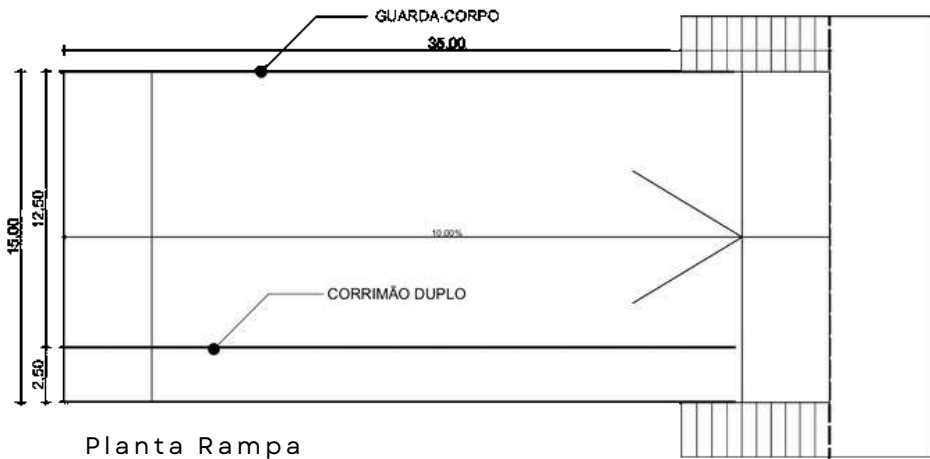


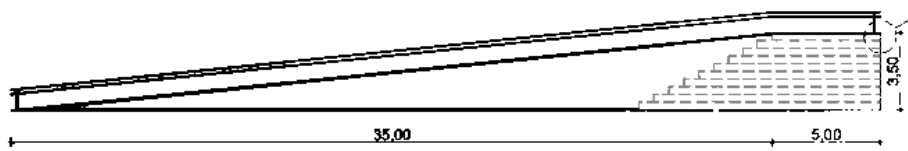
Fig.112: Detalhe Chuveiro de Som

ÁREA DESCANSO E RAMPA

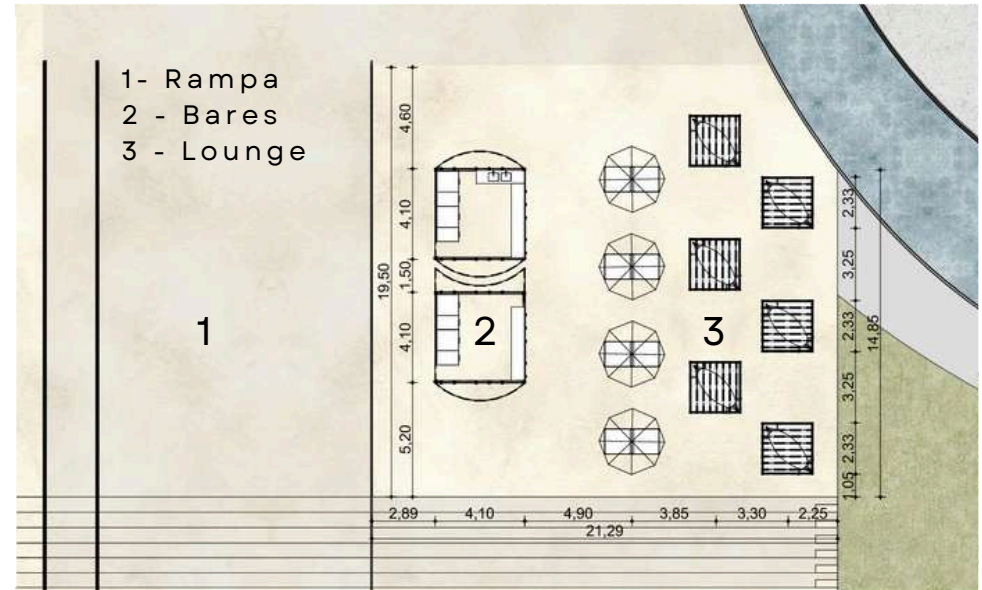
A proposta desse espaço é descompressão, o mobiliário foi idealizado de maneira a criar um espaço de contemplação e descanso junto da arquibancada. Nesse espaço haverá a possibilidade de se assistir aos shows de maneira mais confortável, uma vez que o teatro serve como tela para projeção via videomapping dos shows do palco principal



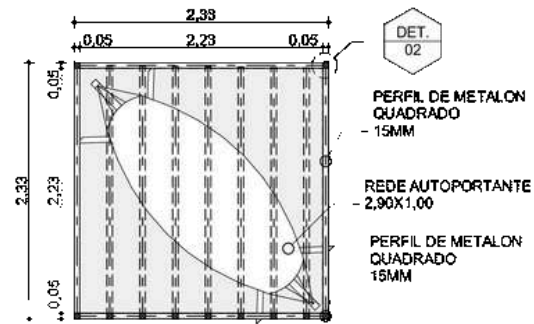
Planta Rampa
1:100



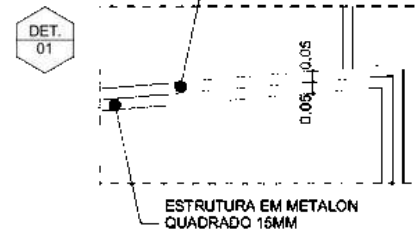
Corte Rampa
1:100



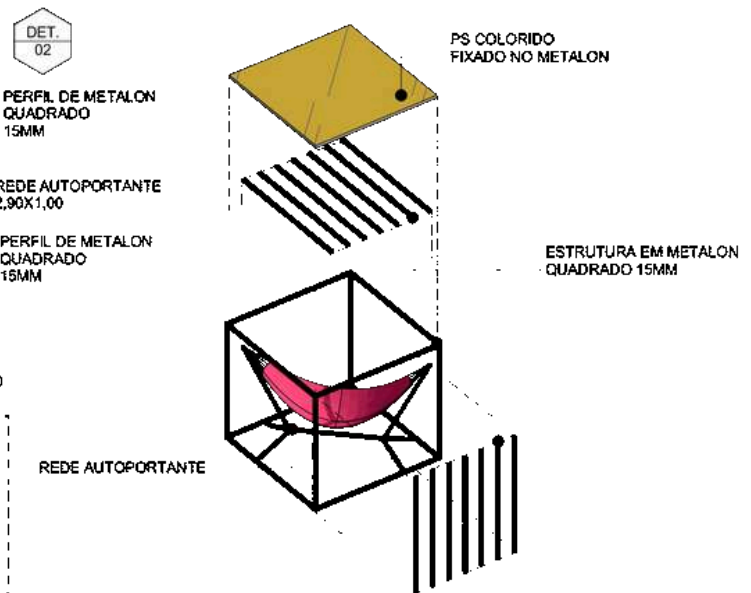
Ampliação Área Descanso
1:100



Planta Mob. Rede
1:100



DET. 01
Estrutura Rampa
1:5



Axonométrica Mob. Rede



ENCONTRE SEU TIMBRE





RAMPA

Foi proposto como elemento cenográfico uma rampa que conecta a esplanada e o nível superior.

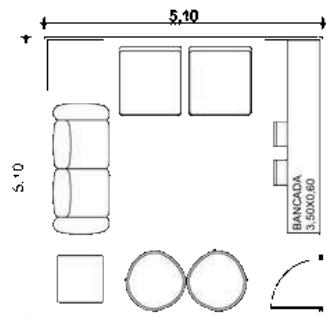


PALCO TEATRO

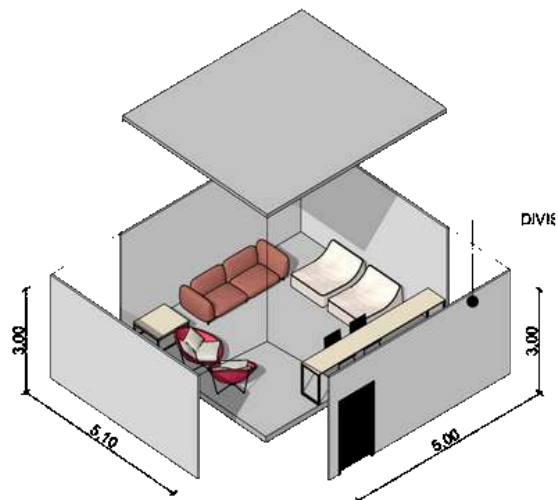
O espaço de descanso também proporciona um espaço confortável para os shows a se realizarem no palco do Teatro.

ÁREA TÉCNICA E CAMARINS

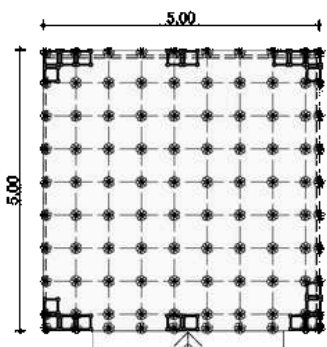
A área técnica contempla os camarins, espaço lounge para funcionários com banheiros e a entrada/saída técnica através da rua Guatemala.



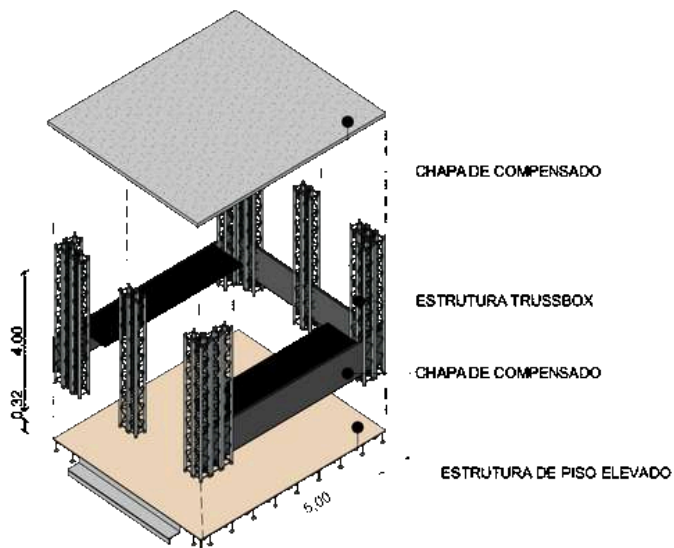
Planta Camarim
1:100



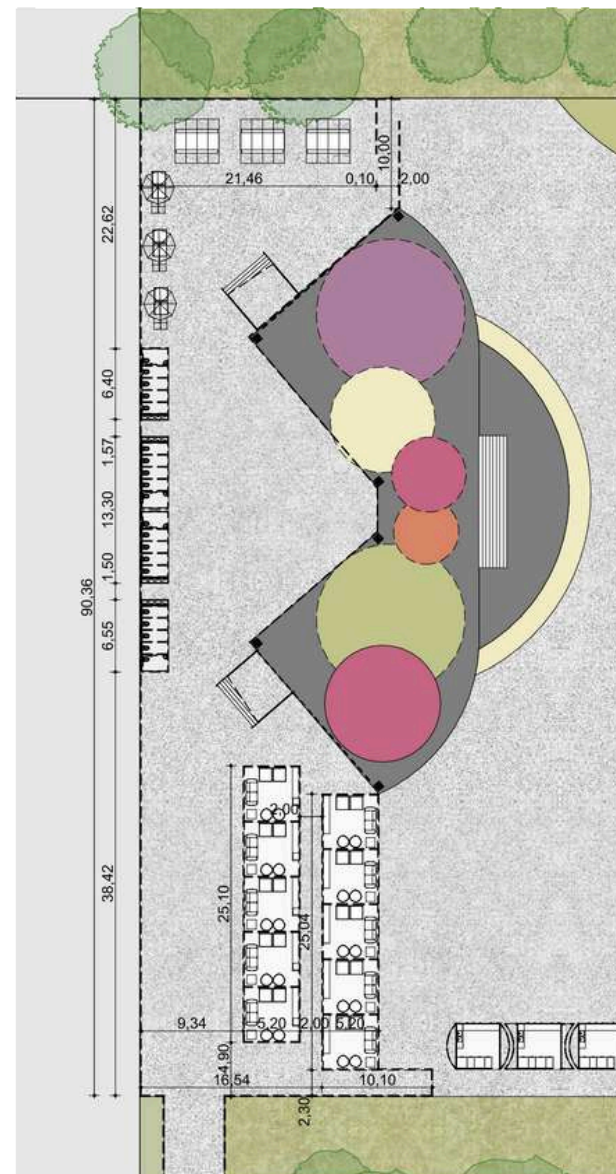
Axonométrica Camarim



Planta Casa de Mixagem
1:100

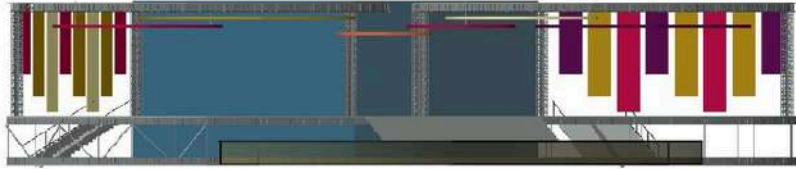


Axonométrica Casa
de Mixagem

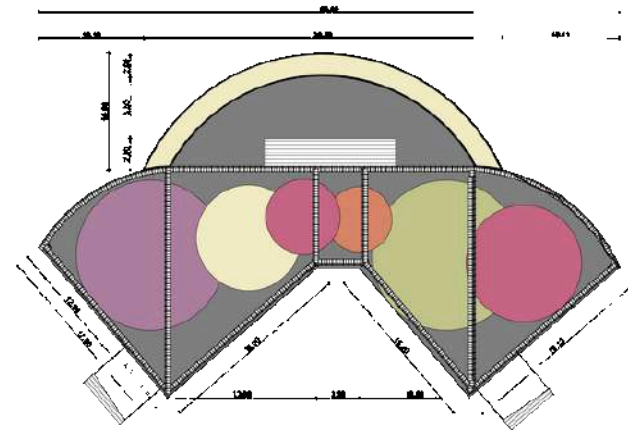




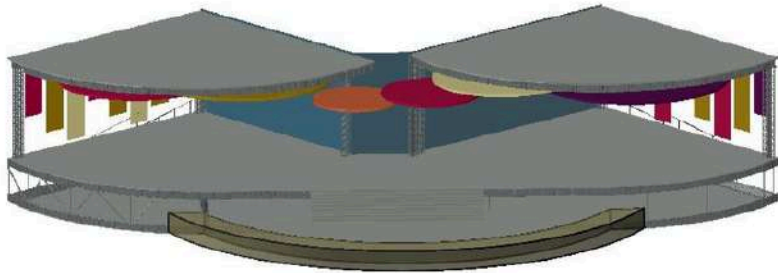




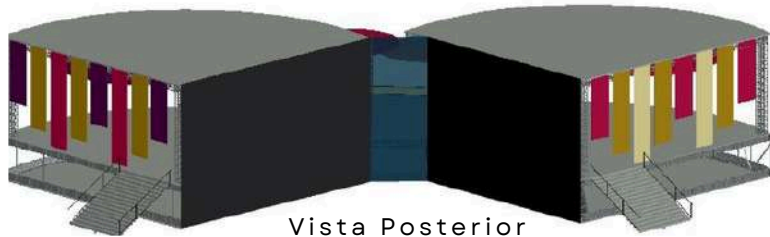
Vista Frontal



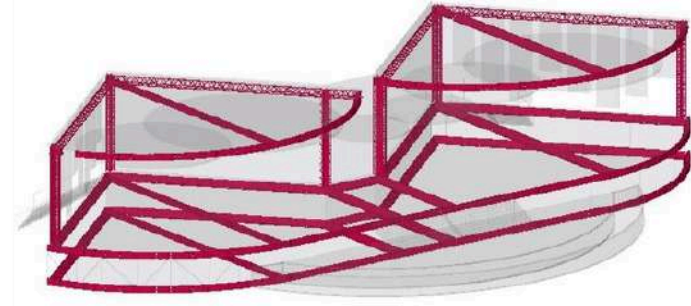
Planta Palco
1:250



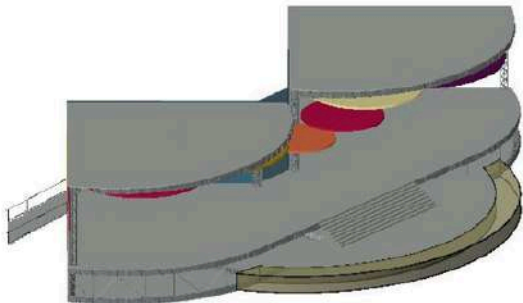
Vista Frontal



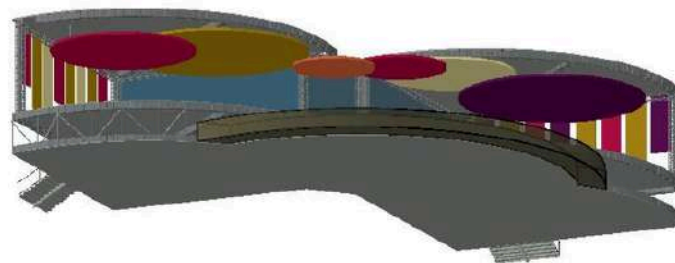
Vista Posterior



Esquema Estructural



Vista Superior



Vista Inferior

PALCO ESPLANADA



FORMA

O Palco é uma estrutura singular que abriga dois espaços destinados a serem usados alternadamente. Sua forma foi concebida através da combinação de elementos regulares e circulares, seguindo a linguagem adotada no festival. Além disso, conta com dois níveis e uma passarela, aumentando assim a interação com o público.

7. considerações Finais

A criação de um festival por meio de estruturas efêmeras representa não apenas um marco na dinâmica urbana da cidade, mas também uma poderosa ferramenta para promover inclusão, disseminar cultura e impulsionar artistas locais. Este estudo demonstrou que eventos temporários, estrategicamente planejados e executados, têm o potencial de transformar os espaços urbanos em ambientes vibrantes e acolhedores.



8. ARTISTAS

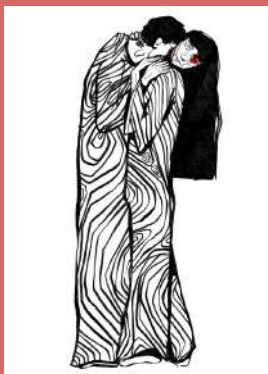
Todo o desenvolvimento deste projeto foi fundamentado na mesma ideia central: a importância de cuidar, valorizar e destacar os trabalhos que integram a cena artística contemporânea. Seguindo essa diretriz, apresentamos um catálogo dos artistas locais que colaboraram para a realização desta obra. O coletivo desempenha um papel vital em qualquer experimentação social, deixo um agradecimento especial aos artistas que contribuíram para a curadoria da simulação da exposição da Galeria Goma Cultura.



nostalgia. 2024.



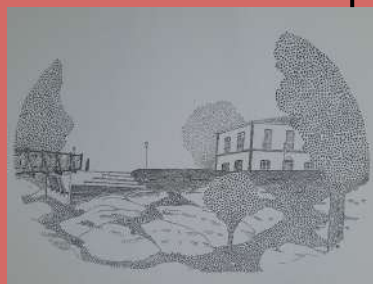
cultivando. 2024.



amor é sorte.
2024.



nuvezinhas.
2022.



Ponte do Carmo e Museu do Divino, Pirenópolis. 2020.



Fazenda Nossa Senhora Aparecida, Hidrolândia. 2020.



Portão lateral. 2020.



Jarro do jardim. 2023.



Duo.
2021.



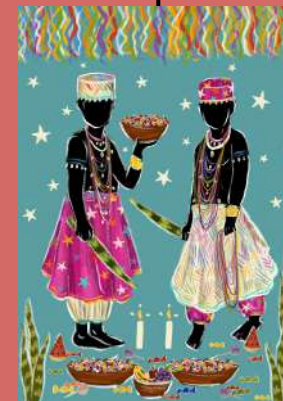
Vice-versa:
Autorretrato duplo.
2022.



Paisagens Interiores (série).
2023.



Festa no Mar.
2023.



Dois - Dois.
2023.



Onça Brasileira.
2023.

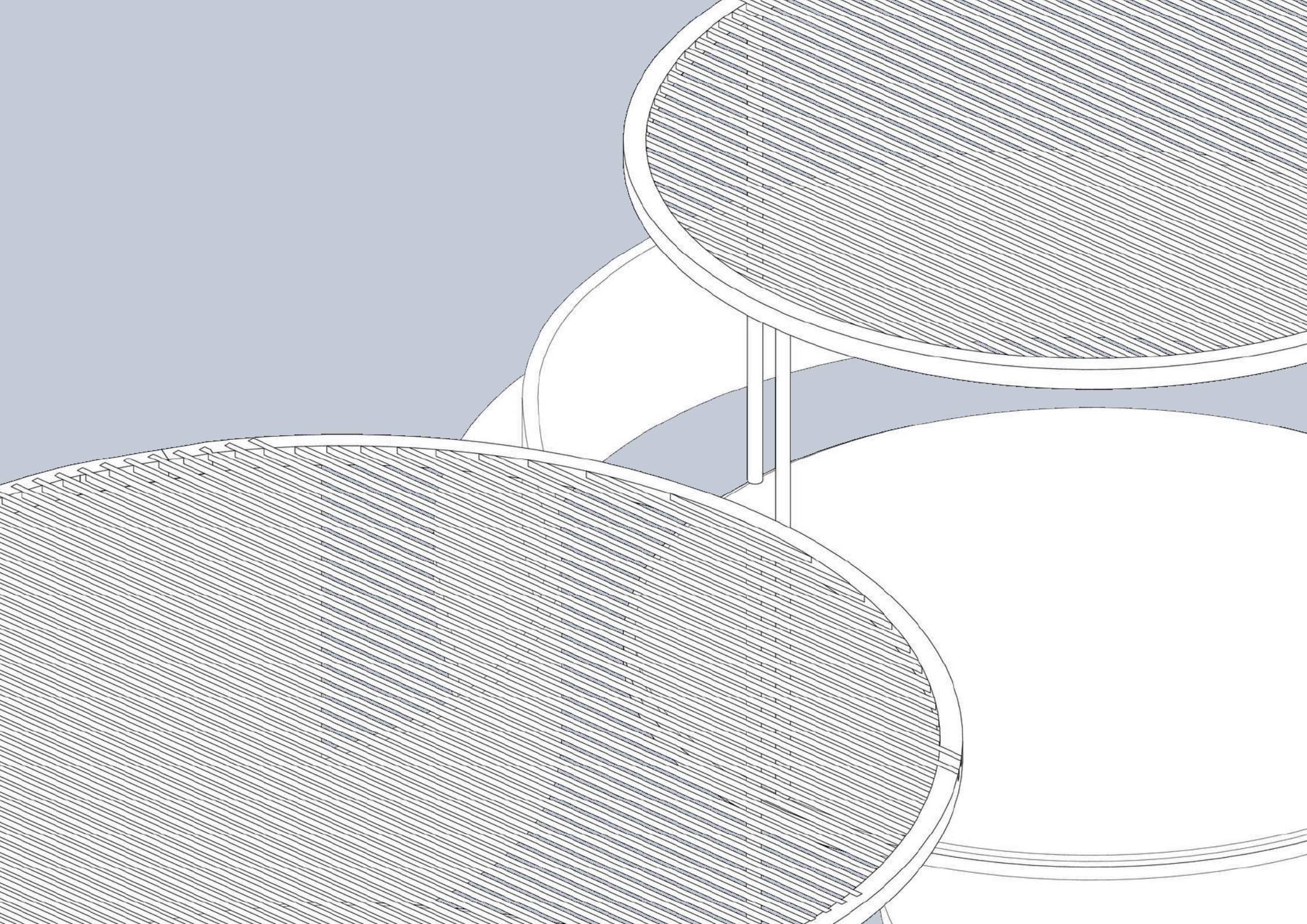


mulheres da minha vida (série).
2019.

auto retrato.
2019.



Cincoóbbé.
2022.



Referências Bibliográficas

NUNES, Paulo Cezar Junior. FESTIVAIS COMO MODULADORES DA CIDADE CONTEMPORÂNEA: diálogos entre são paulo e lisboa. 2019. 439 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Economia, Doutoramento em Sociologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2019.

GEHL, Jan. Cidades Para Pessoas. 2. ed. São Paulo: Perspectiva', 2013.

BOIN, Nara Helena Diniz. Cortes no Tempo Contínuo: a vida urbana como partido. 2016. 2016 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Mackenzie, São Paulo, 2016.

PALLASMA, Juhani, As Mãos Inteligentes: a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006

LEFEBVRE, Henri. O Direito a Cidade. 5. ed. São Paulo: Conexão Editorial. 72 p. Tradução Rubens Eduardo Frias.

CUNHA MACHADO JUNIOR, Juscelino Humberto. Cenários Performáticos: derivações de uma cultura em movimento. 2017. 630 f. Tese (Doutorado) - Curso de Artes Cênicas, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MONASTERIO, Clélia Maria Coutinho Teixeira. O PROCESSO DE PROJETO DA ARQUITETURA EFÊMERA VINCULADA A FEIRAS COMERCIAIS. 2006. 265 f. Tese (Doutorado) - Curso de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

Referências Bibliográficas

PAIVA, Ana Victória Guimarães. QUINTAL DAS FITAS.: a cultura negra e a vivacidade do bairro patrimônio. 2023. 144 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faced, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

ARQUICAST. Espaços efêmeros.: por trás da arquitetura de eventos. por trás da arquitetura de eventos. 2023. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/1008534/espacos-efemeros-por-tras-da-arquitetura-de-eventos?ad_campaign=normal-tag. Acesso em: 02 nov. 2023.

TEAM, Archdaily. Sustentabilidade e inovação na arquitetura efêmera.: 15 pavilhões de madeira. 15 pavilhões de madeira. 2023. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/1007568/sustentabilidade-e-inovacao-na-arquitetura-efemera-15-pavilhoes-de-madeira?ad_campaign=normal-tag. Acesso em: 02 nov. 2023.

YAKUBU, Paul. Cidades efêmeras.: três conceitos radicais que propõem aos usuários moldarem seu ambiente. três conceitos radicais que propõem aos usuários moldarem seu ambiente. 2023. Traduzido por Diogo Simões. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/1006314/cidades-efemeras-tres-conceitos-radicaais-que-propoeem-aos-usuarios-moldarem-seu-ambiente?ad_campaign=normal-tag. Acesso em: 02 nov. 2023.

Um parque e um país sob a marquise, por Luís Antônio Jorge - Editorial. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/um-parque-e-um-pais-sob-a-marquise-por-luis-antonio-jorge/>Acesso em: 05 out. 2023.

ANDRADE, Adriana Aparecida de; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. O ESPAÇO PÚBLICO E O DIREITO À CULTURA: estudo sobre os eventos musicais sexta às seis e festival de música de ponta grossa (pr). Caminhos de Geografia, [S.L.], v. 22, n. 83, p. 31-46, 4 out. 2021. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/rcg228356071>.

Referências Bibliográficas

Belfiore, E. (2006). The social impacts of the arts - myth or reality? In: Mirza, M., ed. (2006). Culture Vultures : is UK arts policy damaging the arts?. London : Policy Exchange Limited.

BORTOLOZZ, Carolina Vitória Ortenzi. Práticas Urbanas Criativas: estudo, análise e impacto de ações táticas no espaço público paulistano. 2018. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Rita Alves. Bienal de São Paulo: impacto na cultura brasileira. São Paulo em Perspectiva, [S.L.], v. 15, n. 3, p. 18-28, jul. 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-88392001000300004>.

FONTES, Adriana Sansão. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. Arquitetura Revista, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 31-48, 27 jun. 2012. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/arq.2012.81.05>.

Um parque e um país sob a marquise, por Luís Antônio Jorge - Editorial. Disponível em: <<https://www.sp-arte.com/editorial/um-parque-e-um-pais-sob-a-marquise-por-luis-antonio-jorge/>>. Acesso em: 13 nov. 2023.

KOOLHAS, Rem. TRES TEXTOS SOBRE A CIDADE.: grandeza, ou o problema do grande / a cidade generica / espaço-lixo). São Paulo: Gg Br - Gustav Gili, 2010. 112 p

Goma Cultura Bar. 2008. Disponível em: <https://www.baladacerta.com.br/lbalada.asp?idCasa=7023>. Acesso em: 20 out. 2023.

DOSOL. FORA DO EIXO: FESTIVAL GOMA EM UBERLÂNDIA CHEGA A SUA 2ª EDIÇÃO. 2009. Disponível em: <https://dosol.com.br/fora-do-eixo-festival-gome-em-uberlandia-chega-a-sua-2%C2%AA-edicao/>. Acesso em: 22 set. 2023.

Referências Bibliográficas

BOGEÁ, Marta Vieira. Cidade Errante: arquitetura em movimento. 2006. 253 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Usp, São Paulo, 2006.

GUILLÉN, Maria Isabel Camañes. Sob[Re] Minhocão: apropriações, arte e festa. 2016. 190 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

PAZ, Daniel. O lugar evanescente:: características da arquitetura efêmera no sítio. In: I ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 1., 2012, Natal.

BEAT, Mineiro. Mineiro Beat recoloca Uberlândia na rota de festivais de arte e cultura. Disponível em: <https://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/especial-publicitario/mineiro-beat/noticia/2016/05/mineiro-beat-recoloca-uberlandia-na-rota-de-festivais-de-arte-e-cultura.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

BEAT, Mineiro. Facebook Mineiro Beat. 2023. Disponível em: https://www.facebook.com/MineiroBeat?locale=pt_BR. Acesso em: 23 set. 2023.

BEAT, Mineiro. Instagram Mineiro Beat. 2023. Instagram: mineirobeat. Disponível em: <https://www.instagram.com/mineirobeat/>. Acesso em: 23 set. 2023.

CARNIDE, Sara Jane Ferreira. Arquiteturas Expositivas Efêmeras Pavilhão Temporário em Roma. Relatório de Projeto para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura. Universidade Técnica de Lisboa, 2012.

BOGEÁ, Marta Vieira. Cidade Errante: arquitetura em movimento. 2006. 253 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Usp, São Paulo, 2006.

Referências Bibliográficas

DOSOL. FESTIVAL GOMA COMEÇA HOJE EM UBERLÂNDIA (MG). 2010. Disponível em: <https://dosol.com.br/festival-goma-comeca-hoje-em-uberlandia-mg/>. Acesso em: 22 set. 2023.

GOMA. Blog Oficial Goma Cultura. 2010. Disponível em: <https://gomamg.blogspot.com/>. Acesso em: 25 set. 2023.

PRAÇA, Arte na. Facebook Arte na Praça. 2023. Facebook: -. Disponível em: https://www.facebook.com/artenapraca?locale=pt_BR. Acesso em: 23 set. 2023.

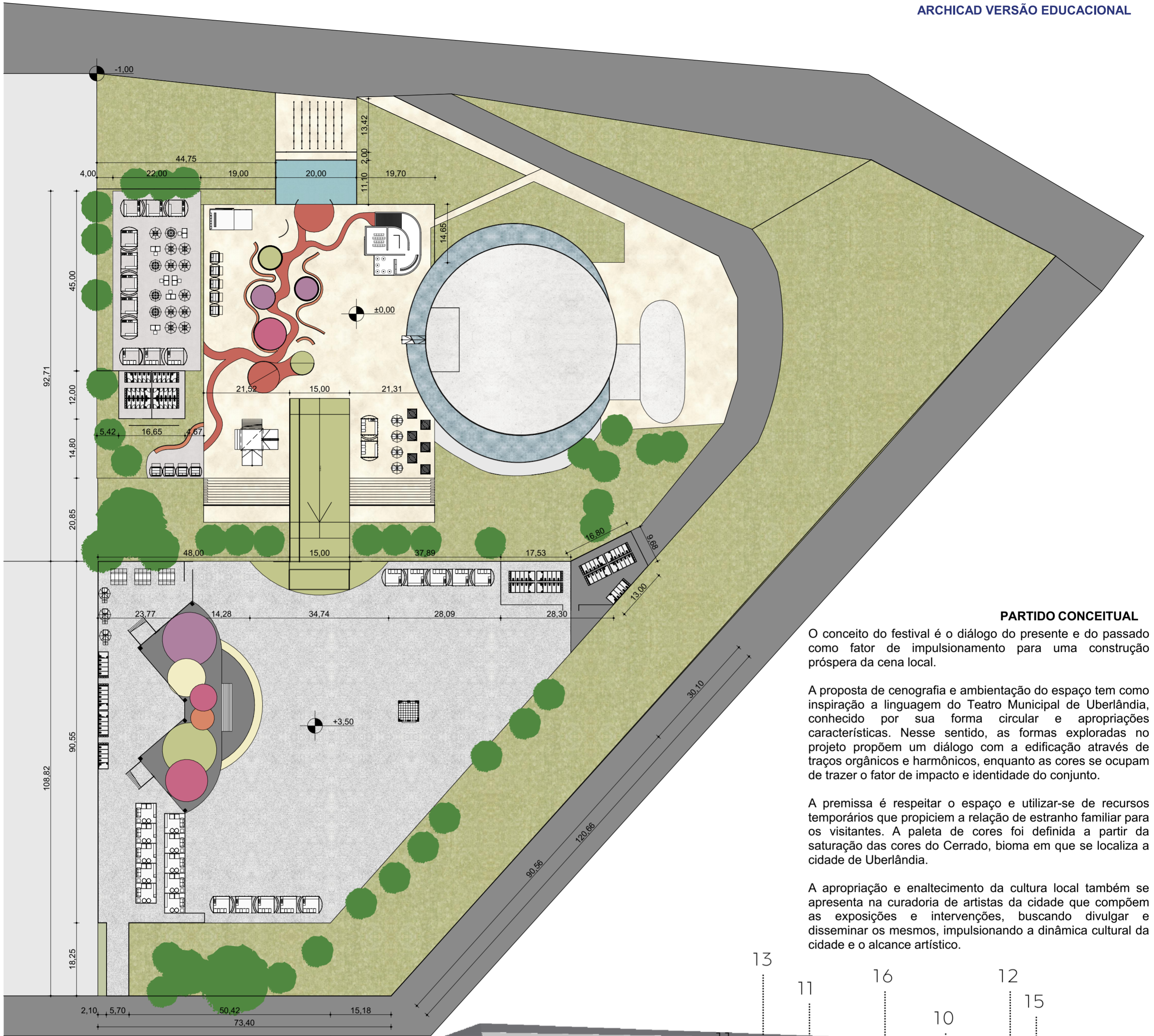
PRAÇA, Arte na. Instagram Arte na Praça. 2023. Instagram: artenapraca. Disponível em: <https://www.instagram.com/artenapraca.ufu/>. Acesso em: 23 set. 2023.

Festival Jambolada 2010. Disponível em: <https://rockuberaba.blogspot.com/2010/10/festival-jambolada-2010.html>. Acesso em: 13 nov. 2023.

Blog Oficial Jambolada. 2009. Disponível em: <https://jambolada.blogspot.com/>. Acesso em: 23 out. 2023.

BARBOSA, Daniel. Jambolada: festival teve shows memoráveis e recorde de público. Festival teve shows memoráveis e recorde de público. 2009. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/magazine/festival-teve-shows-memoraveis-e-recorde-de-publico-1.260993>. Acesso em: 23 out. 2023.

EIXO, Fora do. Portal Fora do Eixo. 2012. Disponível em: <https://foradoeixo.org.br/>. Acesso em: 27 out. 2023.



PLANTA IMPLANTAÇÃO
1:750

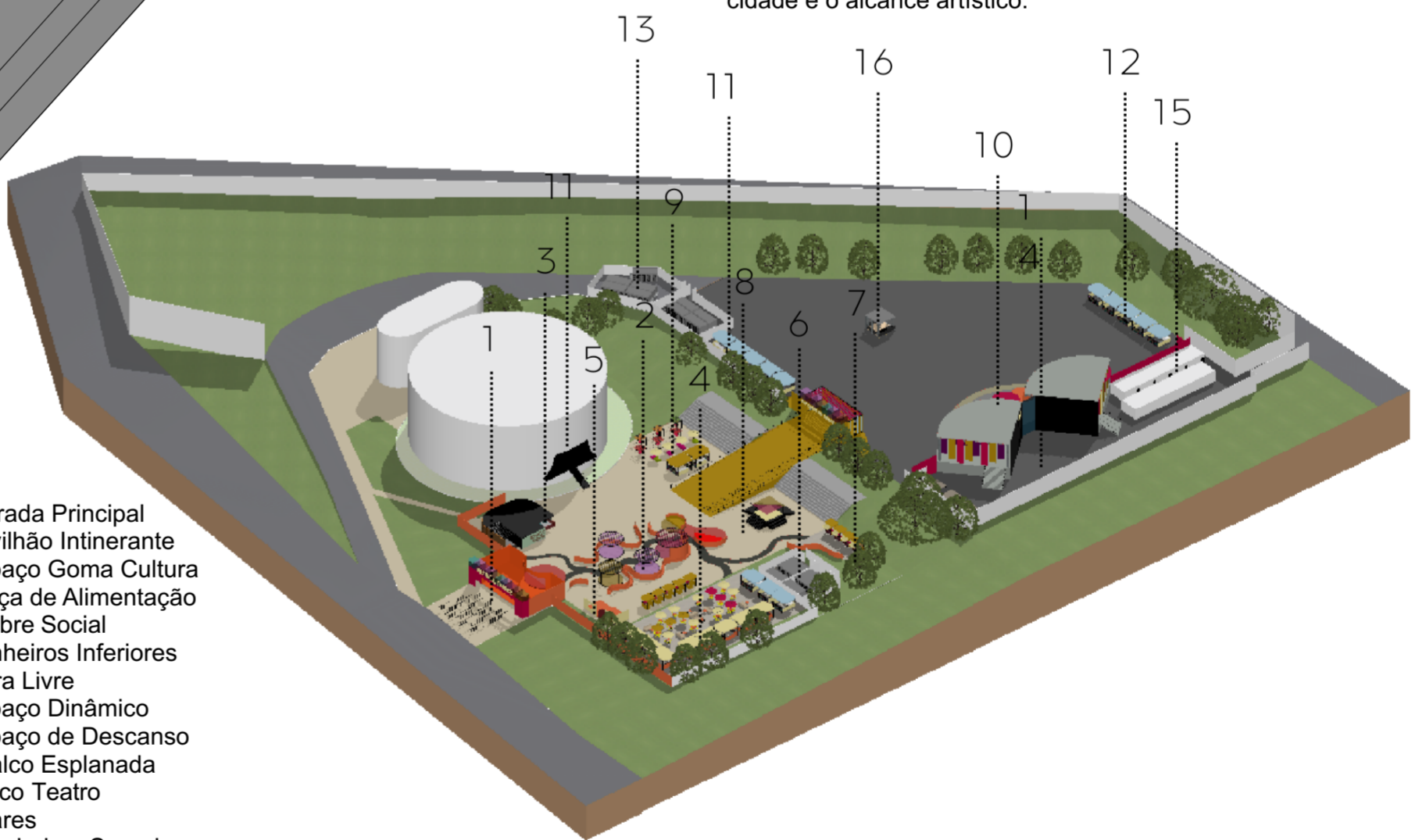
PARTIDO CONCEITUAL

O conceito do festival é o diálogo do presente e do passado como fator de impulsionamento para uma construção próspera da cena local.

A proposta de cenografia e ambientação do espaço tem como inspiração a linguagem do Teatro Municipal de Uberlândia, conhecido por sua forma circular e apropriações características. Nesse sentido, as formas exploradas no projeto propõem um diálogo com a edificação através de traços orgânicos e harmônicos, enquanto as cores se ocupam de trazer o fator de impacto e identidade do conjunto.

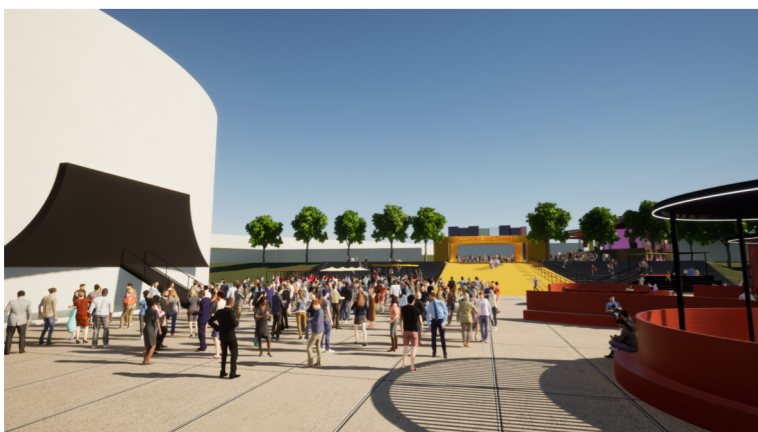
A premissa é respeitar o espaço e utilizar-se de recursos temporários que propiciem a relação de estranho familiar para os visitantes. A paleta de cores foi definida a partir da saturação das cores do Cerrado, bioma em que se localiza a cidade de Uberlândia.

A apropriação e enaltecimento da cultura local também se apresenta na curadoria de artistas da cidade que compõem as exposições e intervenções, buscando divulgar e disseminar os mesmos, impulsionando a dinâmica cultural da cidade e o alcance artístico.



- 1 - Entrada Principal
- 2 - Pavilhão Itinerante
- 3 - Espaço Goma Cultura
- 4 - Praça de Alimentação
- 5 - Timbre Social
- 6 - Banheiros Inferiores
- 7 - Feira Livre
- 8 - Espaço Dinâmico
- 9 - Espaço de Descanso
- 10 - Palco Esplanada
- 11 - Palco Teatro
- 12 - Bares
- 13 - Banheiros Superiores
- 14 - Área Técnica
- 15 - Camarins
- 16 - Casa de Mixagem

AXONOMÉTRICA IMPLANTAÇÃO
s/escala



PROJETO CENOGRÁFICO - TCC/2

ENDEREÇO
Teatro Municipal de Uberlândia
Av. Rondon Pacheco, 7070 - Tibery

CIDADE
Uberlândia

ESTADO
Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA | FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO (FAUeD)

PROJETO:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

ESCALA
Indicada

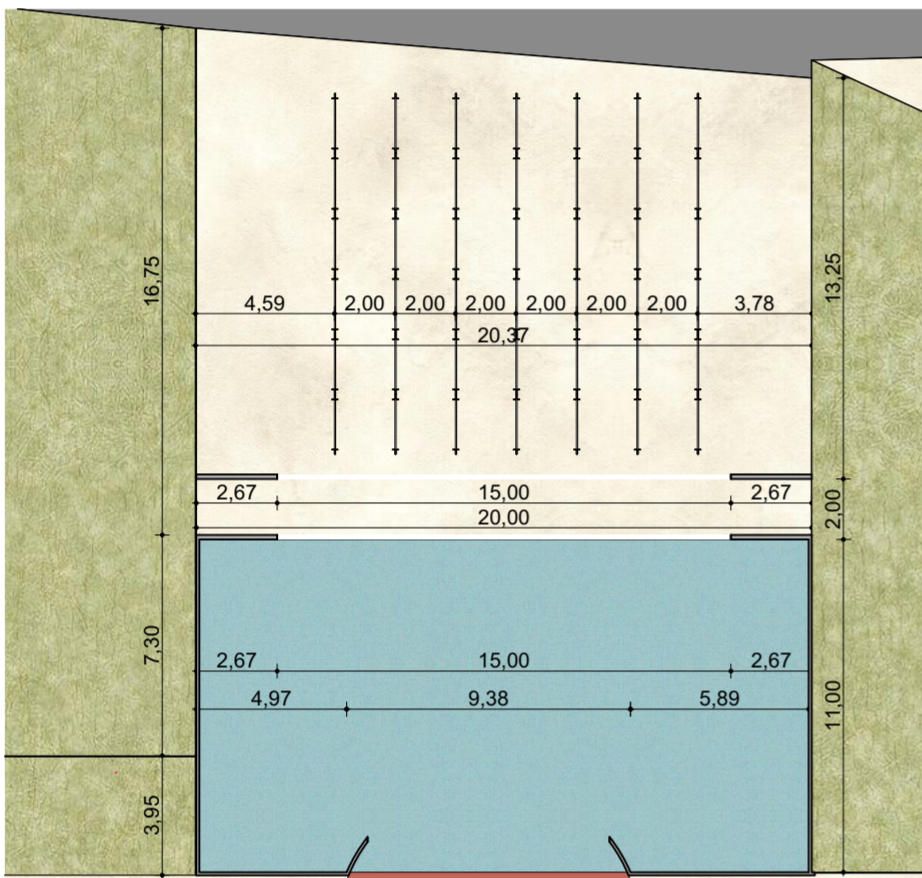
ORIENTANDA:
Maria Laura Vieira (11911ARQ034)

ORIENTADORA:
Prof. Elaine Nascimento

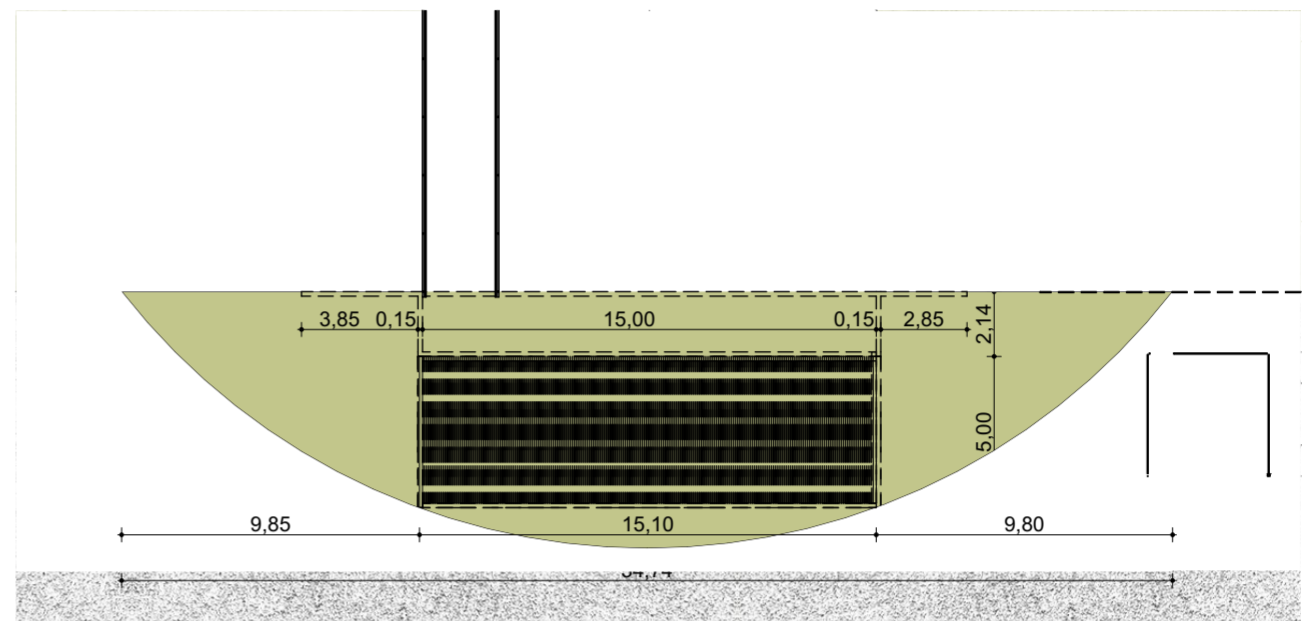
CONTEÚDO
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO E AXONOMÉTRICA

DATA
15/04/2024

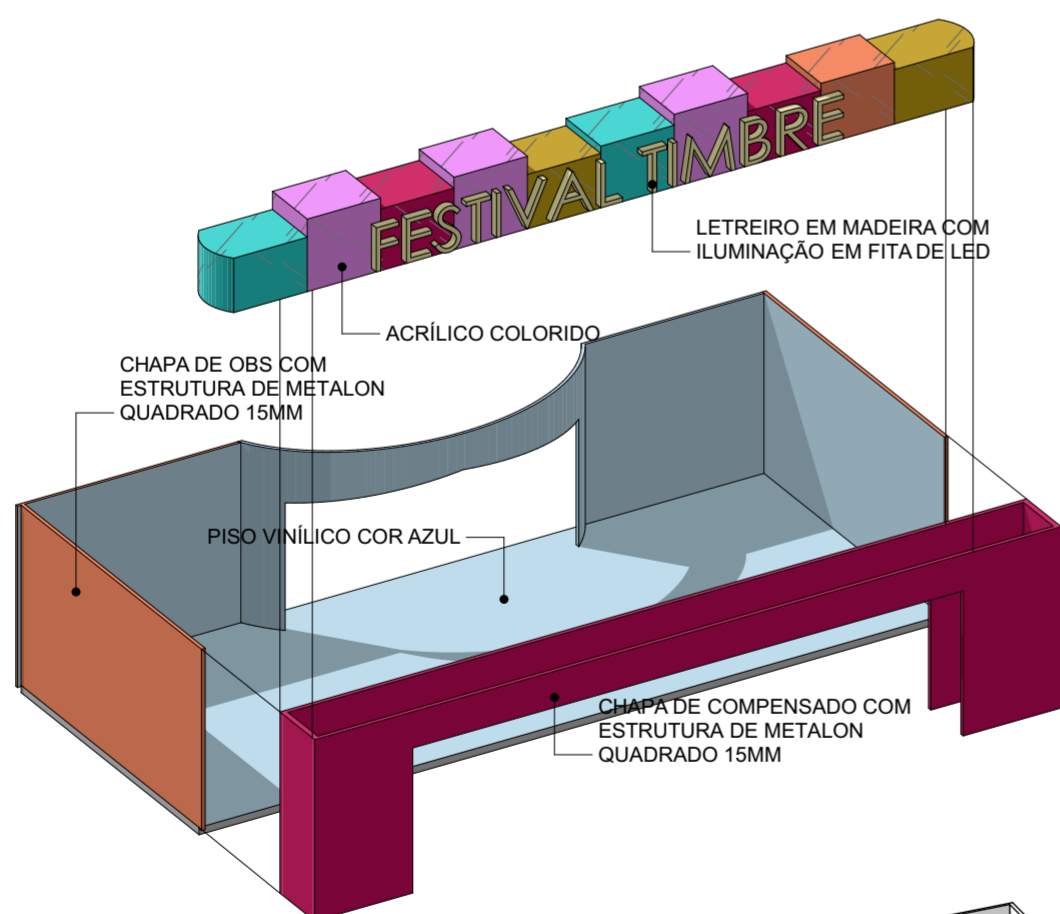
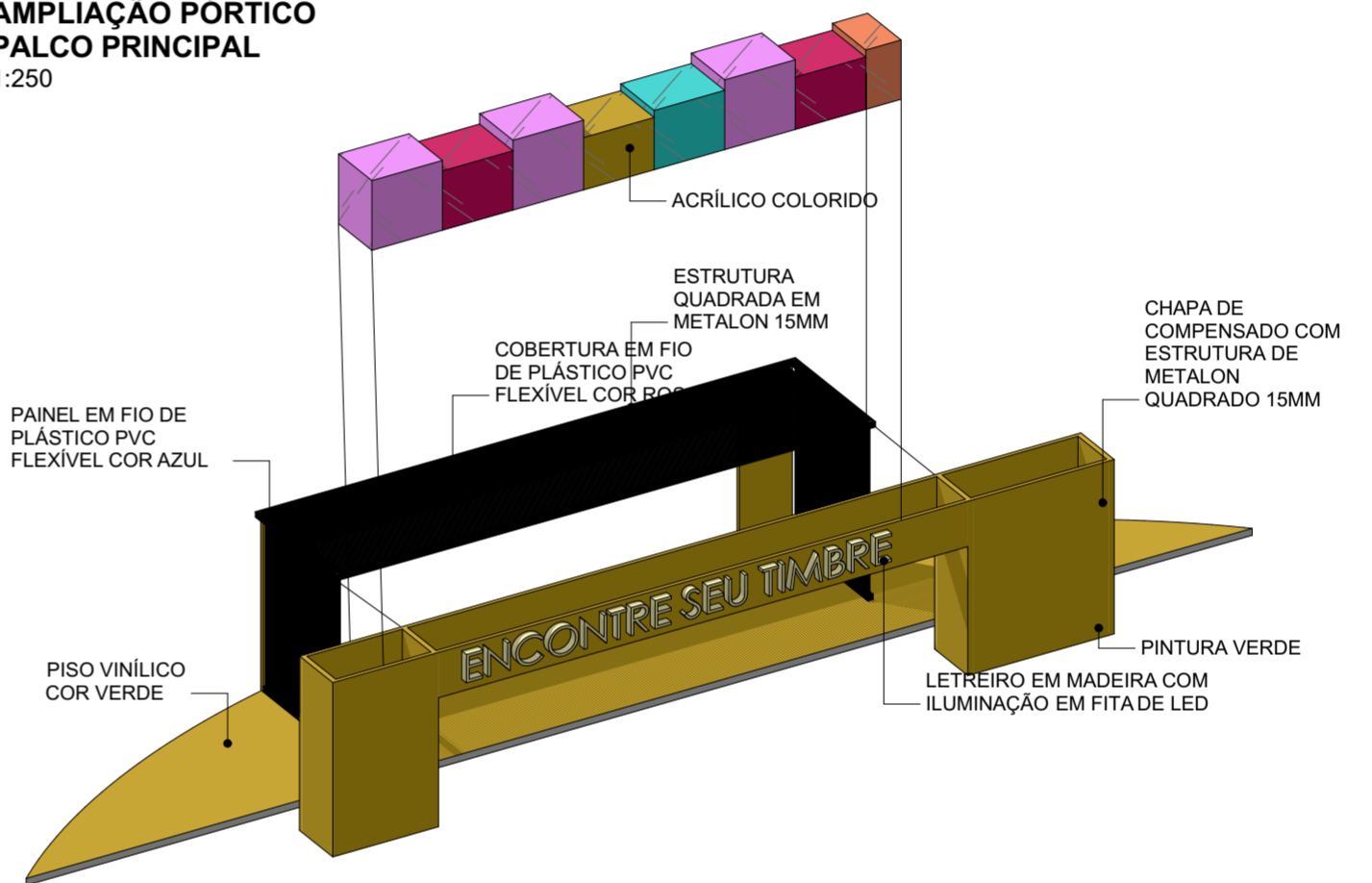
FOLHA



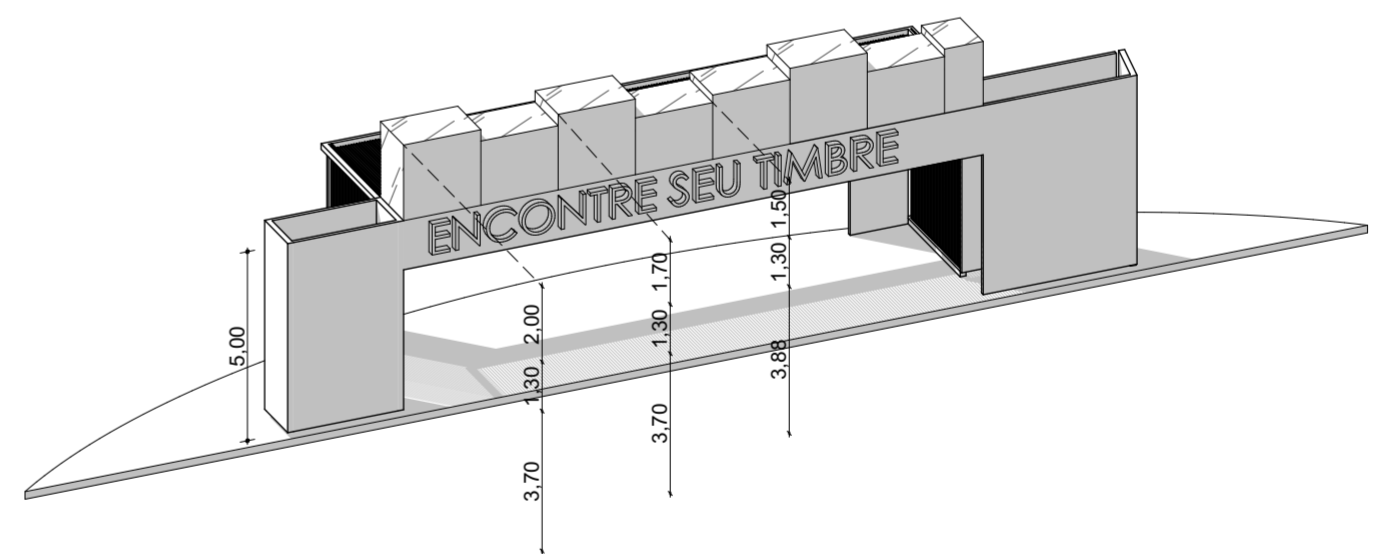
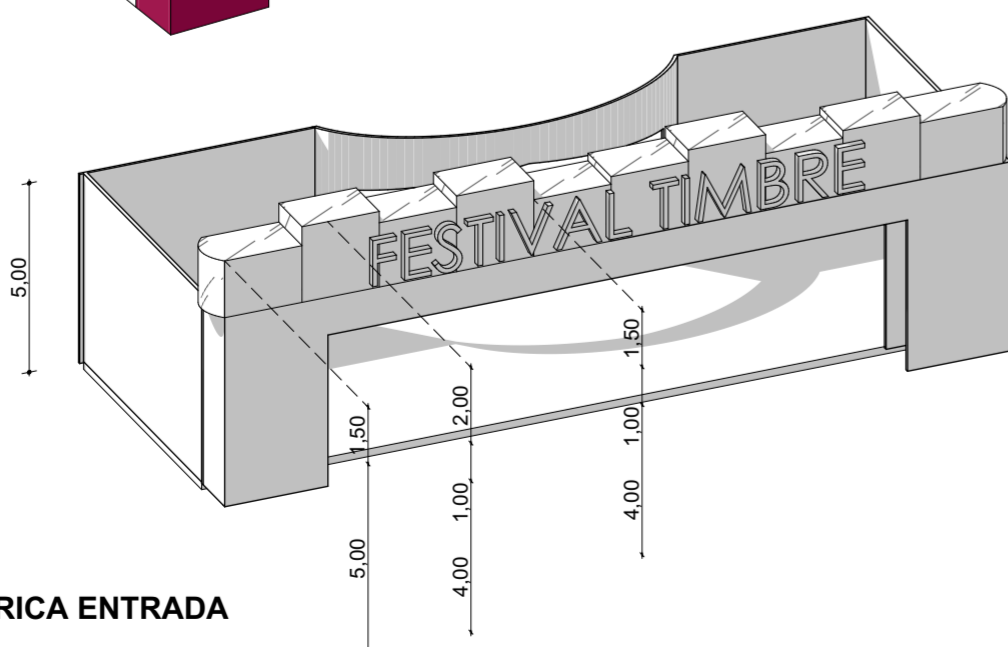
AMPLIAÇÃO ENTRADA PRINCIPAL
1:250



AMPLIAÇÃO PÓRICO PALCO PRINCIPAL
1:250



AXONOMÉTRICA ENTRADA PRINCIPAL
1:200



AXONOMÉTRICA PÓRICO PALCO PRINCIPAL
1:250

PROJETO CENOGRÁFICO - TCC/2

ENDEREÇO
Teatro Municipal de Uberlândia
Av. Rondon Pacheco, 7070 - Tibery

CIDADE
Uberlândia

ESTADO
Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA | FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO (FAUeD)

PROJETO:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

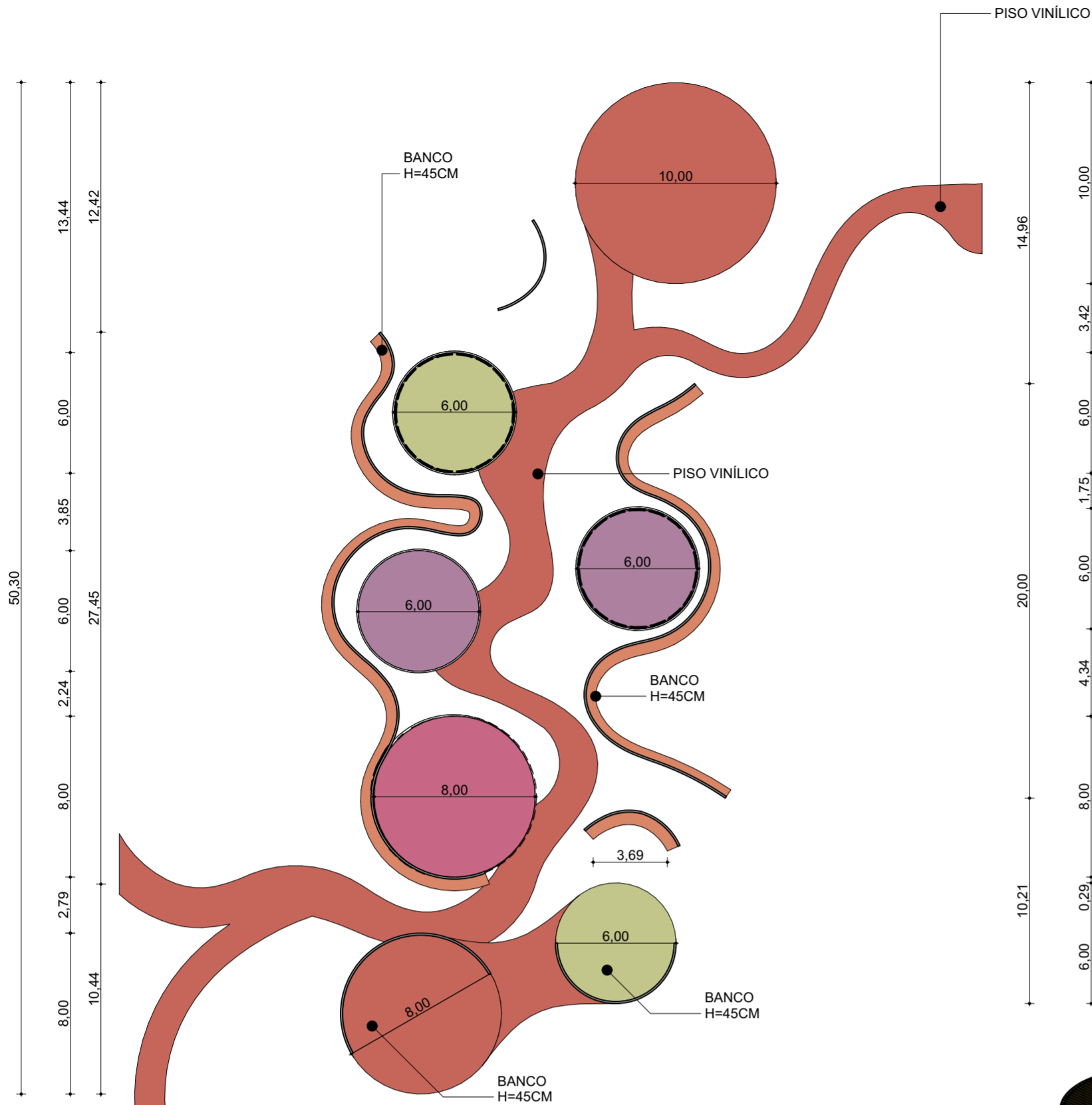
ESCALA
Indicada

ORIENTANDA:
Maria Laura Vieira (11911ARQ034)
ORIENTADORA:
Prof. Elaine Nascimento

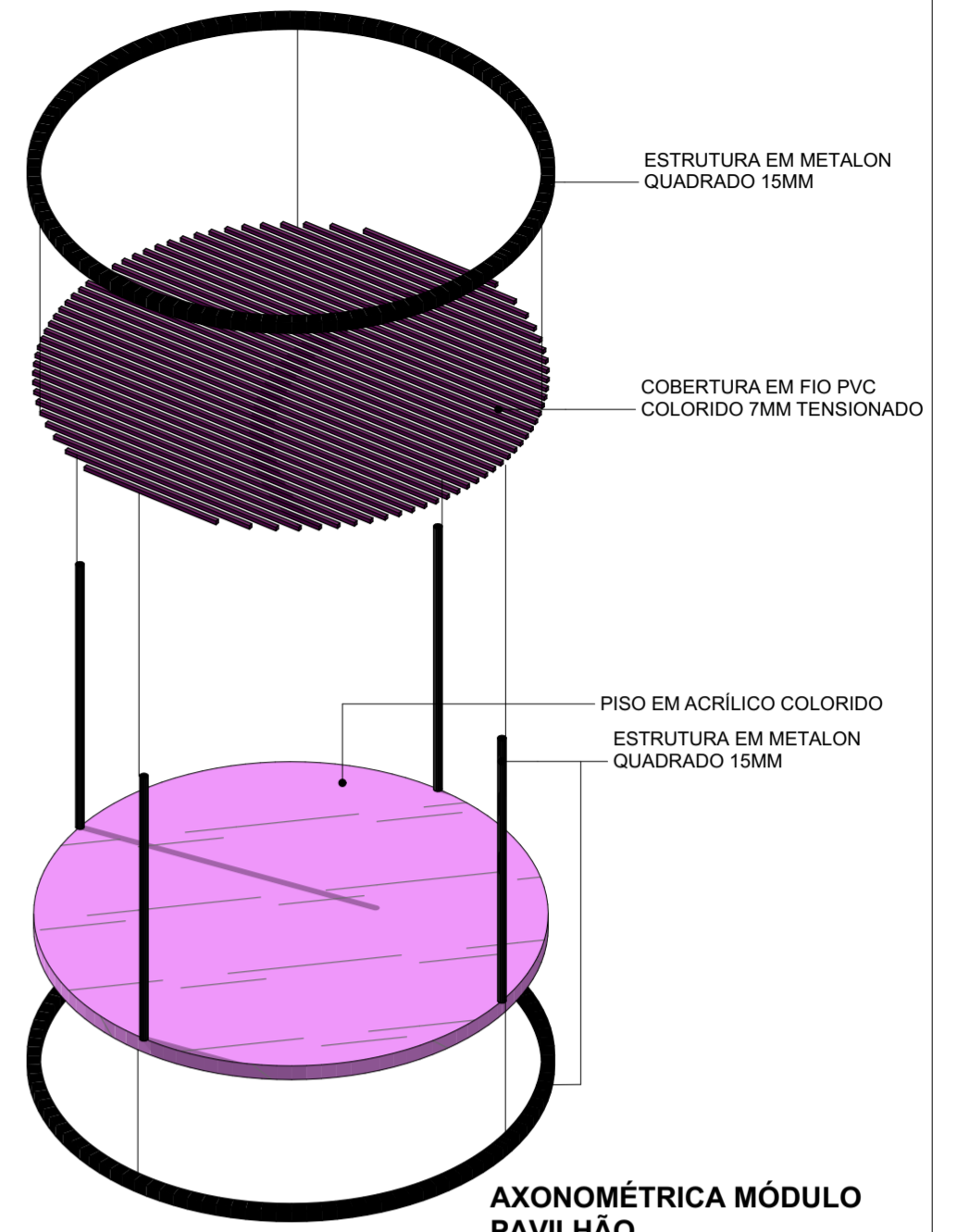
DATA
15/04/2024

FOLHA

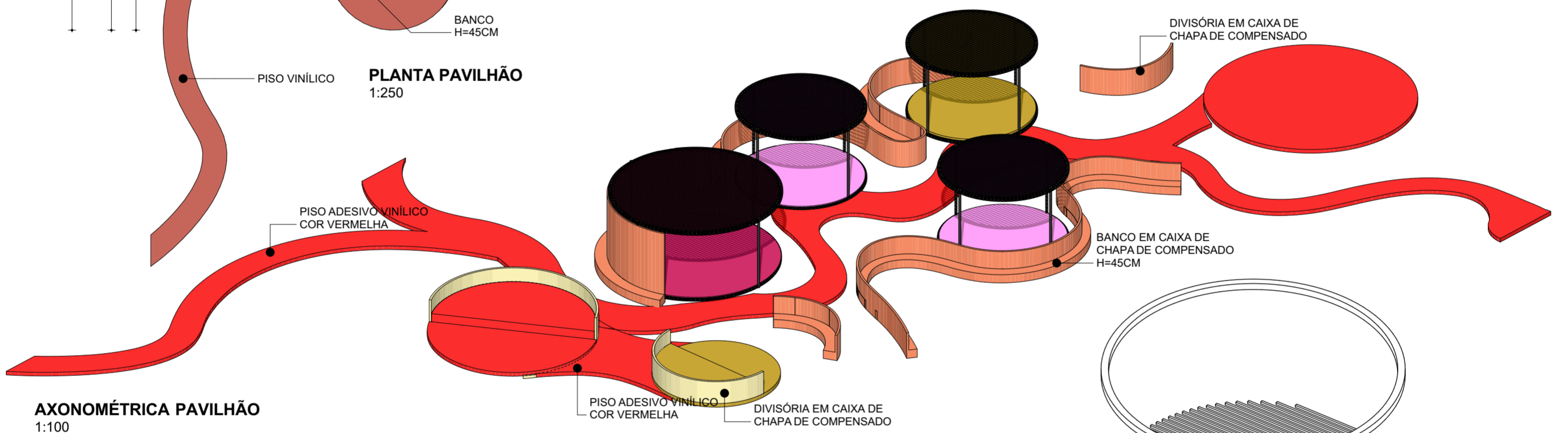
CONTEÚDO
AMPLIAÇÕES ENTRADAS E AXONOMÉTRICA



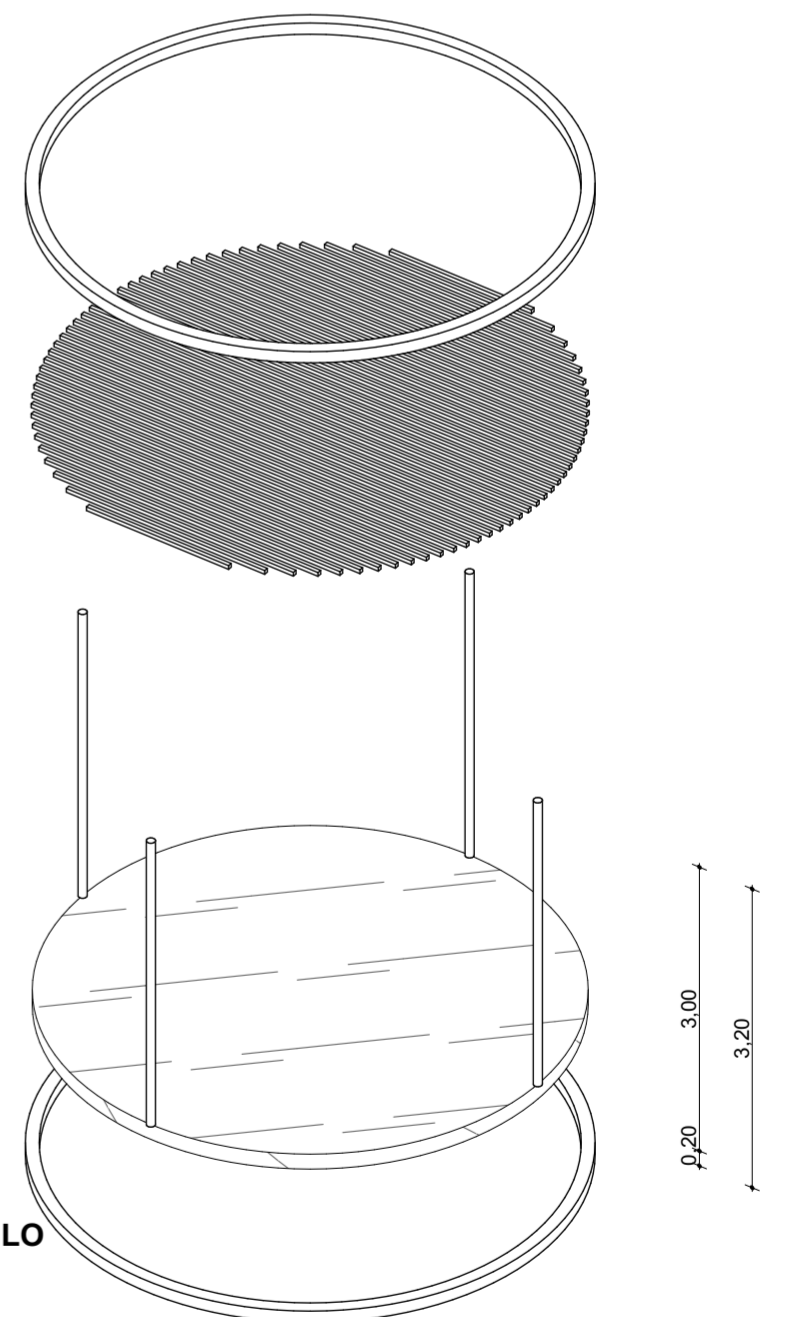
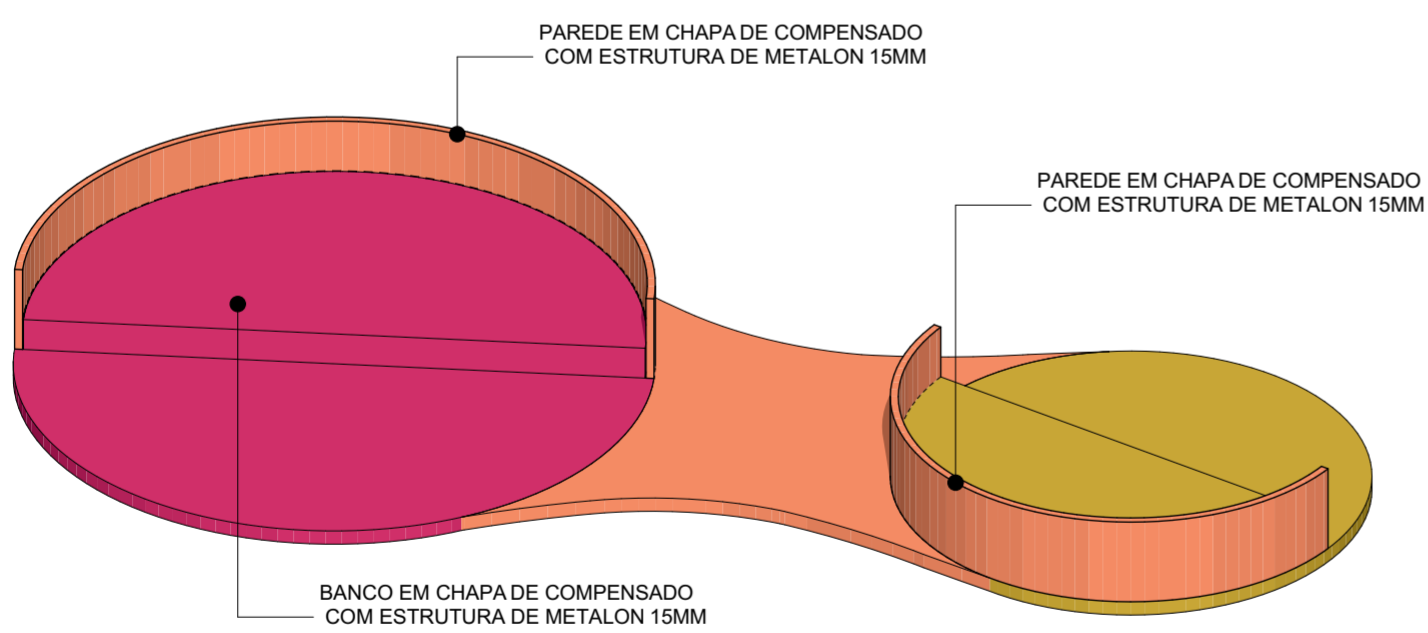
PLANTA PAVILHÃO
1:250



AXONOMÉTRICA MÓDULO PAVILHÃO
1:100



AXONOMÉTRICA PAVILHÃO
1:100



AXONOMÉTRICA MÓDULO PAVILHÃO
1:100

PROJETO CENOGRÁFICO - TCC/2

ENDEREÇO
Teatro Municipal de Uberlândia
Av. Rondon Pacheco, 7070 - Tibery

CIDADE
Uberlândia

ESTADO
Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA | FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO (FAUeD)

PROJETO:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

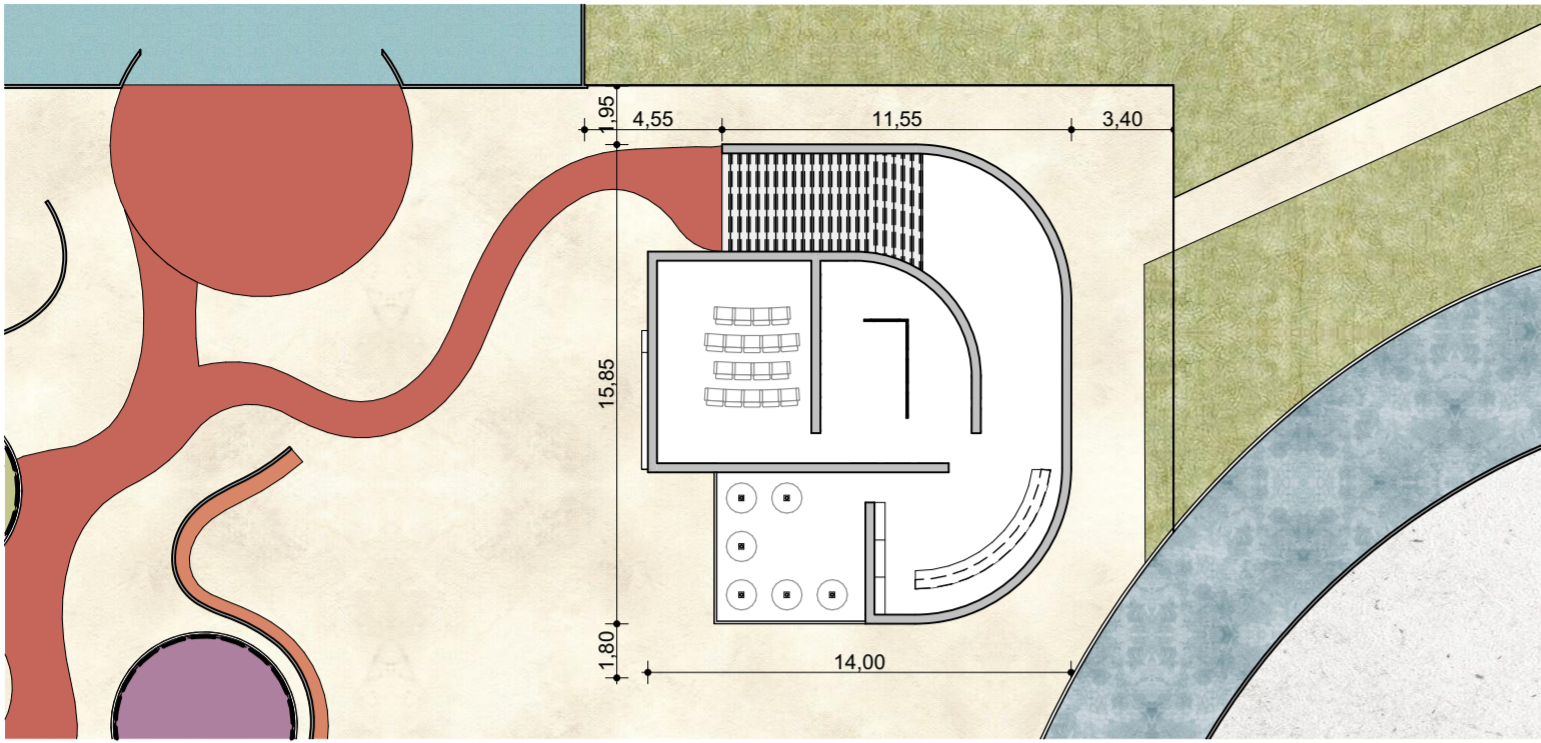
ESCALA
Indicada

ORIENTANDA:
Maria Laura Vieira (11911ARQ034)
ORIENTADORA:
Prof. Elaine Nascimento

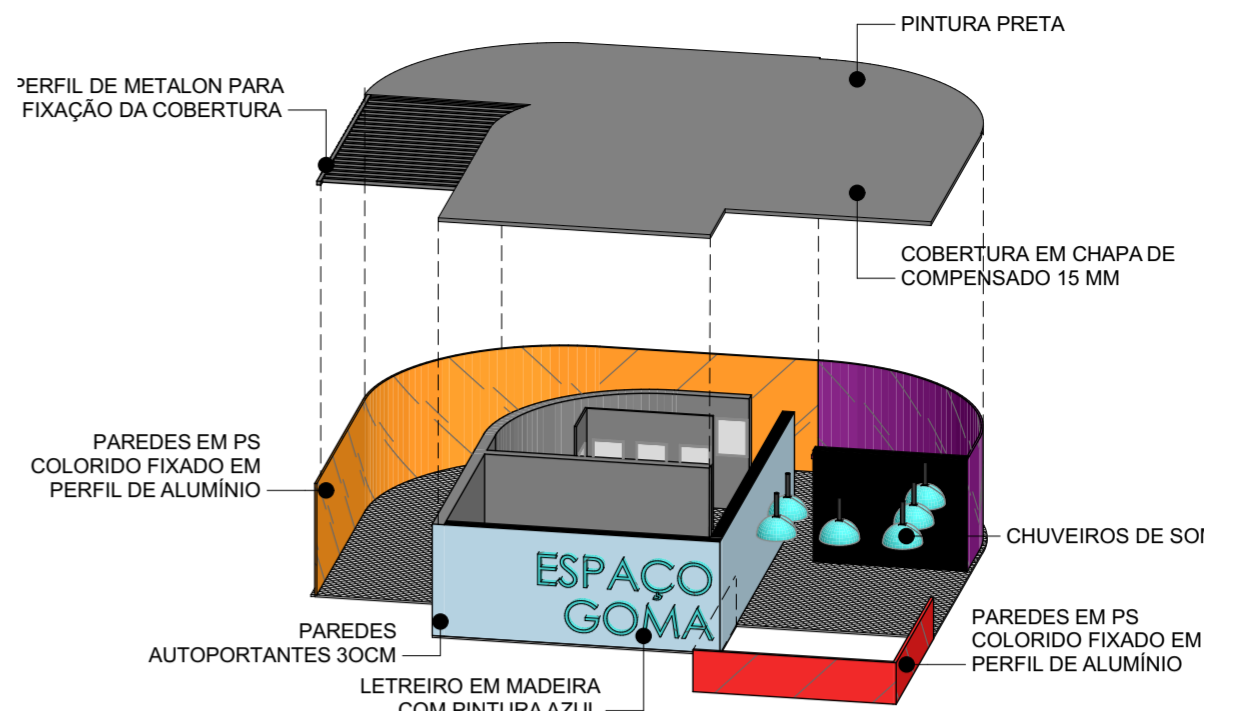
DATA
15/04/2024

FOLHA

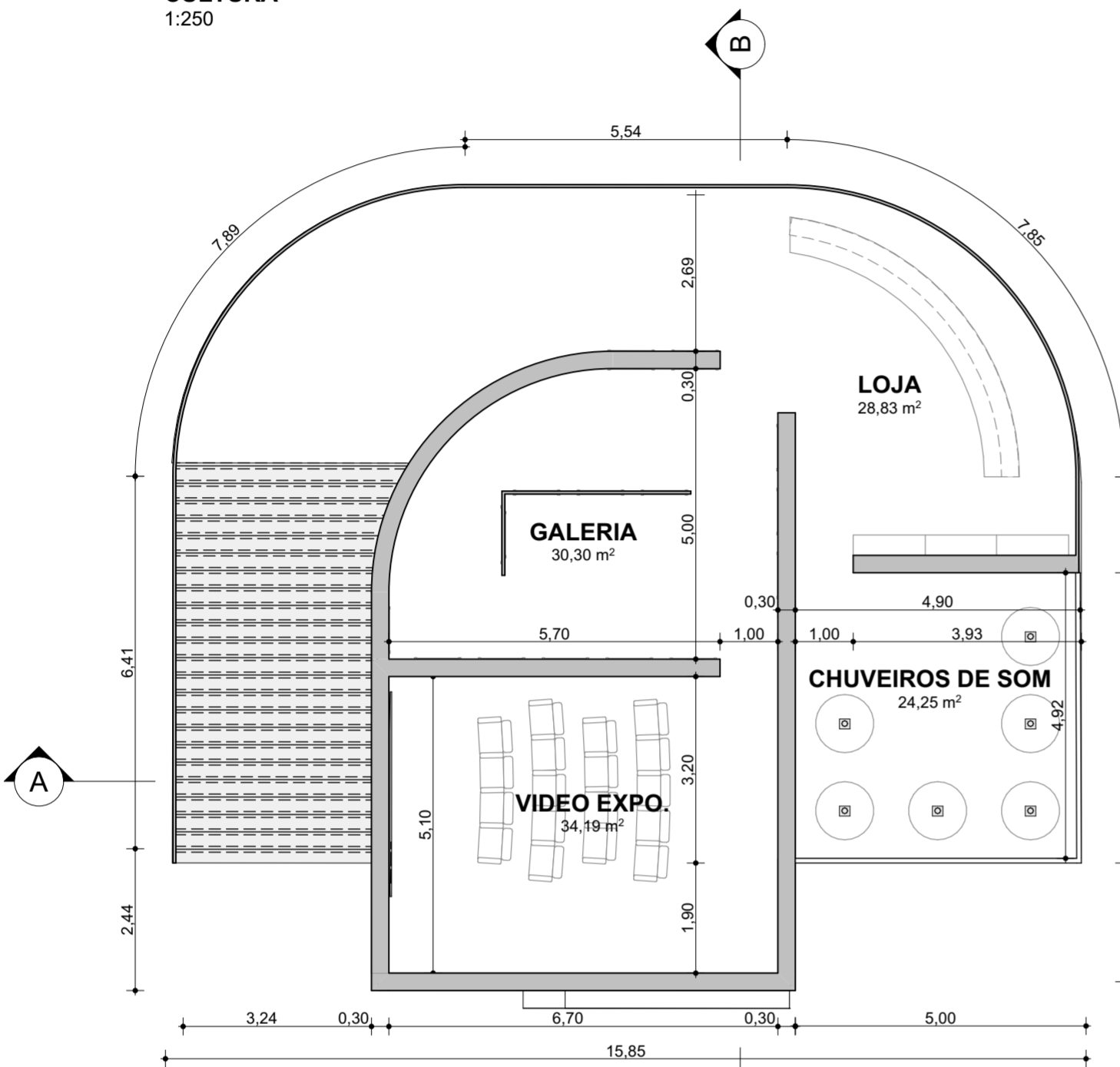
CONTEÚDO
PLANTA E AXONOMÉTRICAS PAVILHÃO



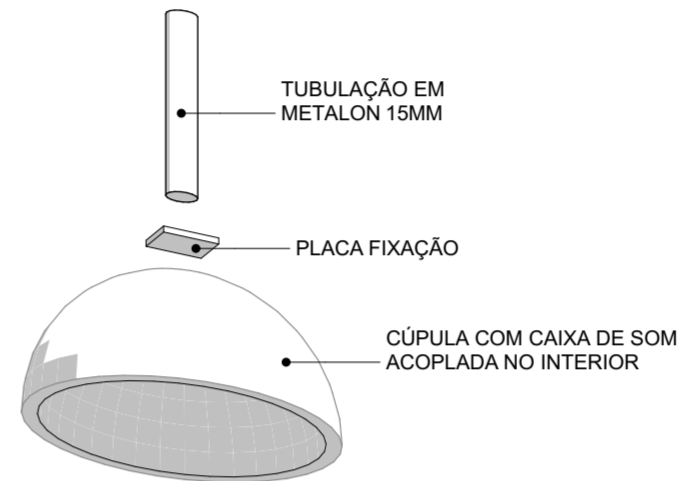
AMPLIAÇÃO STAND GOMA CULTURA
1:250



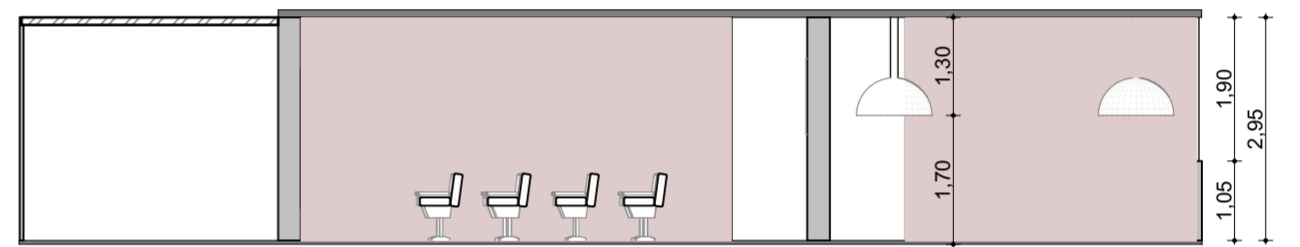
AXONOMÉTRICA GOMA CULTURA
1:200



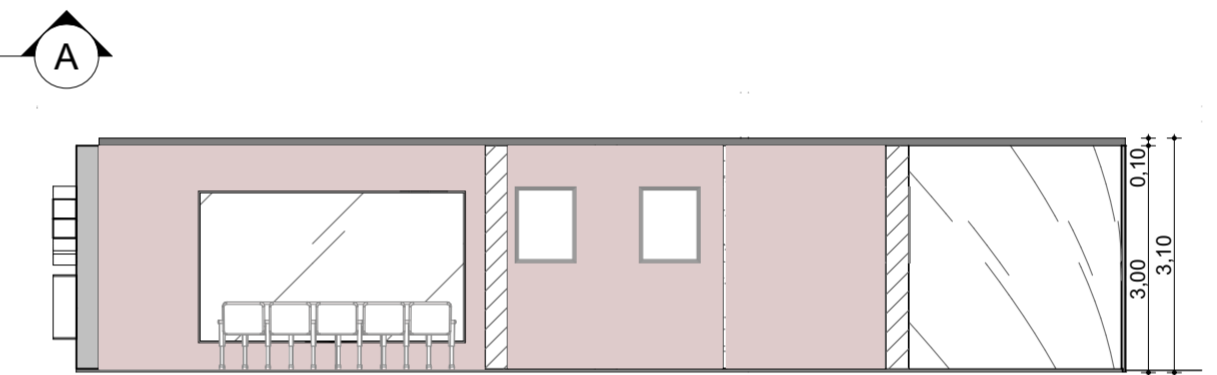
PLANTA STAND GOMA CULTURA
1:100



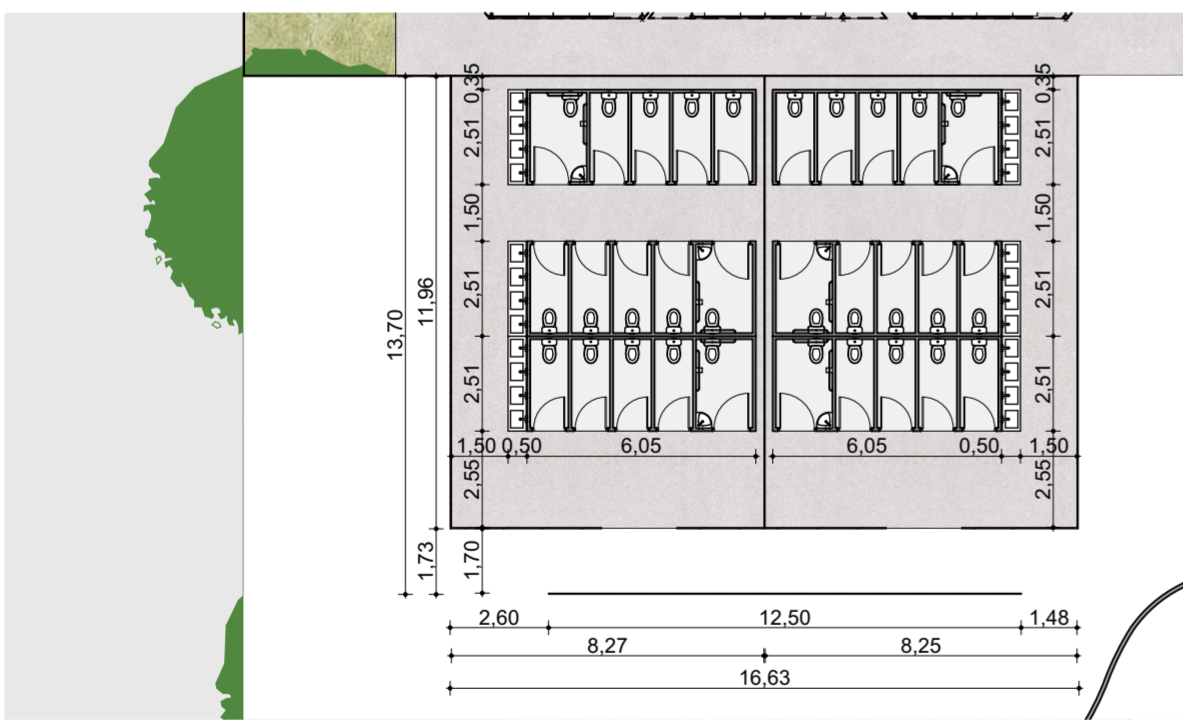
DETALHE CHUVEIRO DE SOM
1:25



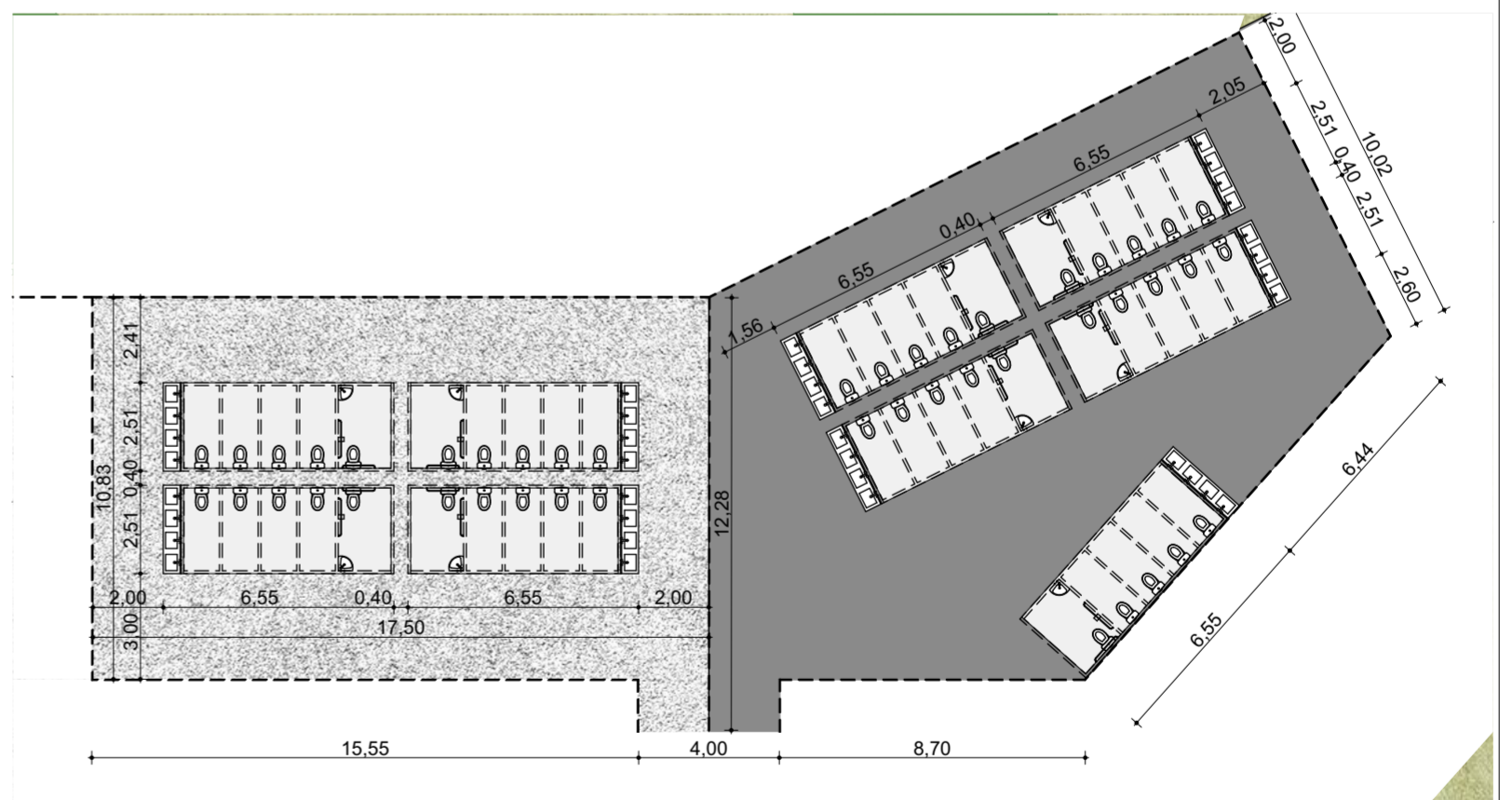
CORTE A
1:100



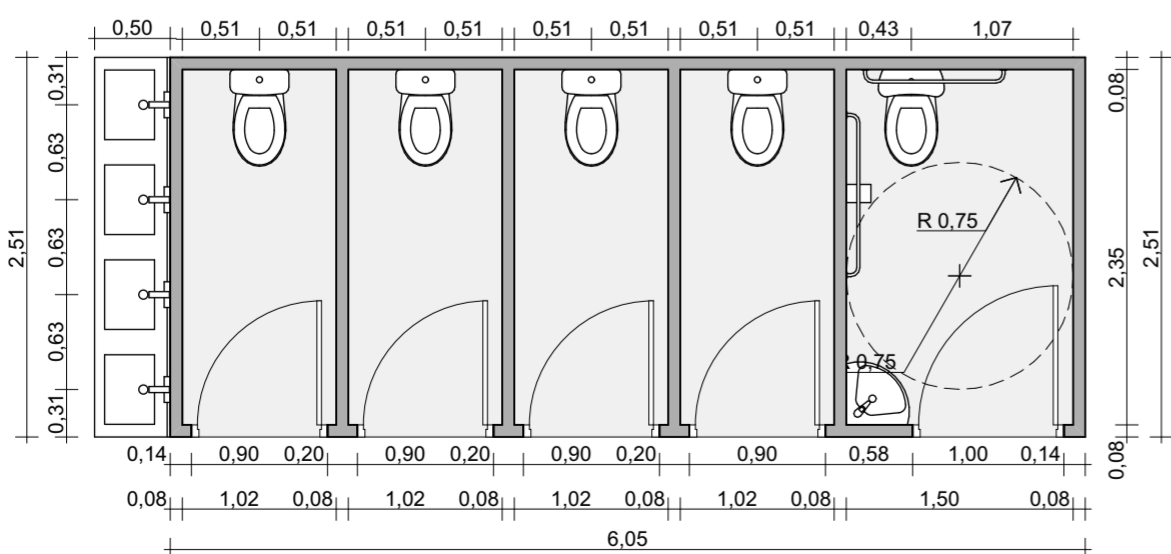
CORTE B
1:100



AMPLIAÇÃO BANHEIROS INFERIORES
1:250



AMPLIAÇÃO BANHEIROS SUPERIORES
1:250



PLANTA CONTAINER BANHEIRO
1:50

PROJETO CENOGRÁFICO - TCC/2

ENDEREÇO
Teatro Municipal de Uberlândia
Av. Rondon Pacheco, 7070 - Tibery

CIDADE
Uberlândia

ESTADO
Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA | FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO (FAUeD)

PROJETO:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

ESCALA
Indicada

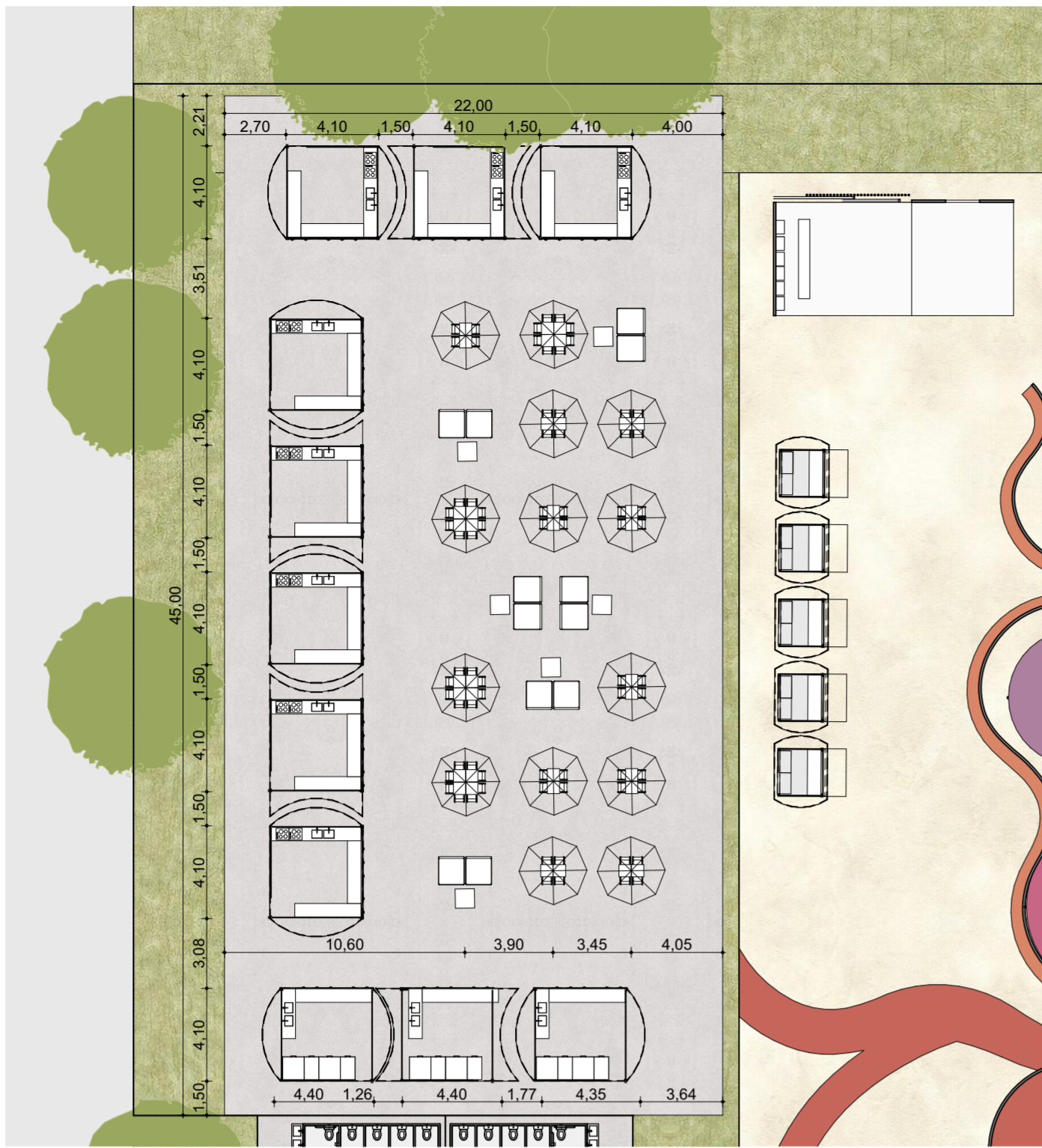
ORIENTANDA:
Maria Laura Vieira (11911ARQ034)

ORIENTADORA:
Prof. Elaine Nascimento

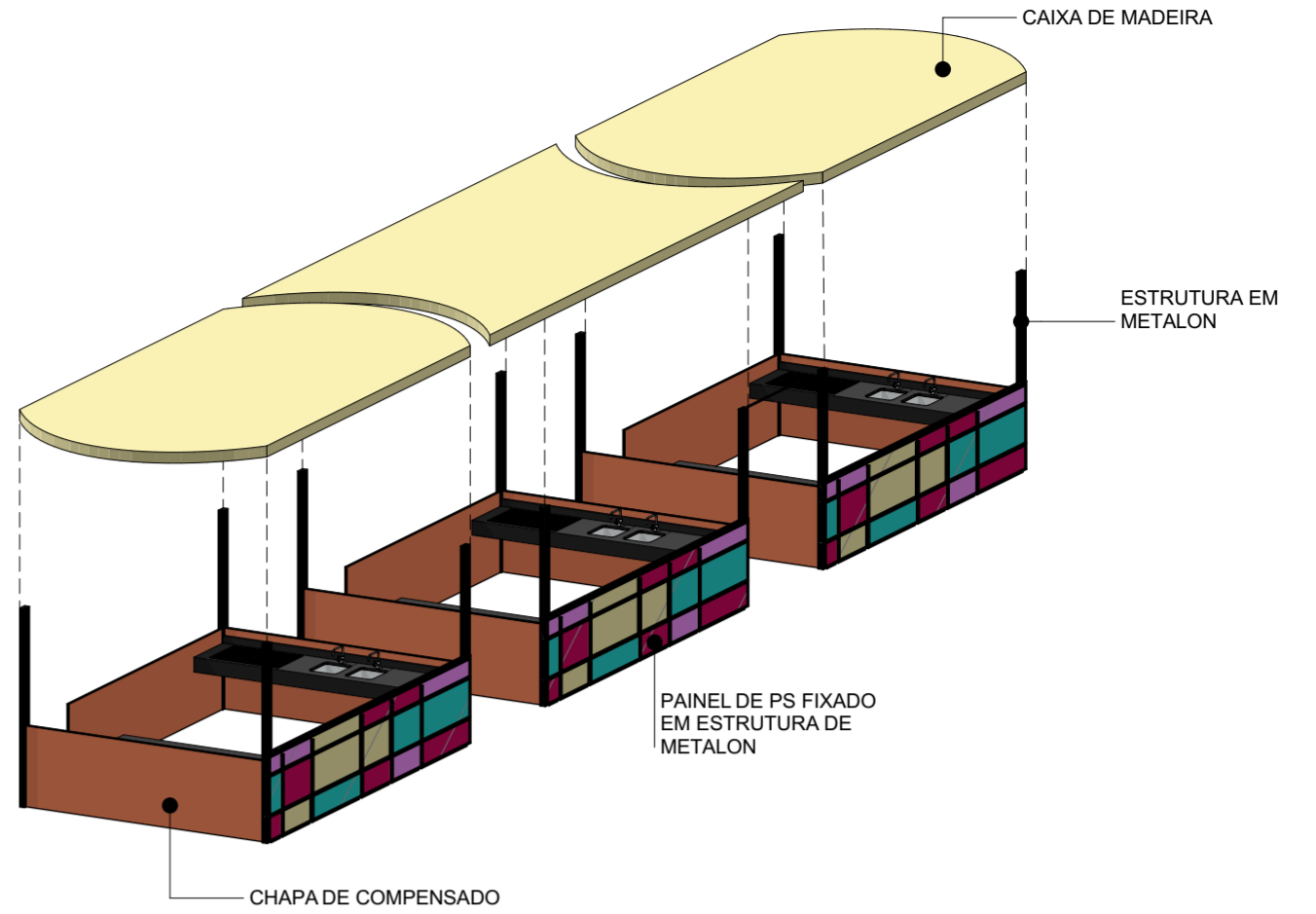
DATA
15/04/2024

FOLHA

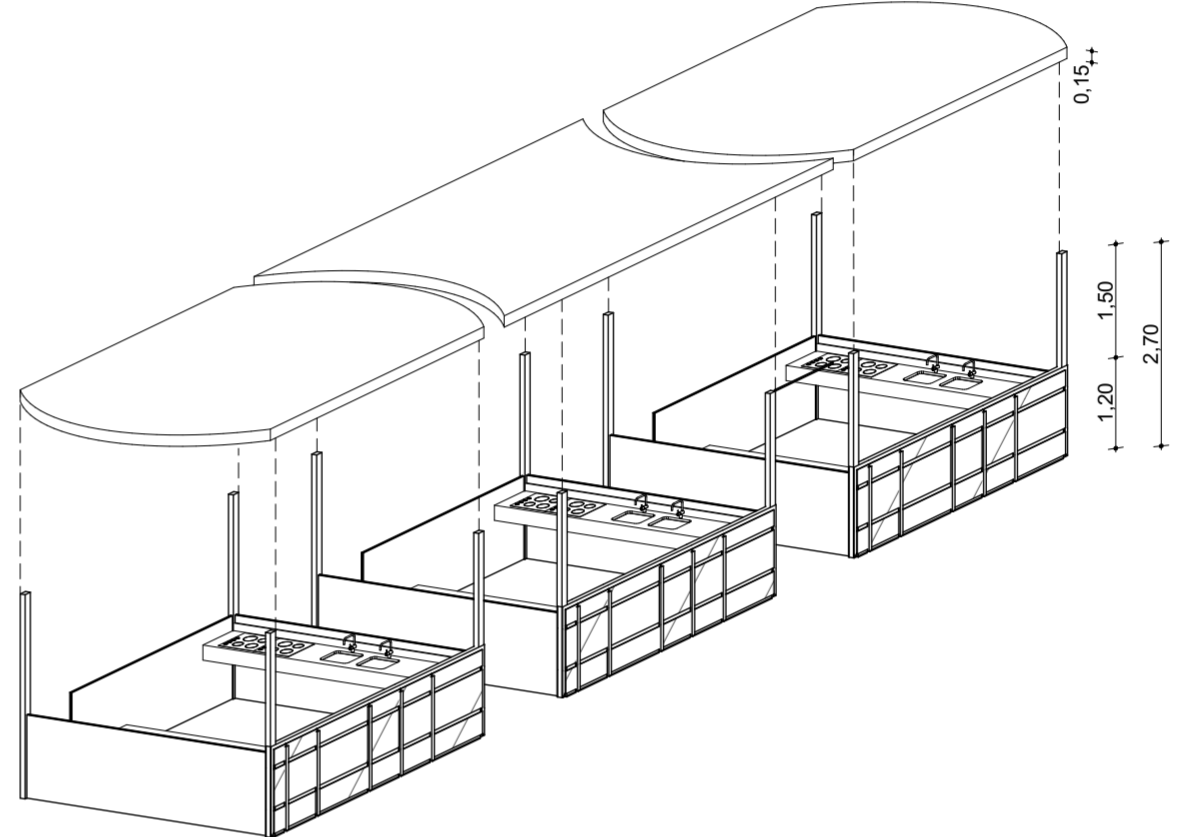
CONTEÚDO
AMPLIAÇÃO GOMA, AMPLIAÇÃO BANHEIROS, PLANTA GOMA, PLANTA BANHEIROS, AXONOMÉTRICA GOMA E DETALHE CHUVEIRO DE SOM



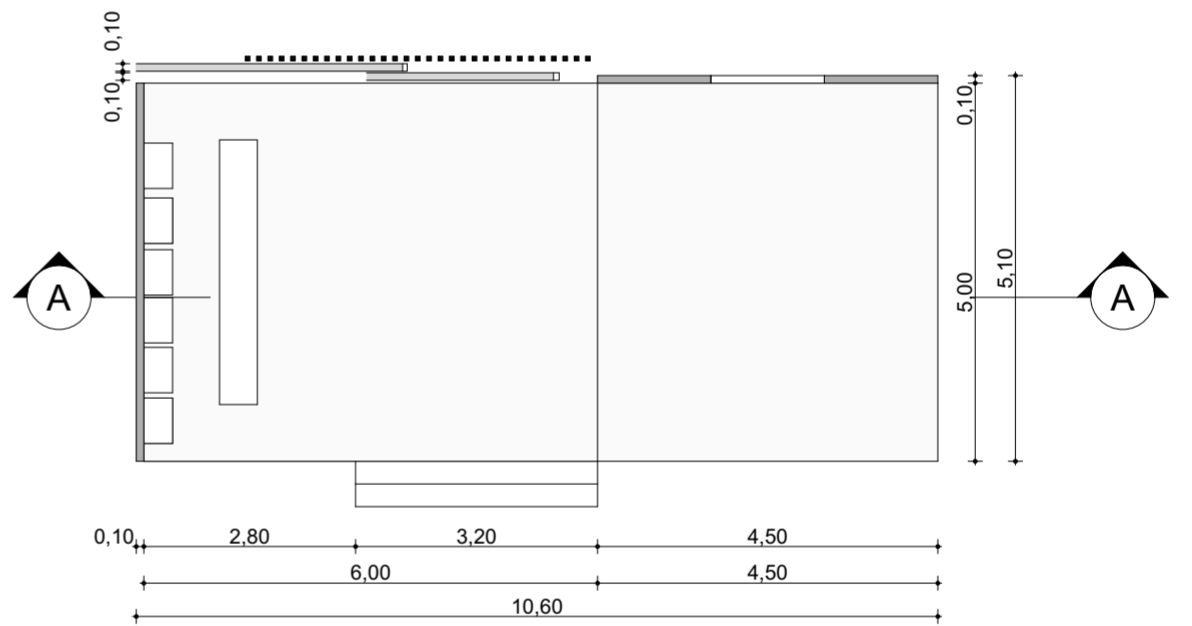
AMPLIAÇÃO PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO
1:250



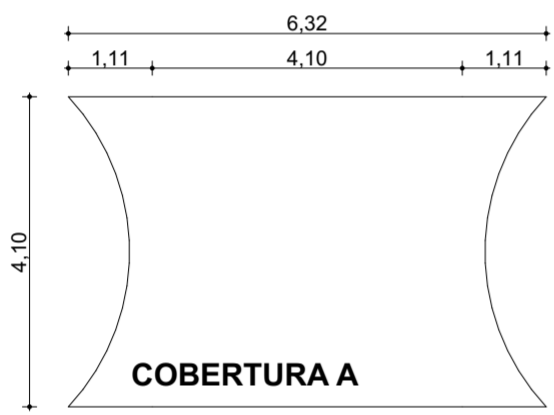
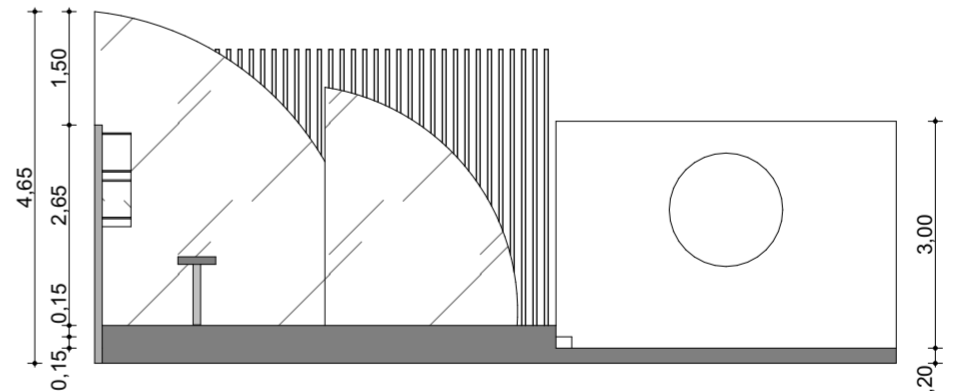
AXONOMÉTRICA STAND PADRÃO
1:100



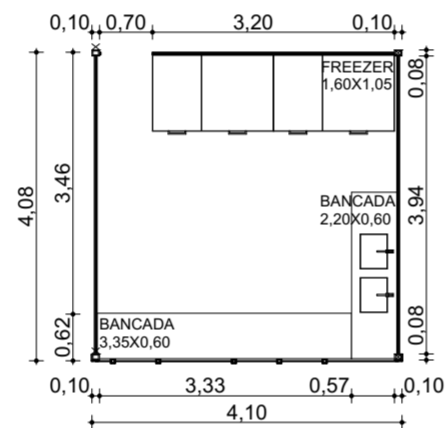
PLANTA STAND SOCIAL
1:100



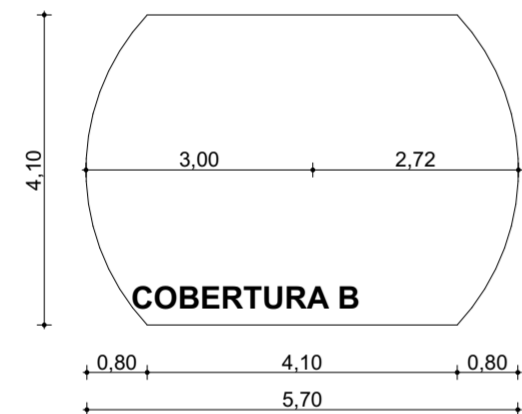
CORTE A
1:100



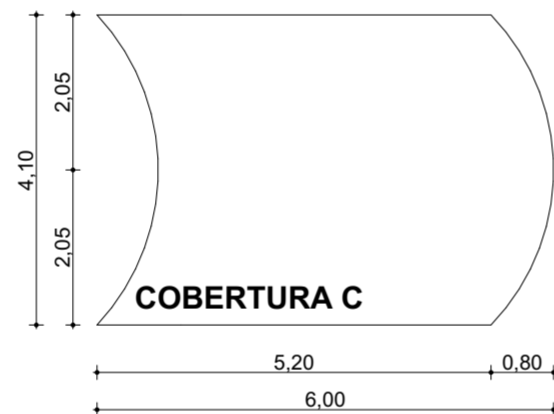
COBERTURA A



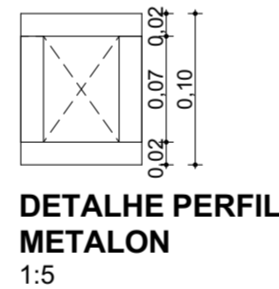
PLANTA STAND PADRÃO ALIMENTAÇÃO/BAR
1:100



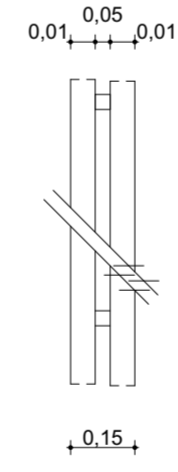
COBERTURA B



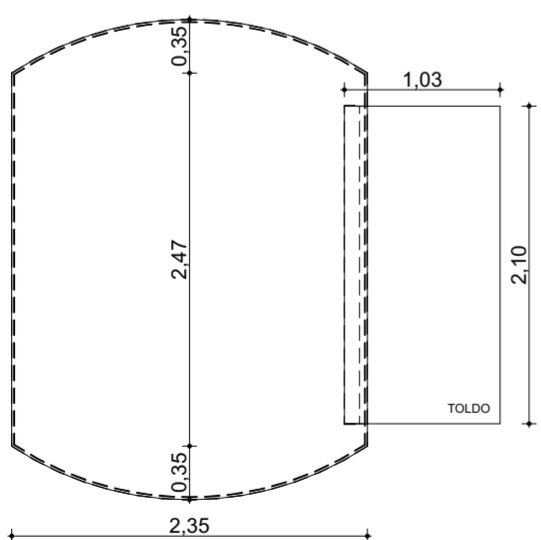
COBERTURA C



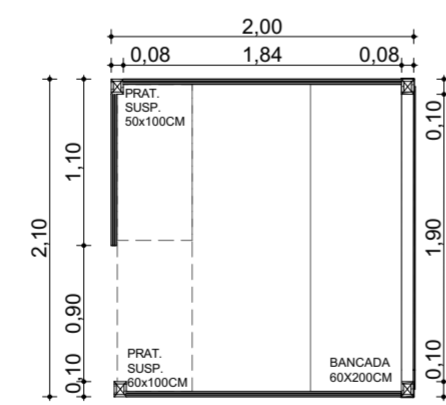
DETALHE PERFIL METALON
1:5



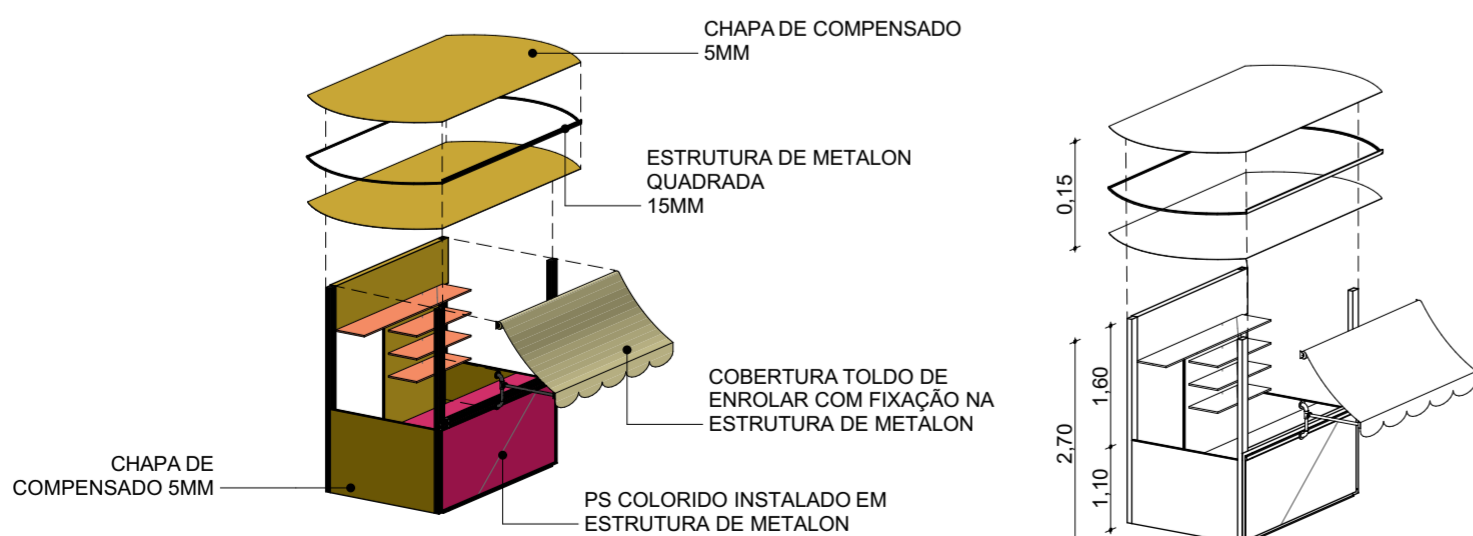
DETALHE PAREDE STAND
1:5



COBERTURA STAND FEIRA LIVRE
1:100



PLANTA STAND FEIRA LIVRE
1:100



AXONOMÉTRICA STAND FEIRA LIVRE
1:100

PROJETO CENOGRÁFICO - TCC/2

ENDEREÇO
Teatro Municipal de Uberlândia
Av. Rondon Pacheco, 7070 - Tibery

CIDADE
Uberlândia

ESTADO
Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA | FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO (FAUeD)

PROJETO:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

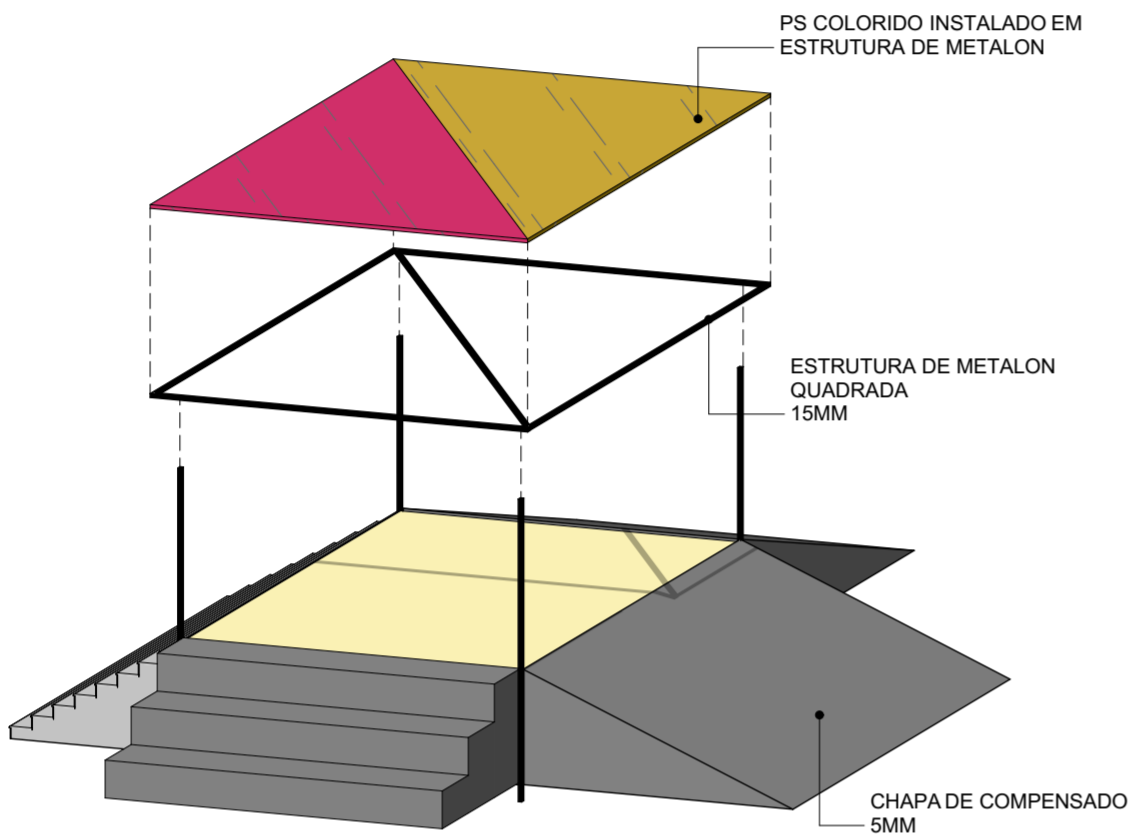
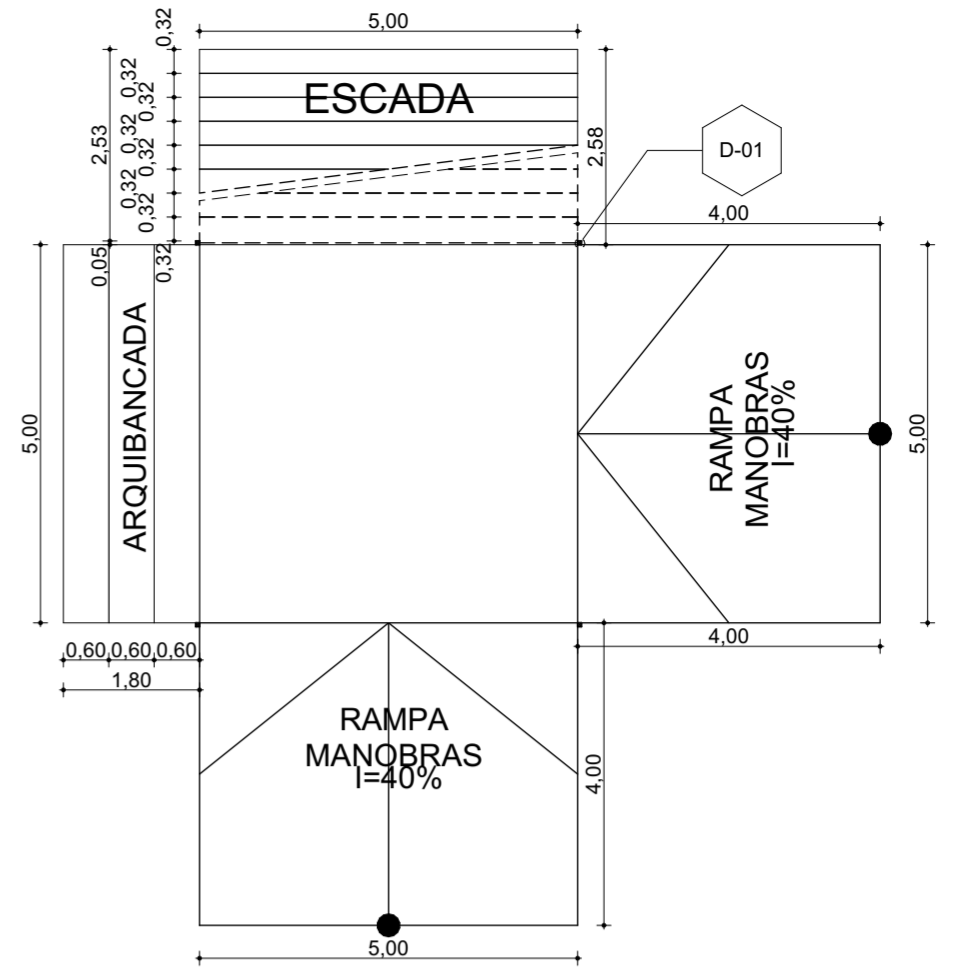
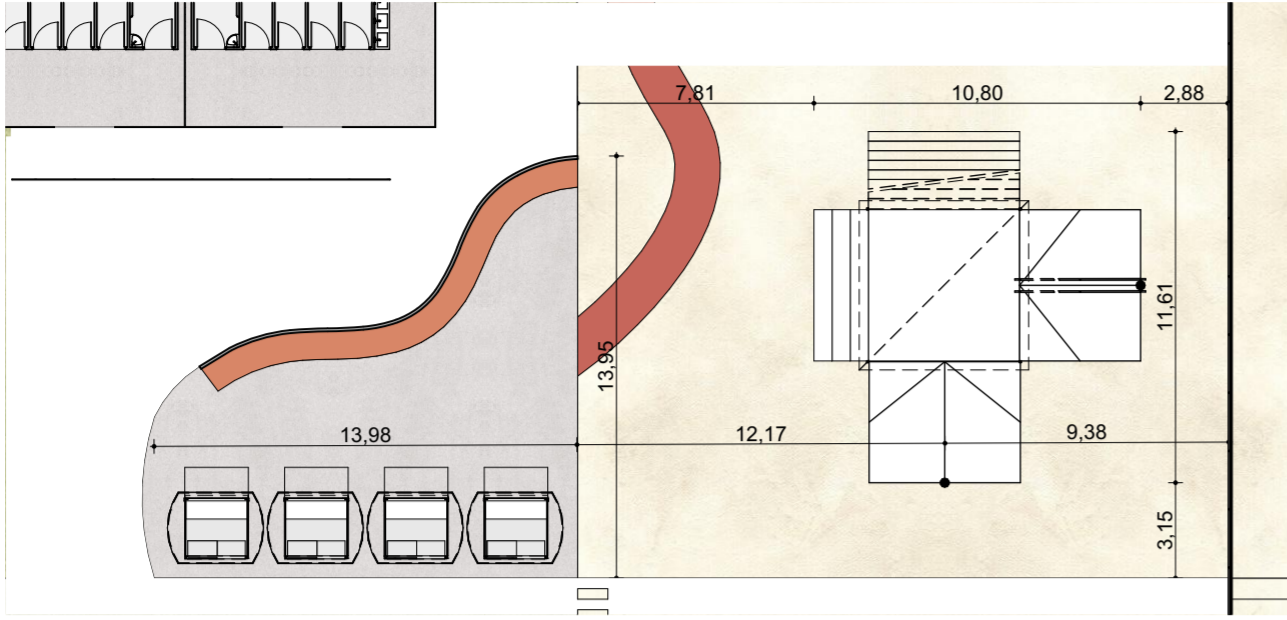
ESCALA
Indicada

ORIENTANDA:
Maria Laura Vieira (11911ARQ034)
ORIENTADORA:
Prof. Elaine Nascimento

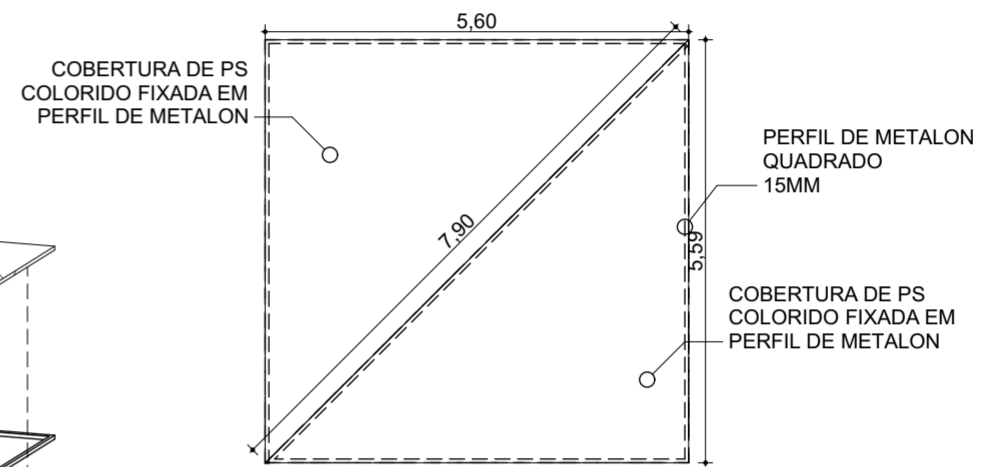
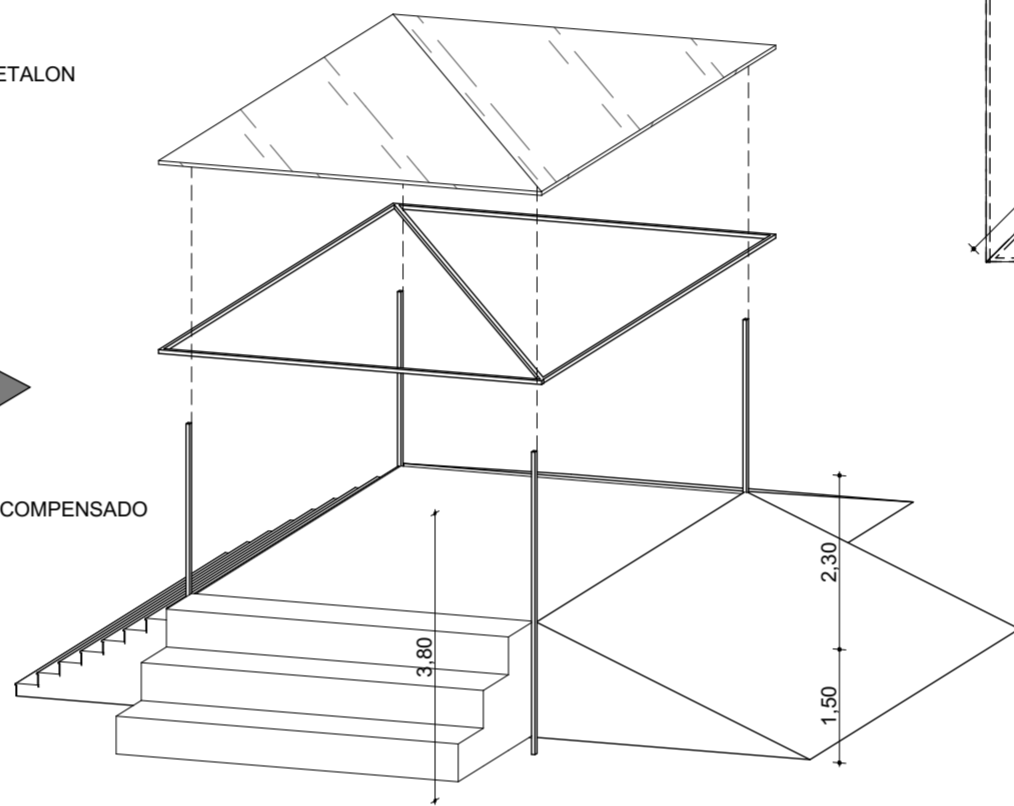
DATA
15/04/2024

FOLHA

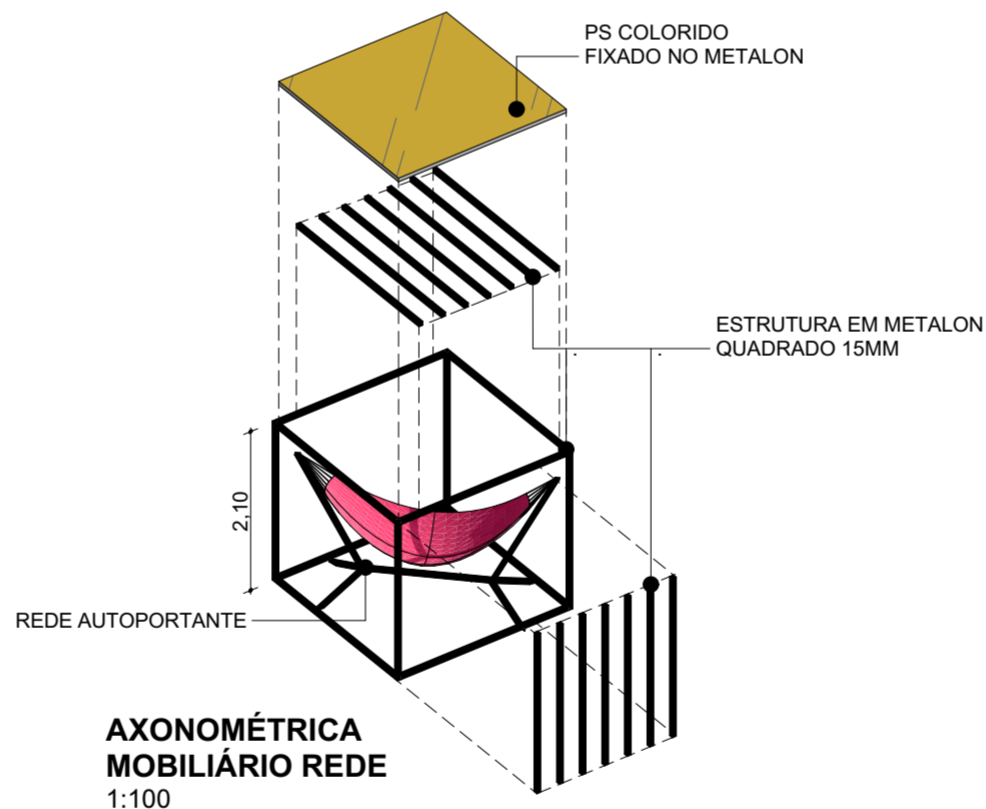
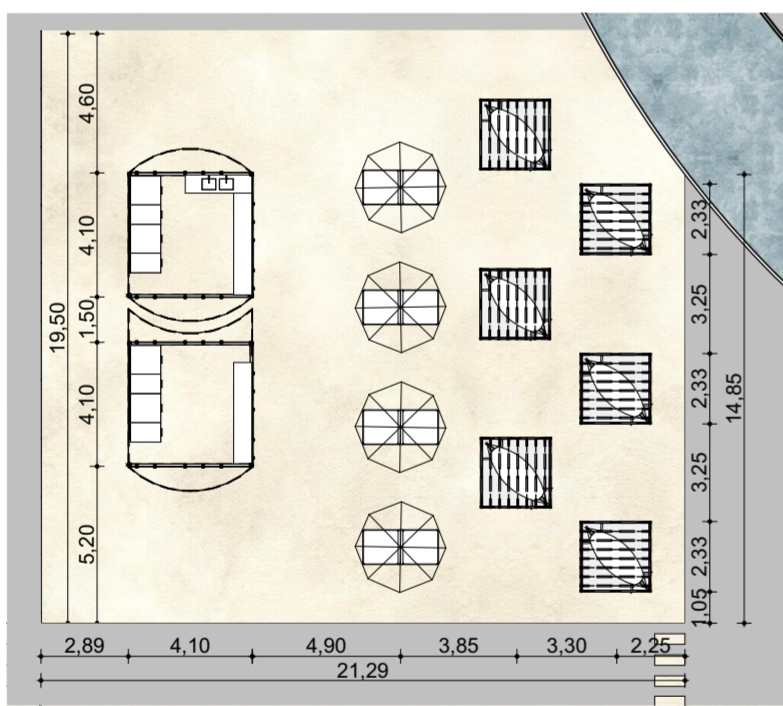
CONTEÚDO
AMPLIAÇÃO PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO, PLANTA STANDS ALIMENTAÇÃO/BAR, AXONOMÉTRICA STANDS ALIMENTAÇÃO/BAR, PLANTA STAND SOCIAL, CORTE STAND SOCIAL, PLANTA STAND FEIRA LIVRE, AXONOMÉTRICA STAND FEIRA LIVRE, DETALHE METALON E DETALHE PAREDE STANDS



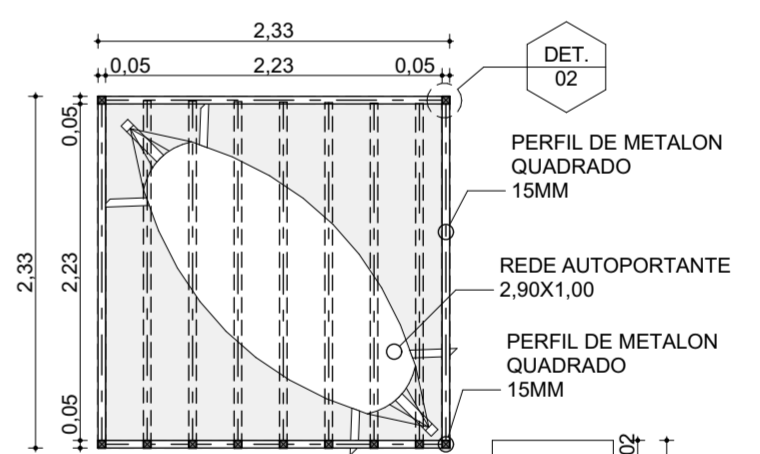
AXONOMÉTRICA SKATEPARK
1:100



AMPLIAÇÃO ÁREA DESCANSO
1:100

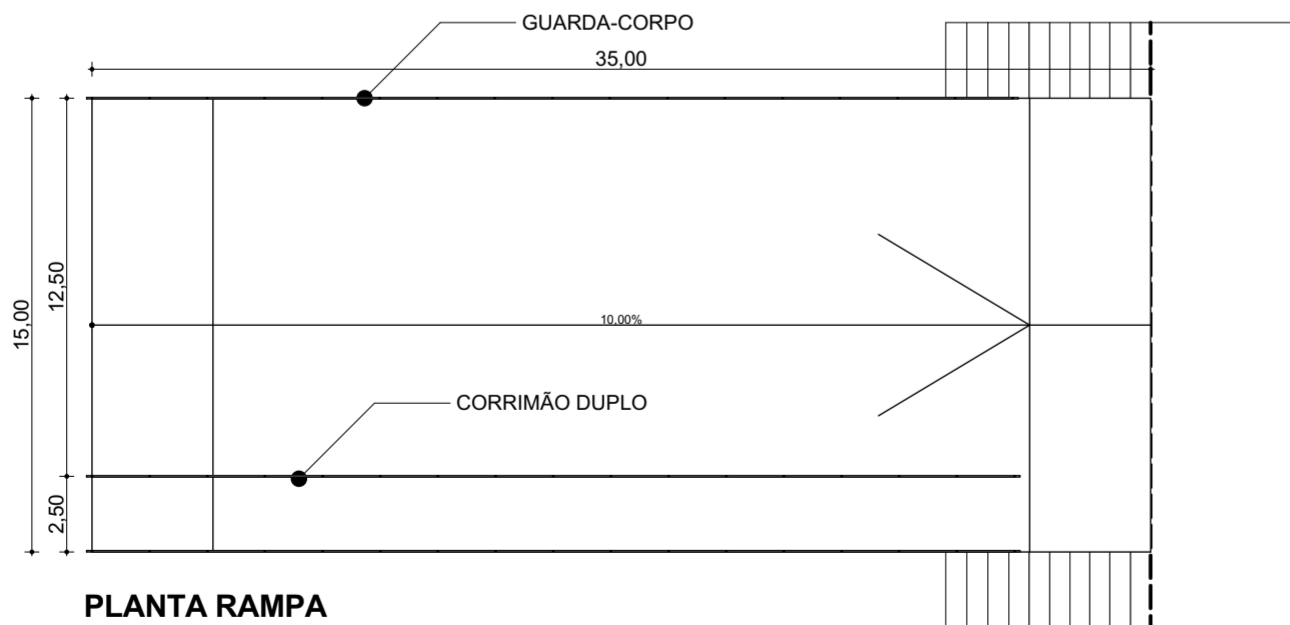


AXONOMÉTRICA MOBILIÁRIO REDE
1:100

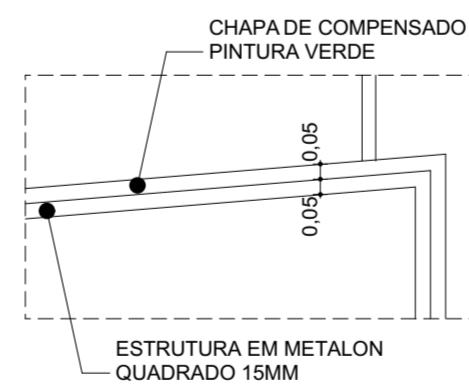


PLANTA MOBILIÁRIO REDE
1:100

DET.02
1:5



PLANTA RAMPA
1:100



DET.01
1:25

PROJETO CENOGRÁFICO - TCC/2

ENDEREÇO
Teatro Municipal de Uberlândia
Av. Rondon Pacheco, 7070 - Tibery

CIDADE
Uberlândia

ESTADO
Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA | FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO (FAUeD)

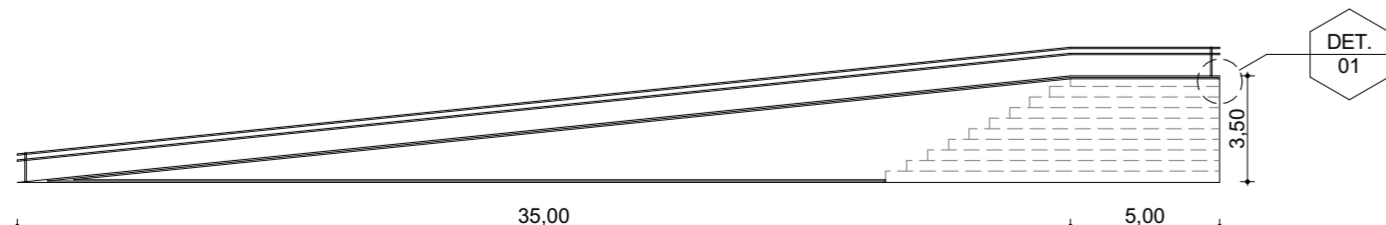
PROJETO:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

ESCALA
Indicada

ORIENTANDA:
Maria Laura Vieira (11911ARQ034)
ORIENTADORA:
Prof. Elaine Nascimento

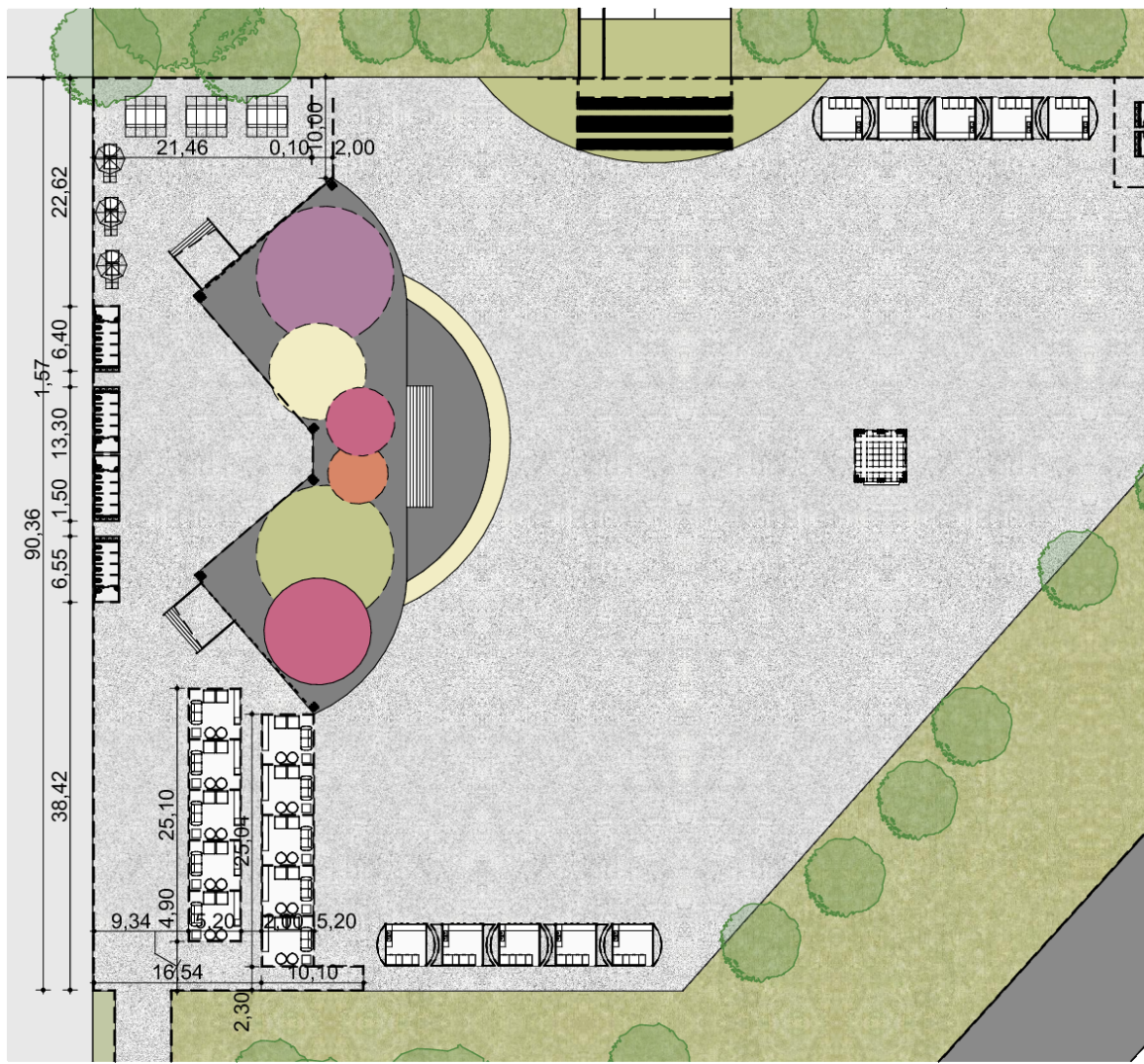
DATA
15/04/2024

CORTE A
1:100

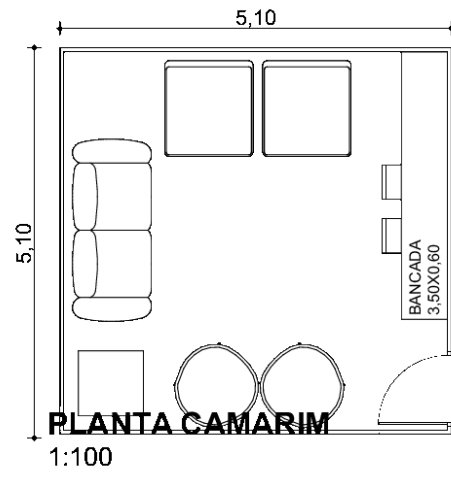


CONTEÚDO
AMPLIAÇÃO ÁREA DINÂMICA, PLANTA SKATEPARK, AXONOMÉTRICA SKATEPARK, AMPLIAÇÃO ÁREA DE DESCANSO, PLANTA MOBILIÁRIO REDE, AXONOMÉTRICA MOBILIÁRIO REDE, PLANTA RAMPA, CORTE RAMPA

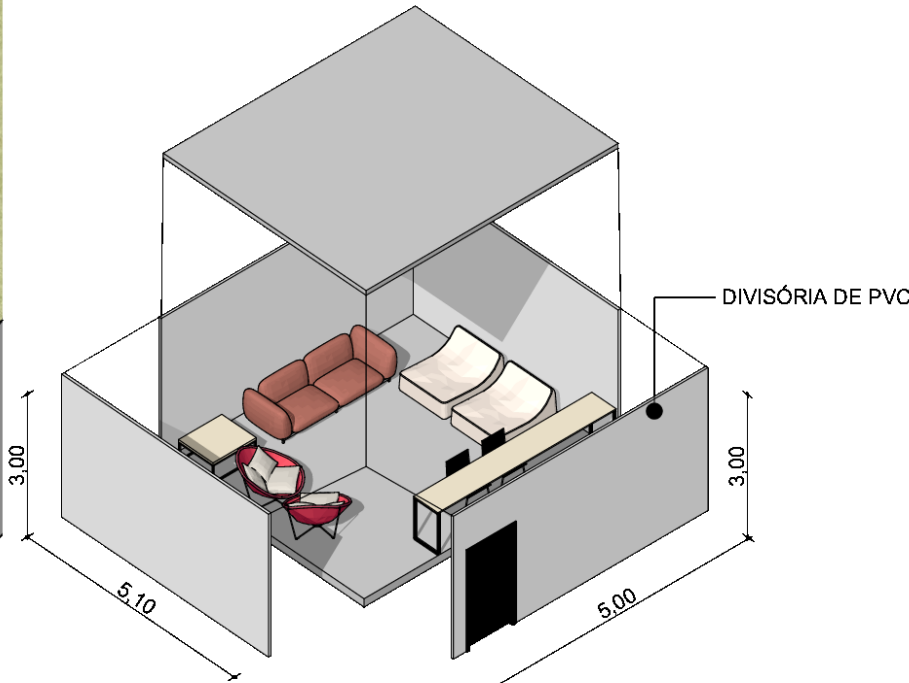
FOLHA



AMPLIAÇÃO ÁREA TÉCNICA
1:250

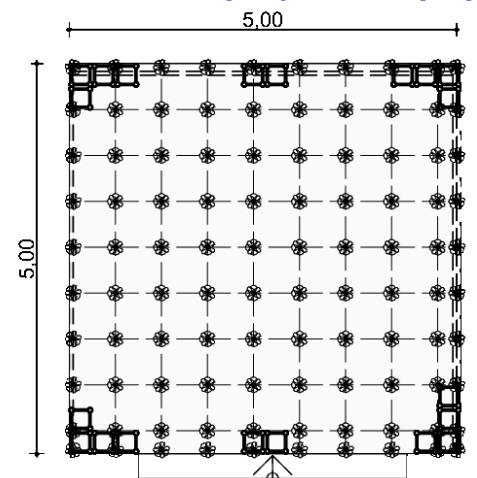


PLANTA CAMARIM
1:100

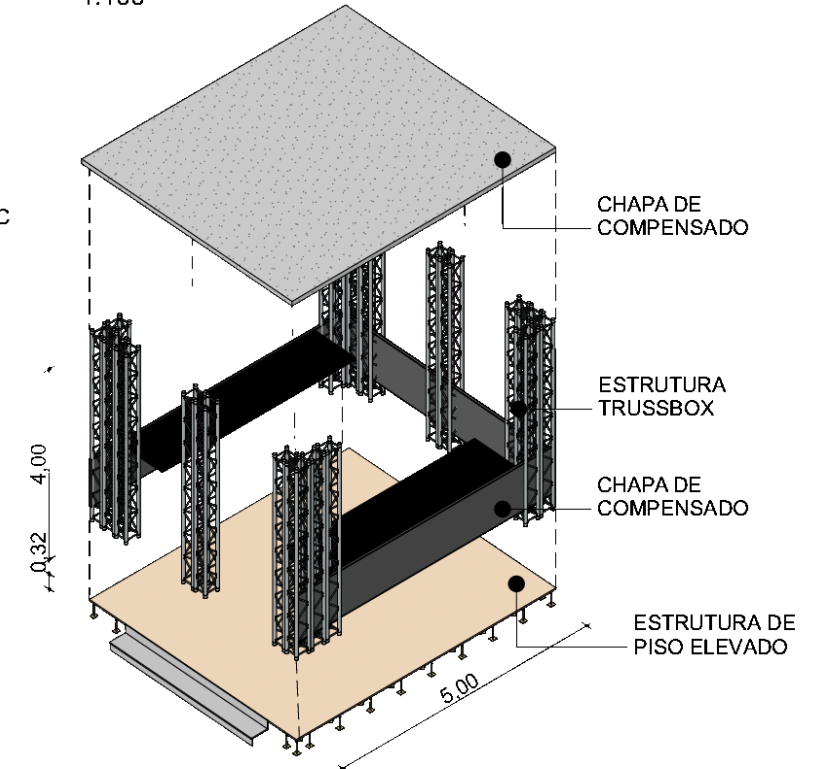


AXONOMÉTRICA CAMARIM
1:100

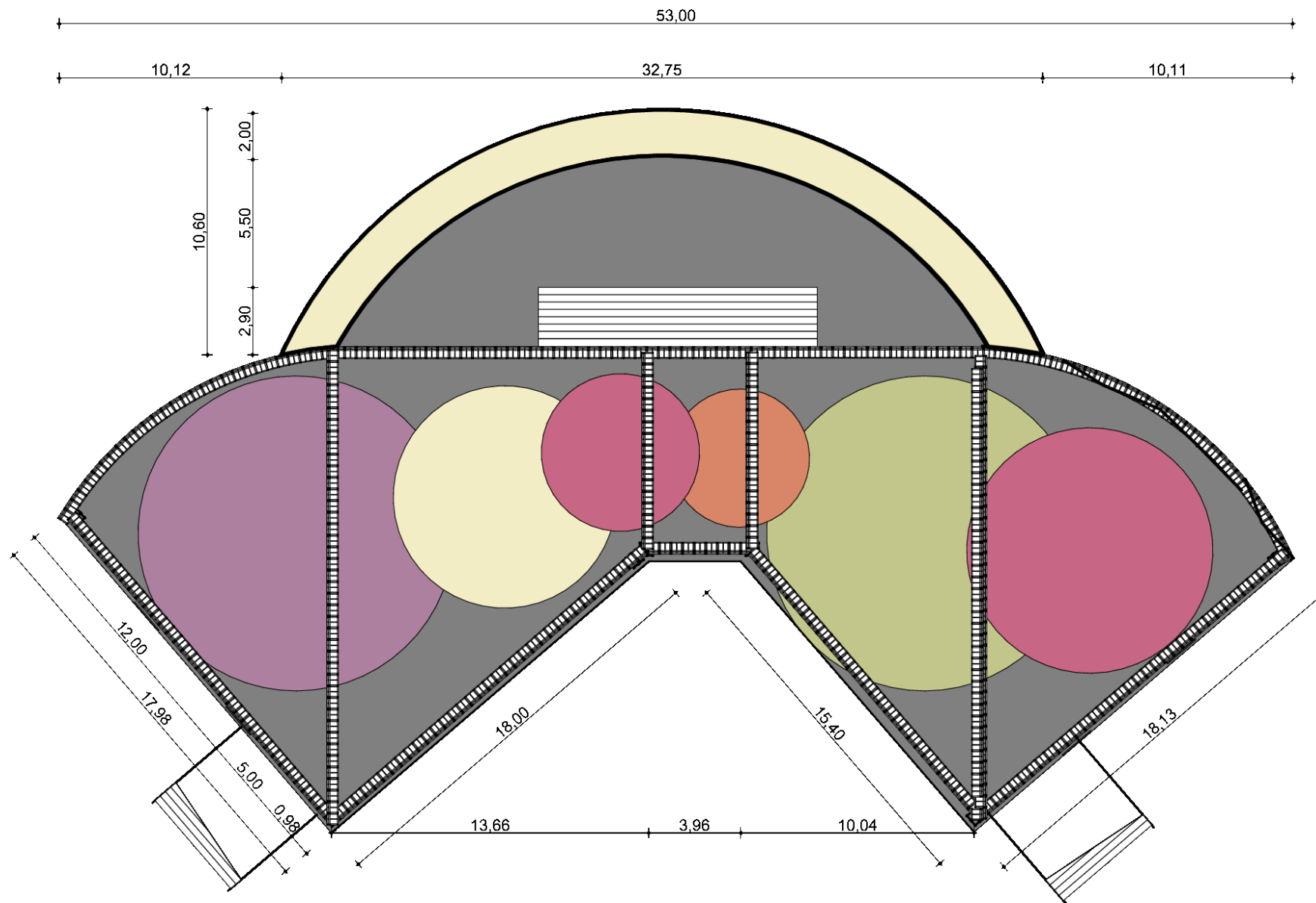
ARCHICAD VERSÃO EDUCACIONAL



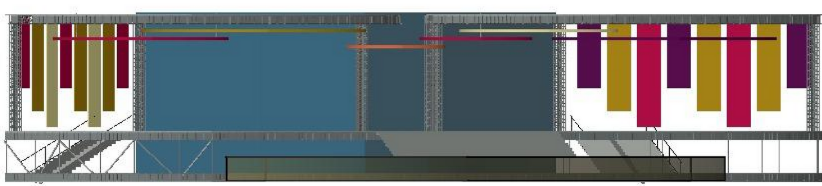
PLANTA CASA DE MIXAGEM
1:100



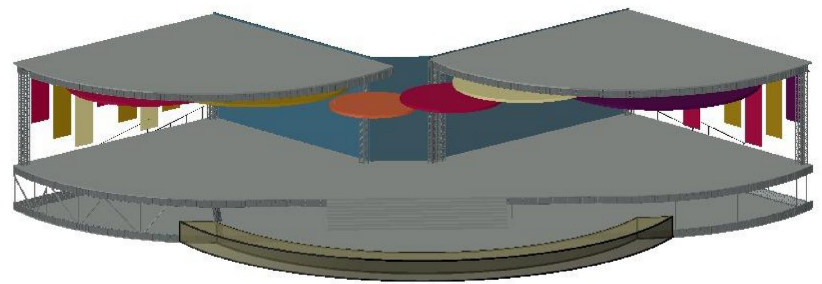
AXONOMÉTRICA CASA DE MIXAGEM
1:100



PLANTA PALCO
1:250



VISTA FRONTAL
S/ESCALA



AXONOMÉTRICAS PALCO
S/ESCALA



PROJETO CENOGRÁFICO - TCC/2

ENDEREÇO
Teatro Municipal de Uberlândia
Av. Rondon Pacheco, 7070 - Tibery

CIDADE
Uberlândia

ESTADO
Minas Gerais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA | FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO (FAUeD)

PROJETO:
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

ESCALA
Indicada

ORIENTANDA:
Maria Laura Vieira (11911ARQ034)
ORIENTADORA:
Prof. Elaine Nascimento

DATA
15/04/2024

FOLHA

CONTEÚDO
AMPLIAÇÃO ÁREA TÉCNICA, PLANTA CAMARIM, AXONOMÉTRICA CAMARIM, PLANTA CASA DE MIXAGEM, AXONOMÉTRICA CASA DE MIXAGEM, PLANTA PALCO, AXONOMÉTRICA PALCO